

Luigi  
*Pirandello*

O FALECIDO MATTIA PASCAL



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# **LUIGI PIRANDELLO**

O FALECIDO

MATTIA PASCAL

\*

Tradução

Fernando Correa Fonseca

PATROCÍNIO CULTURAL  
  
**SUZANO**  
Uma empresa que assume o seu papel.



## **FUNDADOR**

Victor Civita (1907-1990)

© **Copyright** desta edição Editora Nova Cultural Ltda., 2002 Todos os direitos reservados

Título original: **Il Fu Mattia Pascal**

Coordenação Editorial - Janice Florido

Editores - Eliel Silveira Cunha, Fernanda Cardoso

Revisão - Ubirajara Idoeta Cará

Editoras de arte - Ana Suely S. Dobón, Mônica Maldonado

Editoração eletrônica - Dany Editora Ltda.

ISBN: 85-13-01101-0



Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 - 10º andar

CEP 05424-010 - São Paulo - SP

[www.novacultural.com.br](http://www.novacultural.com.br)

2003

Papel: O papel utilizado para a impressão deste

livro foi o Off Set Bahia Sul

Impressão e Acabamento:

RR Donnelley América Latina

Tel. (55 11) 4166-3500

# ÍNDICE

01 - Premissa

02 - Premissa Segunda (Filosófica) Como Desculpa

03 - A Casa e a Toupeira

04 - Aconteceu Assim

05 - Maturação

06 – Tiquetaque, Tiquetaque

07 – Troco de Trem

08 - Adriano Meis

09 - Um Pouco de Neblina

10 - Pia de Água Benta e Cinzeiro

11 – A Noite, Olhando Para o Rio

12 - O Olho e Papiano

13 - A Lanterninha

14 - As Proezas de Max

15 - Eu e Minha Sombra

16 - O retrato de Minerva

17 - Reencarnação

18 - O Falecido Matias Pascal

Pirandello - Vida e Obra

Notas

# 1

## Premissa

Uma das poucas coisas, talvez a única, que eu sabia com certeza era esta: que me chamava Mattia Pascal. E tirava partido dela. Todas as vezes que algum dos meus amigos ou conhecidos demonstrava haver perdido o juízo, a ponto de vir me procurar, em busca de conselhos ou opiniões, eu erguia os ombros e respondia:

— Eu me chamo Mattia Pascal.

— Obrigado, meu caro. Eu já sei.

— E acha pouco?

Para ser sincero, eu também não achava muito. Porém, naquela época, ignorava o que significa não saber sequer isso, ou seja, não poder mais responder, em caso de necessidade, como antigamente:

— Eu me chamo Mattia Pascal.

Com certeza, alguém vai desejar condoer-se comigo (custa tão pouco), imaginando a dor cruel de um infeliz ao qual ocorra, de repente, descobrir que... sim, nada, enfim: nem pai, nem mãe, nem como foi ou deixou de ser; e também vai desejar indignar-se (custa ainda menos) da corrupção dos costumes, dos vícios e da malvadeza dos tempos que podem causar tamanha desgraça a um pobre inocente.

Pois bem, fique à vontade para fazê-lo. Mas é meu dever avisá-lo de que não se trata exatamente disso. Poderia aqui expor, numa árvore genealógica, a origem e a descendência da minha família e provar que não apenas conheci meu pai e minha mãe, mas também

todos os meus antepassados e seus atos, durante um longo período de tempo, nem todos, na verdade, louváveis.

E então?

Aí está: meu caso é bem mais estranho e diferente, tão diferente e estranho que vou logo contá-lo.

Fui, durante dois anos, não sei se caçador de ratos mais do que guardador de livros na biblioteca que um certo monsenhor Boccamazza, ao falecer, em 1803, houve por bem deixar para o nosso município. É evidente que o monsenhor devia conhecer pouco a índole e os hábitos de seus concidadãos; ou talvez alimentasse a esperança de que seu legado deveria, com o tempo e a comodidade que representava, despertar no espírito deles o amor pelo estudo. Até aqui, posso testemunhá-lo, não despertou; e o digo em louvor dos meus concidadãos. O município, aliás, mostrou-se tão pouco agradecido a Boccamazza que nem sequer quis lhe erguer ao menos um meio-busto e deixou os livros empilhados, durante muitos e muitos anos, num amplo e úmido depósito, de onde, depois, os tirou, podem imaginar em que estado, para guardá-los na igreja, fora de mão, de Santa Maria Liberal, dessagrada não sei por que razão. Ali os confiou, sem o menor critério, a título de benefício e como sinecura, a algum vadio bem recomendado, que, por duas liras ao dia, ficando a olhar para eles ou, mesmo, sem os olhar, suportasse, durante algumas horas, seu cheiro de bolor e velharia.

Essa sorte coube também a mim; e, desde o primeiro dia, concebi tão escassa estima pelos livros, quer impressos, quer manuscritos (como eram alguns, antiqüíssimos, da nossa biblioteca) que jamais teria começado a escrever, como o faço agora, se, como disse, não considerasse meu caso realmente estranho e capaz de servir de ensinamento a algum leitor curioso que, por acaso, tornando-se finalmente realidade a antiga esperança de monsenhor Boccamazza, viesse a esta biblioteca, à qual deixo meu manuscrito,

com a obrigação, no entanto, de que ninguém possa abri-lo senão cinqüenta anos depois da minha *terceira, última e definitiva* morte.

Porque, no momento (e Deus sabe quanto o deploro), já morri, sim, duas vezes, mas a primeira, por engano, e a segunda... ficarão sabendo.

## 2

# Premissa. Segunda (Filosófica)

## Como Desculpa

A idéia, ou melhor, o conselho de escrever veio-me do meu reverendo amigo padre Eligio Pellegrinotto, o qual, presentemente, tem a seu cuidado os livros de monsenhor Boccamazza e a quem confiarei o manuscrito, logo que o tiver terminado, se algum dia o terminar.

Escrevo-o aqui, na igreja de dessagrada, à luz que me chega da lanterna, lá em cima, da cúpula; aqui, na abside, reservada ao bibliotecário e fechada por uma baixa grade de madeira em balaústres, enquanto padre Eligio fica bufando na tarefa, que heroicamente tomou a si, de colocar um pouco de ordem nessa verdadeira babel de livros. Temo que nunca chegue a dar conta do recado. Ninguém, antes dele, se preocupara em saber, nem mesmo por alto, dando de relance uma olhadela nas lombadas, que tipos de livros aquele monsenhor havia doado ao município: pensava-se que todos ou quase todos deviam tratar de assuntos religiosos. Ora, Pellegrinotto descobriu, para seu maior consolo, uma enorme variedade de matérias na biblioteca do monsenhor; e, como os livros foram apanhados aqui e acolá, no depósito, e arrumados ao acaso, tal como vinham às mãos, a confusão é indescritível. Por motivo de vizinhança, estreitaram-se, entre esses livros, as amizades mais singulares: padre Eligio Pellegrinotto disse-me, por exemplo, que não lhe foi nada fácil separar de um tratado muito indecente, *Da Arte de Amar as Mulheres*, em três volumes, de Anton Muzio Porro, do ano de 1571, uma *Vida e Morte de Faustino Materucci, Beneditino de Polirone, que Alguns Chamavam Bem-Aventurado*, biografia editada em Mântua em 1625. Por causa da umidade, as

encadernações dos volumes se haviam fraternalmente colado uma à outra. Note-se que no segundo volume daquele tratado indecente, fala-se longamente da vida e aventuras monacais.

Muitos volumes curiosos e de agradabilíssima leitura, padre Eligio Pellegrinotto, trepado o dia todo numa escada de acendedor de lampiões, andou pescando nas estantes da biblioteca. Toda vez que encontra um deles, atira-o do alto com elegância, para a grande mesa que fica no meio, fazendo a igrejinha retumbar. Levanta-se uma nuvem de pó da qual fogem espavoridas duas ou três aranhas; eu corro para a abside, pulando a grade; primeiro, com o próprio livro, dou caça às aranhas, por cima da grande mesa empoeirada; depois, abro o livro e começo a folheá-lo.

Dessa maneira, aos poucos, tomei gosto por esse tipo de leituras. Agora, padre Eligio me diz que o meu livro deveria seguir o modelo desses que ele vai desencantando na biblioteca, ou seja, ter o especial sabor que eles têm. Eu dou de ombros e respondo que não é tarefa para mim. E outra coisa ainda me retém.

Todo suado e empoeirado, padre Eligio desce da escada e vem respirar um pouco de ar fresco, na pequena horta que conseguiu fazer nascer aqui, atrás da abside, protegida em toda a volta, por fasquias e puas de madeira.

— Ora, meu reverendo amigo — digo-lhe, sentado na mureta, o queixo apoiado no castão da bengala, enquanto ele cuida de suas alfaces. — Atualmente não me parece mais tempo de escrever livros, nem por brincadeira. No que diz respeito à literatura, como a tudo o mais, devo repetir meu habitual estribilho: "*Maldito seja Copérnico!*".

— Oh, oh, oh, o que Copérnico tem a ver com isso?! — exclama padre Eligio, erguendo o busto, o rosto afogueado sob o grande chapéu de palha.

— Tem, sim, padre Eligio. Porque, quando a Terra não girava...

— Mas ela sempre girou!

— Não é verdade. O homem não sabia disso e, por conseguinte, era como se não girasse. Para muitos, ela continua a não girar também agora. Eu falei que girava, outro dia, a um velho camponês; sabe o que ele me respondeu? Que era uma boa desculpa para os bêbados. Aliás, o senhor também, tenha paciência, não pode pôr em dúvida que Josué fez o sol parar. Mas deixemos isso. Digo que, quando a Terra não girava e o homem, vestido de grego ou de romano, nela fazia boa figura, formando tão elevado conceito de si e comprazendo-se tanto com sua própria dignidade, acredito perfeitamente que pudesse ter acolhida favorável uma narração minuciosa e repleta de inúteis detalhes. Lê-se ou não se lê em Quintiliano, como o senhor me ensinou, que a História devia ser feita para narrar e não para demonstrar?

— Não nego — responde padre Eligio —, mas, também, é verdade que nunca se escreveram tantos livros, tão pormenorizados, ou melhor, tão carregados das mais secretas minudências, como desde quando, no seu modo de dizer, a Terra começou a girar.

— Está bem: o *senhor conde levantou-se cedo, às oito horas e meia em ponto... A senhora condessa pôs um vestido lilás, ricamente guarnecido de rendas no pescoço... Teresinha estava morrendo de fome... Lucrecia consumia-se de amor... Oh, meu Deus do céu! Que importância isso pode ter para mim? Estamos ou não estamos num invisível piãozinho, para o qual um fio de sol serve de chicote, num grãozinho de areia enlouquecido que gira e continua a girar, sem saber por quê, sem chegar nunca ao seu destino, como se achasse muito divertido girar assim, para fazer-nos sentir ora um pouco mais de calor, ora um pouco mais de frio, e, no fim, fazer-nos morrer (com freqüência, com a consciência de ter cometido uma série de pequenas tolices), após cinquenta ou sessenta giros? Copérnico, Copérnico, meu caro padre Eligio, estragou a humanidade irremediavelmente. Agora, todos já nos adaptamos, aos poucos, à nova concepção da nossa infinita pequenez e a nos*

considerarmos menos do que nada, no Universo, com todas as nossas lindas descobertas e invenções. Que importância quer, então, que tenham as notícias, já não digo das misérias privadas, mas das nossas calamidades gerais? Histórias de minhocas, as nossas, agora. Leu a respeito daquele pequeno desastre nas Antilhas? Nada de importante. A Terra, coitada, cansada de girar, como quer aquele cônego polonês, sem nenhuma finalidade, teve um pequeno movimento de impaciência e soprou um pouco de fogo por uma de suas muitas bocas. Sabe-se lá o que foi que lhe agitou essa espécie de bÍlis! Talvez a estupidez dos homens, que nunca foram tão aborrecidos como agora. Resultado: vários milhares de minhocas torradas. E toca para a frente! Quem fala mais nisso?

Padre Eligio Pellegrinotto, contudo, faz-me observar que, por mais esforços que empreguemos no cruel propósito de arrancar, de destruir as ilusões que a providente natureza criou para o nosso bem, não o conseguimos. Por sorte, o homem distrai-se facilmente.

Isso é verdade. Nosso município, em certas noites marcadas na folhinha, não manda acender os lampiões e, amiúde, se o tempo é nublado, nos deixa no escuro.

E isso quer dizer, no fundo, que nós, ainda hoje, acreditamos que a lua esteja no céu apenas para nos dar luz à noite, tal como o sol de dia, e as estrelas, tão só para nos oferecer um maravilhoso espetáculo. Pronto. E, com muita freqüência, esquecemos que somos átomos infinitesimais, passamos a respeitar-nos e admirar-nos reciprocamente e somos capazes de nos atracar por um pedacinho de terra ou de nos queixar de certas coisas que, se estivéssemos compenetrados do que somos realmente, deveriam parecer-nos desprezíveis misérias.

Pois bem, graças a essa providencial distração, bem como à estranheza do meu caso, vou falar de mim, porém o mais brevemente possível, fornecendo apenas as notícias que considerar necessárias.

Algumas delas, com certeza, não me farão muita honra; mas eu me encontro, neste momento, em uma condição tão excepcional que já posso me considerar fora da vida, portanto, sem obrigações nem escrúpulos de qualquer natureza. Vamos começar.

# 3

## A Casa e a Toupeira

Fui um tanto apressado, no começo, em declarar que conheci meu pai. Não o conheci. Eu tinha quatro anos e meio quando ele faleceu. Havendo viajado para a Córsega, a bordo de uma lata-velha de sua propriedade e por causa de certos negócios que fazia por lá, não regressou mais, vitimado, em três dias, por uma febre perniciosa, aos 38 anos de idade. Deixou, porém, na abastança, a esposa e os dois filhos: Mattia (que seria, e fui, eu) e Roberto, dois anos mais velho que eu.

Alguns velhos da nossa aldeia ainda gostam de dizer que a riqueza de meu pai (que, contudo, não deveria mais incomodá-los, já tendo, de há muito, passado para outras mãos) possuía origens, digamos assim, misteriosas.

Pretendem que ele a conseguiu jogando cartas, em Marselha, com o capitão de um navio mercante inglês; este, depois de perder todo o dinheiro que trazia consigo, e que não devia ser pouco, havia jogado também um grande carregamento de enxofre, que fora embarcado na distante Sicília por conta de um comerciante de Liverpool (até isso eles sabem! E o nome?) que fretara o navio; e, depois de zarpar, afogou-se, por desespero, em alto-mar. Assim, o navio atracara em Liverpool aliviado também do peso do capitão. Sorte dele que possuía como lastro a maldade dos meus conterrâneos.

Nós possuíamos terras e casas. Perspicaz e arrojado, meu pai jamais teve, para os seus negócios, sede permanente: sempre navegando por aí na sua lata-velha, comprava, onde melhor e mais oportunamente encontrasse, e logo revendia, toda sorte de mercadorias; e, porque não o tentasse empresas demasiado grandes

e arriscadas, ia investindo os lucros, à medida que os realizava, em terras e casas, aqui, na própria aldeia, onde talvez contasse, dentro em breve, repousar no conforto das riquezas fadigosamente adquiridas, contente e sossegado, entre a esposa e os filhos.

Dessa forma, primeiro adquiriu a terra das Due Riviere, rica de oliveiras e amoreiras, em seguida o sítio da Stia, também ricamente beneficiado e com uma linda nascente de água, que foi captada, mais tarde, para o moinho; depois, toda a colina do Sperone, que era o melhor vinhedo das redondezas, e, por fim, San Rocchino, onde construiu deliciosa vila.

Na aldeia, além da casa em que morávamos, comprou outras duas e todo o quarteirão atualmente transformado e adaptado para servir de arsenal.

Seu falecimento quase repentino foi a nossa ruína. Minha mãe, incapaz de administrar a herança, teve de confiá-la a um indivíduo, que, depois de receber de meu pai tantos benefícios, a ponto de mudar de situação social, ela julgou que devesse sentir, ao menos, a obrigação de um pouco de gratidão, pois esta, além do cuidado e honestidade, não lhe custaria nenhum tipo de sacrifícios, lautamente remunerado como era.

Uma santa mulher, minha mãe! De temperamento retraído e muito pacata, possuía muito pouca experiência da vida e dos homens. Ouvindo-a falar, parecia uma criança. Falava em tom fanhoso e ria, também, com o nariz, visto que, todas as vezes, como se tivesse vergonha de rir, apertava os lábios. De compleição muito delicada, andou sempre meio combalida, após a morte de meu pai; mas nunca se queixou de seus males e não creio que se apoquentasse muito por eles, aceitando-os, resignada, como uma conseqüência natural da sua desventura. Talvez contasse que ela também morreria, de dor; devia, portanto, agradecer a Deus, que a mantinha em vida, ainda que infeliz e atribulada, para o bem dos filhos.

Dedicava a nós uma ternura até mesmo mórbida, cheia de ansiedades e de temores; queria-nos sempre por perto, como se temesse nos perder; e, amiúde, mandava as criadas revistarem a ampla casa, logo que um de nós se afastava, por pouco que fosse.

Como cega, havia se entregado à orientação do marido; sem ele, sentiu-se perdida no mundo. E não saiu mais de casa, salvo aos domingos, de manhã cedo, para ir à missa na igreja vizinha, acompanhada de duas velhas criadas, que ela tratava como parentes. Na própria casa, aliás, reduziu-se a viver em três quartos, apenas, abandonando os muitos outros aos escassos cuidados das criadas e às nossas travessuras. Exalava-se, nesses quartos, de todos os móveis de feição antigo e das cortinas desbotadas, o especial bafio das coisas antigas, quase o hálito de tempos idos; lembro-me de que, mais de uma vez, olhei a meu redor com uma estranha consternação, que me vinha da silenciosa imobilidade daqueles velhos objetos, desde tantos anos lá, sem uso, sem vida.

Entre as pessoas que com maior freqüência vinham visitar mamãe, havia uma irmã de meu pai, solteirona rabugenta, com dois olhos de fuinha, morena e orgulhosa. Chamava-se Scolastica. Suas visitas, porém, eram curtíssimas, porque, de repente, conversando, se enfurecia e ia embora sem despedir-se de ninguém. Quando criança, eu a temia muito. Olhava para ela espantado, sobretudo quando a via levantar-se de súbito, furiosa, e a ouvia gritar, dirigindo-se a minha mãe e batendo raivosamente um pé no chão.

— Está ouvindo o vazio? A toupeira! A toupeira!

Referia-se a Malagna, o administrador, que, sorratamente, nos ia escavando a cova debaixo dos pés.

Tia Scolastica (eu fiquei sabendo disso mais tarde) queria de toda maneira que minha mãe tornasse a se casar. Habitualmente, as cunhadas não têm dessas idéias nem dão desses conselhos. Mas ela possuía um sentimento rígido e embirrado da justiça; e, com certeza

mais por isso do que por amor a nós, não podia tolerar que aquele homem nos roubasse assim, tranqüilamente. Ora, considerando a absoluta inépcia e cegueira de minha mãe, ela não via outro remédio senão um segundo marido. E o indicava, também, na pessoa de um pobre homem chamado Gerolamo Pomino.

Este era viúvo, com um filho que ainda vive e se chama Gerolamo, como o pai: era grande amigo meu, e, inclusive, como direi adiante, mais do que amigo. Desde menino, vinha com o pai à nossa casa e era o meu desespero e o de meu irmão Berto.

O pai, na juventude, almejava longamente se casar com tia Scolastica, que não quisera saber dele, como, aliás, de nenhum outro; e, isso, não porque não sentisse em si disposições para o amor, mas porque a mais remota suspeita de que o homem por ela amado pudesse enganá-la, mesmo que só em pensamento, a levaria, ela dizia, a um crime. Todos uns fingidos, os homens, para ela; velhacos e traidores. Também Pomino? Não; bem, Pomino, não. Mas percebera isso tarde demais. De todos os homens que haviam pedido sua mão e, depois, se casaram com outras, ela conseguira descobrir alguma traição, que lhe proporcionara um prazer feroz. Somente de Pomino, nada; o pobre homem, ao contrário, é que havia sido um mártir da esposa.

Por que, então, ela não se casava com ele? Porque era viúvo!, pertencera a outra mulher, na qual, possivelmente, vez por outra poderia pensar. E depois, porque... ora!, via-se à distância de cem léguas, malgrado a timidez, que estava apaixonado; estava apaixonado... já se sabe por quem, o pobre sr. Pomino!

Imaginem se minha mãe aceitaria. Acharia aquilo um verdadeiro sacrilégio. Mas, pobrezinha, tampouco acreditava que tia Scolastica falasse a sério; e ria, com sua especial maneira, das raivas da cunhada e das exclamações do pobre sr. Pomino, que se encontrava presente àquelas discussões e a quem a solteirona dispensava os mais desbragados elogios.

Imagino quantas vezes ele terá exclamado, remexendo-se na cadeira como num instrumento de tortura:

— Oh, santo nome de Deus!

Homenzinho muito atencioso, arrumado, de olhinhos azuis e mansos, penso que usava pó-de-arroz e tinha, também, a fraqueza de passar um pouco de carmim, um nadinha, um véu, nas faces; com certeza se ufanava de haver conservado, até a sua idade, os cabelos, que penteava com esmero, repartidos em duas pastinhas por uma risca ao meio e que levava o tempo todo endireitando com as mãos.

Não sei como acabariam os nossos negócios se minha mãe, certamente não por si, mas pensando no futuro dos filhos, seguisse o conselho de tia Scolastica, casando-se com o sr. Pomino. Não há dúvida de que, pior do que como foram, entregues a Malagna (a toupeira!), não poderiam ir.

Quando Berto e eu crescemos, grande parte das nossas propriedades, não há como negá-lo, já se havia transformado em cinzas; mas poderíamos salvar, das garras daquele ladrão, pelo menos o resto, que nos teria permitido viver, se não em mais abastança, sem passar necessidades. Fomos dois vagabundos; não quisemos nos preocupar com nada, continuando, já adultos, a viver como nossa mãe nos habituara em crianças.

Ela não havia querido sequer mandar-nos à escola. Um tal Pinzone [Pinça Grande] foi nosso aio e preceptor. Seu verdadeiro nome era Francesco ou Giovanni Del Cinque; mas todos o tratavam por Pinzone, e ele já se acostumara tanto ao apelido que chamava a si mesmo de Pinzone.

Era de uma magreza que causava repugnância. Altíssimo; e mais alto ainda teria sido se o busto, de repente, como cansado de crescer tão fino, para cima, não se lhe houvesse arredondado, debaixo da nuca, numa discreta corcundinha, de onde o pescoço

parecia sair a custo, como de um frango depenado, com um grosso gogó saliente, que ia para cima e para baixo. Pinzone se esforçava, com freqüência, por segurar os lábios entre os dentes, como para morder, castigar e esconder um risinho de mofa, que lhe era peculiar; mas o esforço era, em parte, inútil, porque o risinho, não podendo fazê-lo pelos lábios, assim aprisionados, escapava-lhe pelos olhos, mais agudo e zombeteiro do que nunca.

Muitas coisas devia ver, com aqueles olhinhos, em nossa casa, que não víamos, nem mamãe nem nós. Não falava, talvez porque não julgasse de seu dever tocar no assunto ou, talvez, como acho mais provável, porque, em segredo, se regozijasse venenosamente com elas.

Fazíamos dele gato-sapato. Ele não se importava; porém, depois, como se quisesse ficar em paz com a sua consciência, quando menos o esperávamos, nos atraíçava.

Um dia, por exemplo, mamãe mandou que ele nos levasse à igreja; a Páscoa se aproximava e devíamos confessar-nos. Depois da confissão, uma rápida visita à esposa, doente, de Malagna, e imediatamente de regresso para casa. Imaginem que coisa divertida! Porém, tão logo na rua, nós dois propusemos a Pinzone uma escapadela: pagaríamos um bom litro de vinho para ele, contanto que, em lugar de levar-nos à igreja e à casa de Malagna, nos deixasse ir à Stia, em busca de ninhos. Pinzone aceitou, felicíssimo, esfregando as mãos, com os olhos brilhando. Bebeu; fomos ao sítio; pintou o diabo conosco durante cerca de três horas, ajudando-nos a trepar nas árvores e trepando ele mesmo. Mas, à tardinha, de volta em casa, assim que mamãe lhe perguntou se nos tínhamos confessado e feito a visita a Malagna:

— Bem, vou lhe dizer... — respondeu, com o maior descaramento deste mundo; e contou-lhe, tintim por tintim, tudo o que havíamos feito.

De nada valiam as vinganças que tirávamos dessas traições. No entanto, lembro-me de que não eram de brincadeira. Certo dia, por exemplo, ao anoitecer, eu e Berto, sabendo que ele costumava pegar no sono, sentado na arca da saleta de entrada, enquanto esperava pelo jantar, pulamos às escondidas da cama, para onde nos haviam mandado, de castigo, antes da hora habitual, conseguimos encontrar um tubo de estanho, para clister, de dois palmos de comprimento, nós o enchemos de água ensaboada no tanque de lavar roupa; e, assim armados, chegamos cautelosamente perto dele, encostamos-lhe o tubo nas narinas... e zum!; nós o vimos dar um pulo até quase a altura do teto.

Que proveito devêssemos tirar do estudo, com semelhante preceptor, será fácil imaginar. A culpa, contudo, não era totalmente de Pinzone; pois ele, ao contrário, contanto que conseguisse ensinar-nos alguma coisa, não se preocupava com método ou disciplina e recorreria a mil expedientes para prender a nossa atenção. Conseguia-o, com freqüência, comigo, que era de natureza impressionável. Mas ele possuía uma erudição toda especial, curiosa e excêntrica. Assim, por exemplo, era muito versado em trocadilhos: conhecia a poesia fidenziana e a macarrônica, a burchiellesca e a leporeâmbica, e citava aliteraões e anominaões, bem como versos correlativos, encadeados e retrógrados, de todos os poetas que não tinham nada de melhor para fazer; e compunha ele próprio rimas extravagantes.

Lembro que, em San Rocchino, um dia, fez-nos repetir à colina fronteira, não sei mais quantas vezes, este seu *Eco*:

In cuor di donna quanto dura amore?

— (Ore).

Ed ella non mi amò quant'io Vamai?

— (Mai).

Or chi sei tu che si ti lagni meco?

— (Eco).

E nos obrigava a resolver todos os *Enigmas* em oitava rima de Giulio Cesare Croce e aqueles, em sonetos, de Moneti e os outros, também em sonetos, de outro grandessíssimo vadio, que tivera a coragem de se ocultar sob o nome de Gatão de Útica. Ele os havia transcrito, com tinta impregnada de fumo, num velho caderno de páginas amarelecidas.

— Ouçam, ouçam este outro de Stigliani. Lindo! O que será?  
Ouçam:

A un tempo stesso io mi sono una e due,

E fo due ciò ch'era uno primamente.

Una mi adopra con le cinque sue Contra infiniti che in capo  
ha la gente.

Tutta son bocca dalla cinta in sue E piú mordo sdentata che  
con dente.

Ho due bellichì a contrapposti siti,

Gli occhi ho ne'piedi, e spesso a gli occhi i diti.

Ainda tenho a impressão de vê-lo, enquanto declamava, irradiando prazer do rosto todo, com os olhos semicerrados e movendo os dedos em caracol.

Minha mãe estava convencida de que, para as nossas necessidades, aquilo que Pinzone nos ensinava era suficiente; e talvez achasse, ao ouvir-nos declamar os enigmas de Croce e Stigliani, que já era até de sobra. De outra maneira pensava tia Scolastica, que, não conseguindo impingir à minha mãe o seu

predileto Pomino, se pusera a nos perseguir, a Berto e a mim. Mas nós, escorados na proteção de mamãe, não lhe dávamos ouvidos, e ela se irritava tanto que, se pudesse fazê-lo sem que a vissem ou ouvissem, com certeza nos espancaria até nos arrancar a pele. Lembro que, em certa ocasião, ao ir embora furiosa, como de hábito, deu comigo num dos quartos abandonados; segurou-me pelo queixo, que seus dedos apertaram com força, dizendo-me: “Lindinho! Lindinho! Lindinho!”, e, aproximando cada vez mais o rosto do meu, à medida que falava, e cravando os olhos nos meus, lançou, por fim, uma espécie de grunhido, rugindo entre os dentes:

— Focinho de cachorro!

Implicava sobretudo comigo, apesar de que eu me aplicasse, sem comparação, mais do que Berto nos absurdos estudos de Pinzone. Mas devia ser por causa da minha cara plácida e provocante e dos grossos óculos redondos que me haviam obrigado a usar, para endireitar um dos meus olhos, o qual, não sei por quê, tendia para olhar, por sua conta, em outra parte.

Esses óculos eram, para mim, uma verdadeira tortura. A certa altura, joguei-os fora e deixei o olho livre de olhar para onde mais lhe agradasse. De qualquer maneira, mesmo direito, bonito é que ele não me tornaria. Eu gozava de ótima saúde e isso me bastava.

Aos dezoito anos, meu rosto foi invadido por uma grande barba arruivada e crespa, em prejuízo do nariz, bastante pequeno, que acabou por se encontrar quase perdido entre ela e a testa, ampla e grave.

Talvez, se o homem tivesse a faculdade de escolher um nariz adequado ao seu rosto, ou se nós, vendo um pobre homem oprimido por um nariz grande demais, para a sua cara mirrada, pudéssemos lhe dizer: “Esse nariz fica bem em mim e vou pegá-lo”, talvez, digo, eu teria de bom grado trocado o meu, como também os olhos e muitas outras partes da minha pessoa. Mas, sabendo

perfeitamente que isso não é possível, conformado com o meu aspecto, não me preocupava com ele.

Berto, ao contrário, bonito de cara e de corpo (ao menos, comparado comigo), não sabia afastar-se do espelho e se alisava e se acariciava, gastando um dinheirão com as gravatas mais novas, os perfumes mais requintados e a roupa de baixo e o vestuário. Para irritá-lo, certo dia, tirei do seu guarda-roupa uma casaca novinha em folha, um colete elegantíssimo, de veludo preto, a claque; e, com esses trajes, fui caçar.

Batta Malagna, enquanto isso, ia chorar, junto de minha mãe, as safras ruins, que o obrigavam a contrair dívidas onerosíssimas, para fazer frente às nossas despesas excessivas e às muitas obras de conserto de que, sem parar, necessitavam as propriedades rurais.

— Levamos outra boa surra! — dizia, todas as vezes, ao entrar.

A neblina destruíra as oliveiras no nascedouro, em Due Riviere; ou, então, a filoxera, os vinhedos do Sperone. Era preciso plantar videiras americanas, resistentes à praga. E, por conseguinte, novas dívidas. Depois, o conselho de vender o Sperone, para livrar-se dos agiotas, que o assediavam. E, assim, primeiro foi-se o Sperone; depois, Due Riviere; depois, San Rocchino. Havia sobrado as casas e o sítio da Stia, com o moinho. Minha mãe aguardava o dia em que ele viesse dizer-lhe que a nascente havia secado.

Nós fomos, é verdade, vagabundos, e gastávamos à larga; mas é também verdade que um ladrão mais ladrão que Batta Malagna jamais nascerá na face da Terra. É o mínimo que se possa dizer acerca desse sujeito, em consideração pelo parentesco que fui obrigado a estabelecer com ele.

Teve o cuidado de não nos fazer nunca faltar nada, enquanto minha mãe viveu. Mas aquela abastança, aquela liberdade até a leviandade, que nos deixava gozar, servia-lhe para ocultar o abismo que, mais tarde, depois que minha mãe morreu, trouxe apenas a

mim; já que meu irmão teve a ventura de fazer, a tempo, um casamento vantajoso.

O meu casamento, ao contrário...

— Será necessário que eu fale dele, não é, padre Eligio, do meu casamento?

Trepado lá em cima, em sua escada de acendedor de lampiões, padre Eligio Pellegrinotto respondia-me:

— Como não? Claro. De maneira limpa...

— Que limpa, coisa nenhuma! O senhor sabe muito bem que...

Padre Eligio ri e, com ele, toda a igrejinha dessagrada. Em seguida me aconselha:

— No seu lugar, sr. Pascal, primeiro eu leria algum conto de Boccaccio ou de Bandello. Por causa do tom, por causa do tom...

Teimava com o tom, padre Eligio Pellegrinotto. Pois sim! Eu escrevo ao correr da pena.

Coragem, portanto; em frente!

## 4

### Aconteceu Assim

Certo dia, enquanto caçava, parei, estranhamente impressionado, na frente de uma meda de palha, baixa e bojuda, com uma panelinha no topo da vara.

— Eu conheço você — dizia-lhe —, conheço você...

De repente, exclamei:

— Mas é Batta Malagna!

Apanhei um forçado, que se encontrava ali, no chão, e o enfiei em sua gorda barriga, com tamanha volúpia que por pouco a panelinha não caiu do topo da vara. E lá estava Batta Malagna, quando, suado e esbaforido, trazia o chapéu de lado.

Escorregava todo: escorregavam-lhe, na comprida cara feia, do lado de cá e do lado de lá, as sobancelhas e os olhos; escorregavam-lhe o nariz sobre o bigode ralo e sobre o cavanhaque; escorregavam-lhe as espáduas da juntura do pescoço; escorregavam-lhe o ventre, imenso e flácido, até quase o chão, pois, devido à sua proeminência sobre as pernas curtas e grossas, o alfaiate, para vestir essas pernas, era obrigado a cortar as calças com a maior folga possível; de maneira que, de longe, parecia que vestisse, em lugar de calças, uma capa muito comprida e que a barriga lhe chegasse ao chão.

Ora, como podia Malagna, com uma cara e um corpo desses, ser tão ladrão, não sei. Também os ladrões, imagino, precisam de uma certa apresentação, que ele não me parecia ter. Andava devagar, com aquela barriga pendente, sempre com as mãos atrás

das costas; e que esforço fazia, para emitir a voz mole, lamentosa! Gostaria de saber como ele justificava com sua própria consciência os furtos que não cessava de praticar em nosso prejuízo. Não tendo nenhuma necessidade de fazê-lo, uma razão qualquer, uma desculpa a si mesmo, afinal, não podia deixar de dá-la. Talvez, digo eu, roubasse para, de algum modo, distrair-se, coitado.

Devia, com efeito, no íntimo, estar terrivelmente aflito por uma dessas esposas que sabem fazer-se respeitar.

Havia cometido o erro de escolher esposa de categoria superior à dele, que era muito baixa. Ora, essa mulher, se estivesse casada com um homem de condição igual à sua própria, talvez não fosse tão ranzinza como era com ele, a quem, naturalmente, se sentia no dever de mostrar, à menor oportunidade, que ela era bem-nascida e que na sua casa se agia assim e assado. E eis Malagna, obediente, a agir assim e assado, como ela dizia, a fim de parecer, ele também, uma pessoa distinta. Mas quanto isso lhe custava! Suava, suava sempre.

Além do mais, a sra. Guendalina, pouco depois do casamento, caiu doente de uma moléstia da qual não pôde mais sarar, pois, para sarar, teria de fazer um sacrifício superior às suas forças: privar-se, nada menos, de certos pasteizinhos com trufas, dos quais gostava tanto, e de outras guloseimas do gênero, bem como, e, aliás, sobretudo, do vinho. Não que o bebesse em grande quantidade: pudera!, era uma pessoa bem-nascida; mas não deveria beber uma única gota, essa é a verdade.

Eu e Berto, juvenzinhos, às vezes éramos convidados para almoçar na casa de Malagna. Era divertido ouvi-lo pregar, com a devida consideração, um sermão à esposa sobre a continência, enquanto ele comia, devorava com tamanha volúpia os pratos mais suculentos.

— Não admito — dizia — que, pelo prazer momentâneo que a garganta sente à passagem de um bom bocado, como este, por exemplo (*e engolia o bocado*), a pessoa deva sentir-se mal o dia todo. Que graça tem isso? Estou certo de que, depois, eu ficaria profundamente deprimido. Rosina! (*chamava a criada*) Dê-me mais um pouco disso aí. Boa, esta maionese!

— *Maialese!* [de Maiale, em italiano = porco] — bradava então a mulher, furiosa. — Chega assim! Deus deveria é fazer você experimentar o que significa estar doente do estômago. Aí você aprenderia a ter consideração por sua mulher.

— Como, Guendalina? Então eu não tenho?! — exclamava Malagna, servindo-se de vinho.

A esposa, como única resposta, levantava-se da cadeira, tirava-lhe o copo das mãos e ia despejar o vinho pela janela.

— Mas por quê? — gemia ele, espantado.

E a mulher:

— Porque para mim é veneno! Se você, por acaso, me vir servir-me mesmo só de um dedo dele, tire o copo das minhas mãos e vá despejá-lo pela janela, como eu fiz, entendeu?

Malagna olhava, chateado, sorrindo um pouco para Berto, um pouco para mim, um pouco para a janela, um pouco para o copo; depois dizia:

— Oh, meu Deus! Você não é mais nenhuma criança! Eu, usar violência? Não, querida. Você, sozinha, raciocinando, é que deveria conter-se...

— E de que jeito? — gritava a mulher. — Com a tentação diante dos olhos? Vendo você, que o bebe em tão grande quantidade e o

saboreia e o olha contra a luz, para me fazer pirraça? Sabe o que lhe digo? Se fosse outro marido, você, para não me fazer sofrer...

Pois bem, Malagna chegou até esse ponto: não bebeu mais vinho, para dar à esposa um exemplo de continência e não a fazer sofrer.

Depois roubava... claro! Afinal, ele precisava fazer qualquer coisa.

Mas, aí, aconteceu que, pouco tempo depois, ficou sabendo que a sra. Guendalina bebia o vinho, sim, às escondidas. Como se bastasse, para que não lhe fizesse mal, que o marido não soubesse disso. E então ele também, Malagna, recomeçou a beber, mas fora de casa, para não magoar a esposa.

É verdade que, mesmo assim, continuou a roubar. Mas sei que ele desejava da mulher, de todo o coração, uma certa compensação das atribulações sem-fim que ela lhe causava; desejava, a saber, que ela um belo dia se decidisse a lhe dar um filho. Aí está! O furto, então, teria uma finalidade, uma desculpa. O que é que não se faz pelo bem dos filhos?

A mulher, porém, definhava cada dia mais, e Malagna não ousava sequer lhe expressar esse vivíssimo desejo. Talvez ela fosse estéril por natureza. Cumpria ter todos os cuidados com essa sua doença. Porque se, depois, morresse de parto? Deus nos livre! Além disso, havia o risco de que não levasse a termo a gestação.

Assim, ele se conformava.

Era sincero? Não o demonstrou suficientemente por ocasião do falecimento da sra. Guendalina. Chorou-a, oh! Chorou-a muito e sempre a lembrou com uma devoção tão reverente que, no lugar dela, não quis colocar nenhuma outra senhora fina, nada disso!; e bem que o poderia ter feito, rico como já se havia tomado. Mas pegou a filha de um feitor rural, sadia, viçosa, robusta e alegre; e,

isso, apenas para que não houvesse dúvida de que teria dela a desejada prole. Se demonstrou pressa excessiva, bem... é preciso levar em conta, também, que ele não era mais tão jovem e tempo para perder é que não tinha.

Eu conhecia bastante bem Oliva, filha de Pietro Salvoni, nosso feitor em Due Riviere, desde menina.

Por sua causa, quantas esperanças não fiz minha mãe conceber: que eu estava criando juízo e tomando gosto pelos campos. Não cabia mais em si de contente, coitada! Mas, um dia, a terrível tia Scolastica abriu-lhe os olhos:

— Você não vê, tola, que ele vai sempre a Due Riviere?

— Sim, para a colheita das azeitonas.

— De uma azeitona, de uma azeitona, de uma azeitona só, sua imbecil!

Mamãe, então, deu-me um pito e tanto: que eu me guardasse de cometer o pecado mortal de induzir em tentação e perder para sempre uma pobre menina etc. etc.

Mas não havia perigo. Oliva era honesta, de uma honestidade inabalável, porque arraigada na consciência do mal que faria, se cedesse. E era justamente essa consciência que lhe tirava todos os acanhamentos dos pudores fingidos e a tomava ousada e descontraída.

Como ria! Duas cerejas, seus lábios. E que dentes!

Porém, desses lábios, nem um beijo; dos dentes, sim, alguma dentada, como castigo, quando eu a agarrava pelos braços e não queria largá-la se, antes, não conseguisse pespegar-lhe um beijo, ao menos nos cabelos.

Nada mais.

Agora, tão linda, jovem e fresca, esposa de Batta Malagna... Pois é. Quem tem a coragem de virar as costas para certos golpes da sorte? No entanto Oliva sabia perfeitamente de que forma Malagna havia enriquecido! Falava-me tão mal dele, um dia; depois, justamente por causa dessa riqueza, casou-se com ele.

Passa um ano, desde o dia do matrimônio; passam dois; e nada de filhos.

Malagna, que havia muito estava persuadido de que não tivera filhos da primeira mulher apenas por causa da esterilidade ou incessante doença dela, não concebia, agora, nem de longe, a suspeita de que pudesse depender dele. E começou a mostrar-se aborrecido com Oliva.

— Nada?

— Nada.

Esperou mais um ano, o terceiro: inutilmente. Então, entrou a censurá-la abertamente. E, por fim, depois de outro ano, já tendo perdido para sempre as esperanças, no auge da exasperação, passou francamente a maltratá-la, lançando-lhe no rosto, aos gritos, que, com a sua aparência saudável, ela o havia enganado, miseravelmente enganado; que apenas para que ela lhe desse um filho a erguera até aquele lugar, ocupado anteriormente por uma senhora distinta, uma verdadeira fidalga, a cuja memória, não tivesse sido por isso, ele jamais teria feito semelhante ofensa.

A pobre Oliva não respondia, não sabia o que dizer. Vinha com freqüência à nossa casa, para desabafar com minha mãe, que a animava, com palavras bondosas, a ter ainda esperanças, porque, afinal, era jovem, tão jovem:

— Vinte anos?

— Vinte e dois...

Pois, então. Já se dera mais de um caso de alguém ter filhos mesmo dez anos depois, mesmo quinze anos depois do casamento. Quinze? Mas... e ele? Ele já era velho; e, se...

Em Oliva nascera, desde o primeiro ano, a suspeita de que afinal, entre ele e ela, como dizer?, a falta pudesse ser mais dele que sua, embora ele teimasse em dizer que não. Mas podia-se provar isso? Oliva, ao casar-se, jurara a si mesma que se conservaria honesta, e não queria, nem mesmo para reconquistar a paz, faltar ao juramento.

Como é que sei essas coisas? Ora, como sei. Essa é boa! Já disse que ela vinha desabafar na nossa casa; disse que a conhecia desde menina. Agora, via-a chorar por causa do proceder indigno e da estúpida e provocante presunção daquele velho imundo, e... é mesmo preciso eu dizer tudo? Aliás, a resposta foi não; e, portanto, chega.

Consolei-me rapidamente. Tinha, então, ou julgava ter (que é o mesmo), muitas coisas na cabeça. Disponha também de dinheiro, que, além do mais, traz, afinal, certas idéias que sem ele não se teriam. Porém me ajudava a gastá-lo, à larga, Gerolamo Il Pomino, que nunca o tinha em quantidade suficiente, por causa da sábia parcimônia paterna.

Mino era como a nossa sombra: de mim e de Berto, alternadamente; e mudava, com maravilhosa faculdade simiesca, conforme estivesse com um ou com outro. Quando se grudava com Berto, tomava-se logo um janota; e o pai, então, que tinha algumas veleidades de elegância, alargava um pouco os cordões à bolsa. Mas com Berto ele não ficava muito tempo. Ao ver-se copiado até na maneira de andar, meu irmão perdia logo as estribeiras, talvez por medo do ridículo, e o tratava mal, até conseguir livrar-se da sua

presença. Mino, então, voltava a pegar-se a mim; e o pai a apertar os cordões da bolsa.

Eu; com ele, era mais paciente, porque gostava de divertir-me à sua custa. Depois me arrependia. Reconhecia que, por sua causa, me excedera em alguma empresa ou forçara meu gênio ou exagerara a demonstração de meus sentimentos, só pelo gosto de fazê-lo embasbacar ou de metê-lo em alguma trapalhada, da qual, naturalmente, eu também sofria as conseqüências.

Então, Mino, certo dia, durante uma caçada e a propósito de Malagna, cujas proezas com a esposa eu lhe tinha contado, disse-me que havia lançado as vistas sobre uma moça, filha de uma prima de Malagna, pela qual estaria disposto a fazer, de bom grado, alguma burrada grossa. Era capaz disso; tanto mais que a moça não parecia relutante; mas ele, até aquele momento, não tivera sequer ocasião de falar com ela.

— O que você não teve foi coragem, confesse! — disse eu, rindo.

Mino negou; mas, ao negar, corou muito.

— Falei, porém, com a criada — foi logo acrescentando. — E soube de umas boas. Disse-me que o seu *Malanno* [trocadilho com Malagna, em italiano significa moléstia, desgraça] anda o tempo todo na casa dela e que, assim, pelo jeito, parece-lhe que esteja preparando algum golpe, de acordo com a prima, que é uma velha megera.

— Que golpe?

— Sei lá! Diz que ele vai lá chorar suas mágoas porque não tem filhos. A velha, dura, carrancuda, responde-lhe que é o que ele merece. Parece que ela, quando morreu a primeira esposa de Malagna, enfiou na cabeça que o faria se casar com a filha e fez de tudo para consegui-lo; e que, depois, decepcionada, disse cobras e

lagartos daquele velho animal, inimigo dos parentes, traidor do seu próprio sangue etc. etc., e que passou uma descompostura na filha, que não soube atrair o tio. Agora, finalmente, que o velho se mostra tão arrependido por não ter feito a felicidade da sobrinha, sabe-se lá que outra pérfida idéia pode ter concebido a bruxa.

Tapei os ouvidos com as mãos, gritando para Mino:

— Cale a boca!

Aparentemente, não, mas, no fundo, eu era de fato muito ingênuo, nesse tempo. Apesar disso, informado das cenas que aconteciam e continuavam a acontecer na casa de Malagna, pensei que a desconfiança da criada podia, de certa forma, ter algum fundamento; e quis ver, para o bem de Oliva, se conseguia tirar aquilo a limpo. Pedi a Mino o endereço da bruxa. Mino recomendou-se a mim pela moça.

— Não tenha dúvidas — respondi-lhe. — Deixo-a para você, que diabo!

E, no dia seguinte, com a desculpa de uma promissória, cujo vencimento naquele dia viera casualmente, pela manhã, a saber de mamãe, fui desencantar Malagna na casa da viúva Pescatore.

Eu havia corrido de propósito e entrei na casa todo afogueado e suado.

— Malagna, a promissória!

Se já não soubesse que ele não tinha a consciência limpa, eu o teria percebido, sem dúvida, nesse dia, ao vê-lo colocar-se de pé, num pulo, todo transtornado, gaguejando:

— Que... que pro... que promissória?

— A promissória assim e assim, que vence hoje... Quem me mandou foi mamãe, que ficou tão preocupada!

Batta Malagna caiu sentado, soltando, num “ah” interminável, todo o pavor que, por um instante, o oprimira.

— Mas está em ordem! Tudo em ordem! Puxa, que susto! Eu a renovei por três meses, pagando os juros, está claro. Você fez essa corrida toda por tão pouco?

E ria, ria, fazendo a barriga balançar violentamente; convidou-me para sentar, apresentou-me às mulheres.

— Mattia Pascal. Marianna Dondi, viúva Pescatore, minha prima. Romilda, minha sobrinha.

Fez questão, para que me refizesse da corrida, de que bebesse alguma coisa.

— Romilda, se não for incômodo...

— Como se estivesse em sua casa.

Romilda levantou-se; olhando a mãe, para aconselhar-se com os olhos dela, e, pouco depois, não obstante os meus protestos, voltou com uma pequena bandeja, onde se achavam um copo e uma garrafa de vermute. Imediatamente, àquela vista, a mãe levantou-se irritada, dizendo à filha:

— Mas não! Não! Dê-me cá!

Tirou-lhe a bandeja das mãos e saiu, para voltar, logo em seguida, com outra bandeja, de charão, novinha em folha, que sustentava uma esplêndida licoreira: um elefante prateado com uma barrica de vidro nas costas e uma porção de cálices pendurados em redor, que tinham.

Eu teria preferido o vermute. Bebi o licor. Malagna e a mãe também beberam. Romilda, não.

Demorei-me pouco, nessa primeira vez, a fim de ter uma desculpa para voltar: disse que estava com pressa de ir tranqüilizar mamãe a respeito da promissória e que iria ali noutra dia, para gozar, com mais vagar, da companhia das senhoras.

Pelo modo como se despediu de mim, não me pareceu que Marianna Dondi, viúva Pescatore, recebesse com muito prazer o anúncio de uma segunda visita de minha parte: mal estendeu-me a mão, uma mão gélida, seca, nodosa, amarelada; e baixou os olhos e apertou os lábios. Compensou-me a filha com um simpático sorriso, que prometia acolhida cordial, e com um olhar, doce e triste, ao mesmo tempo, daqueles olhos, que, desde o primeiro momento em que a vi, produziram em mim tão forte impressão: olhos de estranha cor verde, sombrios, intensos, obscurecidos por pestanas muito compridas; olhos noturnos, entre dois bandos de cabelos pretos como ébano, ondeados, que lhe desciam sobre a testa e as fontes, quase para dar maior realce à viva brancura da pele.

A casa era modesta; mas já, entre os velhos móveis, notavam-se vários outros, recém-chegados, pretensiosos e ridículos na ostentação de sua novidade demasiado vistosa: duas grandes lâmpadas de maiólica, por exemplo, ainda intactas, com globos de opalina, de estranho feitio, em cima de uma humilíssima mísula, com o plano de mármore amarelado, que sustentava um espelho tetro, numa moldura redonda descascada num ponto ou em outro, que parecia abrir-se no quarto como o bocejo de um esfomeado. Havia, além disso, diante do pequeno divã desconjuntado, uma mesinha de quatro pés dourados e com a superfície de porcelana pintada de cores vivíssimas; um pequeno armário encostado na parede, de charão japonês etc. etc.; e, nesses objetos novos, os olhos de Malagna detinham-se com evidente prazer, como, antes, na licoreira trazida em triunfo pela prima, viúva Pescatore.

As paredes da sala estavam quase inteiramente cobertas de velhas estampas, não feias, algumas das quais Malagna quis que eu admirasse, dizendo que eram obra de Francesco Antonio Pescatore, seu primo, ótimo gravador (que morreu louco, em Turim, acrescentou em voz baixa), cujo retrato também quis me mostrar.

— Realizado com suas próprias mãos, sozinho, diante do espelho.

Eu, olhando para Romilda e, depois para a mãe, tinha pensado, pouco antes: “Vai ver que se parece com o pai!”. Agora, diante do retrato deste, não sabia mais o que pensar.

Não quero me arriscar a suposições ofensivas. Considero Marianna Dondi, viúva Pescatore, sem dúvida, capaz de tudo; mas como imaginar um homem, e, de mais a mais, bonito, que pudesse apaixonar-se por ela? A não ser que se tratasse de um louco mais louco do que o marido.

Contei a Mino as impressões dessa primeira visita. Falei-lhe de Romilda com tão fervorosa admiração, que ele logo se apaixonou por ela, feliz de que eu também a tivesse achado de meu gosto e de ter minha aprovação.

Então, perguntei-lhe quais eram suas intenções: a mãe, sim, tinha todo o aspecto de megera; mas a filha, eu juraria que era honesta. Nenhuma dúvida quanto aos objetivos odiosos de Malagna; era preciso, portanto, a todo custo e quanto antes, salvar a moça.

— Mas como? — perguntou Pomino.

— Como? Isso veremos. Antes de mais nada, vai ser preciso certificarmo-nos de uma porção de coisas: pesquisar a fundo; estudar bem. Você compreende, não se pode tomar uma decisão assim, do pé para a mão. Deixe o caso comigo: vou ajudá-lo. Estou gostando desta aventura.

— Bem... mas... — objetou, então, Pomino, timidamente, começando a inquietar-se de me ver tão exaltado.

— Você diria, talvez... eu me casar com ela?

— Eu não digo nada, por enquanto. Será que você tem medo?

— Não. Por quê?

— Porque vejo você muito precipitado. Vá devagar e reflita. Se viermos a saber que ela é, realmente, como deveria ser: boa menina, ajuizada, virtuosa (bonita ela é, não há dúvida, e você gosta dela, não é?), bem, suponhamos que ela esteja, realmente, exposta, pela perversidade da mãe e daquele outro canalha, a um gravíssimo perigo, uma vergonheira, um mercado infame: você hesitaria diante de uma ação meritória, de uma obra santa, de salvação?

— Eu não... não! — disse Pomino. — Mas... meu pai?

— Ele se oporia? Por que motivo? Pelo dote, não é? Não por outra coisa! Porque ela, você sabe?, é filha de um artista, de um ótimo gravador que morreu... sim, que morreu naturalmente, enfim, em Turim... Mas seu pai é rico e só tem você: pode satisfazer o seu desejo sem olhar para o dote! Se, porém, você não conseguir persuadi-lo amigavelmente, não precisa ter medo: um lindo vôo para fora do ninho e tudo entra nos eixos. Você tem o coração de estopa, Pomino?

Pomino riu, e eu, então, demonstrei-lhe por *a* mais *b* que ele nascera marido, tal como se nasce poeta. Descrevi-lhe, em cores muito vivas e sedutoras, a felicidade da vida conjugal com a sua Romilda; o carinho, os cuidados, a gratidão que ela teria por ele, seu salvador. E, para concluir:

— Você, agora — disse-lhe —, deve descobrir modo e jeito de se fazer notar por ela e lhe falar e lhe escrever. Neste momento, talvez, uma carta sua poderia ser, para ela, perseguida por aquela

aranha, uma tábua de salvação. Entrementes, eu freqüentarei a casa; verei no que resulta, procurarei a ocasião de apresentar você. Estamos entendidos?

— Estamos entendidos.

Por que mostrava eu tamanho desejo de fazer Romilda casar-se? Por nenhum motivo. Repito: só pelo gosto de embasbacar Pomino. Eu falava sem parar e todas as dificuldades desvaneciam-se. Era impetuoso e não levava nada muito a sério. Talvez por isso, então as mulheres me amavam, não obstante o olho meio vesgo e o corpo atarracado. Dessa vez, porém — cumpre dizê-lo —, minha fúria provinha, também, do desejo de desbaratar a malvada tramóia urdida por aquele velho imundo e fazê-lo ficar com um nariz de palmo e meio; provinha, ainda, do pensamento na pobre Oliva e, por que não?, da esperança de proporcionar um bem à moça, que realmente me havia causado grande impressão.

Que culpa tenho, se Pomino cumpriu minhas instruções com excessiva timidez? Que culpa tenho, se Romilda, em lugar de apaixonar-se por Pomino, apaixonou-se por mim, que, contudo, lhe falava sempre dele? Que culpa tenho, enfim, se a perfídia de Marianna Dondi, viúva Pescatore, chegou a fazer-me crer que eu, graças à minha habilidade, conseguira, em pouco tempo, vencer a sua desconfiança e realizar também um milagre: o de fazê-la rir, mais de uma vez, com minhas saídas extravagantes? Via-a, aos poucos, depor as armas; vi-me bem acolhido; pensei que, com um jovem ali pela casa, rico (eu ainda me julgava rico), e que dava mostras indubitáveis de estar apaixonado pela filha, a bruxa tivesse finalmente renunciado à sua idéia perversa, se é que algum dia lhe passara pela cabeça. Vejam só: eu tinha, até, chegado a pô-lo em dúvida!

Deveria, é verdade, ter notado o fato de que não me havia mais acontecido de me encontrar com Malagna na casa dela e que podia não ser sem um bom motivo que ela me recebia somente pela

manhã. Mas quem reparava nisso? Era, aliás, natural que assim fosse, porque, todas as vezes, para ter maior liberdade, eu propunha um passeio no campo, e isso se faz, de preferência, pela manhã. Ademais eu também me apaixonara por Romilda, continuando, embora, a falar- lhe sempre do amor de Pomino; estava apaixonado loucamente daqueles lindos olhos, daquele narizinho, daquela boca, de tudo, até de uma pequena verruga que ela tinha na nuca, e até mesmo de uma cicatriz, quase invisível, numa das mãos, que lhe beijava e tomava a beijar... por conta de Pomino, perdidamente.

No entanto, nada de grave, talvez, acontecesse, se, certa manhã (estávamos na Stia e tínhamos deixado a mãe admirando o moinho), Romilda, de repente, acabando com a brincadeira, por demais prolongada, do seu tímido namorado distante, não tivesse um repentino ataque de choro e não me atirasse os braços ao pescoço, suplicando-me, toda tremendo, que tivesse pena dela, que a levasse comigo, fosse lá como fosse, contanto que para longe, longe da sua casa, longe daquela mãe desnaturada, longe de todos, sem perda de tempo, imediatamente...

Longe? Como podia, assim, de repente levá-la para longe?

Depois, sim, durante muitos dias, ainda ébrio dela, procurei a maneira, decidido a tudo, honestamente. E já começava a predispor minha mãe à notícia do meu próximo casamento, inevitável, agora, por dever de consciência, quando, sem saber por quê, chegou-me uma carta muito seca de Romilda, pedindo que não me ocupasse mais dela de nenhum modo, que não fosse mais à sua casa e considerasse terminada para sempre a nossa relação.

Ah, é? Como assim? O que havia acontecido?

No mesmo dia, Oliva correu, chorando, à nossa casa, para anunciar a mamãe que ela era a mulher mais infeliz do mundo e que a paz do seu lar estava destruída para sempre. O marido tinha

conseguido a prova de que não era culpa dele se não tinham filhos; e tinha ido anunciar-lhe isso, triunfante.

Eu estava presente à cena. Como consegui me conter naquele momento, não sei. Reteve-me o respeito por mamãe. Sufocado pela ira, pela náusea, fugi, fui trancar-me no quarto e, sozinho, com as mãos nos cabelos, comecei a perguntar a mim mesmo como era possível que Romilda, depois daquilo que se passara entre nós, pudesse haver-se prestado a tamanha ignomínia! Ah, digna filha de sua mãe! Não apenas ao velho tinham ambas enganado, de forma tão covarde, mas a mim também, a mim também! E, tal como a mãe, também ela, portanto, servira-se de mim, de forma vergonhosa, para a sua infame finalidade, para a sua vontade de rapina! E, ao mesmo tempo, a pobre da Oliva! Com a vida arruinada, arruinada...

Antes do anoitecer, ainda tremendo de raiva, saí direto para a casa de Oliva. Levava, no bolso, a carta de Romilda.

Oliva, em lágrimas, juntava suas coisas: queria voltar para casa do pai, a quem, até ali, por prudência, nada deixara transparecer de tudo o que sofrera.

— Mas, agora, o que mais fico fazendo, aqui? — disse-me. — Acabou-se! Se, ao menos, se tivesse metido com outra qualquer, talvez...

— Ah, você sabe, então — perguntei-lhe —, com quem foi que ele se meteu?

Baixou repetidas vezes a cabeça, por entre soluços, escondendo o rosto nas mãos.

— Uma mocinha! — exclamou depois, erguendo os braços. — E a mãe, a mãe, a mãe! De pleno acordo, você compreende? A própria mãe!

— Diz isso a mim? — fiz eu. — Tome: leia.

E lhe entreguei a carta.

Oliva olhou para ela, como aturdida; pegou-a e perguntou-me:

— O que significa?

Mal sabia ler. Com o olhar, indagou de mim se era, mesmo, necessário que fizesse esse esforço, naquele momento.

— Leia — insisti.

E, então, enxugou as lágrimas, abriu a folha e começou a interpretar as letras, devagar, silabando. Depois das primeiras palavras, correu com os olhos para a assinatura e os arregalou, olhando para mim:

— Você?

— Dê-me — disse-lhe —, eu a leio para você, na íntegra.

Mas ela apertou a carta ao seio.

— Não! — gritou. — Não a devolvo! Esta, agora, me serve!

— Você?

E para que poderia lhe servir? — indaguei, sorrindo com amargura. — Você desejaria mostrá-la a ele? Mas nessa carta toda não há uma só palavra que possa levar seu marido a não acreditar mais naquilo que, ao contrário, está felicíssimo de acreditar. Laçaram o homem à perfeição, pode crer!

— Ah, é verdade! É verdade! — gemeu Oliva. — Veio para cima de mim, com as mãos para o meu rosto, dizendo que ai de mim se não me guardasse de pôr em dúvida a honradez da sobrinha!

— Pois então? — disse eu, rindo azedo. — Está vendo? Você não pode conseguir mais nada, negando. Guarde-se disso! Você deve, ao contrário, dizer-lhe que sim, que é verdade, que é verdade absoluta que ele pode ter filhos... Está entendendo?

Ora, por que cargas-d'água será que, aproximadamente um mês mais tarde, Malagna, furioso, surrou a esposa e, ainda com espuma na boca, correu para a minha casa, gritando que exigia uma reparação, imediatamente, porque eu tinha desonrado, arruinado uma sua sobrinha, uma pobre órfã?

Acrescentou que, para não fazer escândalo, teria desejado calar-se. Por pena daquela coitada, não tendo filhos, estava até decidido a adotar a criança, quando nascesse, como sua. Mas, agora que Deus, finalmente, quisera lhe conceder o consolo "de ter um filho legítimo, da sua própria esposa", não podia, não podia mais, em sua consciência, fazer-se de pai também do outro, que nasceria da sobrinha.

— Mattia que providencie! Mattia que repare o mal! — concluiu, colérico. — E imediatamente! E preciso obedecer-me imediatamente! E não me obriguem a dizer mais do que isso ou a cometer algum desatino!

Chegando a este ponto, vamos raciocinar um pouco. Eu já vi de tudo neste mundo. Passar também por imbecil ou, mesmo por... coisa pior não constituiria, para mim, no fundo, nada de mais. Repito que já estou fora da vida e não me importo com coisa alguma. Se, portanto, chegando a este ponto, quero raciocinar, é somente por amor à lógica.

Parece-me evidente que Romilda não deve ter feito nada de mau, ao menos no sentido de induzir o tio em engano. Do contrário, por que Malagna iria logo, com música de pancadaria, exprobrar à mulher a traição e acusar a mim, junto de minha mãe, de ter manchado a honra da sobrinha?

Romilda, com efeito, sustenta que, pouco tempo depois daquele nosso passeio à Stia, sua mãe, recebendo dela a confissão do amor que já a prendia indissolavelmente a mim, ficara uma fúria e lhe gritara na cara que nunca, mas nunca mesmo, consentiria em deixá-la casar-se com um vadio como eu, já quase à beira do abismo. Ora, visto que ela, sozinha, causara a si mesma o pior mal que pode acontecer a uma mocinha, nada mais restava, a ela, mãe previdente, do que tirar desse mal o partido melhor. Qual fosse, era fácil compreender. Quando Malagna chegou, à hora de costume, ela foi embora, com uma desculpa, deixando-a a sós com o tio. E então, ela, Romilda, chorando, diz ela, amargamente, atirou-se aos seus pés, fez-lhe entender qual era a sua desgraça e o que a mãe pretendia dela; rogou-lhe que se interpusesse, que induzisse a mãe à razão, já que ela pertencia, agora, a outro, a quem desejava conservar-se fiel.

Malagna sensibilizou-se, mas só até certo ponto. Disse-lhe que ela era ainda menor e, por isso, sob a autoridade materna e que a mãe, querendo, poderia também agir contra mim, judiciosamente; que ele também, em sã consciência, não teria coragem de aprovar um casamento com um valdevinos como eu, perdulário e desmiolado, e que, portanto, não poderia aconselhá-lo à mãe; disse-lhe que, afinal, ela devia sacrificar alguma coisa à justa e natural indignação materna e que isso, aliás, seria uma sorte para ela; e concluiu que a única coisa que ele poderia fazer seria a de prover, com a condição de que se guardasse, com todos, o maior segredo, prover às necessidades da criança que iria nascer, fazer-lhe as vezes de pai, enfim, já que não tinha filhos e, desde muito, desejava ter um.

E possível, pergunto, ser mais honesto do que isso?

Aí está: tudo aquilo que ele havia roubado ao pai iria devolvê-lo ao filho que iria nascer.

Que culpa tem ele, se eu, depois, ingrato e mal-agradecido, fui entornar-lhe o caldo?

Dois, não! Bem, dois, não, que diabo!

Pareceram-lhe demais, talvez porque, uma vez que Roberto, como disse, já tinha contraído um casamento vantajoso, calculou que não o havia prejudicado a tal ponto que tivesse de devolver também a parte dele.

Concluindo: vê-se que, tendo ido parar no meio de tão boa gente, quem tinha feito o mal todo era eu. E, logo, devia pagar por ele.

Recusei, a princípio, indignado. Depois, atendendo aos pedidos de minha mãe, que já via a ruína da nossa casa e esperava que eu pudesse, de certa forma, salvar-me, casando-me com a sobrinha daquele seu inimigo, cedi e me casei.

Estava suspensa em cima da minha cabeça, terrível, a ira de Marianna Dondi, viúva Pescatore.

## 5

# Maturação

Não havia modo de a bruxa se resignar.

O que você conseguiu? — indagava-me. — Não lhe era suficiente entrar na minha casa como um ladrão, para corromper minha filha e desonrá-la? Não lhe era suficiente?

Bem, não, minha querida sogra! — respondia-lhe. — Porque, se eu ficasse nisso, teria feito um favor à senhora, teria prestado um serviço...

— Está ouvindo? — gritava, então, para a filha. — Ele se vangloria, ele tem, ainda por cima, a ousadia de se vangloriar da bonita proeza que fez com aquela... — E se seguia uma seqüência de nomes feios dirigidos a Oliva; em seguida, com as mãos reviradas nos quadris e os cotovelos apontados para a frente: — Mas o que conseguiu? Você não prejudicou, assim, também seu filho? Sim, claro, que lhe importa isso? É seu também o outro...

Jamais deixava de soltar esse veneno, no fim, sabendo o efeito que causava no espírito de Romilda, ciumenta do filho de Oliva, que nasceria na riqueza e na alegria, enquanto o seu, na angústia e na incerteza do futuro e no meio daquela luta toda. Aumentavam-lhe esse ciúme também as notícias que alguma boa alma de mulher, fingindo que não sabia de nada, vinha lhe trazer a respeito da tia Oliva Malagna, que se mostrava tão contente, tão feliz, pela graça que Deus, finalmente, quisera lhe conceder: ah, assemelhava-se a uma flor, nunca estivera tão bonita e saudável!

E ela, Romilda, ao contrário: jogada, ali, numa poltrona, sofrendo de náuseas continuadas; pálida, desfeita, já nem mais

bonita, sem mais um só momento de sossego, sem mais nem sequer a vontade de falar ou de abrir os olhos.

Isso, também, era minha culpa? Parecia que sim. Ela já não tolerava ver-me ou ouvir-me. E foi pior ainda quando, para salvar o sítio da Stia, com o moinho, foi preciso vender as casas e minha pobre mamãe se viu obrigada a ingressar no inferno onde eu morava.

De fato, aquela venda não nos serviu de nada. Malagna, com o filho por nascer, que já o capacitava, agora, a não ter mais meias medidas nem escrúpulos, aprontou a última das suas: mancomunou-se com os agiotas e comprou ele mesmo, sem aparecer, as casas, por pouco dinheiro. As dívidas que gravavam Stia continuaram, assim, em sua maioria, a descoberto; e o sítio, juntamente com o moinho, foi colocado, pelos credores, sob administração judicial. Estávamos arruinados.

Que fazer, agora? Dediquei-me, mas quase sem nenhuma esperança, a procurar uma ocupação, qualquer que fosse, para suprir as necessidades mais urgentes da família. Mas não tinha aptidão para nada; e a fama que eu havia adquirido com as minhas façanhas juvenis e a vida de vagabundo certamente não convidava ninguém a dar-me trabalho. Além disso, as cenas que era obrigado a presenciar e nas quais devia tomar parte, diariamente, em casa, tiravam-me a calma de que precisava para recolher-me um pouco e examinar o que poderia e saberia fazer.

Causava-me verdadeira aversão ver minha mãe, ali, em contato com a viúva Pescatore. Minha santa velhinha, que já não os ignorava, mas que, aos meus olhos, não era responsável de seus erros, causados por não ter sabido acreditar que a malvadeza dos homens chegasse àquele ponto, permanecia recolhida em si mesma, com as mãos no colo, os olhos baixos, sentada num cantinho, mas como se não tivesse muita certeza do direito de ficar nesse lugar, como se estivesse sempre à espera de ir embora, de ir embora

dentro em breve, se a Deus aprovesse! E não incomodava nem o ar que respirava. Sorria, de vez em quando, para Romilda, penosamente. Não se atrevia mais a aproximar-se dela; porque, uma vez, poucos dias antes da sua chegada à nossa casa, tendo se oferecido para ajudá-la, tinha sido grosseiramente rechaçada pela bruxa:

— Deixe comigo, deixe comigo; eu sei o que devo fazer.

Por prudência, tendo Romilda, realmente, necessidade de auxílio, naquele momento, eu havia ficado quieto; mas cuidava para que ninguém faltasse com o respeito a mamãe.

Percebia, contudo, que essa vigilância em defesa de minha mãe irritava surdamente a megera e, talvez, também minha mulher, e receava que, quando eu não estivesse em casa, elas, para desafogar a cólera e dar vazão à bÍlis, a maltratassem. Sabia, com toda a certeza, que mamãe jamais me diria nada. E esse pensamento me atormentava. Quantas vezes não a fitei nos olhos, para ver se tinha chorado! Ela me sorria, acariciava-me com o olhar, depois me perguntava:

— Por que você me olha assim?

— Você está bem, mamãe?

Mal esboçava um gesto com a mão e respondia:

— Bem, sim; não está vendo? Vá se encontrar com sua mulher, vá; ela sofre, pobrezinha.

Decidi escrever a Roberto, em Oneglia, para lhe dizer que tomasse, ele, mamãe em casa, não para tirar de cima de mim um peso, que suportaria com o maior prazer, apesar das dificuldades financeiras em que me encontrava, mas apenas pelo bem dela.

Berto respondeu-me que não podia; porque a sua situação, perante a família da esposa e a própria esposa, era sobremodo penosa, após o nosso infortúnio: ele agora vivia do dote da mulher e não poderia, por conseguinte, impor a esta também o peso da sogra. De resto, mamãe, dizia ele, acabaria achando-se igualmente mal, na sua casa, porque ele também morava com a mãe da esposa, boa mulher, sim, mas que poderia tornar-se má, por causa dos inevitáveis ciúmes e atritos que nascem entre sogras. Portanto, era melhor que mamãe ficasse comigo; quando mais não fosse, não se afastaria, assim, nos últimos anos, da sua terra e não seria obrigada a mudar de vida e de hábitos. Declarava-se, por fim, desolado de não poder, por todas as considerações que expusera, prestar-me o menor auxílio pecuniário, como desejaria de todo o coração.

Ocultei a carta de mamãe. Talvez, se o meu estado exasperado, naquele momento, não me ofuscasse a razão, ela não me causaria tamanha indignação; eu levaria em conta, por exemplo, conforme a natural disposição do meu espírito, que, se um rouxinol dá as penas da cauda, pode dizer: "Resta-me o dom do canto"; mas se as fazem dar a um pavão, as penas da cauda, o que lhe sobra? Romper, pouco que fosse, o equilíbrio, que lhe custava, talvez, um grande esforço, o equilíbrio graças ao qual podia viver de maneira limpa e, talvez, dom um certo ar de dignidade, à custa da esposa, seria, para Berto, um sacrifício enorme, uma perda irreparável. Além da bonita presença, dos modos distintos, do aprumo de cavalheiro elegante, ele não tinha mais nada para dar à mulher; nem sequer uma migalha de coração, que talvez a compensasse do incômodo que minha pobre mãe poderia causar a ela. Enfim! Deus o havia feito assim; dera-lhe pouco coração, muito pouco mesmo. O que ele podia fazer contra isso, pobre Berto?

Enquanto isso, o sofrimento aumentava; e eu não encontrava meios de diminuí-lo. Vendemos as jóias de mamãe, lembranças queridas do passado. A viúva Pescatore, temendo que eu e minha mãe acabássemos, em breve, por viver da sua pequena renda do dote de 42 libras por mês, tornava-se cada dia mais carrancuda e de

modos mais ríspidos. Eu previa, de um momento para outro, uma explosão de seu furor, já, agora, contido desde demasiado tempo, talvez só pela presença e pela conduta de mamãe. Ao ver-me rodar pela casa feito uma mosca sem cabeça, aquele furacão de mulher lançava-me olhares de ódio, relâmpagos precursores de trovoadas. Eu saía para cortar a corrente e impedir a descarga. Mas, depois, receava por mamãe e voltava para casa.

Certo dia, contudo, não cheguei a tempo. A trovoadada, por fim, retumbara, e por um pretexto futilíssimo: uma visita das duas velhas criadas de mamãe.

Uma delas, não tendo conseguido economizar nada, porque tivera de sustentar uma filha, que havia enviuvado com três filhos, arranjava logo outro emprego de criada; mas a segunda, Margherita, sozinha no mundo e mais favorecida pela sorte, podia, agora, descansar a velhice com o pé-de-meia amalhado durante tantos anos de serviço na nossa casa. Ora, parece que com essas duas ótimas mulheres, companheiras, de toda a confiança, de tantos anos, mamãe se tivesse, aos poucos, lamentado daquela sua mísera e dolorosíssima situação. Então Margherita, a bondosa velhinha, que já o suspeitara e não se atrevia a dizê-lo, havia-lhe proposto, imediatamente, que fosse embora com ela, para a sua casa: tinha dois quartos pequenos, porém limpos, com uma varandinha dando para o mar, repleta de flores: morariam juntas, em paz, e ela se julgaria feliz de poder ainda servi-la, de poder-lhe demonstrar, assim, o afeto e a devoção que lhe dedicava.

Mas era possível, para minha mãe, aceitar o oferecimento da pobre velha? Daí a ira da viúva Pescatore.

Encontrei-a, ao regressar para casa, com os punhos estendidos contra Margherita, que, contudo, enfrentava-a corajosamente, enquanto mamãe, assustada, com lágrimas nos olhos, tremendo toda, agarrava-se com as duas mãos na outra velhinha, como para abrigar-se.

Ver minha mãe naquela situação e perder a cabeça foi uma coisa só. Segurei por um braço a viúva Pescatore e a fiz rolar no chão longe dali. Ela se ergueu, com a rapidez de um raio, e veio na minha direção para se jogar contra mim; mas parou na minha frente.

— Fora! — gritou. — Você e sua mãe, rua! Fora da minha casa!

— Escute — eu lhe falei, então, com a voz tremendo pelo violento esforço com que procurava me conter. — Escute: vá embora você, imediatamente, com as suas pernas, e não me provoque mais. Vá embora, para o seu bem! Vá embora!

Romilda, chorando e gritando, levantou-se da poltrona e foi se atirar nos braços da mãe:

— Não! Fique comigo, mamãe! Não me deixe, não me deixe aqui, sozinha!

Mas aquela digna mãe a rechaçou, furiosa:

— Você o quis? Pois, agora, fique com ele, esse mau ladrão! Eu vou embora sozinha!

E claro que não foi.

Dois dias depois, a pedido, acredito, de Margherita, veio correndo, como de costume, tia Scolastica, para levar mamãe embora com ela.

A cena merece ser relatada.

A viúva Pescatore estava, naquela manhã, fazendo pão, com os braços nus, a saia arregaçada e enrolada na cintura, para não sujá-la. Mal se virou, ao ver entrar a tia, e continuou peneirando farinha, como se nada fosse. A tia não fez caso dela; aliás, entrara sem

cumprimentar ninguém, indo diretamente para minha mãe, como se naquela casa, a não ser ela, não houvesse ninguém.

— Depressa! Vamos embora! Vista-se! Você vem comigo. Fui informada de umas tantas coisas. Aqui estou eu. Vamos, depressa! Arrume a sua trouxa!

Falava aos borbulhões. O nariz adunco, altivo, no rosto moreno, ictérico, vibrava-lhe, encrespando-se, e os olhos soltavam faíscas.

A viúva Pescatore continuava quieta.

Havendo acabado de peneirar, diluir e amassar a farinha, ela, agora, brandia a massa no alto e a batia com força, de propósito, na masseira: era o seu jeito de responder àquilo que a tia dizia. Esta, então, aumentou a dose. E a outra, batendo a massa cada vez com mais força:

— Claro! Com certeza! Como não? Sem dúvida! — E, depois, como se não bastasse, foi buscar o rolo e o colocou ali, pertinho, na masseira, como para dizer: “Tenho isto também”.

Teria sido melhor que nunca o fizesse! Tia Scolastica deu um pulo, despiu furiosamente um pequeno xale que trazia nos ombros e o jogou para minha mãe:

— Tome! Deixe tudo aí! Venha embora, imediatamente!

E foi plantar-se na frente da viúva Pescatore. Esta, para não tê-la assim, tão cara a cara, recuou um passo, ameaçadora, como se quisesse lançar mão do rolo; e, então, tia Scolastica, tomando nas mãos, da masseira, a grossa bola de massa, espalhou-a feito um emplastro, na cabeça da outra, puxou-a sobre a sua cara e, com os punhos fechados, foi desferindo socos, no seu nariz, nos olhos, na boca, onde calhasse. Depois, pegou minha mãe por um braço e a arrastou para fora.

O que se seguiu foi apenas para mim. A viúva Pescatore, rugindo de ódio, arrancou a massa do rosto e dos cabelos, todos empastados, e veio atirá-la na minha cara, enquanto eu ria, ria, numa espécie de convulsão; agarrou minha barba, arranhou-me todo; depois, como ensandecida, jogou-se no chão e começou a tirar furiosamente as roupas de cima de si e a rolar, rolar, frenética, no piso. Entrementes, minha mulher, *sit venia verbo* [com o perdão da palavra], vomitava do lado de lá, por entre gritos agudos, enquanto eu:

— As pernas! As pernas! — berrava para a viúva Pescatore no chão. — Não me mostre as pernas, pelo amor de Deus!

Posso afirmar que, a partir de então, tomei o gosto de rir de todas as minhas desgraças e de todos os meus aborrecimentos. Vi-me, naquele instante, ator de uma tragédia, que não se poderia imaginar mais burlesca: minha mãe, que fugira daquela forma com a louca da tia Scolastica; minha mulher, do outro lado, que... bem, não vamos falar nela! Marianna Pescatore ali, no chão; e eu, eu, que já não tinha pão, mas aquilo que se chama pão, mesmo, para o dia seguinte, eu, com a barba toda emplastada de massa, o rosto arranhado e pingando, não sabia ainda se era sangue ou lágrimas; pelo excesso de riso. Fui averiguar no espelho. Eram lágrimas; mas estava, também, bastante arranhado. Ah, aquele meu olho, como gostei dele! Por desespero, pusera-se a olhar, mais do que nunca, para outro lado, em outro rumo, por sua própria conta. E fugi, decidido a não regressar para casa, se antes não encontrasse um meio qualquer de sustentar, mesmo miseramente, minha mulher e a mim.

Do ressentimento raivoso que experimentava, naquele momento, pelos muitos anos de estouvada vadiagem, inferia, porém, facilmente, que minha desgraça não podia inspirar a ninguém, já não digo compaixão, mas nem ao menos consideração. Eu bem que a merecera. Uma só pessoa poderia apiedar-se dela: aquela que se apoderara de todos os nossos haveres; mas imaginem

só se Malagna podia ainda sentir a obrigação de vir em minha ajuda, depois do que se havia passado entre mim e ele.

A ajuda, ao contrário, veio de quem eu menos podia esperá-la.

Havendo ficado fora de casa aquele dia todo, encontrei-me casualmente, ao anoitecer, com Pomino, que, fingindo não me ver, queria passar reto.

— Pomino!

Virou-se, de cara amarrada, e parou, baixando os olhos:

— O que você quer?

— Pomino! — repeti em voz mais alta, sacudindo-o por um ombro e rindo do seu ar zangado. — Está falando a sério?

Oh, ingratidão humana! Pomino guardava-me rancor, ainda por cima, guardava-me rancor da traição que, segundo pensava, eu lhe fizera. E não consegui persuadi-lo de que a traição, ao contrário, ele é que a fizera a mim, e de que deveria não só me agradecer, mas ainda jogar-se de cara no chão e beijar o lugar onde eu pisava.

Eu estava ainda embriagado da má alegria que havia se apoderado de mim desde que me olhara no espelho.

— Está vendo estes arranhões? — eu lhe disse, a certa altura.  
— Foi ela quem os fez!

— Ro... quero dizer, sua mulher?

— A mãe dela!

E lhe contei como e por quê. Pomino sorriu, porém moderadamente. Talvez pensasse que, nele, aqueles arranhões, a viúva Pescatore, não os faria: ele estava em condições bem diferentes das minhas e possuía outro caráter e outro coração.

Veio-me, então, a tentação de perguntar-lhe por que, nesse caso, se estava realmente tão sentido, não havia se casado ele com Romilda, em tempo, até mesmo fugindo com ela, como eu lhe tinha aconselhado, antes que, por causa da sua ridícula timidez ou da sua indecisão, a desventura de apaixonar-me por ela acontecesse comigo; e muitas outras coisas desejei lhe dizer, na grande agitação em que me encontrava; contive-me. Em vez disso, perguntei, estendendo-lhe a mão, em companhia de quem andava, naqueles dias.

— De ninguém! — ele suspirou. — De ninguém! Aborreço-me, aborreço-me mortalmente!

Pelo tom exasperado com que pronunciou essas palavras pareceu-me compreender, de repente, o verdadeiro motivo pelo qual Pomino estava tão sentido. Era menos de Romilda, talvez, que ele lamentava a perda, do que da companhia que viera a faltar-lhe: Berto não estava mais lá; comigo não podia ter mais relações de amizade, porque havia Romilda entre nós; e que restava, então, ao pobre Pomino?

— Case-se, meu caro! — eu lhe disse. — Você vai ver que alegria!

Mas ele meneou a cabeça, seriamente, com os olhos fechados; ergueu uma das mãos:

— Nunca! Nunca mais!

— Muito bem, Pomino: persista! Se o que deseja é companhia, estou às suas ordens, mesmo a noite toda, você querendo.

E manifestei-lhe o propósito que fizera ao sair de casa e expus-lhe, também, as condições desesperadas em que me achava. Pomino comoveu-se, como verdadeiro amigo, e ofereceu-me o pouco de dinheiro que tinha consigo. Agradei-lhe de todo o coração e disse-lhe que o auxílio não me seria de nenhuma

utilidade: no dia seguinte, estaria novamente no mesmo ponto. Eu precisava era de um emprego.

— Espere! — ele exclamou, então. — Você sabe que meu pai, agora, está na prefeitura?

— Não. Mas imagino.

— Assessor municipal para a Instrução Pública.

— Isso eu não imaginava.

— Ontem à noite, durante o jantar... Espere! Você conhece Romitelli?

— Não.

— Como é que não? Aquele que trabalha lá longe, na Biblioteca Boccamazza. E surdo, quase cego, caduco e não se agüenta mais em pé. Ontem à noite, durante o jantar, meu pai me dizia que a biblioteca está em petição de miséria e que é preciso tomar providências, o mais depressa possível. É esse o lugar para você!

— Bibliotecário?! — exclamei. — Mas eu...

— E por que não? — disse Pomino. — Se o foi Romitelli...

O argumento me convenceu.

Pomino aconselhou-me que mandasse tia Scolastica falar com seu pai. Seria melhor.

No dia seguinte, fui visitar mamãe e falei do assunto com ela, porque tia Scolastica não me quis ver, E assim, quatro dias mais tarde, tornei-me bibliotecário. Sessenta liras por mês. Mais rico do que a viúva Pescatore! Eu podia cantar vitória.

Nos primeiros meses, foi uma coisa quase divertida, por causa de Romitelli, a quem não havia meio de fazer compreender que havia sido aposentado pela municipalidade e que, por conseguinte, não devia mais vir à biblioteca. Todas as manhãs, à mesma hora, nem um minuto antes nem um minuto depois, via-o aparecer a quatro pés (incluindo as duas bengalas, uma em cada mão, que lhe prestavam serviço melhor do que os pés). Assim que chegava, tirava do bolsinho do colete um velho cebolão de cobre e o pendurava na parede, com toda a sua formidável corrente, sentava-se, com as duas bengalas entre as pernas, sacava do bolso o solidéu, a tabaqueira e um grande lenço xadrez vermelho e preto; enfiava nas narinas uma farta pitada de rapé, limpava-se, depois abria a gaveta da mesinha e dela tirava um enorme livro que pertencia à biblioteca: *Dicionário Histórico dos Músicos. Artistas e Amadores. Mortos e Vivos*, impresso em Veneza, em 1758.

— Sr. Romitelli! — gritava-lhe eu, vendo-o realizar essas operações com todo o sossego, sem dar o menor sinal de perceber a minha presença.

Mas era tempo perdido. Não seria capaz de ouvir nem tiros de canhão. Eu o sacudia pelo braço e ele, então, voltava-se, piscava os olhos, contraía o rosto todo para me lançar uma olhadela. Depois, mostrava-me os dentes amarelos, talvez na intenção de, assim, sorrir-me; por fim, inclinava a cabeça em cima do livro, como se quisesse usá-lo a modo de travesseiro; mas não era nada disso: lia daquele jeito, a dois centímetros de distancia, com um só olho; e lia em voz alta:

— Birnbaum, Giovanni Abramo... Bimbaum, Giovanni Abramo, mandou imprimir... Birnbaum, Giovanni Abramo, mandou imprimir em Leipzig, em 1738... em Leipzig, em 1738... um opúsculo em oitavo... em oitavo: *Observações Imparciais sobre uma Passagem Delicada do Músico Crítico*. Mitzler... Mitzler inseriu... Mitzler inseriu este escrito no primeiro volume da sua *Biblioteca Musical*. Em 1739...

E continuava assim, repetindo duas ou três vezes nomes e datas, como para aprendê-los de cor. Por que lia assim em voz alta, não sei. Repito: não seria capaz de ouvir nem tiros de canhão.

Eu ficava olhando para ele, admirado. Que podia importar a esse homem, reduzido àquele estado, já com um pé na cova (morreu, com efeito, quatro meses depois de minha nomeação para bibliotecário), que podia importar-lhe que Birnbaum, Giovanni Abramo, tivesse mandado imprimir em Leipzig, em 1738, um opúsculo em oitavo? E se, ao menos, a leitura não lhe custasse aquele esforço todo! E preciso, realmente, convir em que não podia dispensar nem aquelas datas nem aquelas notícias a respeito de músicos (ele, tão surdo), e artistas amadores, mortos e vivos até 1758. Ou acreditaria, talvez, que um bibliotecário, visto que a biblioteca existia para alguém ficar ali lendo, tivesse a obrigação de ler ele próprio, dado que nunca vira aparecer por lá vivalma, e apanhara aquele livro como poderia ter apanhado outro? Estava tão caduco que também essa suposição é possível e, aliás, muito mais provável do que a primeira.

O fato, porém, é que, na grande mesa, lá no meio, havia uma camada de pó com ao menos um dedo de altura; a tal ponto que eu, para reparar, de alguma forma, a negra ingratidão dos meus concidadãos, pude traçar nela, em grandes letras, esta inscrição:

AO

MONSENHOR BOCCAMAZZA

GENEROSÍSSIMO DOADOR

EM ETERNO TESTEMUNHO DE GRATIDÃO

OS CONCIDADÃOS

COLOCARAM ESTA LÁPIDE.

Além disso, de vez em quando, despencavam das estantes dois ou três livros, seguidos de certas ratazanas grandes como coelhos.

Significaram, para mim, como a maçã de Newton.

— Achei! — exclamei, todo feliz. — Aí está uma ocupação para mim, enquanto Romitelli fica lendo o seu *Birnbaum*.

E, para começar, escrevi um bem elaborado ofício, em qualidade de bibliotecário, ao ilustríssimo *cavaliere* Gerolamo Pomino, assessor municipal para a Instrução Pública, a fim de que a Biblioteca Boccamazza ou de Santa Maria Liberal fosse, com a maior urgência, provida de um par de gatos, pelo menos, cujo sustento não acarretaria quase nenhuma despesa à municipalidade, considerando que os referidos animais encontrariam farta alimentação no produto de sua caça. Acrescentava que não seria mau prover a biblioteca, ademais, de uma meia dúzia de ratoeiras e da necessária isca, para não dizer “queijo”, palavra vulgar que, como funcionário subalterno, não julguei conveniente submeter à leitura de um assessor municipal para a Instrução Pública.

Mandaram-me, inicialmente, dois gatinhos tão mirrados que se assustaram logo com aquelas enormes ratazanas, e, para não morrer de fome, eles é que se enfiavam nas ratoeiras e comiam o queijo. Todas as manhãs encontrava-os lá dentro, aprisionados, magros, feios e tão agoniados, que parecia não terem mais nem força nem vontade para miar.

Reclamei. E vieram, então, dois bonitos gatões, rápidos e sérios, que, sem perda de tempo, começaram a cumprir seu dever. As ratoeiras também serviam: e estas me davam os ratos vivos. Ora, certa tarde, ressentido de que Romitelli não quisesse tomar o menor conhecimento daquelas minhas fadigas e vitórias, como se ele tivesse unicamente a obrigação de ler e os ratos, a de roerem os livros da biblioteca, eu quis, antes de sair, enfiar dois deles, vivos, na gaveta da sua mesinha. Tinha a esperança de estragar-lhe, ao

menos, na manhã seguinte, a habitual e enfadonha leitura. Qual nada! Assim que abriu a gaveta e sentiu passarem-lhe correndo, debaixo do nariz, os dois bichos, virou-se para mim, que já não conseguia me segurar e rompia numa gargalhada, e perguntou:

— O que foi?

— Dois ratos, sr. Romitelli!

— Ah, ratos... — comentou calmamente.

Eram de casa, estava acostumado a eles. E recomeçou, como se nada tivesse acontecido, a leitura do seu livro antigo.

\* \* \*

No *Tratado das Árvores*, de Giovan Vittorio Soderini, lê-se que os frutos amadurecem, “em parte, pelo calor e, em parte, pelo frio; por isso o calor, como a todos é evidente, consegue a força de cozimento e é a simples causa da maturação”. Ignorava Giovan Vittorio Soderini, portanto, que, além do calor, os vendedores de frutas experimentaram outra “causa da maturação”. Para levar as primícias ao mercado e vendê-las mais caro, eles colhem as frutas, maçãs, pêssegos e peras, antes que cheguem à condição que as torna sadias e saborosas; e fazem que amadureçam à força de amassadelas, pelas batidas que levam.

Exatamente assim chegou à maturação a minha alma, ainda verde.

Em pouco tempo, transformei-me em outro. Depois que morreu Komitelli, encontrei-me aqui, sozinho, consumido pelo tédio, nesta igreja fora de mão, no meio de todos estes livros; terrivelmente só e, contudo, sem vontade de nenhuma companhia. Poderia demorar-me poucas horas; mas tinha vergonha de que me vissem, assim, reduzido à miséria, pelas ruas da aldeia; evitava minha casa como uma prisão; e, por conseguinte, é melhor ficar aqui mesmo,

repetia com os meus botões. Mas o que fazer? A caça aos ratos, está bem; mas isso podia me bastar?

A primeira vez que me aconteceu encontrar-me com um livro nas mãos, apanhado ao acaso, sem dar por isso, numa das estantes, tive um calafrio de horror. Com que, então, eu me reduziria, como Romitelli, a sentir-me na obrigação de ler, eu, bibliotecário, por todos os que não vinham à biblioteca? E joguei o livro ao chão. Porém, depois, voltei a apanhá-lo; e, sim, senhores, comecei a lê-lo, eu também, e também apenas com um olho, porque o outro não queria saber disso.

Li, assim, um pouco de tudo, desordenadamente; mas, sobretudo, livros de filosofia. São muito pesados; contudo, quem deles se alimenta, imbuindo-se em seu conteúdo, vive nas nuvens. Desarranjaram ainda mais meu cérebro, já por si extravagante. Quando ficava com a cabeça zonza, fechava a biblioteca e ia, por uma íngreme senda, até uma nesga de praia solitária.

A vista do mar punha-me num estado de atônito pavor, que, aos poucos, se tornava intolerável opressão. Sentava-me na praia e evitava olhar para ele, baixando a cabeça; mas ouvia-lhe ao longo da costa toda, o estrondo, enquanto, lentamente, deixava escorregar entre meus dedos a areia densa e pesada, murmurando:

— Assim, sempre, até a morte, sem nenhuma mudança, jamais...

A imobilidade da condição da vida que eu levava sugeria-me, então, pensamentos inopinados, estranhos, quase lampejos de loucura. Erguia-me num pulo, como para sacudir essa loucura de cima de mim, e punha-me a passear à beira da água; mas via, então, o mar mandar, sem tréguas, suas vagas cansadas e sonolentas para a praia; via aquelas areias abandonadas; e bradava com raiva, sacudindo os punhos:

— Mas por quê? Por quê?

E molhava os pés.

Talvez o mar alongasse um pouco mais alguma onda com o objetivo de me censurar:

— “Estás vendo, meu caro, o que se ganha em perguntar certos porquês? Molha os pés. Volte para a sua biblioteca! Água salgada estraga os sapatos; e dinheiro para jogar fora é que não tem. Volte para a sua biblioteca e deixe os livros de filosofia; vá, vá também, de preferência, ler que Bimbaum, Giovanni Abramo, mandou imprimir em Leipzig, em 1738, um opúsculo em oitavo: não há dúvida de que lhe será mais proveitoso”.

Mas um dia, finalmente, vieram dizer-me que minha mulher tinha sido acometida pelas dores do parto e que corresse logo para casa. Fugui como um cervo: porém mais para escapar de mim mesmo, para não ficar nem um só minuto a sós comigo pensando que estava para ter um filho: eu, naquelas condições, um filho!

Mal cheguei ao portão da casa, minha sogra me agarrou pelos ombros e me fez rodar sobre mim mesmo:

— Um médico! Corra! Romilda está morrendo!

É de cair para trás, não é? Uma notícia dessa, assim, à queimadura. Pois, ao contrário, “Corra!” E já não sentia as pernas; não sabia mais para que lado ir; e, enquanto corria, não sei como, continuava repetindo: “Um médico! Um médico!”; e as pessoas paravam na rua e queriam que eu também parasse, para explicar o que havia me acontecido; sentia que me puxavam pelas mangas, via, na minha frente, rostos pálidos, consternados; desviava-me, fugia de todos: “Um médico, um médico!”.

E o médico, nesse meio tempo, já estava lá, na minha casa. Quando, esbaforido, num estado lastimável, depois de correr todas as farmácias, regresssei para casa, desesperado e furioso, a primeira menina já tinha nascido; e era um custo fazer vir ao mundo a outra.

— Duas!

Parece-me, ainda, que as estou vendo, ali, no berço, uma ao lado da outra: arranhavam-se mutuamente com as mãozinhas tão gráceis e, não obstante, quase providas de garras por um instinto selvagem, que incutia repugnância e piedade: miúdas e mirradas, mais do que os dois gatinhos que, todas as manhãs, encontrava presos nas ratoeiras, e elas, também sem força de vagir, como aqueles de miar; e, apesar disso, não é que se arranhavam?

Afastei-as uma da outra e, ao primeiro contato com aquelas carinhas tenras e frias, senti um arrepio novo, um tremor de ternura, indescritível: eram minhas!

Uma delas morreu poucos dias depois; a outra, ao contrário, quis dar-me tempo de que me afeiçoasse a ela, com todo o ardor de um pai que, nada mais tendo, faça da sua própria criaturinha a única finalidade da existência; quis ter a crueldade de morrer quando já contava quase um ano de idade e se tornara tão bonitinha, com aqueles cachos de ouro, que eu enrolava nos meus dedos e beijava, sem jamais saciar-me de beijá-los; chamava-me papai e eu respondia logo:

— Filha.

E ela, de novo:

— Papai... — Assim, sem motivo, tal como os pássaros se chamam entre si.

Morreu ao mesmo tempo que mamãe, no mesmo dia e quase na mesma hora. Eu não sabia mais como repartir os meus cuidados e a minha dor. Deixava a menininha descansando e corria a ver mamãe, que não se preocupava consigo, com a sua própria morte, e pedia-me notícias dela, da neta, angustiada de não poder mais revê-la, beijá-la pela última vez. E durou nove dias aquele desespero! Pois bem, depois de nove dias e nove noites de vigília contínua, sem

pregar olho nem por um minuto... devo dizê-lo? Muitos, talvez, teriam escrúpulos em confessá-lo; porém é humano, absolutamente humano, não senti pena, no momento: fiquei, durante um certo tempo, num horror atônito, pavoroso, e adormeci. Tive, primeiro, de dormir. Depois sim, quando acordei, a dor me assaltou, furiosa, feroz, pela minha filhinha, por minha mamãe, que não viviam mais... E estive a ponto de enlouquecer. Uma noite inteira, perambulei pela aldeia e pelos campos; não sei com que idéias na mente; só sei que, no fim, dei comigo no sítio da Stia, perto do moinho, e que um tal Filippo, velho moleiro, ah de guarda, tirou-me de lá, fez-me sentar mais adiante, debaixo das árvores, e falou-me longamente de mamãe e também de meu pai e dos belos tempos passados; e me disse que não devia chorar e me desesperar-me daquela maneira, porque, para cuidar de minha filhinha, no mundo de lá, ocorrera a avó, a boa vovozinha, que a tomaria sobre os joelhos e lhe falaria de mim e jamais a deixaria sozinha.

Três dias mais tarde, Roberto, como se quisesse pagar-me pelas lágrimas, enviou-me 500 liras. Queria que eu providenciasse uma digna sepultura para mamãe, dizia. Mas tia Scolastica já havia cuidado disso.

Aquelas 500 liras ficaram, por algum tempo, entre as páginas de um livro antigo da biblioteca.

Depois, serviram para mim; e foram, por assim dizer, a causa da minha *primeira* morte.

## 6

# Tiquetaque, Tiquetaque...

Apenas a ela, lá dentro, aquela bolinha de marfim, correndo com graça, na roleta, em sentido contrário ao das casas numeradas, aquele jogo parecia divertir.

— Tiquetaque, tiquetaque...

Apenas ela: não, com certeza, aos que a observavam rolar, ansiosos, na tortura que lhes causava o capricho dela, para quem, nos quadrados amarelos do pano verde da mesa, muitas mãos haviam levado, como numa oferenda votiva, ouro, ouro e mais ouro; muitas mãos, que, agora, tremiam, na expectativa angustiada, apalpando inconscientemente mais ouro, o da iminente parada, enquanto os olhos suplicantes pareciam dizer: “Onde lhe agrade, onde lhe agrade cair, delicada bolinha de marfim, nossa deusa cruel!”.

Eu tinha ido parar lá, em Monte Cario, por acaso.

Depois de uma das costumeiras cenas com minha sogra e minha mulher, as quais, agora, oprimido e debilitado, como me encontrava, pela dupla e recente desgraça, me causavam uma aversão intolerável; não sabendo mais resistir ao tédio ou, melhor, ao nojo de viver daquela forma miserável, sem probabilidades nem esperança de melhora, sem mais o conforto que me vinha da minha doce menina, sem nenhuma compensação, mesmo mínima, pela amargura, pela sordidez, pela horrível desolação em que havia mergulhado; graças a uma decisão quase repentina, fugira da aldeia, a pé, com as 500 liras de Berto no bolso.

Tinha pensado, no caminho, em ir até Marselha, partindo da estação da estrada de ferro da aldeia vizinha, para onde rumara: chegando a Marselha, embarcaria, nem que fosse com uma passagem de terceira classe, para a América, assim, numa ventura.

Que poderia me acontecer, afinal de contas, pior que aquilo que sofrerá e sofria em minha casa? Iria, sim, ao encontro de outros grilhões, mas, decerto, não me pareceriam mais pesados do que aqueles que já estava para arrancar do pé. Além disso, veria outras terras, outras gentes, outra vida, e fugiria, ao menos, à opressão que me sufocava e esmagava.

Mas eis que, ao chegar a Nice, sentira esmorecer-me. Os impulsos juvenis haviam murchado desde muito: por demais me roera internamente o tédio e desvigorara a dor. O desânimo maior proviera-me da escassez de dinheiro com que deveria aventurar-me a uma sorte obscura, numa terra distante, indo ao encontro, sem nenhuma preparação, de uma vida totalmente desconhecida.

Ora, em Nice, ainda não bem decidido a voltar para casa, perambulando pela cidade, acontecera-me parar diante de uma grande loja, na avenida de la Gare, que alardeava, na tabuleta, em grandes letras douradas, os seguintes dizeres:

#### DEPOT DE ROULETTES DE PRÉCISION.

Havia, expostas, roletas de todos os tamanhos, juntamente com outros apetrechos desse jogo e vários opúsculos, que traziam, na capa, o desenho da roleta.

Sabe-se que os infelizes se tornam facilmente supersticiosos, por mais que, depois, zombem da credulidade alheia e das esperanças que a superstição, por vezes, faz que eles mesmos alimentem e que nunca, está claro, se tornam realidade.

Lembro-me de que eu, após ler o título de um dos tais opúsculos, *Méthode pour Gagner à la Roulette* [Método para Ganhar

na Roleta], afastei-me da loja com um sorriso de desdém e de comiseração. Mas, nem bem tinha dado poucos passos, voltei atrás e (por curiosidade, ora essa, não por outro motivo!), com o mesmo sorriso de desdém e de comiseração nos lábios, entrei na loja e comprei o opúsculo.

Não sabia de que se tratava, em que consistia o jogo e de que modo funcionava. Comecei a ler; mas pouco compreendi daquilo.

“Talvez seja”, pensei, “porque sei pouco francês.” Ninguém me havia ensinado esse idioma; aprendera, sozinho, alguma coisa, lendo por alto algum livro na biblioteca; além disso, não tinha nenhuma certeza da pronúncia e receava suscitar o riso, falando.

Esse medo, justamente, deixou-me perplexo, de início, quanto a ir ou não ir: mas, depois, ponderei que partira para aventurar-me até a América, desprovido de tudo e sem conhecer, nem de vista, o inglês e o espanhol; logo, que diabo, com o pouco francês de que dispunha e a guia do opúsculo, bem que poderia chegar até Monte Carlo, a dois passos dali.

“Nem minha sogra nem minha mulher”, disse comigo, no trem, “sabem desse pouco dinheiro que me sobra na carteira. Vou atirá-lo por lá, para livrar-me de toda a tentação. Espero poder salvar o suficiente com que pagar a volta para casa. E, em caso contrário...”

Ouvira dizer que havia umas bonitas árvores, robustas, no jardim em redor da casa de jogo. Afinal de contas, poderia enforcar-me economicamente numa delas, com o cinto das calças. Faria, até, um bonito papel; diriam:

— Quem sabe quanto perdeu esse coitado!

Para falar a verdade, esperava coisa melhor. A entrada, sim, não está nada mal: vê-se que tiveram quase a intenção de erguer um templo à Fortuna, com aquelas oito colunas de mármore. Um portão e duas portas laterais. Nestas, estava escrito *Tirez* [Puxe]; e, até aí,

o meu francês chegava; chegou também para o *Poussez* [Empurre] do portão, que, evidentemente, queria dizer o contrário; empurrei e entrei.

Que horrível gosto! E dá raiva. Poderiam ao menos oferecer, a todos os que vão ali deixar tanto dinheiro, a satisfação de se verem esfolados em lugar menos opulento porém mais bonito. Todas as grandes cidades gabam-se, atualmente, de possuir um bonito matadouro para os pobres animais, os quais, contudo, carecendo de qualquer educação, não podem apreciar sua beleza. É verdade que a maioria das pessoas que vão jogar tem uma vontade bem diferente da de prestar atenção ao gosto da decoração das cinco salas, do mesmo modo que os que ficam sentados nos divãs, em toda a volta, raramente estão em condições de perceber a duvidosa elegância do forro.

Costumam sentar neles certos desgraçados, aos quais a paixão do jogo transtornou o cérebro da forma mais singular: ficam ah estudando o chamado equilíbrio das probabilidades e meditam, seriamente, os lances que devem tentar, toda uma arquitetura de jogo, consultando apontamentos sobre as vicissitudes dos números: querem, em suma, extrair a lógica da casualidade, que é o mesmo que dizer: tirar sangue das pedras; e têm a certeza absoluta de que, mais dia, menos dia, o conseguirão.

Mas não devemos nos espantar com nada.

— Ah, o doze! O doze! — dizia-me um cavalheiro de Lugano, um homenzarrão, cuja vista sugeria as mais consoladoras reflexões sobre as resistentes energias da raça humana. — O doze é o rei dos números; e é o meu número! Nunca me traiu! Diverte-se, sim, em fazer-me pirraça, até com uma certa freqüência; mas, no fim, recompensa-me, recompensa-me sempre da minha fidelidade.

Estava apaixonado pelo número doze, esse homenzarrão, e não sabia falar de outra coisa. Contou-me que, na véspera, seu número

não quisera sair nem uma vez; mas ele não se dera por vencido: todas as vezes, teimoso, sua parada ora no doze; lutara valorosamente até o fim, até a hora em que os crupiês anunciam:

— *Messieurs, aux trois derniers!* [Senhores, às três últimas jogadas!]

Pois bem, na primeira daquelas três últimas jogadas, nada; nada, tampouco, na segunda; na terceira e última, puf: o doze.

— Ele me falou! — concluiu, com os olhos brilhando de alegria.  
— Ele me falou!

E verdade que, havendo perdido durante o dia todo, tinham-lhe sobrado, para aquela última parada, poucos escudos; de sorte que, no fim, não pudera refazer-se do prejuízo. Mas o que lhe importava? O número doze falara-lhe!

Ao ouvir essa conversa, lembrei-me de quatro versos do pobre Pinzone, cujo caderno de trocadilhos, com o resto de suas rimas extravagantes, encontrado durante a mudança de casa, encontra-se, agora, na biblioteca; e quis recitá-los àquele cavalheiro.

Ero già stanco di stare alia bada  
delia Fortuna. La dea capricciosa  
dovea pure passar per la mia strada.  
E passò, finalmente; ma tignosa.

E o cavalheiro, então, segurou a cabeça com ambas as mãos e contraiu dolorosamente, durante longo tempo, o rosto todo. Olhei para ele, surpreso, de início, e, depois, consternado.

— O que tem?

— Nada. Estou rindo — respondeu.

Ria assim! A cabeça doía-lhe tanto, mas tanto, que não podia suportar as sacudidelas do riso.

E vá alguém apaixonar-se pelo número doze!

Antes de tentar a sorte, embora sem nenhuma ilusão, quis ficar algum tempo em observação, para dar-me conta de como se desenrolava o jogo, Não me pareceu complicado como o meu opúsculo me havia feito imaginar.

No centro da mesa, no pano verde numerado, estava encaixada a roleta. Ao redor, os jogadores, homens e mulheres, velhos e jovens, de todos os países e condições, em parte sentados e em parte de pé, cuidavam nervosamente de colocar montes e montinhos de luíses, de escudos e de cédulas de papel-moeda sobre os números amarelos dos quadrados; os que não conseguiam ou não queriam aproximar-se diziam ao crupiê os números e a cor em que tencionavam jogar, e o crupiê, imediatamente, com uma espécie de pequeno rodo, dispunha suas paradas no pano verde, conforme a indicação, com maravilhosa destreza; fazia-se silêncio, um silêncio estranho, angustiada, quase vibrante de sofreadas violências, rompido, de onde em onde, pela voz monótona, sonolenta dos crupiês:

— *Messieurs, faites vos jeux!* [Senhores, façam seu jogo!]

Enquanto, mais para lá, em outras mesas, outras vozes, igualmente monótonas, diziam:

— *Le jeu est fait! Rien ne va plus!* [O jogo está feito, parem as apostas!]

No fim, o crupiê lançava a bolinha na roleta:

— Tiquetaque, tiquetaque...

E todos os olhos voltavam-se para ela, com variadas expressões: de ânsia, de desafio, de angústia, de terror. Alguns dentre os que estavam em pé, atrás dos que haviam tido a sorte de achar uma cadeira, chegavam à frente, para entrever ainda a sua parada, antes que os rodos dos crupiês se estendessem para arrebatá-la.

A bola, no fim, caía numa casa numerada, e o crupiê repetia, com a costumeira voz, a fórmula de praxe, anunciando o número que saía e a cor.

Arrisquei a primeira parada, de poucos escudos, na mesa da esquerda da primeira sala, assim, ao acaso, no vinte e cinco; e fiquei, eu também, olhando para a pérfida bolinha, mas sorrindo por causa de uma espécie de cócegas interiores, curiosas, no ventre.

A bola caiu na casa e:

— Vinte e cinco! — anunciou o crupiê. — *Rouge, impair et passe!* [Vermelho, ímpar e passe!]

Eu havia ganho! Já esticava a mão para o meu montinho multiplicado, quando um cavalheiro, de altíssima estatura e poderosos ombros demasiado para cima, que sustentavam uma pequena cabeça com óculos de ouro no nariz achatado, a testa baixa e descaindo para trás, o cabelo liso e comprido na nuca, entre louro e grisalho, tal como o bigode e a pêra, empurrou-me, sem muitas cerimônias, para o lado e tomou meu dinheiro para si.

Em meu pobre e timidíssimo francês, quis fazer-lhe notar que ele se enganara, oh, sem querer, evidentemente!

Era um alemão e falava francês pior do que eu, mas com uma coragem de leão: investiu contra mim, sustentando que o engano, ao contrário, era meu e que o dinheiro era dele.

Olhei à minha volta, pasmo: ninguém abria a boca, nem sequer o meu vizinho, que, no entanto, me vira pousar aqueles poucos escudos no vinte e cinco. Olhei para os crupiês: imóveis, impassíveis, como estátuas! “Ah, é?”, disse comigo, e, tranqüilamente, apanhei os outros escudos que pousara na mesinha à minha frente e saí de lá.

“Aí está um método *pour gagner à la roulette*”, pensei, “que não consta do meu opúsculo. E quem sabe se, no fundo, não é o único?”

Mas a sorte, não sei por que secretas finalidades, quis dar-me um solene e memorável desmentido.

Tendo-me aproximado de outra mesa, onde jogavam forte, fiquei, durante um bocado de tempo, esquadrinhando as pessoas que estavam a meu redor: eram, na maioria, cavalheiros de casaca; havia várias senhoras; mais de uma delas pareceu-me duvidosa. A vista de certo homenzinho louro, de grandes olhos azuis, estriados de sangue e orlados por longos cílios quase brancos, não me inspirou muita confiança, de início: também estava de casaca, mas era evidente que usá-la não lhe era habitual. Quis vê-lo à prova: apostou forte, perdeu, não se abalou, tomou a apostar forte, na jogada seguinte; bem, não seria homem de ir atrás do meu dinheirinho. Posto que escaldado pela primeira experiência, envergonhei-me da minha suspeita. Havia tanta gente por lá que atirava ouro e prata à farta, como se fosse areia, sem nenhum receio, e eu devia temer pela insignificância do que possuía?

Notei, entre outros, um jovem, pálido como cera, com um grosso monóculo no olho esquerdo, que afetava um ar de sonolenta indiferença; estava sentado sem modos; sacava seus luíses do bolso da calça, punha-os num número, ao acaso, e, sem olhar, puxando o pêlo do incipiente bigode, esperava que a bola caísse; então, perguntava ao vizinho se havia perdido.

Vi-o perder sempre.

O vizinho era um cavalheiro magro, extremamente elegante, com cerca de quarenta anos de idade; mas tinha o pescoço demasiadamente comprido e fino, o rosto quase sem queixo, com dois olhinhos vivos e bonitos e bastos cabelos, pretos como azeviche, levantados sobre a cabeça. Regozijava-se, evidentemente, em responder sim ao jovem. Ele, às vezes, ganhava.

Coloquei-me perto de um cavalheiro grandalhão, de pele tão morena que as olheiras e as pálpebras pareciam escurecidas com fumaça; tinha cabelo grisalho e fosco, a barbicha ainda quase inteiramente preta e crespa; irradiava força e saúde. Contudo, como se a corrida da bolinha de marfim lhe ocasionasse asma, punha-se, todas as vezes, a arquejar alto, irresistivelmente. As pessoas voltavam-se a olhar para ele; mas raramente ele dava por isso; aí, cessava, por um momento, olhava a seu redor, com um sorriso nervoso, e tomava a arquejar, não podendo evitá-lo, enquanto a bola não caísse na casa numerada.

Aos poucos, olhando, a febre do jogo apoderou-se também de mim. As primeiras jogadas correram-me mal. Depois, comecei a sentir-me como num estado de caprichosa embriaguez, curiosíssima: eu procedia quase automaticamente, ao impulso de repentinas, inconscientes inspirações; apostava, todas as vezes, depois dos outros, no último momento, e, sem demora, adquiria a consciência, a certeza de que ganharia; e ganhava. No início apostei pouco; depois, cada vez mais, e mais, sem contar. Enquanto isso, aquela espécie de lúcida embriaguez crescia dentro de mim e não se turvava por algum lance malsucedido, porque me parecia quase havê-lo previsto; ou, por outra, algumas vezes, até, eu dizia para mim mesmo: "Bem, este vou perdê-lo, *devo perdê-lo*". Estava como eletrizado. Em certo momento, tive a inspiração de arriscar tudo, pronto, não se fale mais nisso; e ganhei. Os ouvidos me zuniam; estava todo suado e gelado. Pareceu-me que um dos crupiês, como admirado da minha persistente sorte, estivesse me observando. Na extrema agitação em que me encontrava, senti, no olhar do homem, como um desafio e tomei a arriscar tudo, o que já era meu e o que

havia ganho, sem hesitar: minha mão foi parar em cima do mesmo número de antes, o trinta e cinco; estive na iminência de retirá-la; mas não, ali, ah, novamente, como se alguém me tivesse dado essa ordem.

Cerrei os olhos, devia estar muito pálido. Fez-se um grande silêncio e tive a impressão de que o fizessem só para mim, como se todos estivessem suspensos na minha terrível ansiedade. A bola rolou, rolou durante uma eternidade, com uma lentidão que exasperava, a cada instante, o insustentável suplício. Por fim, caiu.

Já esperava que o crupiê, com a costumeira voz (pareceu-me muito distante), devesse anunciar, como anunciou:

— *Trente cinq, noir, impair et passe.* [Trinta e cinco, preto, ímpar e passe.]

Apanhei o dinheiro e tive de afastar-me de lá, como um bêbado. Caí sentado no divã, exausto: encostei a cabeça no espaldar, pela necessidade repentina, irresistível, de dormir, de restaurar as forças com um pouco de sono. E já estava para ceder-lhe, quando senti sobre mim um peso, um peso material, que logo me fez reagir. Quanto havia ganho? Abri os olhos, mas tive de tornar imediatamente a fechá-los: minha cabeça girava. O calor, lá dentro, era sufocante. Como! Já era noite? Entrevia as luzes acesas. E durante quanto tempo, então, eu jogara? Levantei-me lentamente; saí.

Lá fora, no pátio interno, ainda era dia. O ar fresco me reanimou. Muita gente passeava ah: alguns, pensativos, solitários; outros, aos pares, aos grupos de três, conversando e fumando.

Eu observava todos. Novo no lugar, ainda não muito à vontade, teria desejado parecer, ao menos, um pouco como de casa; e estudava os que julgava mais desembaraçados. Eis, porém, que, quando menos o esperava, algum desses empalidecia, fitava o ar, emudecia, jogava fora o cigarro e, por entre as risadas dos

companheiros, fugia, tomando a entrar na sala de jogo. Por que riam os companheiros? Eu também sorria, instintivamente, olhando como um idiota.

— *A toi, mon chéri!* [Para você, meu querido!] — ouvi uma voz feminina um pouco rouca, dizer-me baixinho.

Voltei-me e vi uma das mulheres que haviam estado sentadas em volta da mesa oferecer-me, sorrindo, uma rosa. Guardava outra para si: acabava de comprá-las no balcão de florista lá no vestíbulo.

Quer dizer, então, que eu tinha um ar tão desajeitado e palerma?

Fui tomado de violenta irritação. Recusei, sem agradecer, e fiz menção de afastar-me; ela, porém, rindo, segurou-me pelo braço e, usando comigo, diante dos outros, um trato confidencial, falou-me baixinho, rapidamente. Pareceu-me compreender que me propunha jogar de parceria com ela, tendo assistido, pouco antes, aos meus lances de sorte: de acordo com as indicações minhas, ela apostaria por mim e por si.

Sacudi-me todo, com desdém, e fui embora, sem mais aquela. Pouco depois, entrando de novo na sala de jogo, vi-a conversando com um cavalheiro baixo, moreno, barbudo, de olhos um pouco vinhosos. Um espanhol, pelo aspecto. Dera-lhe a rosa que, pouco antes, ofertara a mim. Por alguns movimentos de ambos, percebi que falavam a meu respeito; e fiquei de sobreaviso.

Entrei em outra sala. Aproximei-me da primeira mesa, mas sem a intenção de jogar; e eis, pouco depois, aquele mesmo cavalheiro, sem mais a mulher, aproximar-se também da mesa, mas fingindo não notar a minha presença. Pus-me, então, a olhar para ele de modo decidido, para fazer-lhe compreender que me dera conta de tudo e que comigo, portanto, a manobra não surtia efeito.

Mas o homem não tinha minimamente o aspecto de um malandro. Vi-o jogar e jogar forte: perdeu três vezes seguidas; batia repetidamente as pálpebras, talvez pelo esforço que lhe custava a vontade de ocultar sua perturbação. No terceiro lance malsucedido, olhou para mim e sorriu.

Deixei-o ali e voltei para a outra sala, e para a mesma mesa onde, antes, eu ganhara.

Os crupiês tinham sido substituídos por outros. Lá estava a mulher, no lugar de antes. Mantive-me afastado, para que não me notasse, e a vi jogar modestamente e nem todas as vezes. Avancei-me, ela me avistou; estava para apostar e reteve-se, esperando, evidentemente, que eu jogasse, para pôr sua parada onde eu pusesse a minha. Mas esperou em vão. Quando o crupiê disse: "*Le jeu est fait! Rien ne va plus!*", olhei para ela, que ergueu um dedo, ameaçando-me, por brincadeira. Durante vários lances, não joguei; depois, novamente excitado pela vista dos outros jogadores e sentindo que a inspiração de antes tomava a acender-se em mim, não fiz mais caso da mulher e recomecei a jogar.

Por que misteriosa sugestão eu acompanhava assim, de maneira infalível, a imprevisível variabilidade dos números e das cores? Era apenas a prodigiosa adivinhação na inconsciência? E como se explicam, então, certas obstinações insensatas, loucas até, cuja recordação ainda me provoca calafrios, considerando que eu punha em risco tudo, tudo, talvez, mesmo, a vida, naquelas paradas, que eram verdadeiros desafios à sorte? Não, não; tive realmente o sentimento de uma força quase diabólica dentro de mim, naqueles momentos, por meio da qual eu domava, fascinava a sorte, ligando o seu capricho ao meu. E essa convicção não era somente minha; propagara-se aos outros, rapidamente; e, agora, já todos me acompanhavam em meu jogo arriscadíssimo. Não sei quantas vezes saiu o vermelho, em que me obstinava em jogar; jogava no zero e dava o zero. Até aquele jovem, que tirava os luíses do bolso da calça, renunciara à indiferença e afervorara-se; o cavalheiro

grandalhão e moreno arquejava cada vez mais. O rebuliço aumentava, a cada momento, em volta da mesa; eram frêmitos de impaciência, rompantes de gestos breves e nervosos, um furor contido a custo, angustiada, terrível. Os próprios crupiês haviam perdido sua rígida impassibilidade.

De repente, diante de um enorme acúmulo de lances, tive uma espécie de vertigem. Senti pesar sobre mim uma enorme responsabilidade. Estava quase em jejum, desde a manhã, e vibrava todo, tremendo, da longa e violenta emoção. Não pude mais resistir-lhe e, após esse lance, retirei-me, cambaleando. Senti que me agarravam por um braço. Excitadíssimo, com os olhos faiscando, o espanholzinho barbudo e atarracado queria reter-me a todo custo. Eram onze horas e quinze minutos, e os crupiês estavam convidando para as últimas três bolas: faríamos saltar a banca!

Falava-me num italiano degenerado, engraçadíssimo. E eu, que já não sabia a quantas andava, teimava em lhe responder na minha língua:

— Não, não, chega! Não agüento mais! Deixe-me ir, meu caro senhor.

Deixou-me ir; mas veio atrás de mim! Subiu comigo ao trem de volta para Nice e fez questão fechada de que fosse cear com ele e alojar-me no seu hotel.

Não me desagradou muito, de início, a admiração quase amedrontada que o homem parecia felicíssimo de me dedicar, como a um milagreiro. A vaidade humana não recusa, às vezes, tomar como pedestal até mesmo certa estima que ofende e o incenso acre e pestilento de certos turíbulos indignos e mesquinhos. Eu era como um general que tivesse ganho uma batalha duríssima e desesperada, mas por acaso, sem saber como. Já começava a dar-me conta disso, a reentrar em mim mesmo e, paulatinamente, ia crescendo o incômodo que me causava a companhia do homem.

No entanto, por mais que fizesse, assim que desci em Nice, não consegui me livrar: tive de ir cear com ele. E, então, confessou-me que ele é que me mandara, lá, no pátio do cassino, aquela mulherzinha de vida airada, em quem, havia três dias, ele grudava asas para fazê-la voar, nem que fosse de vôo rasteiro; asas de papel-moeda: dava-lhe algumas centenas de liras para fazer-lhe tentar a sorte. A mulherzinha devia ter ganho bastante, nessa noite, acompanhando o meu jogo, pois, à saída, não dera mais sinal de vida.

— Que posso fazer? A coitada terá encontrado coisa melhor. Sou velho, eu. E agradeço a Deus, até, que a tirou de cima de mim!

Contou-me que se encontrava em Nice fazia uma semana e que, todas as manhãs, fora a Monte Carlo, onde tivera sempre, até aquela noite, um azar inacreditável. Queria saber como é que eu fazia para ganhar. Sem dúvida, devia ter compreendido o jogo ou possuir alguma regra infalível.

Eu caí na risada e lhe respondi que até a manhã desse mesmo dia, nunca vira, nem pintada, uma roleta, e que não apenas não sabia, de nenhum modo, como se jogava, mas não suspeitava, nem de longe, que iria jogar e ganhar daquela maneira. Estava, por isso, ainda mais aturdido e deslumbrado do que ele.

Não se persuadiu. Tanto assim que, mudando habilmente o rumo da conversa (julgava, sem dúvida, estar às voltas com um refinado tratante) e falando com maravilhoso desembaraço naquela sua língua, metade espanhola e metade só Deus sabe o quê, acabou fazendo-me a mesma proposta para a qual tentara puxar-me, pela manhã, mediante o arpeú da tal mulherzinha.

— Mas não, tenha paciência! — exclamei, procurando, no entanto, atenuar o ressentimento com um sorriso. — O senhor pode, seriamente, teimar em acreditar que, para esse jogo, seja possível haver regras ou ter algum segredo? O que é preciso é sorte! Eu a

tive hoje; poderei não tê-la amanhã ou, também, poderei tê-la de novo; espero que sim!

— Mas por que o senhor — perguntou-me — não quis, hoje, aproveitar a sua sorte?

— Eu aprovei...

— Sim, como hei de dizer?, tirar o máximo proveito dela, **é** isso!

— Mas o fiz, na medida dos meus meios, caro senhor!

— *Bien!* — disse ele. — Eu posso pelo senhor. O senhor, a sorte; eu fornecerei o dinheiro.

— E, então, talvez acabemos perdendo! — concluí, sorrindo. — Não, não... Olhe! Se o senhor me julga, realmente, tão bafejado pela sorte, eu o serei no jogo; em tudo o mais, com certeza não. Vamos fazer assim: sem nenhum compromisso entre nós e sem a menor responsabilidade de minha parte, porque não quero ter nenhuma, o senhor aposte o seu muito onde eu apostar o meu pouco, como fez hoje: e, se tudo sair bem...

Não me deixou acabar: rompeu numa risada estranha, que pretendia parecer maliciosa, e disse:

— Eh, não, meu caro senhor! Não! Hoje, sim, fiz isso; não o farei amanhã, com toda a certeza! Se o senhor apostar forte comigo, muito bem! De outro modo, não o farei, com toda a certeza! Muito obrigado!

Olhei para ele, esforçando-me por compreender o que pretendia dizer: havia, sem dúvida, naquele riso e nas palavras, uma suspeita injuriosa para mim. Fiquei perturbado e pedi-lhe uma explicação.

Parou de rir; mas permaneceram em seu rosto como as marcas evanescentes do riso.

— Digo que não; que não o farei — repetiu. — Não digo mais nada!

Bati com força a mão na mesa e, com voz irritada, insisti:

— De jeito nenhum! E preciso, ao contrário, que diga, que explique o que pretendeu expressar com as suas palavras e o seu riso imbecil! Não compreendo!

Vi-o, à medida que eu falava, empalidecer e quase minguar; evidentemente, estava para se desculpar comigo. Levantei-me, indignado, dando de ombros.

— Ora, sabe que mais? Desprezo o senhor e a sua suspeita, que não chego sequer a imaginar!

Paguei minha nota e saí.

Conheci um homem respeitável e, também, digno, pelos dotes singularíssimos da inteligência, da maior admiração: não o era, porém, nem pouco nem muito, por um par de calças, se não estou enganado, claras, de xadrezinhos, demasiado aderentes às pobres pernas magras, que ele teimava em usar. As roupas que vestimos, seu corte, sua cor podem fazer pensar de nós as coisas mais esquisitas.

Mas eu sentia, agora, uma irritação tanto maior, porquanto me parecia não estar malvestido. Não trajava casaca, é verdade, e sim uma roupa preta, de luto, decentíssima. Além disso, se, usando eu essas mesmas roupas, aquele alemão de uma figa havia podido, inicialmente, tomar-me por um otário, a tal ponto que arrebatara para si, com a maior naturalidade, o meu dinheiro, como era possível, agora, que esse outro me tomasse por um espertalhão?

“Talvez seja por causa desta grande barba”, eu pensava, caminhando, “ou, então, deste cabelo demasiado curto...”

Procurava, enquanto isso, um hotel qualquer, para fechar-me num quarto e ver quanto havia ganho. Parecia-me estar cheio de dinheiro: tinha-o um pouco em toda parte, nos bolsos do paletó e das calças e nos do colete: ouro, prata, papel-moeda; devia ser muito, muito!

Ouvi baterem duas horas. As ruas estavam desertas. Passou uma carruagem vazia; subi nela.

Com quase nada, eu tinha conseguido cerca de 11 mil liras! Fazia muito tempo que eu não via dinheiro e, no começo, pareceram-me uma importância considerável. Mas, depois, pensando na minha vida de antigamente, senti uma grande humilhação por mim mesmo. O quê? Dois anos de biblioteca, com o acompanhamento de todas as outras desgraças, haviam, pois, amesquinhado o meu coração até esse ponto?

Mordi-me com meu novo veneno, olhando para o dinheiro ali, sobre a cama:

— Vá, homem virtuoso, pacato bibliotecário, vá, regresse para casa, a fim de aplacar, com este tesouro, a viúva Pescatore. Ela pensará que você o roubou e, imediatamente, passará a ter por você uma enorme consideração. Ou, então, vá, de preferência, para a América, como antes decidira, se isso não lhe parecer um prêmio digno das suas grandes fadigas. Agora, de posse desse dinheiro, poderia perfeitamente ir. Onze mil liras! Que fortuna!

Juntei o dinheiro, joguei-o dentro da gaveta da mesinha-de-cabeceira e deitei-me. Mas não pude pegar no sono. Que devia fazer, afinal? Voltar a Monte Carlo, para devolver aquele ganho extraordinário? Ou dar-me por satisfeito com ele e gozá-lo modestamente? Mas de que modo? Tinha ainda, porventura, ânimo e maneira de gozar o que quer que fosse, com a família que constituíra? Vestiria um pouco menos pobremente minha mulher, que não só não cuidava mais de agradar-me, senão que parecia

fazer de tudo para provocar minha ojeriza, permanecendo despenteada o dia todo, sem espartilho, de chinelas e com as roupas caindo de todos os lados? Julgava, talvez, que, para um marido como eu, não valia mais a pena fazer-se bonita? Aliás, após o grave perigo que correra no parto, não voltara a gozar de boa saúde. Quanto ao espírito, tomara-se cada dia mais azeda, não só contra mim, como contra todos. E esse rancor, bem como a falta de uma afeição viva e verdadeira, tinha entrado como a alimentar, nela, uma acidiosa indolência. Não se afeiçoara sequer à menina, cujo nascimento junto com a outra, falecida com poucos dias, fora para ela uma derrota, perante o bonito filho varão de Oliva, nascido cerca de um mês depois, sadio e sem dificuldades, após uma gravidez feliz. Todos esses desgostos, além disso, e os atritos que surgem quando a necessidade, como um mau gato de pêlo eriçado e preto vai deitar-se na cinza de um lar apagado, haviam tornado, a essa altura, a convivência odiosa para ambos. Com 11 mil liras poderia eu restabelecer a paz em casa e fazer renascer o amor, já perversamente assassinado no nascedouro pela viúva Pescatore? Loucura! E então? Partir para a América? Mas por que iria procurar a Fortuna tão longe, justamente quando parecia que ela tivesse desejado reter-me por aqui, em Nice, sem que eu pensasse nisso, diante daquela loja de apetrechos para jogo? Agora, era necessário que me mostrasse digno dela, de seus favores, se realmente, como parecia, queria concedê-los a mim. Ora, ora! Ou tudo ou nada. No pior dos casos, eu tomaria a ser o mesmo de antes. O que eram, afinal, 11 mil liras?

Então, no dia seguinte, regressei a Monte Carlo. E para lá regressei durante doze dias consecutivos. Não tive mais nem forma nem tempo de me espantar ante o favor, mais fabuloso que extraordinário, da sorte: estava fora de mim, enlouquecido. Não sinto pasmo tampouco agora, mesmo conhecendo, infelizmente, a peça que ela me preparava, ao favorecer-me daquela maneira e naquela medida. Em nove dias, cheguei a juntar uma quantia realmente enorme, jogando à louca; após o nono dia, comecei a perder e foi um rolar para o abismo. O estro prodigioso, como se

não encontrasse mais alimento em minha já esgotada energia nervosa, me abandonou. Eu não soube, ou melhor, não pude deter-me a tempo. Acabei parando, acordando, porém não por mérito meu, e sim pela violência de um espetáculo terrível, não raro, ao que parece, naquele lugar.

Eu ia entrando nas salas de jogo, na manhã do décimo segundo dia, quando o cavalheiro de Lugano apaixonado pelo número doze aproximou-se de mim, transtornado e ofegante, para anunciar-me, mais com gestos que com as palavras, que alguém, pouco antes, havia se matado, lá fora, no jardim. Pensei imediatamente que fosse o meu espanhol e fiquei com remorsos. Tinha certeza de que ele me ajudara a ganhar. No primeiro dia, depois da nossa briga, não quisera apostar onde eu apostava e perdera sempre. Nos dias seguintes, vendo-me ganhar com tamanha insistência, havia tentado acompanhar o meu jogo; mas, então, eu é que não tinha querido mais: como guiado pela própria mão da Fortuna, presente e invisível, fora passando de uma mesa para outra. Fazia dois dias que não o via mais: exatamente desde que eu havia começado a perder e, talvez, por causa de ter ele parado de me caçar.

Eu tinha certeza, ao correr para o local indicado, de encontrá-lo lá, estendido no chão, morto. Em lugar dele, no entanto, encontrei o jovem pálido que afetava um ar de sonolenta indiferença, retirando os luíses dos bolsos da calça para apostá-los sem olhar onde.

Parecia menor, lá, no meio da alameda; estava estirado ao comprido, de costas, com os pés juntos, como se, antes, houvesse se deitado, para não se machucar ao cair; um braço encontrava-se colado ao corpo, o outro, um pouco subido, com a mão crispada, e um dedo, o indicador, ainda dobrado na posição de quem atira. Junto dessa mão, estava o revólver; mais para lá, o chapéu. Pareceu-me, a princípio, que a bala tivesse saído pelo olho esquerdo, de onde muito sangue, agora coagulado, havia escorrido pelo rosto. Mas não: aquele sangue esguichara dali mesmo, assim como um pouco das narinas e dos ouvidos; outro, em grande quantidade,

jorrara do orifício, na frente direita, sobre o saibro amarelo da alameda, e lá estava todo agrumelado. Uma dúzia de vespas zumbia em seu redor; alguma ia se pousar, ávida, no olho. Entre tantos tolos que ficavam olhando, nenhum tinha pensado em enxotá-las. Tirei um lenço do bolso e o estendi sobre aquele pobre rosto horrivelmente desfigurado. Ninguém me ficou agradecido por isso: eu suprimira o melhor do espetáculo. Fugi de lá. Voltei para Nice, de onde parti no mesmo dia.

Levava comigo aproximadamente 82 mil liras.

Tudo eu poderia pensar, salvo que, na noite desse mesmo dia, devesse acontecer, também comigo, algo semelhante.

# 7

## Troco de Trem

Eu pensava:

“Vou resgatar a Stia e viver lá, no campo; serei moleiro. Nós nos sentimos melhor próximos da terra; e melhor ainda, talvez, debaixo dela.

“Qualquer profissão, afinal, tem seu consolo. Inclusive a de coveiro. O moleiro pode se consolar com o rumor das mós e com o pó da moedura, que voa pelo ar e o veste de farinha.

“Tenho certeza de que, por enquanto, não se mói um único saco, lá no moinho. Porém, assim que eu voltar a possuí-lo:

“‘Sr. Mattia, a tranqueta do eixo! Sr. Mattia, quebrou o mancai do cubo! Sr. Mattia, os dentes da segunda roda!’.

“Como quando mamãe ainda vivia e Malagna administrava.

“E, enquanto eu estiver tomando conta do moinho, o feitor vai me roubar os frutos dos campos; e se, ao contrário, eu cuidar destes, o moleiro vai me roubar a moenda, E o moleiro de cá e o feitor de lá continuarão nessa gangorra e eu no meio, a desfrutar.

“Seria melhor, talvez, que tirasse da venerável arca de minha sogra uma das velhas roupas de Francesco Antonio Pescatore, que a viúva protege com cânfora e pimenta, como sagradas relíquias, e com elas vestisse Marianna Dondi e a mandasse ser moleira e ficar de olho no feitor.

“Com certeza, o ar do campo faria bem à minha mulher. Ao vê-la, talvez caíam as folhas de uma ou outra árvore, os passarinhos

fiquem mudos; esperemos que não seque a nascente. E eu continuarei sendo bibliotecário, totalmente só, em Santa Maria liberal”.

Eu pensava dessa forma, e o trem, nesse meio tempo, corria. Eu não podia fechar os olhos, pois logo me aparecia, com terrível precisão, o cadáver daquele jovem, lá, na alameda, pequeno e deitado de costas, sob as grandes árvores móveis, na fresca manhã. Era obrigado, assim, a consolar-me com outro pesadelo, não tão sangrento, pelo menos materialmente: o de minha sogra e de minha mulher. E me deliciava a imaginar a cena da chegada, após os treze dias de misterioso desaparecimento.

Tinha certeza (parecia-me vê-las!) de que as duas aparentariam, quando eu entrasse, a mais desdenhosa indiferença. Só uma olhadela, como para dizer:

“Ora, novamente por aqui? Você não tinha partido a espinha dorsal?”.

Boca fechada elas, boca fechada eu.

Mas pouco depois, sem dúvida, a viúva Pescatore começaria a cuspir veneno, partindo do emprego que eu, talvez, perdera.

De fato, havia levado comigo a chave da biblioteca. À notícia do meu desaparecimento, tiveram de arrombar a porta, por ordem da polícia; e, não me encontrando lá dentro, morto, nem havendo, por outro lado, vestígios ou notícias da minha pessoa, os da prefeitura talvez tivessem esperado, durante três, quatro, cinco dias, uma semana, o meu regresso; depois, tinham dado o emprego a qualquer outro vadio.

Logo, o que eu estava fazendo ali, sentado? Tinha-me posto novamente, de minha própria iniciativa, no meio da rua? Pois que lá ficasse! Duas pobres mulheres não podiam ter a obrigação de

sustentar um vadio, um canalha da minha laia, que fugia daquela maneira, sabe-se lá para que outras façanhas etc. etc.

E eu, bico calado!

Aos poucos, a bÍlis de Marianna Dondi aumentava, por causa do meu irritante silêncio, aumentava, fervia, estourava. E eu permanecia quieto!

A certa altura, porém, sacaria do bolso interior do paletó a carteira e me poria a contar, na mesinha, minhas notas de mil: "Olhe aqui... aqui... aqui... e aqui...".

Olhos arregalados e boca escancarada de Marianna Dondi e, também, de minha mulher.

Depois: "Onde foi que você as roubou?".

"...setenta e sete, setenta e oito, setenta e nove, oitenta, oitenta e uma; quinhentas, seiscentas, setecentas: dez, vinte, vinte e cinco; oitenta e uma mil, setecentas e vinte e cinco liras e quarenta cêntimos no bolso."

Com calma, recolheria as cédulas, tornaria a guardá-las na carteira e me levantaria.

"Não me querem mais em casa? Então, muito obrigado. Vou-me embora e passem bem."

Assim pensando, eu ria.

Meus companheiros de viagem me observavam e, disfarçadamente, também sorriam.

Então, para assumir uma atitude mais séria, começava a pensar nos meus credores, entre os quais teria de repartir essas notas de

papel-moeda. Escondê-las, não podia. E, aliás, de que me serviriam, escondidas?

Desfrutá-las é que aqueles cães esfaimados certamente não me deixariam. Para recuperarem seu dinheiro, com o moinho da Stia e a produção do sítio, devendo, ainda por cima, pagar a administração, que devorava tudo, ela, também nisso, um moinho, quem sabe quantos anos ainda teriam de esperar. Agora, talvez, com uma oferta de pagamento à vista, eu me livraria deles em condições favoráveis. E ia calculando:

“Um tanto para aquela mosca-varejeira de Recchione; um tanto para Filippo Brisigo, e gostaria de que lhe servisse para pagar seu enterro: assim, não chuparia mais o sangue dos pobres!; um tanto para Cichin Lunaro, o turinês; um tanto para a viúva Lippani... Quem mais? Meu Deus, quanta gente ainda! O Delia Piana, Bossi e Margottini... Lá se foi todo o meu lucro!”

No final das contas, eu havia ganho em Monte Cario para eles! Que raiva, por aqueles dois dias de perda! Do contrário estaria de novo rico... rico!

Soltava, agora, certos suspiros tão profundos que fazia meus companheiros de viagem virarem-se, mais ainda que os sorrisos de antes. Mas eu não encontrava sossego. A chegada da noite era iminente: o ar parecia de cinza; e o tédio da viagem tornava-se insuportável.

Na primeira estação italiana, comprei um jornal, com a esperança de que me fizesse pegar no sono. Abri-o e, à luz da lâmpada elétrica, comecei a ler. Tive, assim, o consolo de saber que o Castelo de Valençay, leiloado pela segunda vez, tinha sido adjudicado ao sr. conde de Castellane, pela importância de 2 milhões e 300 mil francos. As terras em volta do castelo cobriam uma área de 2.800 hectares: a maior propriedade rural da França.

“Mais ou menos como a Stia...”

Li que o imperador da Alemanha havia recebido, em Potsdam, ao meio-dia, a embaixada marroquina, e que à recepção estivera presente o secretário de Estado, barão de Richtofen. A missão, apresentada, depois, à imperatriz, fora convidada a permanecer para o almoço e quem sabe como o devorara!

Também o czar e a czarina da Rússia receberam, em Peterhof, uma especial missão tibetana, que entregara a Suas Majestades os presentes do lama.

“Os presentes do lama?”, indaguei a mim mesmo, fechando os olhos, pensativo. “O que serão?”

Papoulas: porque adormeci. Mas papoulas de escasso poder: pouco depois, com efeito, acordei, a um sacolejo do trem, que parava em outra estação. Olhei para o relógio: eram oito horas e quinze minutos. Dentro de mais uma hora, portanto, chegaria.

Estava ainda segurando o jornal e o virei para procurar, na segunda página, algum presente melhor que os do lama. Meus olhos depararam com um

### Suicídio

assim, em negrito.

Pensei logo que podia tratar-se daquele de Monte Carlo e apressei-me a ler. Mas parei, surpreso, na primeira linha, impressa em letras miudíssimas: *“Telegrafam-nos de Miragno”*.

“Miragno? Quem será que se suicidou lá na minha aldeia?” Li:

“Ontem, sábado, 28, foi encontrado, na torrente de um moinho, um cadáver em estado de adiantada putrefação...”

De repente, minha vista se enevoou, ao parecer-me entrever, na linha seguinte, o nome do meu sítio; e, já que era difícil ler, só com

um olho, aquela minúscula letra de imprensa, pus-me de pé, para ficar mais perto da luz.

"...putrefação. O moinho está localizado num sítio chamado da Stia, a cerca de dois quilômetros da nossa cidade. Depois da chegada ao lugar da autoridade judiciária e de outras pessoas, foi o cadáver retirado da torrente para as verificações de lei, e colocado sob vigilância policial. Mais tarde, foi reconhecido como o nosso..."

O coração saltou em meu peito, e eu olhei, em pânico, para os meus companheiros de viagem, os quais dormiam.

"Depois da chegada ao lugar... retirado da torrente... e colocado sob vigilância policial... foi reconhecido como o do nosso bibliotecário..."

— Eu?

"Depois da chegada ao lugar... Mais tarde... como o do nosso bibliotecário Mattia Pascal, desaparecido havia vários dias. Causa do suicídio: dificuldades financeiras. "

— Eu? "Desaparecido... reconhecido... Mattia Pascal..."

Reli, com expressão feroz e o coração em tumulto» não sei mais quantas vezes, aquelas poucas linhas. No primeiro impulso, todas as minhas energias vitais insurgiram-se violentamente para protestar, como se a notícia, tão irritante em seu impassível laconismo, pudesse ser verdadeira também para mim. Mas, senão para mim, ela era verdadeira para os outros; e a certeza que tinham esses outros, desde a véspera, de minha morte, constituía, contra mim, uma violência intolerável, permanente, esmagadora... Olhei novamente para meus companheiros de viagem e, quase como se eles também, ali, debaixo dos meus olhos, repousassem naquela certeza, tive a tentação de sacudi-los de suas incômodas e penosas posições, sacudi-los, acordá-los, a fim de gritar-lhe que não era verdade.

— Possível?

E reli, mais uma vez, a espantosa notícia.

Não podia mais ficar naquela inatividade. Teria desejado que o trem parasse, teria desejado que corresse desabaladamente: sua marcha monótona, de autômato duro, surdo e pesado, fazia aumentar cada vez mais minha extrema ansiedade. Eu abria e fechava as mãos, sem parar, cravando as unhas nas palmas; amarrotava o jornal, tomava a alisá-lo para reler a notícia, que já sabia de cor, palavra por palavra.

— "*Reconhecido!*" Possível que me tenham reconhecido?... "*Em estado de adiantada putrefação...*" puh!

Vi-me, por um momento, lá, na água esverdeada da torrente, encharcado; inchado, repugnante, boiando... No horror instintivo, cruzei os braços sobre o peito e apalpei-me com as mãos, apertando-me:

Eu, não; eu, não... Quem terá sido? Com certeza se parecia comigo... Talvez ele também tivesse a barba como a minha... a mesma compleição que eu... E me reconheceram! "*Desaparecido havia vários dias...*" Pois é! Mas eu gostaria de saber, gostaria, mesmo, de saber quem se apressou, assim, em reconhecer-me. Possível que aquele desgraçado fosse tão parecido comigo? Vestido como eu? Tal e qual? Mas terá sido ela, talvez, ela, Marianna Dondi, a viúva Pescatore: oh! Recolheu-me imediatamente! Reconheceu-me imediatamente! Nunca alguma coisa lhe viera tão a calhar, ora! "*E ele, é ele! Meu genro! Ah, pobre Mattia! Ah, pobre filho meu!*" E, talvez, terá, também, desatado em pranto; terá, também, se ajoelhado junto ao cadáver daquele pobrezinho, que não pôde dar-lhe um pontapé e gritar-lhe: "Saia daí: eu não a conheço!".

Eu tremia. Finalmente, o trem parou em outra estação. Abri a porta e corri para fora na idéia confusa de fazer alguma coisa,

imediatamente: um telegrama, com toda a urgência, para desmentir a notícia.

O salto que dei do vagão me salvou: como se me tivesse expulsado do cérebro aquela estúpida idéia fixa, entrevi, num relance... mas claro! Minha libertação, a liberdade, uma nova vida!

Eu possuía 82 mil liras e não precisava mais dá-las a ninguém! Estava morto, estava morto: não tinha mais dívidas, não tinha mais mulher, não tinha mais sogra, ninguém! Livre, livre, livre! Que pretendia mais?

Pensando assim, devia ter ficado numa atitude muito esquisita, lá, na gare da estação. Havia deixado aberta a porta do vagão. Vi-me rodeado por várias pessoas, que me gritavam não sei o quê; uma delas, por fim, sacudiu-me e me empurrou, gritando em voz ainda mais alta:

— O trem vai partir!

— Pois deixe-o, deixe-o partir, meu caro senhor! — gritei-lhe. — Eu vou trocar de trem!

Assaltara-me, porém, uma dúvida: a dúvida sobre se aquela notícia já teria sido desmentida, se já teriam reconhecido o erro, em Miragno, se teriam aparecido os parentes do verdadeiro morto para corrigir a falsa identificação.

Antes de alegrar-me tanto, por conseguinte, devia averiguar bem o caso, ter notícias precisas, pormenorizadas. Mas como consegui-las?

Procurei o jornal nos bolsos. Deixara-o no trem. Virei-me para olhar os trilhos desertos, que se estendiam, brilhando, por um certo trecho, na noite silenciosa, e senti-me como perdido, no vazio, naquela pobre estaçõzinha secundária. Uma dúvida ainda mais forte assaltou-me, então: teria sonhado?

Que nada:

“Telegrafam-nos de Miragno. Ontem, sábado, 28...”

Pronto: podia repetir de cor, palavra por palavra, o telegrama. Não havia dúvida! Contudo, sim, era muito pouco, não podia me bastar.

Olhei a estação; li o nome: ALENGA.

Encontraria, nessa vila, outros jornais? Lembrei-me de que era domingo. Em Miragno, portanto, nessa manhã, saíra *Il Foglietto*, o único periódico que lá se publicava. Devia, a todo custo, conseguir um exemplar dele. Ali encontraria todas as notícias detalhadas de que precisava. Mas como ter a esperança de encontrar, em Alenga, *Il Foglietto*? Pois bem: telegrafaria, com um nome falso, para a redação do jornal. Conhecia o diretor, Miro Colzi, “Lodoletta” [Pequena Cotovia], como todos o chamavam em Miragno, desde o dia em que, juvenzinho, havia publicado, com esse título gentil, seu primeiro e último volume de versos.

Não seria, porém, para Lodoletta, uma ocorrência sensacional, aquele pedido de exemplares do seu jornal, vindo de Alenga? Com certeza, a notícia mais “interessante” da semana, e, por isso, a “prato forte” do número devia ser o meu suicídio. E não me arriscaria, por conseguinte, a que o inusitado pedido fizesse surgir alguma suspeita?

“Qual o quê!”, pensei, depois. “Lodoletta não pode imaginar, nem de longe, que eu não me afoguei de verdade. Procurará o motivo do pedido em algum outro ‘prato forte’ do seu número de hoje. Ele se bate valentemente, desde muito, contra a municipalidade, em favor do encanamento da água e da instalação do gás. Julgará, provavelmente, que o pedido se deve a essa ‘campanha.’”

Entrei na estação.

Por sorte, o cocheiro do único meio de transporte, o carro do correio, ainda se encontrava ali, conversando com os funcionários da ferrovia: o povoado ficava a cerca de 45 minutos, de carruagem, da estação, e o caminho era todo em subida.

Acomodei-me naquele calhambeque desconjuntado, sem lanternas; e lá fomos nós, na escuridão.

Eu precisava pensar em muitas coisas e, no entanto, de vez em quando, a violenta impressão, provocada pela leitura da notícia que me dizia respeito tão de perto, reavivava-se em mim, em meio àquele ermo negro e desconhecido; e sentia-me, então, durante um momento, no vazio, como pouco antes, diante da visão dos trilhos desertos: sentia-me assustadoramente desligado da vida, sobrevivente de mim mesmo, perdido, à espera de viver para além da morte, ainda sem entrever de que maneira.

Indaguei ao cocheiro, para distrair-me, se havia, em Alenga, uma agência de jornais.

— Como disse? Não, senhor.

— Não se vendem jornais em Alenga?

— Ah, sim, senhor! Vende-os o farmacêutico, Grottanelli.

— Há um hotel?

— Há a estalagem do Palmentino.

Descera da boléia, para aliviar um pouco o velho bucéfalo, que bufava com as ventas rentes ao chão. Eu mal chegava a vislumbrá-lo. A certa altura, acendeu o cachimbo e o vi, então, como de maneira intermitente, e pensei: “Se ele soubesse quem está levando...”.

Mas virei imediatamente a pergunta para mim mesmo: “Quem é que ele está levando? Nem eu mesmo sei mais. Quem sou eu, agora? E preciso que pense nisso. Um nome, pelo menos, um nome é indispensável que me dê a mim mesmo, sem demora, para assinar o telegrama e para não me ver atrapalhado se, depois, na estalagem, me perguntam qual é. Por enquanto, será suficiente que pense no nome. Vejamos! Como é que me chamo?”.

Jamais poderia imaginar que devesse encontrar tamanha dificuldade e provocar em mim tanto nervosismo a escolha de um nome e um sobrenome. O sobrenome, especialmente! Juntava sílabas ao acaso, assim, sem pensar: saíam certos sobrenomes como “Strozzani”, “Parbetta”, “Martoni”, “Bartusi”, que me irritavam ainda mais os nervos. Não encontrava neles nenhuma propriedade, nenhum sentido. Como se, afinal, os sobrenomes precisassem disso... Ora, vamos lá! Um qualquer... Martoni, por exemplo, por que não? Cario Martoni... Bem, pronto, acabou-se! Mas, pouco depois, dava de ombros: “Sim! Carlo Martello...”. E o nervosismo recomeçava.

Cheguei ao povoado sem haver-me decidido por nenhum deles. Felizmente, lá, com o farmacêutico, que era também funcionário postal e telegráfico, droguista, vendedor de artigos de papelaria, jornalista e não sei que mais, não foi preciso nome. Comprei um exemplar dos poucos jornais que lhe chegavam: jornais de Gênova, *Il Caffaro* e *Il Secolo XIX*; depois, perguntei se eu podia conseguir *Il Foglietto* de Miragno.

Tinha uma cara de coruja, esse Grottanelli, com dois olhos muito redondos, como de vidro, sobre os quais baixava, de onde em onde, quase a custo, certas pálpebras cartilaginosas.

— *Il Foglietto*? Não conheço.

— É um jornal de província, semanal — expliquei. — Gostaria de tê-lo. O número de hoje, está claro.

— *Il Foglietto*? Não conheço — ele repetia.

— Está bem! Não tem importância que o senhor não conheça: eu lhe pago a despesa para um vale telegráfico à redação. Gostaria de receber dez, vinte exemplares dele, amanhã ou o mais cedo possível. Pode ser?

Não respondia: com os olhos parados, sem nenhum olhar, continuava repetindo:

— *Il Foglietto*? Não conheço. — Finalmente, resolveu-se a fazer o vale telegráfico, sob ditado meu, indicando, como endereço para a remessa a sua farmácia.

E, no dia seguinte, após uma noite insone, sacudida por uma tempestuosa marulhada de pensamentos, lá, na estalagem do Palmentino, recebi quinze exemplares de *Il Foglietto*.

Nos dois jornais de Gênova, que tão logo ficara sozinho, tratara de ler, não tinha encontrado nenhuma referência. As mãos me tremiam ao abrir *Il Foglietto*. Na primeira página, nada. Procurei nas duas interiores e logo chamou minha atenção uma tarja de luto, no alto da terceira página e, logo abaixo, em grandes caracteres, o meu nome. Assim:

MATTIA PASCAL

†

Não havia notícias dele já fazia vários dias: dias de terrível consternação e de indescritível angústia para a desolada família; consternação e angústia compartilhadas pelos melhores dentre os nossos concidadãos, que o amavam e estimavam pela bondade da alma, pela jovialidade do gênio e por aquela natural modéstia que, juntamente com outros dotes, lhe permitia suportar, sem vileza e com resignação, os infortúnios, por causa dos quais, da

despreocupada abundância, vira-se reduzido, nos últimos tempos, a humilde condição.

Quando, depois do primeiro dia da inexplicável ausência, a família, preocupada, dirigiu-se à Biblioteca Boccamazza, onde ele, extremamente zeloso no desempenho de seu ofício, permanecia quase o dia inteiro, enriquecendo, com doudas leituras, sua viva inteligência, encontrou a porta fechada. Imediatamente, diante dessa porta fechada, surgiu a negra e alarmante suspeita — suspeita logo rechaçada pela enganosa esperança, que durou alguns dias, definhando à medida que estes passavam, de que se tivesse afastado da cidade por algum motivo secreto.

Mas, ai de nós!, a verdade, infelizmente, devia ser aquela!

A recente perda da mãe adoradíssima e, ao mesmo tempo, da única filhinha, depois da perda dos bens herdados, transtornara profundamente o espírito do nosso pobre amigo. Tanto assim que, há cerca de três meses, já ele tentara, pela primeira vez, em plena noite, pôr um fim a seus dias infelizes, lá, justamente, na torrente do moinho que lhe lembrava os passados esplendores de sua casa e seu tempo feliz.

...Nessun maggior dolore

Che ricordarsi dei tempo felice

Nella miséria...

Com lágrimas nos olhos e soluçando, contava-nos, diante do desfeito cadáver pingando água por todos os lados, um velho moleiro, fiel e devotado à família dos antigos patrões. Caíra a noite, lúgubre; uma lanterna vermelha havia sido colocada ali, no chão, junto do cadáver, guardado por dois Reais Carabineiros, e o velho Filippo Brina (que assinalamos à admiração das pessoas bem formadas) falava e chorava conosco. Conseguira ele, naquela triste noite, evitar que o infeliz levasse a cabo o violento propósito; mas

não se encontrou mais lá Filippo Brina, pronto para impedi-lo, dessa segunda feita. E Mattia Pascal ficou jazendo talvez uma noite toda e metade do dia seguinte, na torrente daquele moinho.

Não tentamos sequer descrever a cena dilacerante que se seguiu no lugar, quando, antes de ontem, ao anoitecer, a viúva desconsolada se encontrou diante dos miserandos despojos irreconhecíveis do seu querido companheiro, que fora reunir-se à filhinha.

A cidade inteira participou de sua dor e quis demonstrá-lo, acompanhando à última morada o cadáver, ao qual dirigiu breves e comovidas palavras de adeus o nosso assessor municipal cav. Pomino.

Enviamos à desditosa família, mergulhada em tamanho luto, ao irmão Roberto, distante de Miragno, os nossos mais sentidos pêsames e, com o coração exulcerado, dizemos, pela última vez, ao nosso bom Mattia: "Vale, querido amigo, vale!". [Adeus, em latim.]

M.C.

Mesmo sem essas duas iniciais, teria reconhecido Lodoletta como autor do necrológio.

Antes de qualquer coisa, confesso que a visão do meu nome, impresso ali, debaixo daquela risca preta, por mais que esperasse por isso, não apenas não me alegrou, em absoluto, como acelerou de tal maneira as batidas do meu coração que, após algumas linhas, fui obrigado a interromper a leitura. A "terrível consternação e a indescritível angústia" da minha família não me fizeram rir; e nem o amor e a estima dos meus concidadãos pelas minhas belas virtudes, nem o meu zelo no desempenho do ofício. A lembrança da tristíssima noite na Stia, depois da morte de mamãe e da minha filhinha, que havia sido como uma prova, e, talvez, a mais forte, do meu suicídio, surpreendeu-me, a princípio, como uma imprevista e

sinistra participação do acaso; em seguida, causou-me remorsos e abatimento.

Não! Eu não me havia suicidado por causa da morte de mamãe e da minha menininha, apesar de que, talvez, naquela noite, tivesse essa idéia! Tinha fugido, sim, em desespero, mas, agora, estava regressando de uma casa de jogo, onde a deusa Fortuna, da forma mais estranha, me havia sido favorável e continuava a ser-me favorável; e, em vez disso, outro se matara no meu lugar, outro, um forasteiro, com certeza, a quem eu roubava a tristeza dos parentes distantes e dos amigos e condenava, oh, supremo escárnio!, a sujeitar-se àquela falsa tristeza que não lhe pertencia, e até ao elogio fúnebre do empoadado *cavalier* Pomino!

Essa foi a primeira impressão à leitura do meu necrológio em *Il Foglietto*.

Contudo, depois meditei que, com certeza, aquele pobre homem não havia morrido por minha causa e que eu, se desse sinal de vida, não poderia com isso fazê-lo ressuscitar também; meditei que, aproveitando-me da sua morte, eu não apenas não enganava, de forma alguma, os seus parentes, mas, ao contrário, iria até lhes fazer um bem; para eles, com efeito, o morto era eu, e não ele, de maneira que podiam ainda julgá-lo desaparecido e esperar ainda, esperar que, mais cedo ou mais tarde, ele reaparecesse.

Restavam minha mulher e minha sogra. Eu devia, de fato, crer em sua dor pela minha morte, em toda aquela "indescritível angústia", na "cena dilacerante" do fúnebre "prato forte" de Lodoletta? Bastaria, que diabo!, abrir devagarinho um olho daquele pobre defunto, para notar que não era eu; e, mesmo admitindo que os olhos tivessem ficado no fundo da torrente, uma mulher, que realmente não queira, tenham paciência!, não pode confundir com tanta facilidade outro homem com seu próprio marido.

Elas se apressaram em me reconhecer naquele cadáver? A viúva Pescatore esperava, agora, que Malagna, emocionado e, quem sabe, não sem remorsos pelo meu bárbaro suicídio, fosse ajudar a pobre sobrinha viúva? Pois muito bem: se era bom para elas, ótimo para mim!

— Morto? Afogado? Uma pedra em cima e não se fale mais nisso!

Levantei-me, espreguicei os braços e dei um longo suspiro de alívio.

## 8

### Adriano Meis

De imediato, não para enganar os outros, que se quiseram enganar sozinhos, com uma leviandade talvez não detestável, no meu caso, mas seguramente não digna de louvação, e sim para obedecer à Fortuna e satisfazer uma necessidade que sentia, comecei a me transformar em outro homem.

Pouco ou nada podia me vangloriar do infeliz que, à força, tinham feito acabar miseravelmente seus dias na torrente de um moinho. Depois de tantas asneiras, talvez não merecesse melhor destino.

Agora, eu me encontrava só, e mais só do que assim não poderia estar no mundo, desligado, no presente, de todo vinculo e de toda obrigação, livre, novo, dono absoluto do meu nariz, sem mais o fardo do passado e tendo à frente o futuro, que poderia moldar a meu bel-prazer.

Ah, era um par de asas! Como me sentia leve!

O sentimento que as passadas vicissitudes me deram da vida não devia mais ter, agora, razão de ser, para mim. Eu precisava adquirir um novo sentimento da vida, sem me Valer, nem mesmo em medida mínima, da desgraçada experiência do falecido Mattia Pascal.

Estava em mim: podia e devia ser o autor do meu novo destino, na medida em que a Fortuna havia querido me conceder.

“E, antes de mais nada”, dizia para mim mesmo, “cuidarei bem desta minha liberdade: vou levá-la a passear comigo por caminhos planos e sempre novos e jamais lhe farei usar nenhuma roupa incômoda. Assim que o espetáculo da vida, em algum ponto, se me apresentar desagradável, fecharei os olhos e passarei a outra freguesia. Procurarei ater-me, de preferência, às coisas que se costuma chamar inanimadas e irei em busca de bonitas paisagens, de lugares agradáveis e tranquilos. Aos poucos, darei a mim mesmo uma nova educação, transformando-me, com paciente e dedicado estudo, de tal forma que, no fim, possa dizer não só que vivi duas vidas, mas que fui dois homens.”

Em Alenga, para começar, eu havia entrado, poucas horas antes de partir, numa barbearia, para mandar encurtar minha barba. Teria desejado tirá-la de todo, ali mesmo, juntamente com o bigode; porém me impedira o temor de provocar alguma suspeita no lugarejo.

O barbeiro era também alfaiate, velho, com as costas quase engomadas pelo longo hábito de manter-se curvado, sempre na mesma postura, e usava óculos na ponta do nariz. Mais que barbeiro, devia ser alfaiate. Despencou como um flagelo de Deus sobre aquela barbona, que já não me pertencia, armado de certas enormes tesouras, daquelas para mestre de corte e costura, que precisavam ser amparadas, na ponta, com a outra mão. Não me atrevi a dizer uma só palavra: fechei os olhos e só tornei a abri-los quando me senti sacudido de leve.

O homem, todo suado, apresentava-me um espelho, para que eu lhe dissesse se tinha feito bem o serviço.

Achei a pretensão demasiada.

— Não, obrigado — esquivei-me. — Guarde-o onde estava. Não desejaria assustá-lo.

Arregalou os olhos e:

— Assustar quem? — perguntou.

Esse pequeno espelho, ora bolas. E muito bonitinho! Deve ser antigo...

Era redondo, com o cabo de osso tauxiado: quem sabe que história tinha e como havia ido parar ali, naquela alfaiate-barbearia. Mas, por fim, para não desagradar ao dono, que continuava olhando para mim, espantado, segurei-o diante dos olhos.

Se fizera bem o serviço!

Entrevi, por aquele primeiro descalabro, que monstro sairia, breve, da necessária e radical modificação das feições de Mattia Pascal. Ali estava uma nova razão de ódio por ele! O queixo minúsculo, pontudo e recuado, que ele ocultara, durante anos a fio, debaixo da grande barba, pareceu-me uma traição. Agora, teria de trazê-la a descoberto, essa coisinha ridícula! E que nariz deixara-me como herança! E aquele olho!

“Ah, este olho”, pensei, “assim, estático para um lado, continuará sempre dele, na minha nova cara! Nada poderei fazer a não ser escondê-lo, da melhor maneira, atrás de um par de óculos de cor, que concorrerão, já se vê, para tornar o meu aspecto ainda mais amável... Deixarei crescer os cabelos e, com esta linda testa ampla, com os óculos e a cara raspada, parecerei um filósofo alemão. Sobrecasaca e chapelão de abas largas.”

Não havia meio-termo: com um aspecto daqueles, eu tinha de ser filósofo, forçosamente. Pois bem, paciência: trataria de munir-me de uma filosofia discreta e sorridente, a fim de passar como melhor pudesse no meio desta pobre humanidade, a qual, porquanto

tencionasse esforçar-me para evitá-lo, julgava difícil que não devesse mais parecer-me um pouco ridícula e mesquinha.

O nome foi-me quase oferecido no trem, poucas horas depois da partida de Alenga para Turim.

Viajava com dois senhores que discutiam animadamente de iconografia cristã, matéria em que ambos se mostravam bastante eruditos, para um ignorante como eu.

Um deles, o mais jovem, de rosto pálido, oprimido por uma basta e áspera barba preta, parecia experimentar grande e especial satisfação ao enunciar a notícia, que ele dizia antiqüíssima, sustentada por Justino Mártir, Tertuliano e não sei quem mais, segundo a qual Cristo teria sido muito feio.

Falava com um vozeirão cavernoso, que formava estranho contraste com seu ar de inspirado.

— Sim, sim, muito feio, feiíssimo! Mas também Cirilo de Alexandria! Sim, senhor, Cirilo de Alexandria chega até a afirmar que Cristo foi o mais feio dos homens!

O outro, que era um velhinho muito magro, tranqüilo em sua ascética magreza, mas com um vinco nos cantos da boca que traía a sutil ironia, sentado quase nas costas, com o comprido pescoço esticado como sob uma canga, sustentava, ao contrário, que não se devia confiar nos mais antigos testemunhos.

— Porque a Igreja, nos primeiros séculos, totalmente preocupada em consubstanciar em si mesma a doutrina e o espírito de seu inspirador, pouco se importava, aí está, pouco se importava com a aparência corpórea dele.

A certa altura, começaram a falar da Verônica e de duas estátuas na cidade de Paneas, que foram julgadas imagens do Cristo e da hemorroíssa.

— Mas claro! — asseverou o jovem barbudo. — Atualmente, não há mais a menor dúvida! Aquelas duas estátuas representam o imperador Adriano com a cidade ajoelhada a seus pés.

O velhinho continuava defendendo pacificamente sua opinião, que devia ser oposta, porque o outro, inabalável, olhando para mim, teimava em repetir:

— Adriano!

—...Beroníke, em grego. De Beroníke, depois: Verônica...

— Adriano! (para mim).

— Ou, então, *Verônica, vero icon*: corruptela muito provável..

— Adriano! (para mim).

— Porque a *Beroníke* do Atos de Pilatos...

— Adriano!

Repetiu "Adriano!" não sei mais quantas vezes, sempre com os olhos voltados para mim.

Quando os dois desceram em uma estação, deixando-me sozinho no compartimento, debrucei-me na janela, para acompanhá-los com o olhar: ainda discutiam, afastando-se. Em um certo ponto, porém, o velhinho perdeu a paciência e se pôs a correr.

— Quem diz isso? — perguntou-lhe em voz alta o jovem, parado, com um ar de desafio.

O outro, então, virou-se, para lhe gritar:

— Camillo de Meis!

Pareceu-me que, ele também, estivesse gritando o nome para mim, para mim, que, nesse meio-tempo, ia repetindo, maquinalmente:

— *Adriano...* — Joguei logo fora o “de” e mantive o “Meis”. — Adriano Meis! Sim... Adriano Meis: soa bem...

Pareceu-me, também, que esse nome se ajustava bem à cara barbeada e de óculos, ao cabelo comprido, ao chapelão e à sobrecasaca que deveria usar.

— Adriano Meis. ótimo! Batizaram-me.

Tendo apagado de mim, de repente, toda lembrança da vida anterior e firmado o pensamento na deliberação de começar, daquele ponto em diante, uma nova existência, eu me sentia penetrado e animado como por uma fresca alegria infantil, sentia minha consciência como renovada, pura e transparente, e meu espírito, vigilante e pronto a tirar proveito de tudo para a construção do meu novo eu. Nesse ínterim, a alma me entrava em efervescência, no júbilo da nova liberdade. Nunca havia visto, como via então, nem homens nem coisas: o ar, entre eles e mim, quase se aclarara de repente; e se me apresentavam fáceis e leves as novas relações que deviam estabelecer-se entre nós, posto que já muito pouco, agora, precisaria pedir-lhes, para a minha íntima satisfação. Oh, leveza deliciosa da alma; serena, inefável embriaguez! A sorte me libertara de todo envolvimento, de repente, afastara-me da vida comum, fizera de mim um espectador alheio à lida em que os outros ainda se debatiam e me dava, interiormente, a advertência:

— Verá, verá como vai lhe parecer curiosa, agora, olhando para ela, assim, de fora! Lá está um homem que estraga o fígado e faz zangar-se um pobre velhinho, só para sustentar que Cristo foi o mais feio dos homens...

Eu sorria. Tinha vontade de sorrir, assim, de tudo e para todas as coisas: para as árvores dos campos, por exemplo, que corriam ao meu encontro, com atitudes extremamente esquisitas, em sua ilusória fuga; para as chácaras espalhadas em vários pontos, onde gostava de imaginar camponeses com as bochechas inchadas soprando contra a neblina, inimiga das oliveiras, ou com os braços erguidos e os punhos fechados contra o céu, que não queria mandar água; e sorria para os passarinhos, que debandavam, assustados por aquela coisa preta, que corria pelos campos, retumbando; para o ondear dos fios do telégrafo, através dos quais passavam certas notícias destinadas aos jornais, como aquela, de Miragno, a respeito do meu suicídio no moinho da Stia; para as pobres mulheres dos guarda-cancelas, que apresentavam a bandeira enrolada, grávidas, com o chapéu do marido na cabeça.

Mas eis que, em certo ponto, meu olhar foi cair na pequena aliança que ainda trazia no dedo anular da mão esquerda. Recebi um choque violentíssimo: fechei os olhos e apertei a mão com a outra, tentando arrancar do dedo aquela pequena argola de ouro, assim, às escondidas, para não vê-la mais. Lembrei-me de que se abria e, no lado de dentro, trazia gravados dois nomes: "Mattia-Romilda", e a data do casamento. Que devia fazer dela?

Abri os olhos e fiquei durante bastante tempo carrancudo, observando-a na palma da mão.

Tudo, à minha volta, voltava a apresentar-se negro.

Era ainda um resto da corrente que me prendia ao passado! Pequeno anel, leve em si, e, no entanto, tão pesado! Mas a corrente já se partira, e, por conseguinte, que se fosse também o seu último anel!

Fiz menção de atirá-lo pela janela, porém me contive. Favorecido de forma tão extraordinária pelo acaso, não podia mais confiar nele. Agora, já devia acreditar que tudo era possível, até

isso: que um pequeno anel, atirado para o meio dos campos, encontrado, por pura casualidade, por um camponês e passando de mão em mão, com os dois nomes gravados em seu interior e a data, levasse a que fosse descoberta a verdade, ou seja, que o afogado da Stia não era o bibliotecário Mattia Pascal.

“Não, não”, pensei, “num lugar mais seguro... Mas onde?”

O trem, nesse momento, parou em outra estação. Olhei e, logo, surgiu em mim um pensamento, para cuja execução experimentei, no início, uma certa perplexidade. Digo-o, para que me sirva de desculpa junto das pessoas que apreciam os belos gestos, gente de escasso espírito de reflexão, que gosta de esquecer que a humanidade é também afligida por algumas necessidades, às quais, infelizmente, deve obedecer mesmo quem esteja possuído por uma dor profunda. César, Napoleão e, por indigno que possa parecer, também a mais linda mulher... Fiquemos por aí. Em um lado estava escrito “Homens” e no outro, “Senhoras”; e ali sepultei minha aliança de casamento.

Depois, menos para distrair-me do que para tentar dar alguma consistência à minha nova vida, baseada no vácuo, comecei a pensar em Adriano Meis, a imaginar-lhe um passado, a me indagar quem fora meu pai, onde eu nascera etc., calmamente, esforçando-me por ver e gravar bem tudo, nos mínimos detalhes.

Eu era filho único: quanto a isso, parecia-me que não havia mais o que discutir.

“Mais único do que eu... E, contudo, não! Sabe-se lá quantos outros são iguais a mim, encontram-se na mesma condição, meus irmãos. Deixa-se o chapéu ou o paletó, com uma carta no bolso, no parapeito de uma ponte, por cima de um rio; e, depois, em vez de se jogar lá embaixo, a pessoa vai sossegadamente para a América ou outro lugar. Alguns dias depois, alguém pesca um cadáver irreconhecível: será o da carta deixada no parapeito da ponte. E não

se fala mais nisso! É verdade que eu não fiz intervir a minha vontade: nem carta nem paletó nem chapéu... Mas sou, mesmo assim, como eles, com isto a mais: que posso gozar, sem nenhum remorso, da minha liberdade. Quiseram dar-me essa liberdade de presente, logo...

“Logo, digamos, filho único. Nascido...”, seria prudente não mencionar exatamente nenhum lugar de nascimento. Mas de que maneira? Não se pode nascer nas nuvens, tendo a lua como parteira, se bem que, na biblioteca eu tivesse lido que os antigos, entre muitos outros ofícios, faziam-na exercer também esse, e que as mulheres grávidas a chamavam em seu socorro, com o nome de Lucina.

“Nas nuvens, não; porém num navio, sim, por exemplo, pode-se nascer. Aí está ótimo! Nascido durante uma viagem. Meus pais estavam viajando... para que eu nascesse em um navio. Ora, sejamos sérios! Um motivo plausível para fazer viajar uma mulher grávida, às vésperas do parto... Será que meus pais haviam ido para a América? Por que não? Vai para lá tanta gente... Também Mattia Pascal, coitado, queria ir para lá. E, aí, essas 82 mil liras, vamos dizer que foi meu pai quem as ganhou, lá, na América? Que nada! Com 82 mil liras no bolso, ele esperaria que a esposa desse à luz a criança, no conforto, em terra firme. E, além disso, vamos deixar de conversa! Oitenta e duas mil liras, um emigrante já não as ganha com tanta facilidade, na América. Meu pai..., por falar nisso, como é que ele se chamava? Paolo Meis. Meu pai, Paolo Meis, tinha se iludido, como muitos outros. Havia batalhado com dificuldades, durante três, quatro anos; depois, perdidas as esperanças, escrevera de Buenos Aires uma carta para vovô...”

Ah, um avô, sim, um avô, eu fazia questão de tê-lo conhecido, um simpático velhinho, por exemplo, como aquele que havia descido pouco antes do trem, estudioso de iconografia cristã.

Misteriosos caprichos da fantasia! Por que inexplicável necessidade e de onde provinha que eu fosse levado a imaginar, naquele momento, meu pai, Paolo Meis, como um irresponsável e desajuizado? Sim, justamente; ele causara muitos desgostos a vovô: havia se casado contra a vontade dele e fugido para a América.

Também ele talvez sustentasse que Cristo era muito feio. E, com efeito, feio e indignado deve ter-lhe parecido por lá, na América, se, com a mulher prestes a dar à luz, mal recebera o auxílio de vovô, viera embora.

Mas por que motivo eu devia ter nascido em viagem? Não teria sido melhor nascer logo na América, na Argentina, digamos, poucos meses antes do retorno de meus pais à pátria? Sim! Aliás, vovô se compadecera do neto inocente; por mim, apenas por mim, ele perdoara o filho. Assim, eu, pequenininho, tinha atravessado o oceano, talvez na terceira classe; e, durante a viagem, apanhara uma bronquite e só não havia morrido por milagre. Muito bem! Era o que sempre me dizia vovô. Eu, porém, não devia lastimar, como normalmente se costuma fazer, o fato de não ter morrido então, com poucos meses. Não: porque, no fundo, que dores sofrerá eu, na vida? Uma só, para dizer a verdade: a da morte de vovô, com quem crescera. Meu pai, Paolo Meis, desmiolado e rebelde a todo e qualquer freio, fugira novamente para a América, após alguns meses, deixando a esposa e a mim com vovô; e lá morrera de febre amarela. Aos três anos, eu ficara órfão também de mãe e, por isso, sem memória de meus pais; SÓ com essas poucas notícias a seu respeito. Mas havia mais! Eu não sabia mesmo, com exatidão, o meu lugar de nascimento. Na Argentina, está bem! Mas onde? Vovô o ignorava, porque meu pai não lhe dissera nunca o nome ou porque o esquecera; e eu, com certeza, é que não podia me lembrar dele.

Resumindo:

a) filho único de Paolo Meis; b) nascido na América, na Argentina, sem maiores indicações; c) vindo para a Itália com

poucos meses (bronquite); d) sem lembranças nem quase notícias dos pais; e) crescido com o avô.

Onde? Um pouco em toda parte. Primeiro, em Nice. Lembranças confusas: Place Masséna, a Promenade, Avenue de la Gare... Depois, em Turim.

Estava indo para lá agora, propondo-me a uma porção de coisas: propunha-me a escolher uma rua e uma casa, onde vovô me deixara, desde a idade de dez anos, confiado aos cuidados de uma família, que eu imaginaria ali mesmo, para que tivesse todas as características locais; propunha-me a viver ou, melhor, correr com a fantasia, ali, na realidade, atrás da vida de Adriano Meis quando criança.

Essa criação fantástica, essa corrida no rasto de uma vida não realmente vivida, mas colhida gradualmente nos outros e nos vários lugares e adotada e sentida como se fosse minha, proporcionou-me uma alegria estranha e nova, não desprovida de certa tristeza, nos primeiros tempos de minha existência errante. Fiz dela uma verdadeira ocupação. Eu vivia não apenas no presente, mas, ainda, para o meu passado, ou seja, para os anos que Adriano Meis não vivera.

Nada ou muito pouco conservei daquilo que, antes, havia imaginado. Nada se inventa, sem dúvida, que não tenha uma raiz qualquer, mais ou menos profunda, na realidade; também as coisas mais estranhas podem ser verdadeiras e, aliás, nenhuma imaginação chega a conceber certas loucuras, certas aventuras inacreditáveis, que se desencadeiam e rebentam desde o seio tumultuoso da vida; ainda assim, como e quanto a realidade viva e palpitante se revela diferente das invenções que dela podemos tirar! De quantas coisas substanciais, extremamente miúdas, inimagináveis, necessitam nossas invenções, para voltarem a ser aquela mesma realidade de onde foram tiradas, de quantos fios tomem a prendê-las na

complicadíssima urdidura da vida, fios que nós mesmos cortamos para fazer com que elas se tornassem coisa independente!

Ora, o que era eu, a não ser um homem inventado? Uma invenção ambulante, que queria e, de resto, devia obrigatoriamente viver para si, apesar de mergulhada na realidade.

Assistindo à vida dos outros e observando-a nos detalhes, via-lhe os infinitos vínculos e, ao mesmo tempo, via os meus muitos fios partidos. Podia eu, agora, atar de novo esses fios à realidade? Sabe-se lá para onde me arrastariam; talvez se tornassem logo rédeas de cavalos com o freio nos dentes que levariam para o precipício a pobre biga da minha necessária invenção. Não. Eu devia atar de novo esses fios apenas à fantasia.

E seguia, nas ruas e nos jardins, os garotos de cinco a dez anos, estudando seus movimentos, suas brincadeiras, e recolhendo suas expressões, para compor aos poucos, com tudo isso, a infância de Adriano Meis. Consegui-o tão bem que ela, por fim, tomou, na minha mente, consistência quase real.

Não quis criar, para mim, uma nova mãe. Teria a impressão de profanar a memória, viva e dolorosa, de minha mãe verdadeira. Mas um avô, sim, o avô da minha fantasia inicial, esse eu quis criar.

Oh, de quantos vovozinhos reais, de quantos velhinhos, seguidos e estudados, um pouco em Turim, um pouco em Milão, um pouco em Veneza, um pouco em Florença, foi composto esse meu vovozinho! Tirava, de um, a tabaqueira de osso e o grande lenço xadrez vermelho e preto; de outro, a bengala; de um terceiro, os óculos e a barba passa-piolho; de um quarto, o jeito de andar e de assoar o nariz; de um quinto, a maneira de falar e de rir; e tudo isso gerou um velhote magro, um pouco birrento, amante das artes, um avozinho atrevido, que não quis que eu seguisse um curso regular de estudos, preferindo instruir-me ele mesmo, com a sua viva

conversação e levando-me consigo, de cidade em cidade, por museus e galerias.

Visitando Milão, Pádua, Veneza, Ravena, Florença, Perugia, tive-o sempre comigo, como uma sombra, esse meu vovô de fantasia, que, mais de uma vez, me falou também pela boca de algum velho cicerone.

Mas eu queria viver também para mim, no presente. De vez em quando invadia-me a idéia da minha ilimitada liberdade e experimentava, então, uma felicidade repentina, tão forte que quase me perdia nela, num êxtase de bem-aventurança; sentia-a penetrar-me no peito com uma respiração tão longa e ampla que me levantava o espírito todo. Só! Só! Só! Dono de mim mesmo! Sem ter de prestar contas a ninguém! Podia ir aonde bem entendesse: para Veneza?, então para Veneza!; para Florença?, então para Florença!; e aquela felicidade me acompanhava em toda parte. Ah! Lembro-me de um pôr-de-sol, em Turim, nos primeiros meses daquela nova vida, ao longo do Pó, perto da ponte que, por meio de uma barragem, contém a violência das águas, que ali fremem furiosas: o ar era de uma transparência maravilhosa, todas as coisas na sombra pareciam esmaltadas, naquela nitidez; e, olhando, senti-me tão ébrio da minha liberdade, que quase receei enlouquecer, não poder resistir-lhe por muito tempo.

Eu já havia concluído, da cabeça aos pés, minha transformação exterior: o rosto barbeado, com um par de óculos azul-claros e os cabelos compridos, artisticamente desarrumados, eu parecia, de fato, outro! Parava, algumas vezes, para conversar comigo mesmo, diante de um espelho, e caía na risada.

— Adriano Meis! Homem feliz! Pena que você precise se ver reduzido a uma cara desta... Mas, afinal de contas, que importância tem isso? Está tudo muito bem! Se não fosse por este olho *dele*, daquele imbecil, não seria tão feio assim, na esquisitice um tanto atrevida da sua figura. Faz rir um pouco as mulheres, isso, sim. Mas,

no fundo, a culpa não é sua. Se o outro não tivesse usado os cabelos tão curtos, não se veria obrigado, agora, a usá-los tão longos; e não é certamente pelo seu gosto, eu sei, que, agora, você anda por aí sem barba feito um padre. Paciência! Já que as mulheres riem... ria também: é o que pode fazer de melhor.

Eu vivia, além disso, comigo e de mim mesmo, quase exclusivamente. Trocava apenas algumas palavras com os hoteleiros, com os criados, com os vizinhos de mesa, mas jamais por vontade de encetar conversa. Ao contrário, pela reserva que guardava, percebi que não tinha, absolutamente, o gosto da mentira. Aliás, os outros também mostravam pouca vontade de falar comigo: talvez, por causa do meu aspecto, me tomassem por um estrangeiro. Lembro-me de que, visitando Veneza, não houve meio de tirar da cabeça de um velho gondoleiro a idéia de que eu era alemão ou austríaco. Eu tinha nascido na Argentina, mas de pais italianos, Minha verdadeira, digamos assim, "estranheidade" era bem outra e só eu a conhecia: eu não era mais nada, não estava inscrito em nenhum registro civil, exceto no de Miragno, mas como falecido, com o outro nome.

Não me incomodava com isso; no entanto, por austríaco, não, por austríaco não me agradava de passar. Jamais tivera a oportunidade de prestar atenção na palavra "pátria". Tinha mais em que pensar, antigamente! Agora, na ociosidade, havia começado a adquirir o hábito de refletir em muitas coisas, que nunca presumiria pudessem apresentar um mínimo interesse para mim. Para falar a verdade, caía nessa sem querer e, amiúde, acabava dando de ombros, enfadado. Mas, afinal, precisava ocupar-me de alguma coisa, quando me sentia cansado de andar e ver. A fim de fugir das reflexões aborrecidas e inúteis, punha-me, às vezes, a encher folhas inteiras de papel com a minha nova assinatura, experimentando escrever com outra letra, segurando a caneta de modo diferente de como a segurava antes. A certa altura, porém, rasgava a folha e atirava fora a caneta. Eu podia perfeitamente ser também

analfabeto! A quem precisava escrever? Não recebia nem podia mais receber cartas de ninguém.

Essa idéia, como muitas outras, aliás, fazia-me dar um mergulho no passado. Revia, então, a casa, a biblioteca, as ruas de Miragno, a praia; e perguntava a mim mesmo: "Romilda ainda estará vestida de preto? Talvez sim, para os olhos do mundo. Que andar ela fazendo?". E a imaginava como a havia visto, tantas e tantas vezes, lá em casa. E imaginava também a viúva Pescatore, que, com certeza, rogava pragas à minha memória.

"Nenhuma das duas", eu pensava, "terá ido, nem sequer uma só vez, visitar, no cemitério, aquele pobre homem que, afinal, morreu de maneira tão bárbara. Onde será que me enterraram? Talvez tia Scolastica não quisesse fazer por mim a despesa que fez por mamãe; e Roberto, ainda menos; deve ter dito: 'Quem o mandou fazer aquilo? Como bibliotecário, podia perfeitamente viver com duas liras por dia. Estarei jazendo, como um cão, no cemitério dos pobres... Bem, não vamos pensar nisso! Lamento-o pelo pobre homem, que talvez tivesse parentes mais humanos que os meus e que lhe dispensariam tratamento melhor. Mas, de resto, a ele também, agora, que lhe importa? Assim, não pensa mais nisso!'"

Durante algum tempo, continuei com minhas viagens. Quis transpor a fronteira da Itália: visitei as belas regiões do Reno, até Colônia, seguindo o curso do rio a bordo de um barco a vapor; demorei-me nas cidades principais: em Mannheim, em Worms, em Mogúncia, em Bingen, em Koblenz... Teria desejado ir mais ao norte de Colônia, mais ao norte da Alemanha, pelo menos até a Noruega; porém, depois, pensei que devia colocar um certo freio à minha liberdade. O dinheiro que possuía devia servir-me para a vida inteira e, para tal, não era muito. Eu poderia viver ainda uns trinta anos; e, assim, fora de todas as leis, sem ter em mãos nenhum documento que comprovasse a minha existência real, estava impossibilitado de conseguir qualquer emprego. Se não quisesse me reduzir à miséria, era preciso que me restringisse a viver com pouco. Feitas as contas,

não deveria gastar mais de 200 liras por mês: não eram muitas; mas eu já havia vivido com menos, durante dois anos e pouco, e não era sozinho. Por conseguinte, iria adaptar-me.

No verdade, já estava um pouco cansado daquele viajar pelo mundo, sempre só e mudo. Instintivamente, começava a sentir necessidade de um pouco de companhia. Dei-me conta disso num triste dia de novembro, em Milão, pouco depois de voltar da viagem pela Alemanha.

Fazia frio e, ao anoitecer, a chuva era iminente. Debaixo de um lampião, avistei um velho vendedor de fósforos; a caixinha da mercadoria, que o homem mantinha na frente do corpo com uma correia a tiracolo, não lhe permitia enrolar-se direito numa surrada capa que ele tinha nos ombros. Dos punhos apertados no queixo, um barbante pendia-lhe até os pés. Abaixei-me para olhar e descobri, entre seus grossos sapatos rotos, um cãozinho minúsculo, filhote de poucos dias, que tremia todo de frio e não parava de gemer, aconchegado no interior daquele abrigo. Pobre bichinho! Indaguei ao velho se o vendia. Respondeu-me que sim e que o venderia por pouco dinheiro, embora valesse muito: ah, que bonito cachorro, que grande cachorro se tornaria aquele animalzinho:

— Vinte e cinco liras...

O pobre cãozinho continuou tremendo, sem se orgulhar daquela avaliação: com certeza sabia que o dono, ao dar o preço, não estimara seus futuros méritos, e sim a imbecilidade que acreditara ler em meu rosto.

Enquanto isso, eu havia tido tempo de refletir em que, ao comprar o cão, estaria adquirindo, sem dúvida, um companheiro fiel e discreto, que, para me amar e ter-me em consideração, jamais me perguntaria quem eu era de verdade e de onde vinha e se os meus documentos estavam em ordem; mas teria, também, de pagar um imposto: eu, que não pagava mais nenhum! Pareceu-me como um

primeiro comprometimento da minha liberdade, como se fosse diminuí-la um pouco:

Vinte e cinco liras? Adeus! — disse ao velho vendedor de fósforos.

Enterrei o chapelão até os olhos e, debaixo da chuvinha miúda que o céu já começava a enviar, afastei-me, considerando, porém, pela primeira vez, que era boa, sim, sem dúvida, a minha ilimitada liberdade, mas também um pouco tirana, isso mesmo, tirana, se não me consentia nem ao menos comprar um cãozinho.

## 9

# Um Pouco de Neblina

Se o primeiro inverno tinha sido bastante frio, chuvoso ou nevoento, eu quase não notara, por entre as distrações das viagens e o inebriamento da nova liberdade. Agora, o segundo já me apanhava, como disse, um pouco cansado de perambular e decidido a impor-me um freio. E me dava conta de que... sim, havia um pouco de neblina, sim, e fazia frio; notava que, por mais que o meu espírito se recusasse a tirar disposições da cor do tempo, sofria, mesmo assim, sua influência.

“Vai ver que agora”, eu me censurava, “será preciso que não haja mais nuvens no céu, para que possa desfrutar serenamente a sua liberdade!”

Divertira-me à larga, viajando para cá e para lá: Adriano Meis havia tido, nesse ano, a sua juventude alegre e despreocupada; agora, fazia-se necessário que se tornasse homem, que se recolhesse, que adquirisse hábitos de vida quietos e modestos. Oh, isso lhe seria fácil, livre como estava e sem nenhuma obrigação!

Era o que me parecia; e comecei a pensar em que cidade me conviria fixar residência, visto que não podia continuar, por mais tempo, como pássaro sem ninho, se realmente tinha de criar para mim uma existência regular. Mas onde? Numa grande cidade ou numa pequena? Não sabia decidir-me.

Fechava os olhos e, com o pensamento, voava para as cidades que já visitara, passando de uma para outra, demorando-me em cada uma delas até rever com exatidão tal rua, tal praça, tal lugar, em suma, de que guardava mais viva recordação; e dizia:

— Aí, eu estive! Ora, quanta vida escapa ao meu conhecimento e que, apesar disso, continua fervilhando, de modo variado, aqui e acolá! E, contudo, em quantos lugares eu não disse: “Aqui desejaria ter uma casa! Aqui viveria com prazer!”. E invejei os habitantes, que, pacatamente, com seus hábitos e costumeiras ocupações, podiam lá morar, sem conhecer o penoso sentimento de precariedade que mantém suspenso o espírito de quem viaja.

Esse sentimento penoso da precariedade ainda me dominava e não me deixava amar a cama em que ia dormir e os vários objetos que havia à minha volta.

Cada objeto, em nós, costuma transformar-se de acordo com as imagens que evoca e agrupa, por assim dizer, em tomo de si. Certamente, de um objeto podemos gostar também em si mesmo, pela diversidade das sensações agradáveis que suscita em nós numa percepção harmoniosa; mas, com bem maior freqüência, o prazer que um objeto nos proporciona não se encontra no objeto em si mesmo. A fantasia o embeleza, cingindo-o e quase iluminando-o de imagens queridas. E, à nossa percepção, ele não mais se apresenta tal como é, mas como animado pelas imagens que suscita em nós ou que os nossos hábitos lhe associam. No objeto, em suma, amamos o que nele pomos de nós mesmos, o acordo, a harmonia que estabelecemos entre ele e nós, a alma que ele adquire somente para nós e que é constituída das nossas lembranças.

Ora, como podia acontecer tudo isso, para mim, num quarto de hotel?

Mas poderia eu, ainda, possuir uma casa, uma casa minha, totalmente minha? Meu dinheiro era meio escasso... Mas uma pequena casa modesta, de poucos quartos? Devagar: antes, era preciso refletir, considerar bem uma, porção de coisas. Decerto, livre, libérrimo, eu só poderia ser assim, de maleta na mão: hoje, aqui, amanhã, acolá. Parado num lugar, proprietário de uma casa, aí, já se sabe: registros e impostos na mesma hora! E não me inscreveriam

no Registro Civil? Claro que sim! E como? Com um nome falso? E, então, sabe-se lá, talvez investigações sigilosas a meu respeito, por parte da polícia... Enfim, complicações, trapalhadas!... Não: previa que não poderia mais ter uma casa minha, objetos meus. Iria morar de pensão na casa de alguma família, num quarto mobiliado. Devia apoquentar-me por tão pouco?

O inverno, era o inverno que me inspirava essas reflexões melancólicas, o aproximar-se das festas de Natal, que fazem desejar o calor de um cantinho amado, o recolhimento, a intimidade de um lar.

Com certeza não havia motivo para sentir saudade da minha casa. A outra, mais antiga, da casa paterna, a única de que poderia lembrar-me com saudade, já estava destruída desde muito, e não por causa do meu novo estado. Assim sendo, portanto, devia dar-me por satisfeito, pensando que não estaria mais alegre se passasse em Miragno, entre minha mulher e minha sogra (arrepia-me todo), aquelas festas de Natal.

Mesmo assim, para rir e me distrair, eu me imaginava segurando um bom *panettone*, em frente à porta da minha casa.

“— Com licença? Moram ainda aqui as sras. Romilda Pescatore, viúva Pascal, e Marianna Dondi, viúva Pescatore?”

“— Sim, senhor. Mas o senhor quem é?”

“— Eu seria o falecido marido da sra. Pascal, o pobre homem de bem que morreu no ano passado, afogado. O caso é que estou chegando às pressas do outro mundo, para passar as festas em família, com licença dos superiores. Vou já embora de novo!”

Revendo-me, assim de repente, morreria do susto a viúva Pescatore? Ela? Pois sim! Faria é morrer a mim, novamente, dois dias depois.

Minha sorte, precisava me convencer disso, minha sorte consistia, justamente, em haver-me livrado da mulher, da sogra, das dívidas, das humilhantes aflições da minha primeira vida. Agora, estava inteiramente livre. Não me era suficiente? O fato é que eu tinha ainda uma vida toda à minha frente. Por enquanto... quem sabe quantos outros estavam sós como eu!

“Sim, mas esses outros”, levava-me a refletir o mau tempo, a maldita neblina, “ou são estrangeiros ou têm casa em outro lugar, à qual, mais dia, menos dia, poderão voltar, ou, se não tiverem casa, como ocorre com você, poderão tê-la amanhã e, nesse meio-tempo, se abrigarão na casa hospitaleira de algum amo. Você, ao contrário, se quer saber a verdade, será sempre e em toda parte um estrangeiro: essa é a diferença. Estrangeiro da vida, Adriano Meis.”

Sacudia-me, irritado, exclamando:

— Pois seja! Poupei-me umas quantas maçadas. Não tenho amigos? Poderei tê-los...

No restaurante que eu freqüentava naqueles dias, um cavalheiro, meu vizinho de mesa, mostrara algum pendor para estreitar amizade comigo. Podia ter de quarenta anos para cima: mais ou menos careca, moreno, com óculos de ouro, que não lhe ficavam muito firmes no nariz, talvez devido ao peso da corrente, também de ouro. Ah, um amor de homenzinho, isso sim! Quando se levantava da cadeira e punha o chapéu, parecia logo outro: parecia um rapazinho. O defeito se achava nas pernas, tão curtas que nem lhe chegavam ao chão, quando estava sentado. Ele, na verdade, não se levantava da cadeira, mas descia dela. Procurava remediar o defeito usando saltos muito altos. Que mal há nisso? Bem, faziam excessivo barulho, esses saltos; contudo, tornavam tão graciosamente imperiosos seus passinhos de perdiz!

Além disso, era muito inteligente, talentoso, talvez um pouco caprichoso e volúvel, mas com pontos de vista seus, originais; e era,

também, *cavaliere*.

Dera-me seu cartão de visita: "*Cav. Tito Lenzi*".

A propósito desse cartão de visita, pouco faltou para eu transformar em motivo de infelicidade o vergonhoso papel, que me parecia ter feito, de não poder retribuir-lhe a cortesia. Ainda não tinha cartões de visita: sentia um certo escrúpulo em mandá-los imprimir com o novo nome. Tolices! Então, não se pode dispensar cartão de visita? Diz-se, de viva voz, o próprio nome e pronto.

Foi o que fiz; mas, para dizer a verdade, quanto ao meu verdadeiro nome... Fiquemos por aí.

Que lindas palestras sabia manter o *cav. Tito Lenzi*! Conhecida até o latim, citava Cícero como se nada fosse.

A consciência? Mas a consciência não serve, meu caro senhor! A consciência, como guia, não pode bastar. Bastaria talvez, mas só se fosse um castelo e não uma praça pública, por assim dizer; isto é, se conseguíssemos conceber-nos isoladamente e ela não estivesse, por sua natureza, aberta aos demais. Na consciência, a meu modo de ver, em suma, existe uma relação essencial... isso mesmo, essencial, entre mim, que penso, e os outros seres, objeto do meu pensamento. Portanto, ela não é um absoluto que baste a si mesmo, está me entendendo? Quando os sentimentos, as inclinações, os gostos desses outros, que são objeto do meu pensamento ou do seu, não se refletem em mim ou no senhor, nós não podemos sentir-nos satisfeitos nem tranquilos nem alegres; tanto é verdade, que todos lutamos para que nossos sentimentos, nossos pensamentos, nossas inclinações, nossos gostos se reflitam na consciência dos outros. E, se tal não acontece, porque... digamos assim, o ar, no momento, não é apropriado para transportar e fazer florir os germes, meu caro senhor... os germes da sua idéia na mente dos outros, o senhor não pode dizer Que a consciência lhe basta. Basta-lhe para quê? Para viver sozinho? Para estiolar-se na sombra? Ora,

ora! Escute; eu detesto a retórica, velha mentirosa e presunçosa, coruja de óculos. Foi a retórica, sim, senhor, que formulou esta frase com peito estufado: "*Tenho minha consciência e me basta*". Pois sim! Cícero, antes, havia dito: "*Mea mihi conscientia pluris est quam hominum sermo*" [Para mim, mais vale a minha consciência do que as opiniões dos homens]. Cícero, contudo, digamos a verdade, tinha muita eloqüência, mas quanto ao mais... Deus nos guarde e livre, meu caro senhor! Mais cacete que um principiante de violino!

Eu lhe teria dado um beijo! Só que o meu querido homenzinho não quis insistir nas sutis e sentenciosas palestras de que desejei, aqui, dar uma amostra; começou a enveredar pela familiaridade e eu, então, que já julgava fácil e bem encaminhada a nossa amizade, experimentei logo um certo embaraço, senti dentro de mim quase uma força que me levava a afastar-me e a retrair-me. Enquanto falou só ele e a conversação versou sobre assuntos vagos, tudo correu bem; mas, agora, o *cav.* Tito Lenzi queria que eu falasse.

— O senhor não é de Milão, certo?

— Não...

— Está de passagem?

— Estou...

— Bonita cidade, Milão, não é?

— Bonita, sim...

Eu parecia um papagaio amestrado. E, mais suas perguntas me apertavam, mais eu me afastava, com minhas respostas. E não tardei em chegar à América. Mas, tão logo soube que eu tinha nascido na Argentina, o homenzinho deu um pulo da cadeira e veio apertar-me calorosamente a mão.

— Ah, eu o felicito, meu caro senhor! Invejo-o! Ah, a América... Estive lá.

Estivera lá? Raios!

— Nesse caso — apressei-me em lhe dizer —, sou eu que devo felicitar-me com o senhor, que lá esteve, porque eu posso quase dizer que não estive, apesar de natural de lá; mas vim embora com poucos meses, de maneira que os meus pés, efetivamente, nunca tocaram o solo americano!

— Que pena! — exclamou, pesaroso, o *cav.* Tito Lenzi. — Mas terá parentes por lá, imagino!

— Não, ninguém...

— Ah, então, veio para a Itália com toda a família e aqui se radicou? Onde foi morar?

Encolhi os ombros.

— Sei lá! — suspirei, sobre brasas. — Um pouco aqui, um pouco acolá... Não tenho família e... e ando por aí!

— Que prazer! O senhor é um felizardo! Anda por aí... Não tem mesmo ninguém?

— Ninguém.

— Que prazer! O senhor é um felizardo! Invejo-o!

— O senhor, então, tem família? — quis perguntar-lhe, por minha vez, para desviar a conversa de mim.

— Que nada! Infelizmente — suspirou ele, franzindo o cenho. — Estou só e estive sempre só!

— Então, como eu!

— Mas eu me aborreço, meu caro senhor, eu me aborreço! — desabafou de supetão, o homenzinho. — A solidão, para mim... pois é, em suma, cansei-me. Tenho muitos amigos; mas, acredite, não é nada bom, com certa idade, a pessoa ir para casa e não encontrar ninguém. Sim! Há quem o compreende e há quem não o compreende, meu caro senhor, Quem o compreende está muito pior, porque, no fim, se vê sem energias e sem vontade. Quem o compreende, com efeito, diz: “Eu não devo tentar isto, não devo tentar aquilo, para não fazer esta ou aquela asneira”. Muito bem! Mas, a certa altura, percebe que a vida toda é uma asneira; e, aí, diga lá, o que significa não ter feito nenhuma delas? Significa, no mínimo, não ter vivido, meu caro senhor.

— Mas o senhor — tentei consolá-lo —, o senhor ainda está em tempo, por sorte...

— De fazer uma asneira? Mas já fiz tantas, pode crer! — respondeu com um gesto e um sorriso fugaz. — Viajei, andei por aí, como o senhor e... aventuras, aventuras... também algumas muito curiosas e picantes... sim, enfim, não me faltaram. Olhe, por exemplo, em Viena, uma noite...

Caí das nuvens. Como? Aventuras amorosas, ele? Três, quatro, cinco na Áustria, na França, na Itália... e também na Rússia? E que aventuras! Cada uma mais ousada do que a outra... Al vai, para dar outra amostra, um trecho de diálogo entre ele e uma mulher casada:

ELE: — Bem, quando se pensa nisso, eu sei, minha cara senhora... Trair o marido, meu Deus! A fidelidade, a honestidade, a dignidade... três palavras de muito peso. E mais: a honra!, outra palavra enorme. Porém, na prática, acredite, é outra coisa, minha cara senhora: coisa de pouquíssimo momento! Pergunte às suas amigas que já se aventuraram a fazê-lo.

A MULHER CASADA: — Sim, e todas elas experimentaram, depois, uma grande decepção!

ELE: — Pudera! É evidente! Porque, retidas por aquelas palavras de tanto vulto, levaram um ano, seis meses, demasiado tempo, enfim, para decidir-se. E a decepção resulta, exatamente, da desproporção entre a importância do fato e a excessiva preocupação com que o encararam. É preciso decidir-se de imediato, minha cara senhora! Penso, faço. É tão simples!

Era suficiente olhar para ele, era suficiente considerar um pouco sua compleição minúscula, ridícula, para perceber, sem necessidade de outras provas, que estava mentindo.

Ao espanto, seguiu-se, em mim, um profundo abatimento, um sentimento de vergonha por ele, que não se dava conta do lastimável efeito que deviam produzir, naturalmente, aquelas patranhas, e, também por mim, que via mentir com tamanha desenvoltura e tamanho gosto um homem como ele, que não tinha nenhuma necessidade disso; ad passo que eu, que não podia prescindir de fazê-lo, fazia-o, com muito esforço e sofrendo, até sentir, todas as vezes, a alma contorcer-se dentro de mim.

Abatimento e cólera. Tinha ganas de agarrar-lhe um braço e gritar-lhe:

— Mas desculpe, *cavaliere*, por quê? Por quê?

Se, porém, o abatimento e a cólera eram, em mim, naturais e justificados, compreendi, refletindo melhor, que a pergunta seria, no mínimo, tola. Com efeito, se ao meu querido homenzinho dava, assim, na veneta fazer-me acreditar em suas aventuras, a razão estava, justamente, em que ele não tinha nenhuma necessidade de mentir; ao passo que eu... eu era obrigado pela necessidade a fazê-lo. Aquilo que para ele, em suma, podia ser uma coisa divertida e quase o exercício de um direito era para mim, ao contrário, uma penosa obrigação, uma condenação.

E o que vinha depois dessa reflexão? Ai de mim: vinha que eu, condenado, inevitavelmente, a mentir, pela minha condição, nunca

mais poderia ter um amigo, um verdadeiro amigo. Portanto, nem casa nem amigos... Amizade quer dizer confiança; e como poderia confiar a alguém o segredo de minha vida sem nome e sem passado, nascida, como um cogumelo, do suicídio de Mattia Pascal? Eu podia ter apenas relações superficiais, permitir-me apenas, com os meus semelhantes, uma breve troca de palavras que não me afetassem.

Pois bem, eram os inconvenientes da minha sorte. Paciência! Iria desanimar por isso?

“Viverei comigo e de mim, como vivi até agora!”

Sim; no entanto, para dizer a verdade, temia que não iria contentar-me e dar-me por satisfeito só com a companhia de mim mesmo. Além disso, tocando-me a cara e descobrindo-a sem barba, passando a mão em meu cabelo comprido ou endireitando os óculos no nariz, experimentava uma estranha impressão: a de não ser mais eu, a de não estar tocando-me a mim mesmo.

Vamos ser justos: eu reduzira meu rosto ao que era, somente pelos outros, não por mim. Devia, agora, estar comigo mesmo mascarado daquele jeito? E se tudo o que havia fingido e imaginado de Adriano Meis não devia servir para os outros, para quem devia servir? Para mim? Mas eu, quando muito, podia acreditar nisso só se os outros acreditassem.

Ora, se esse Adriano Meis não tinha a coragem de dizer mentiras, de meter-se pela vida adentro, e, ao contrário, apartava-se e voltava para o hotel, cansado de ver-se sozinho, naqueles tristes dias de inverno, pelas ruas de Milão, e trancava-se na companhia do finado Mattia Pascal, eu previa que minha vida começaria a correr mal, que, enfim, não me estavam preparando nada de divertido e que a linda sorte que tivera, em tal caso...

Mas a verdade talvez fosse esta: que, na minha liberdade ilimitada, era-me difícil começar a viver fosse lá como fosse. No

momento de tomar uma decisão, sentia-me como sofreado, parecia-me ver uma porção de empecilhos e sombras e obstáculos.

E voltava a sair, e meter-me de novo pelas ruas. Observava tudo, parava por qualquer insignificância, refletia longamente a respeito das coisas mais sem importância; cansado, entrava num bar, lia algum jornal, olhava as pessoas que entravam e saíam e, por fim, saía também. Mas a vida, ao observá-la desse modo, como espectador estranho, parecia-me, agora, sem substância e sem finalidade; sentia-me perdido naquela multidão. E, enquanto isso, o estardalhaço e a incessante agitação da cidade me perturbavam.

“Mas por que os homens”, perguntava a mim mesmo, “se esforçam assim para tomar cada vez mais complicado o mecanismo da sua vida? Por que todo esse barulho de máquinas? E que fará o homem, quando as máquinas fizerem tudo? Compreenderá, então, que o chamado progresso nada tem a ver com a felicidade? Mesmo admirando-as, que alegria experimentamos por todas as invenções com as quais a ciência acredita honestamente que enriquece a humanidade (e a empobrece, porque custam tão caro)?”

Num bonde elétrico, na véspera, tinha deparado com um pobre homem, desses que não podem prescindir de comunicar aos outros tudo o que lhes vai pela cabeça.

— Que bonita invenção! — ele me dissera. — Com dez cêntimos, em poucos minutos, percorro meia Milão.

Via apenas os dez cêntimos do preço da passagem, o coitado, e não pensava em que o seu salário ia embora todo ele, e não lhe bastava para viver atordoado por aquela vida ruidosa, com o bonde elétrico, a luz elétrica etc. etc.

E, no entanto, a ciência, eu pensava, tem a ilusão de tornar a vida mais fácil e mais cômoda! Porém, mesmo admitindo que a torne, de fato, mais fácil, com todas as suas máquinas tão difíceis e complicadas, pergunto:

— E que pior serviço, para quem esteja condenado a uma labuta inútil, que o de lhe tornar essa labuta fácil e quase mecânica?

Regressava ao hotel.

Lá, num corredor, no vão de uma janela, estava pendurada uma gaiola com um canário. Não podendo fazê-lo com os outros e não sabendo o que fazer, punha-me a conversar com ele, com o canário: imitava-lhe o chilreio com os lábios, e ele, realmente, pensava que alguém lhe estivesse falando e ficava escutando e, talvez, colhia no meu pipiar saudosas notícias de ninhos, de folhas, de liberdade... Agitava-se na gaiola, virava-se, dava pulos, olhava de lado, sacudindo a cabecinha; depois, respondia-me, perguntava mais, voltava a escutar. Pobre passarinho! Ele, sim, me entendia, enquanto eu não sabia o que lhe dissera...

Pois bem, se refletirmos, não ocorre algo semelhante também a nós, os homens? Não pensamos, também, que a natureza nos fala? E não nos parece colher um sentido em suas vozes misteriosas, uma resposta, de acordo com os nossos desejos, às complicadas perguntas que lhe dirigimos? Enquanto isso, a natureza, em sua grandeza infinita, talvez não tenha nem a mais distante percepção de nós e da nossa vã ilusão.

Mas vejamos a que conclusões uma brincadeira, sugerida pelo ócio, pode levar um homem condenado a viver só consigo mesmo! Eu quase tinha vontade de dar-me bofetões. Quer dizer, então, que eu estava seriamente para tornar-me um filósofo?

Não, não, meu comportamento não era lógico. Dessa maneira, eu não poderia continuar por mais tempo. Fazia-se necessário que vencesse todo o escrúpulo e tomasse, a qualquer custo, uma decisão.

Eu devia, em suma, viver, viver, viver.

# 10

## Pia de Água Benta e Cinzeiro

Alguns dias depois, eu me encontrava em Roma, para ali fixar residência.

Por que Roma e não outro lugar? O verdadeiro motivo percebo agora, depois de tudo o que me ocorreu, mas não o direi, para não estragar a narrativa com reflexões, as quais, a esta altura, seriam inoportunas. Naquela oportunidade, escolhi Roma porque gostei mais dela que de outra cidade qualquer e, ademais, porque me pareceu mais apropriada para hospedar com indiferença, entre tanta gente de fora, um forasteiro como eu.

A escolha da moradia, ou seja, de um quartinho decente, em alguma rua tranqüila, na casa de uma família discreta, não me foi nada fácil. Por fim, encontrei-a na rua Ripetta, com vista para o rio. Para dizer a verdade, a primeira impressão que tive da família que devia hospedar-me foi pouco favorável; tanto assim que, de regresso ao hotel, fiquei longo tempo em dúvida sobre se não me convinha continuar a procurar.

Na porta, no quarto andar, havia duas placas: PALEARI, no lado de cá, PAPIANO, no de lá; debaixo desta, um cartão de visita, pregado com duas tachinhas de cobre, onde se lia: "Silvia Caporale".

Quem me abriu a porta foi um velho de uns sessenta anos (Paleari? Papiano?); vestia ceroulas de linho, com os pés descalços dentro de um par de chinelos imundos, o torso nu, rosado, balofo, sem um pêlo, as mãos ensaboadas e um efervescente turbante de espuma na cabeça.

— Oh, desculpe! — exclamou. — Pensei que fosse a criada... Um momentinho só: encontra-me assim... Adriana! Terenzio! Depressa, vamos! Não está vendo que está aqui um senhor... Tenha paciência um momentinho; entre... O que deseja?

— E aqui que se aluga um quarto mobiliado?

— Sim, senhor. Aqui está minha filha: fale com ela. Vamos, Adriana, o quarto!

Surgiu, toda confusa, uma mocinha muito miúda, loura, pálida, com olhos azuis, doces e tristes, tal como o rosto todo. Adriana, como eu! “Vejam só!”, pensei. “Nem que fosse de propósito!”

— Mas onde está Terenzio? — perguntou o homem com o turbante de espuma.

— Oh! Meu Deus, papai, você sabe muito bem que está em Nápoles, desde ontem. Saia daqui. Se você se visse... — respondeu-lhe a mocinha, envergonhada, numa vozinha carinhosa que, mesmo na leve irritação, exprimia a brandura de seu caráter.

O homem retirou-se, repetindo:

— Ah, é! Ah, é! — arrastando os chinelos e continuando a ensaboar a cabeça calva e, também, a basta barba grisalha.

Não pude deixar de sorrir, porém de forma benévola, para não envergonhar ainda mais a filha. Esta entrefechou os olhos, como para não ver o meu sorriso.

A princípio julguei-a uma menina; depois, observando melhor a expressão de seu rosto, percebi que já era mulher e que por isso, talvez, era obrigada a usar aquele roupão, que a tornava um pouco deselegante, por não se adaptar ao corpo e às feições dela, tão miudinha. Vestia luto leve.

Falando em voz muito baixa e evitando olhar para mim (quem sabe a impressão que lhe fiz, no começo!), levou-me, ao longo de um corredor escuro, até o quarto que eu devia alugar. Depois que a porta se abriu, senti meu peito dilatar-se ao ar, à luz que penetravam por duas amplas janelas sobranceiras ao rio. Via-se, muito ao fundo, Monte Mario, a Ponte Margherita e todo o novo bairro de Prati até Castel Sant'Angelo; dominavam-se, dali, a velha Ponte de Ripetta e a nova, que estava em construção ao lado; mais adiante, a Ponte Umberto e todo o velho casario de Tordinona, que acompanhava a ampla curva do rio; ao fundo, deste outro lado, descortinavam-se as verdes alturas do Gianicolo, com o grande chafariz de São Pedro in Montorio e a estátua eqüestre de Garibaldi.

Devido a essa grandiosa paisagem, aluguei o quarto, que, além disso, era decorado, com graciosa simplicidade, por uma tapeçaria clara, branca e azul-celeste.

— Esta pequena varanda, aqui ao lado — fez questão de dizer-me a garota de roupão —, também nos pertence; por enquanto, pelo menos. Vão derrubá-la, dizem, porque faz *aggetto*... [saliência, em arquitetura]

— Faz... o quê?

— *Aggetto*: não se diz assim? Mas vai levar ainda muito tempo, antes que o Lungotevere [Artéria ao longo do rio Tibre] esteja concluído.

Ao ouvi-la falar baixinho, com tanta seriedade, vestida daquela maneira, sorri e disse-lhe:

— Ah, é?

Ficou ofendida. Baixou os olhos e apertou um pouco o lábio entre os dentes. Para ser-lhe agradável, então, também lhe falei com gravidade.

— E... desculpe, senhorita: não há meninos em casa, não é?

Meneou a cabeça sem abrir a boca. Talvez sentisse ainda, na minha pergunta, um sabor de ironia, que eu, porém, não tencionava pôr. Dissera "meninos" e não "meninas". Apressei-me em remediar, mais uma vez:

— E... diga-me, senhorita: aqui não alugam outros quartos, não é?

— Este é o melhor — respondeu, sem olhar para mim. — Se não for da sua conveniência...

— Não, não... Perguntei só para saber se...

— Alugamos outro—disse ela, então, erguendo os olhos, com ar de indiferença forçada. — Do lado de lá, na frente... dando para a rua. Está ocupado por uma moça que já está conosco, agora, há dois anos: dá aulas de piano... mas não em casa.

Dizendo isso, esboçou um sorriso muito leve e triste. Acrescentou:

— Somos eu, papai e meu cunhado...

— Paleari?

— Não, Paleari é papai; meu cunhado se chama Terenzio Papiano... Mas irá embora, juntamente com o irmão, que, por enquanto, também mora aqui, conosco. Minha irmã morreu... faz seis meses.

Para mudar de assunto, perguntei-lhe quanto deveria pagar de aluguel. Pusemo-nos imediatamente de acordo; perguntei-lhe, também, se era preciso deixar um sinal.

— Fica a seu critério — respondeu. — Primeiro, em todo caso, se quer deixar o nome...

Apalpei-me o peito, sorrindo nervosamente, e disse:

— Nem ao menos... nem ao menos tenho um cartão de visita... Chamo-me Adriano, sim, justamente: ouvi que a senhorita também se chama Adriana. Talvez lhe desagrade...

— Oh! Não! Por quê? — fez ela, notando, evidentemente, o meu curioso embaraço e rindo, agora, como uma verdadeira menina.

Também ri e acrescentei:

— Pois então, se não lhe desagrada, eu me chamo Adriano Meis: pronto! Poderia vir morar aqui hoje mesmo, à noite? Ou talvez seja melhor voltar amanhã cedo...

Respondeu: “Como quiser”, mas fui embora com a impressão de que lhe daria um grande prazer se não voltasse mais. Eu ousara nada menos do que não levar na devida consideração o seu roupão.

Pude constatar, no entanto, alguns dias depois, que a pobre garota era realmente obrigada a usar esse roupão, que de muito bom grado talvez dispensasse. Todo o peso da casa gravava nas suas costas e ai de nós se ela não estivesse lá!

O pai, Anselmo Paleari, o velho que me recebera com um turbante de espuma na cabeça, tinha também igual, como de espuma, a cabeça. No mesmo dia em que entrei na casa, ele se apresentou, menos, disse, para desculpar-se de novo da maneira pouco decente em que me aparecera da primeira vez, do que pelo prazer de travar conhecimento comigo, tendo eu um aspecto de estudioso ou de artista, talvez:

— Estou enganado?

— Está enganado. Artista... de forma alguma! Estudioso, assim, assim... Gosto de ler um livro ou outro.

— Oh, mas tem alguns muito bons! — disse, olhando as lombadas dos poucos que eu já dispusera na pequena estante da escrivaninha. — Mais tarde, outro dia, vou lhe mostrar os meus, não é? Também tenho alguns muito bons. Sei lá!

Deu de ombros e ficou ali, observando, com os olhos vagos, sem se lembrar, evidentemente, de mais nada, nem de onde ou com quem estava: repetiu, mais duas vezes: “Sei lá! Sei lá!” com os cantos da boca contraídos para baixo, e virou-me as costas, para ir embora, sem se despedir.

Isso me causou, no momento, um certo espanto; mas depois, quando ele, em seu quarto, me mostrou os livros, como havia prometido, compreendi não apenas aquela distração mental, como muitas outras coisas. Os livros tinham títulos deste gênero: *La Mort et Vau-delà*; *L'Homme et Ses Corps*; *Les Sept Príncipes de l'Homme*; *Karma*; *La Clef de la Théosophie*; *ABC de la Théosophie*; *La Doctrine Secrète*; *Le Plan Astral* etc.

O sr. Anselmo Paleari era adepto da escola teosófica.

Havia sido aposentado, chefe de seção de não sei que ministério, antes do tempo, e, dessa forma, tinham-no arruinado, não só financeiramente, senão ainda porque, livre e senhor do seu tempo, mergulhara inteiramente nesses estudos fantásticos e em nebulosas meditações, desinteressando-se cada vez mais da vida material. Metade da sua pensão de aposentado, pelo menos, ia-se, provavelmente, na compra desses livros. Já formara uma pequena biblioteca. A doutrina teosófica, no entanto, não devia satisfazê-lo por completo. Com certeza, roía-o o caruncho da crítica, porque, ao lado dos livros de teosofia, possuía, também, uma rica coleção de ensaios e estudos filosóficos, antigos e modernos, bem como livros

de pesquisa científica. Nos últimos tempos, entregara-se, também, a experiências espíritas.

Ele tinha descoberto, na srta. Silvia Caporale, professora de piano, sua inquilina, extraordinárias faculdades mediúnicas, ainda não bem desenvolvidas, para falar a verdade, mas que, sem dúvida, se desenvolveriam, com o tempo e com a prática, até se revelarem superiores às de todos os médiuns mais famosos.

Pelo que me consta, posso afirmar que jamais tinha visto, num rosto vulgar e feio, de máscara de carnaval, um par de olhos mais magoados que os da srta. Silvia Caporale. Eram muito pretos, intensos, esféricos e davam a impressão de que deviam ter, do lado de dentro, um contrapeso de chumbo, como os das bonecas automáticas. A srta. Silvia Caporale tinha mais de quarenta anos de idade e, também, um lindo buço sob o nariz em forma de bola, e sempre vermelho.

Fiquei sabendo, mais tarde, de que essa pobre mulher estava ávida de amor e que bebia; ela sabia que era feia, já velha, e, por desespero, bebia. Certas noites, voltava para casa num estado realmente lastimável: com o chapeuzinho de través, a bolinha do nariz vermelha como uma cenoura (os olhos semicerrados, mais magoados do que nunca.

Atirava-se para cima da cama e logo todo o vinho bebido tomava a sair-lhe, transformado numa infundável torrente de lágrimas. Cobia, então, à pobre mamãezinha de roupão a tarefa de ficar velando-a e confortando-a até altas horas.

Tinha pena dela, uma pena que vencia o asco, sabia-a sozinha no mundo e infelicíssima, com aquele frenesi no corpo, que a fazia odiar a vida, contra a qual já atentara duas vezes; levava-a, aos poucos, a prometer-lhe que, dali por diante, se portaria direito, que não faria mais aquilo; e, no dia seguinte, via-a surgir toda

empetecada, com certos trejeitos de macaco, transformada, de repente, numa criança, ingênua e caprichosa.

As poucas liras que lhe acontecia ganhar, de vez em quando, fazendo ensaiar canções populares a alguma atriz estreante de café-concerto, eram gastas dessa maneira: ou para beber ou para se empetecar; e ela não pagava o aluguel do quarto nem o pouco que lhe davam de comer, lá, na família. Mas não se podia mandá-la embora. Sem ela, como se arranjaría o sr. Anselmo Paleari para as experiências espíritas?

Em verdade, no entanto, havia também outro motivo. A srta. Caporale, dois anos antes, quando da morte da mãe, desmanchara a sua casa e, indo morar ali, na dos Paleari, confiara cerca de 6 mil liras, produto da venda dos móveis, a Terenzio Papiano, para um negócio que este lhe havia proposto, seguríssimo e lucrativo; e as 6 mil liras tinham desaparecido.

Quando ela própria, a srta. Caporale, em prantos, me fez essa confissão, passei a desculpar, de certo forma, o sr. Anselmo Paleari, de quem, no início, julgara que apenas devido àquela loucura conservasse uma mulher de tal natureza em contato com sua própria filha.

E verdade que, para a pequena Adriana, que se demonstrava tão instintivamente bondosa e, até, demasiado ajuizada, talvez não houvesse o que rezear: ela, com efeito, mais que de qualquer outra coisa, sentia-se ofendida, no profundo da alma, pelas práticas misteriosas do pai, por aquela evocação de espíritos tendo a srta. Caporale como Intermediária.

Era religiosa, a pequena Adriana. Notei-o logo nos primeiros dias, graças a uma pia de água benta, de vidro azul, pendurada na parede, por cima da mesinha-de-cabeceira, ao lado de minha cama. Eu tinha me deitado com o cigarro na boca, ainda aceso, e começara a ler um dos livros de Paleari; distraído, pousara, depois, a ponta

apagada naquela pia. No dia seguinte, a pia não estava mais lá. Em seu lugar, na mesinha-de-cabeceira, havia um cinzeiro. Quis perguntar- lhe se havia sido ela quem a tirara da parede; e ela, enrubescendo levemente, respondeu:

— Peço-lhe muitas desculpas, porém me pareceu que o senhor precisava mais de um cinzeiro.

— Mas a pia continha água benta?

— Continha. Temos, ali, defronte, a igreja de São Roque...

E foi embora. Queria-me santo, pois, aquela minúscula mamãezinha, se tinha ido buscar na pia de São Roque água benta também para a minha? Para a minha e para a sua, com certeza. Quanto ao pai, esse não devia usá-la. E, na pia da srta. Caporale, se é que tinha uma, haveria, de preferência, vinho santo [vinho branco, doce, feito com uvas passadas].

Suspenso como já me sentia, havia muito tempo, num estranho vácuo, a menor coisa me fazia, agora, mergulhar em longas reflexões. A história da água benta levou-me a pensar que, desde menino, eu me descuidara de todos os deveres religiosos e não entrara mais em nenhuma igreja para rezar, depois que havia ido embora Pinzone, que lá me levava, junto com Berto, por ordem de mamãe. Não sentira nunca a menor necessidade de perguntar a mim mesmo se tinha realmente uma fé. E Mattia Pascal tinha morrido de morte macabra, sem ter recebido o conforto da religião.

De repente, vi-me numa condição muito falsa. Para todos os que me conheciam, eu havia me libertado, bem ou mal, do pensamento mais incômodo e angustiante que se pode ter, vivendo: o da morte. Quem sabe quanta gente, em Miragno, dizia:

— Um felizardo, no final das contas! Lá do jeito que for, resolveu o problema.

E, contudo, eu não havia resolvido coisa alguma. Tinha em mãos, agora, os livros de Anselmo Paleari, e esses livros me ensinavam que os mortos, os verdadeiros, encontravam-se na minha mesma condição, nos "invólucros" do *Kâmaloka*, sobretudo os suicidas, que o sr. Leadbeater, autor de *Le Plan Astral* ("*premier degré du monde invisible, d'après la théosophie*") ["primeiro grau do mundo invisível, de acordo com a teosofia"], apresenta como provocados por todo tipo de apetites humanos, que não podem satisfazer, desprovidos, como são, do corpo carnal, que eles, porém, não sabem que já perderam.

"Olhe só que eu, agora", pensava, "poderia quase acreditar que me afoguei de verdade no moinho da Stia e esteja me iludindo de que ainda vivo."

É sabido que certas modalidades de loucura são contagiosas. Embora, no início, me rebelasse, acabei pegando a do Paleari. Não que eu pensasse, de fato, que estava morto: não teria sido um grande mal, porque o difícil é morrer e, tão logo se morreu, não acredito que ninguém possa ter o perverso desejo de voltar à vida. Mas é que me dei conta, de repente, de que ainda teria mesmo, algum dia, de morrer: esse, o mal! Quem se lembrava mais disso? Depois do meu suicídio na Stia, não vira mais, diante de mim, logicamente, senão a vida. Pois não é que, agora, o sr. Paleari colocava sem cessar, à minha frente, a sombra da morte?

Não sabia falar de outra coisa, aquela criatura de Deus! Falava dela de modo tão acalorado e, de vez em quando, na veemência do discurso, saía-se com certas imagens e certas expressões tão singulares que, ao escutá-lo, a vontade que eu tinha de me livrar dele e de ir morar em outro lugar passava-me imediatamente. De resto, a doutrina e a fé do sr. Paleari, apesar de que, às vezes, me parecessem pueris, eram, no fundo, consoladoras; e, já que, infelizmente, havia se apresentado ao meu espírito a idéia de que, mais cedo ou mais tarde, eu teria mesmo de morrer de verdade, não me desagradava ouvir falar no assunto daquela maneira.

— Há lógica nisso? — perguntou-me um dia, depois de ler para mim uma passagem de um livro de Finot, impregnada de uma filosofia tão sentimentalmente macabra que mais parecia o sonho de um coveiro morfinômano sobre a vida, nada menos, dos vermes nascidos da decomposição do corpo humano. — Há lógica nisso? Matéria, sim, matéria; admitamos que tudo seja matéria. Mas há forma e forma, modo e modo, qualidade e qualidade: existe a pedra e existe o éter imponderável, que diabo! No meu próprio corpo, há unha, o dente, o pêlo e há, também, raios!, o finíssimo tecido ocular. Ora, ninguém o está negando, aquilo que chamamos alma será, também, matéria: mas não de admitir que não será matéria como a unha, como o dente, como o pêlo; será matéria como o éter ou o que sei eu! O éter, sim, os senhores o admitem, como hipótese; e a alma, não? Há lógica nisso? Matéria, pois não. Siga o meu raciocínio e veja aonde chego, concedendo tudo. Venhamos à natureza. Atualmente, consideramos o homem o herdeiro de uma série inumerável de gerações, não é verdade?, como o produto de uma elaboração muito lenta da natureza. O senhor, meu caro sr. Meis, acredita que ele também é um bicho, um bicho crudelíssimo e, no seu todo, pouco digno de consideração? Concedo isso também e digo: está bem, o homem representa, na escala dos seres, um degrau não muito elevado; do verme ao homem, digamos que haja oito, digamos que haja sete, digamos que haja cinco degraus. Mas, que diabo!, a natureza trabalhou exaustivamente, durante milhares e milhares de séculos, para subir esses cinco degraus, que vão do verme ao homem; a matéria teve de evoluir, não é?, para alcançar, como forma e como substância, esse quinto degrau, para tornar-se esse bicho que rouba, esse bicho que mata, esse bicho mentiroso, mas que, mesmo assim, é capaz de escrever a *Divina Comédia*, sr. Meis, e de se sacrificar, como fez sua mãe e como fez a minha; e, de repente, puf, volta tudo à estaca zero? Há lógica nisso? Vai virar verme o meu nariz, o meu pé, mas não a minha alma, com mil demônios! Matéria ela também, certo, ninguém diz o contrário, mas não da mesma forma que o meu nariz ou o meu pé. Há lógica nisso?

— Desculpe, sr. Paleari — objetei —, um grande homem passeia, cai, bate a cabeça no chão, fica atoleimado. Onde está a alma?

O sr. Anselmo ficou bastante tempo olhando, como se, de súbito, uma enorme pedra tivesse caído diante de seus pés.

— Onde está a alma?!

— Sim, o senhor ou eu, eu, que não sou nenhum grande homem, mas que, mesmo assim... enfim, raciocino: passeio, caio, bato a cabeça no chão, fico atoleimado. Onde está a alma?

Paleari juntou as mãos e, com um ar de benigna comiseração, respondeu-me:

— Mas, meu Deus, por que quer cair e bater a cabeça no chão, meu caro sr. Meis?

— Por uma hipótese...

— Não, senhor, ora bolas! Passeie à vontade, sossegado, Vamos tomar o caso dos velhos, que, sem necessidade de caírem e baterem a cabeça em parte alguma, podem ficar atoleimados naturalmente. Pois muito bem, o que quer dizer isso? O senhor desejaria provar, com esse raciocínio, que, debilitando-se o organismo, se enfraquece também a alma, para demonstrar, assim, que a extinção de um importa na extinção da outra? Perdão! Imagine um pouco o caso contrário: o de organismos enfraquecidos ao extremo, nos quais, contudo, brilha, poderosíssima, a luz da alma: Giacomo Leopardi; e muitos velhos, como, por exemplo, Sua Santidade Leão XIII! E então! Mas imagine um piano e um pianista; A certa altura, tocando, o piano fica desafinado: uma tecla não bate mais; duas, três cordas quebram. Pois bem, pudera!, com um instrumento reduzido a esse estado, o pianista, obrigatoriamente, apesar de ótimo, terá de tocar mal. E, se o piano, depois, emudecer, isso significará que também o pianista não existe mais?

— O cérebro seria o piano, e o pianista, a alma, não é?

— É uma velha comparação, sr. Meis! Ora, se o cérebro se deteriora, a alma, obrigatoriamente, mostra-se atoleimada ou maluca ou sei lá o quê. Quer dizer que se o pianista tiver quebrado o instrumento, não por desgraça, mas por inadvertência ou por sua vontade, pagará por isso: quem quebra paga, diz o ditado; paga-se tudo. Essa, porém, já é outra questão. Desculpe, mas, para o senhor, não significa nada, isso de que a humanidade toda, todinha, desde que se tem notícia dela, teve sempre aspiração a outra vida, no além? E um fato, esse, um fato, uma prova real.

— Dizem que é o instinto de conservação...

— Não, senhor! Porque a mim não me importa nada, sabe?, desta desprezível pele que me cobre! Acho-a pesada, agüento-a, porque sei que devo agüentá-la. Mas me prove que, depois de agüentá-la por mais cinco ou seis ou dez anos, ainda não terei, de uma forma ou de outra, pago o meu quinhão, e que tudo acaba ali; pode ter certeza de que a jogo fora hoje mesmo, neste mesmo momento: e, aí, onde está o instinto de conservação? Eu me conservo apenas porque sinto que não pode acabar assim! Mas uma coisa é o homem, individualmente, outra, a humanidade, dizem. O indivíduo acaba, a espécie continua sua evolução. Bonita forma de raciocinar, sim, senhor! Como se a humanidade não fosse eu, não fosse o senhor e, um por um, todos. E não temos, cada um de nós, esse mesmo sentimento: de que seria a coisa mais absurda e mais atroz, se tudo devesse se resumir, aqui, neste miserável sopro que é a nossa vida terrena: cinqüenta, sessenta anos de tédio, de miséria, de fadigas para quê? Para nada! Para a humanidade? Mas se também a humanidade, um dia, tiver de acabar? Pense um pouco nisso: e toda esta vida, todo este progresso, toda esta evolução teriam servido para quê? Para nada? E o nada, o puro nada, no entanto, dizem que não existe... Restabelecimento do astro, não é verdade?, como disse o senhor no outro dia. Está bem: restabelecimento, mas é preciso ver em que sentido. O mal da

ciência, veja, sr. Meis, está todo nisto: quer se ocupar apenas da vida.

— Sim — suspirei, sorrindo —, já que temos de viver...

— Mas temos também de morrer! — revidou Paleari.

— Compreendo; porém, por que pensar tanto nisso?

— Por quê? Mas porque não poderemos compreender a vida se, de alguma forma, não explicarmos a morte! O critério que deve guiar as nossas ações, o fio para sairmos deste labirinto, a luz, enfim, sr. Meis, a luz deve vir-nos de lá, da morte.

— Com a escuridão que há por lá?

— Escuridão? Escuridão para o senhor! Experimente acender nela uma lamparina de fé, com o puro azeite da alma. Se falta essa lamparina, nós andamos às tontas, aqui, na vida, como uma multidão de cegos, com toda a luz elétrica que inventamos! E boa, é ótima para a vida, a lâmpada elétrica; mas nós, meu caro sr. Meis, precisamos também da outra, que nos faça um pouco de luz também para a morte. Olhe: eu experimento também, em algumas noites, acender certa lanterninha com um vidro vermelho; é preciso a gente industrializar-se de todas as maneiras, tentar de tudo, para ver. Por enquanto, meu genro Terenzio está em Nápoles. Voltará daqui a poucos meses e, então, convidarei o senhor para assistir, se quiser, a alguma das nossas modestas sessõezinhas. E quem sabe se a tal lamparina... Chega. Não quero dizer mais nada.

Como se percebe, não era muito agradável a companhia de Anselmo Paleari. Contudo, pensando melhor, podia eu, sem risco ou, melhor, sem me ver obrigado a mentir, aspirar a alguma outra companhia menos distanciada da vida?

Lembrava-me, então, do *cav.* Tito Lenzi. O sr. Paleari, ao contrário, não se interessava em saber coisa alguma a meu respeito,

totalmente satisfeito com a atenção que eu prestava aos seus discursos. Quase todas as manhãs, depois de lavar o corpo todo, segundo seu hábito, acompanhava-me em meus passeios: íamos ou ao alto do Gianicolo ou do Aventino ou de Monte Mario e, às vezes, até a Ponte Nomentanda, sempre falando da morte.

“Aí está o lindo lucro que tive”, pensava eu, “em não morrer de verdade!”

Tentava, por vezes, encorajá-lo a falar de outra coisa; mas parecia que o sr. Paleari não tivesse absolutamente olhos para o espetáculo da vida ao redor: caminhava quase sempre com o chapéu na mão e, a certa altura, erguia-o como para cumprimentar alguma sombra, exclamando:

— Bobagens!

Apenas uma vez me dirigiu, de repente, uma pergunta de caráter particular:

— Por que está em Roma, sr. Meis?

Encolhi os ombros e respondi:

— Porque gosto de estar...

— No entanto, é uma cidade triste — observou, meneando a cabeça. — Muita gente admira-se de que nenhum empreendimento seja bem-sucedido, aqui, de que nenhuma idéia vingue. Mas essa gente admira-se porque não quer reconhecer que Roma está morta.

— Morta também Roma! — exclamei, desolado.

Há muito tempo, sr. Meis! E é inútil, creia, todo o esforço para fazê-la reviver. Encerrada no sonho de seu grandioso passado, não quer mais saber desta vida mesquinha, que teima em formigar à sua volta. Quando uma cidade teve uma vida como a de Roma, com

caracteres tão marcantes e peculiares, não pode tomar-se uma cidade moderna, ou seja, uma cidade como qualquer outra. Roma jaz lá, com seu grande coração destroçado, atrás do Capitólio. São de Roma, por acaso, esses edifícios novos? Olhe, sr. Meis. Minha filha Adriana me falou-me da pia de água benta que estava no seu quarto, lembra-se? Adriana tirou-a do quarto, essa pia; porém, no outro dia, caiu-lhe das mãos e se quebrou: sobrou intacta apenas a pequena concha, e esta, agora, se encontra no meu quarto, em cima da escrivaninha, destinada ao uso que o senhor por primeiro, distraidamente, lhe dera. Pois bem, sr. Meis, o destino de Roma é idêntico. Os papas tinham feito dela, a seu modo, é claro, uma pia de água benta; nós, italianos, fizemos dela, a nosso modo, um cinzeiro. De todas as partes, viemos aqui, para sacudir a cinza do nosso charuto, que é o símbolo da frivolidade da nossa miserável vida e do prazer amargo e venenoso que ela nos oferece.

# 11

## A Noite, Olhando para o Rio

À proporção que a familiaridade crescia, pela estima e boa vontade que dispensava o dono da casa, crescia também, para mim, a dificuldade do tratamento, o secreto embaraço que já sentira e que agora, com freqüência, tomava-se agudo como um remorso, ao ver-me ali, um intruso naquela família, com um nome falso, a fisionomia modificada, uma vida fictícia e quase inconsistente. E pretendia ficar de lado o mais que pudesse, lembrando sem parar a mim mesmo que não devia me aproximar demais da vida alheia, se era obrigado a evitar toda a intimidade e me satisfazer com viver assim, permanecendo de fora.

— Livre! — eu ainda dizia; mas já começava a entender o sentido e a medir os limites dessa liberdade.

Sim. Ela, por exemplo, significava eu ficar ali, à noite, debruçado à janela, olhando para o rio, que fluía, negro e silencioso, entre os diques de suas novas margens e sob as pontes, que nele refletiam as luzes dos lampiões, cintilantes como cobrinhas de fogo; acompanhando, com a imaginação, o curso das águas, desde a nascente nos Apeninos, descendo pelos campos, através da cidade, depois, de novo pelos campo, até a foz; imaginando o mar tenebroso e palpitante, onde aquelas águas, depois de tão longa corrida, iam perder-se; abrindo de vez em quando a boca num bocejo.

— Liberdade... liberdade... — murmurava. — Contudo, não seria a mesma coisa, afinal, também em outro lugar?

Via, em algumas noites, na pequena varanda ali ao lado, a mamãezinha da casa, trajada com o roupão e regando os vasos de

flores. “Eis a vida!”, pensava. E acompanhava com os olhos a suave mocinha naquele cuidado gentil, esperando, a cada momento, que ela erguesse o olhar no rumo da minha janela. Mas inutilmente. Ela sabia que eu estava ali; mas, quando se achava sozinha, fingia não dar por isso. Por quê? Efeito apenas da timidez, essa reserva, ou talvez ainda me guardasse secretamente rancor, a querida mamãezinha, pela escassa consideração que eu teimava em demonstrar pela sua pessoa?

Agora, depois de largar o regador, ela se apoiava no parapeito da pequena varanda e começava, também, a olhar para o rio, talvez para me mostrar que não se preocupava minimamente comigo, porque tinha, por sua própria conta, pensamentos muito graves para meditar, naquela atitude, e necessidade de solidão.

Eu sorria para mim mesmo, assim pensando; mas, depois, ao vê-la ir embora da pequena varanda, refletia em que esse meu juízo podia também estar errado, ser fruto do instintivo despeito que cada qual experimenta a ver que não fazem caso dele; e: “Por que, de resto”, eu me perguntava, “ela deveria fazer caso de mim, dirigindo-me, sem necessidade, a palavra? Eu, aqui, represento a desgraça da sua vida, a loucura do seu pai; represento para ela, talvez, uma humilhação. Talvez ela sinta ainda saudade do tempo em que o pai trabalhava na repartição e não precisava alugar quartos e ter estranhos em casa. E, além do mais, um estranho como eu! Talvez eu lhe meta medo, pobre menina, com este olho e com estes óculos...”.

O barulho de alguma carruagem na vizinha ponte de madeira sacudia-me daquelas reflexões. Bufando, retirava-me da janela; olhava para a cama, olhava para os livros, ficava um pouco perplexo entre estes e aquela, dava, por fim, de ombros, deitava a mão ao chapelão e saía, esperando libertar-me, lá fora, daquele tédio inquieto.

Encaminhava-me, conforme a inspiração do momento, quer para as ruas mais movimentadas, quer para os sítios mais solitários. Lembro, uma noite, na praça de São Pedro, a impressão de sonho, de um sonho quase distante, que recebi daquele mundo secular, encerrado ali, nos braços do pórtico majestoso, no meio do silêncio que parecia aumentado pelo rumorejar contínuo das duas fontes. Acerquei-me de uma destas e, então, somente aquela água me pareceu viva, ali; tudo o mais, quase espectral e profundamente melancólico, na silenciosa, imóvel solenidade.

Ao regressar pela rua Borgo Nuovo, deparei, em certo ponto, com um bêbado, que, passando por mim e vendo-me pensativo, inclinou-se, avançou um pouco a cabeça para me olhar no rosto, de baixo para cima, e me disse, sacudindo de leve meu braço:

— Alegria!

Parei, surpreso, para medi-lo de alto a baixo.

— Alegria! — repetiu, acompanhando a exortação com um gesto da mão que significava: “O que está fazendo aí? Em que está pensando? Deixe o barco correr, homem!”.

E afastou-se, cambaleando e amparando-se com a mão na parede.

Naquele momento, naquela rua deserta, ali perto do grande templo e ainda com os pensamentos que este havia despertado em mim, o surgimento do bêbado e seu estranho conselho, amigável e filosoficamente compassivo, me aturdiram: fiquei não sei quanto tempo acompanhando o homem com o olhar e, depois, senti o meu atordoamento romper-se, quase numa louca gargalhada.

— Alegria! Sim, meu caro. Mas eu não posso ir, como você, a uma taberna e procurar a alegria, que você me aconselha, no fundo de um copo. Ali, não saberia encontrá-la, infelizmente! Tampouco sei encontrá-la em outro lugar! Eu vou ao bar, meu caro, no meio da

gente direita, que fuma e discute política. Alegres e, mesmo, felizes poderíamos ser todos, mas apenas com uma condição, de acordo com um jovem advogado imperialista que frequenta o meu bar: com a condição de sermos governados por um bom rei absoluto. Você não conhece essas coisas, pobre bêbado filósofo, e elas nem lhe passam pela cabeça. Mas a verdadeira causa de todos os nossos males, desta nossa tristeza, você sabe qual é? A democracia, meu caro, a democracia, isto é, o governo da maioria. Porque, quando o poder está nas mãos de um só, este sabe que é um só e que deve contentar muitos; mas quando muitos governam, pensam apenas em se contentarem a si mesmos e temos, então, a tirania mais estapafúrdia e mais odiosa: a tirania mascarada de liberdade. Claro! Afinal, por que é que sofro, na sua opinião? Sofro justamente por causa dessa tirania mascarada de liberdade... Vamos voltar para casa!

Mas essa era a noite dos encontros.

Ao passar, pouco depois, por Tordinona quase no escuro, ouvi um grito bem agudo, por entre vários outros sufocados, num dos becos que desembocam nessa rua. De repente, vi precipitar-se à minha frente um amontoado de gente brigando. Eram quatro miseráveis, armados de nodosas bengalas, batendo em uma mulher da rua.

Cito essa aventura, não para me gabar de um ato de coragem, e sim para dizer, ao contrário, do medo que tive das suas conseqüências. Eram quatro, os canalhas, mas eu também tinha uma boa bengala com ponta de ferro. É verdade que dois deles vieram para cima de mim também com facas. Defendi-me o melhor que pude, fazendo movimentos rotativos com a bengala e pulando, em tempo, de um lado para outro, para não me deixar apanhar no meio; consegui, no fim, acertar na cabeça do mais feroz uma pancada bem assentada, com o castão de ferro: vi-o vacilar e, depois, sair correndo; então os outros três, talvez temendo que já alguém estivesse para acudir aos berros da mulher, também

fugiram. Não sei como, eu estava ferido na testa. Gritei para a mulher, que ainda não parara de chamar por socorro, que calasse a boca; mas ela, vendo um filete de sangue correr pelo meu rosto, não soube conter-se e, chorando, com o cabelo e a roupa em desalinho, queria me socorrer, fazer-me uma atadura com o lenço de seda que trazia sobre o seio, e que se rasgara na briga.

— Não, não, obrigado — eu lhe disse, evitando-a com nojo. — Chega... Não é nada! Vá, vá embora logo... Não deixe que a vejam.

E fui até o chafariz, que fica embaixo da rampa da ponte, ali perto, para molhar a testa. Porém, enquanto estava lá, vi chegarem dois guardas, esbaforidos, que quiseram saber o que havia acontecido. Imediatamente a mulher, que era de Nápoles, entrou a relatar o feio episódio em que estivera envolvida comigo e a prodigalizar, a meu respeito, as frases mais afetuosas e de admiração de seu repertório dialetal. Não foi brincadeira o trabalho de livrar-me dos dois zelosos policiais, que queriam absolutamente me levar com eles, para que eu denunciasse a ocorrência. Bonito serviço! Era só o que me faltava! Ser obrigado a haver-me com a polícia, agora! Aparecer, no dia seguinte, no noticiário dos jornais quase como um herói, eu, que devia manter-me em silêncio, na sombra, ignorado por todos...

Herói, aí está uma coisa, herói, que eu, na verdade, não podia ser mais. Exceto no caso de, como herói, também morrer... Mas se já estava morto!

— O senhor é viúvo, sr. Meis?

Essa pergunta me foi feita à queima-roupa, certa noite, pela srta. Caporale, na pequena varanda, onde ela estava com Adriana e onde me haviam convidado para passar algum tempo em sua companhia,

Embatuquei, no momento; e respondi:

— Eu, não. Por quê?

— Porque o senhor, com o polegar, vive esfregando o dedo anular, como quem desejasse fazer o anel rodar em torno do dedo. Assim... Não é verdade, Adriana?

Ora vejam até onde vão meter-se os olhos das mulheres ou, melhor, de certas mulheres, pois Adriana declarou que nunca percebera isso.

— Você não terá prestado atenção! — exclamou a Caporale.

Tive de admitir que, porquanto eu tampouco, algum dia, reparara nisso, podia ser que tivesse esse cacoete.

— Com efeito — vi-me obrigado a acrescentar —, durante muito tempo, usei aqui um anelzinho que tive de mandar cortar por um ourives, porque me apertava demais o dedo e me doía.

— Pobre anelzinho! — gemeu então, toda dengosa, a quarentona, com disposição, nessa noite, para trejeitos infantis. — Ficava-lhe tão apertado assim? Não queria mais lhe sair do dedo? Terá sido, talvez, a lembrança de um...

— Silvia! — interrompeu-a a pequena Adriana, em tom de censura.

— Que mal há nisso? — continuou a outra. — Eu queria dizer: de um primeiro amor... Vamos, diga alguma coisa, sr. Meis. É possível que o senhor não deva falar nunca?

— Bem — disse eu —, estava pensando na conseqüência que inferiu do meu cacoete de esfregar o dedo. Conseqüência arbitrária, cara senhorita. Porque os viúvos, que eu saiba, não costumam tirar a aliança. Dói, quando dói, a mulher, não a aliança, quando a mulher não existe mais. Ao contrário, tal como os veteranos gostam de

ostentar no peito suas medalhas, os viúvos gostam de trazer no dedo o anel do casamento.

— Pois é! — exclamou a Caporale. — O senhor está habilmente fugindo do assunto.

— Como assim? Se estou, até, querendo aprofundá-lo!

— Qual aprofundar! Eu não aprofundo nunca coisa alguma. Tive essa impressão e é só.

— Que eu fosse viúvo?

— Sim, senhor. Você também não acha, Adriana, que o sr. Meis tem ar disso?

— Adriana tentou erguer os olhos para mim, mas voltou logo a baixá-los, não sabendo, tímida como era, sustentar o olhar alheio; sorriu de leve, com seu sorriso habitual, doce e triste, e disse:

— O que você quer que eu saiba do ar que têm os viúvos! Você é engraçada!

Um pensamento, uma imagem deve ter brilhado como um clarão, nesse momento, em seu espírito; perturbou-se e virou-se a olhar o rio, embaixo. Com certeza, a outra compreendeu, porque suspirou e também se voltou a olhar o rio.

Uma quarta pessoa, invisível, viera, evidentemente, meter-se no meio de nós. Por fim, também compreendi, ao olhar o chambre de luto aliviado de Adriana; e deduzi que Terenzio Papiano, o cunhado que ainda estava em Nápoles, não devia ter muito o ar do viúvo inconsolável e que, conseqüentemente, esse ar, na opinião da srta. Caporale, quem o tinha era eu.

Confesso que senti um certo gostinho em que aquela conversaço acabasse tão mal. A dor causada a Adriana pela

lembrança da irmã falecida e de Papiano viúvo constituía, com efeito, para a Caporale, o castigo da sua indiscrção.

Contudo, se quisermos ser justos, essa que, a mim, parecia indiscrção não era, no fundo, porventura natural curiosidade, perfeitamente desculpável, já que devia forçosamente nascer da espécie de estranho silêncio que envolvia a minha pessoa? Ora, uma vez que a solidão já me tornava insuportável e que eu não sabia resistir à tentação de aproximar-me dos outros, fazia-se mister, sem dúvida, que às perguntas desses outros, que tinham todo o direito de saber com quem estavam tratando, eu desse uma resposta, resignado, e do melhor modo possível, isto é, mentindo, inventando, já que não havia meio-termo! A culpa não era dos outros, era minha; agora agravá-la-ia, é verdade, com a mentira, mas, se isso não me agradava, se me fazia sofrer, a solução era ir embora, retomar minha vida erradia, trancado em mim e solitário.

Percebia que a própria Adriana, que nunca me dirigiu nenhuma pergunta, senão discreta, era toda ouvidos para aquilo que eu respondia às da Caporale, as quais, para dizer a verdade, transpunham, freqüentemente, os limites da curiosidade natural e desculpável. Uma noite, por exemplo, ali, na pequena varanda, onde agora, habitualmente, nos reuníamos quando eu voltava do jantar, perguntou-me rindo e esquivando-se de Adriana, que lhe gritava, excitadíssima: — Não, Silvia, eu lhe proíbo! Não se atreva! — perguntou-me:

— Desculpe, sr. Meis. Adriana deseja saber por que o senhor não deixa crescer, ao menos, o bigode...

— Não é verdade! — gritou Adriana. — Não acredite, sr. Meis! Foi ela, ao contrário... Eu...

Desatou em súbito pranto a querida mamãezinha. Logo a Caporale procurou consolá-la, dizendo-lhe:

— Ora, vamos! Não é motivo para choro! Que mal há nisso?

Adriana repeliu-a com o cotovelo:

— Há que você mentiu; fico com uma raiva! Estávamos falando dos atores de teatro, que são todos... assim; e, então, ela me disse: "Como o sr. Meis! Quem sabe por que ele não deixa crescer, pelo menos, o bigode?", e eu repeti: "Pois é, quem sabe por quê..."

— Então — prosseguiu a Caporale —, quem diz: "Quem sabe por quê..." quer dizer que deseja sabê-lo!

— Mas você disse primeiro! — protestou Adriana, no auge da irritação.

— Posso responder? — perguntei, para restabelecer a calma.

— Não, desculpe, sr. Meis: boa noite! — disse Adriana; e levantou-se para ir embora.

Mas a Caporale a segurou por um braço:

— Ora, que boboca que você é! Foi por brincadeira... O sr, Adriano é tão bom que não leva isso a mal. Não é verdade, sr. Adriano? Diga-lhe o senhor mesmo... por que não deixa crescer, pelo menos, o bigode.

Dessa vez Adriana riu, ainda com lágrimas nos olhos.

— Porque atrás disso há um mistério — respondi, então, Alterando a voz de modo burlesco. — Sou um conspirador!

— Não acreditamos! — exclamou a Caporale no mesmo tom; mas, depois, acrescentou: — Porém, escute uma coisa; que o senhor é um caladão meio dissimulado, disso não se pode duvidar. Que foi fazer, por exemplo, hoje à tarde, no correio?

— Eu, no correio?

— Sim, senhor. Quer negar? Eu o vi com estes olhos. Por volta de quatro horas... Eu estava passando pela praça de São Silvestre...

— Deve ter-se enganado, senhorita; não era eu.

— Sim, sim — fez a Caporale, incrédula. — Correspondência secreta... Por que, não é mesmo, Adriana?, nunca recebe cartas em casa este cavalheiro. Foi a criada quem me disse, note bem!

Adriana remexeu-se, aborrecida, na cadeira.

— Não lhe faça caso — disse-me, dirigindo-me um rápido olhar sentido e quase afagador.

— Nem em casa nem na posta-restante! — respondi. — É a verdade, infelizmente! Ninguém me escreve, senhorita, pelo simples motivo de que não tenho mais ninguém que possa me escrever.

— Nem um amigo? Será possível? Ninguém?

— Ninguém. Somos eu e a minha sombra, na Terra. Levei-a a passear comigo, essa sombra, um pouco por toda parte, continuamente, e nunca me demorei tanto em qualquer lugar, até aqui, que nele pudesse estreitar uma amizade duradoura.

— O senhor é um felizardo — exclamou a Caporale, suspirando —, já que pôde viajar a vida toda! Fale-nos, ao menos, das suas viagens, vamos, se não nos quer falar de outra coisa.

Aos poucos, vencidos os escolhos das primeiras perguntas embaraçosas, desviando-me de outros com os remos da mentira, que me serviam de alavanca e de escora, agarrando-me, quase com ambas as mãos, nos que me ameaçavam mais de perto, para contorná-los devagarinho, prudentemente, o barquinho da minha ficção pôde, finalmente, fazer-se ao largo e içar a vela da fantasia.

E, agora, eu, depois de mais de um ano de silêncio forçado, experimentava um grande prazer em falar e continuar a falar, todas as noites, ali, na pequena varanda, de tudo o que vira, das observações que fizera, dos incidentes que me tinham acontecido num ou noutro lugar. Eu mesmo me admirava de ter recolhido, viajando, tantas impressões, que o silêncio quase sepultara em mim e que, agora, falando, ressuscitavam, saíam pulando, vivas, dos meus lábios. Essa íntima maravilha conferia extraordinário colorido à narração; e, do prazer que as duas mulheres, ao ouvir-me, mostravam ter, ia aos poucos nascendo, dentro de mim, a saudade de um bem, do qual, na ocasião própria, não tinha realmente gozado; e essa saudade, também, dava sabor à narrativa.

Depois de algumas noites, a atitude e os modos da srta. Caporale para comigo tinham mudado radicalmente. Os olhos tristes se lhe agravaram de um langor tão intenso que evocavam, mais do que nunca, a imagem do contrapeso interior de chumbo; e mais cômico do que nunca se revelou o contraste entre eles e o rosto de máscara de carnaval. Não cabia dúvida: apaixonara-se por mim a srta. Caporale!

Pela humorística surpresa que isso me causou, dei-me conta, contudo, de que eu, naquelas noites todas, não falara, absolutamente, para ela, mas, sim, para a outra, que ficara sempre ouvindo, taciturna. Evidentemente, porém, essa outra também percebera que eu falava somente para ela, já que imediatamente, entre nós, se estabeleceu como um tácito acordo para nos divertirmos, juntos, à custa do ridículo e imprevisível efeito de minhas palestras nas sensibíllimas cordas sentimentais da quarentona professora de piano.

Porém, com essa descoberta, nenhum pensamento menos puro surgiu em mim por Adriana: a sua cândida bondade, repassada de tristeza, não podia inspirá-lo. Eu experimentava, no entanto, uma grande alegria por aquela primeira intimidade que ela me concedia: intimidade leve e silenciosa, tal como e quanto o podia permitir-lhe

seu delicado acanhamento. Era um olhar fugidio, como o clarão de uma graça dulcíssima; era um sorriso de comiseração pela ridícula ilusão daquela pobre mulher; era alguma benevolente advertência, que ela esboçava com o olhar e com um leve movimento da cabeça, quando eu me excedia um pouco, para o nosso secreto divertimento, em soltar algum barbante de esperança ao papagaio empinado da solteirona, que ora pairava nos céus da bem-aventurança, ora desaprumava-se todo por um ou outro puxão repentino e violento da minha parte.

— O senhor não deve ter muito coração — disse-me, certa vez, a Caporale —, se é verdade o que diz e no que não acredito, ou seja, que, até aqui, passou incólume pela vida.

— Incólume, como?

— Sim, quero dizer, sem jamais ter-se apaixonado...

— Ah, nunca, senhorita, realmente, nunca!

— Contudo, não nos quis dizer de onde lhe viera o anelzinho que mandou cortar por um ourives, porque lhe apertava demais o dedo...

— E como doía! Então, não lhe disse? Disse! Era uma lembrança de vovô, senhorita.

— Mentira!

— Como quiser. Mas, olhe, posso lhe precisar, até, que vovô me dera o anelzinho de presente em Florença, ao sairmos da Galleria degli Uffizi, e sabe por quê? Porque eu, que tinha, então, doze anos, havia confundido um Perugino com um Rafael. Isso mesmo. Como prêmio pelo engano, ganhei o anelzinho, adquirido numa das pequenas ourivesarias do Ponte Vecchio. Vovô, com efeito, firmara opinião, sei lá por que motivos, de que o tal quadro de Perugino devia atribuir-se a Rafael. Aí está a explicação do mistério! A

senhorita há de compreender que, entre a mão de um menino de doze anos e esta grande mão de agora, há uma grande diferença. Está vendo? Agora, eu sou todo assim, como esta mão, que não comporta anezinhos graciosos. Coração, eu talvez tivesse; mas sou também justo, senhorita; olho-me no espelho, com estes lindos óculos, que, em parte, não deixam de ser caridosos, e me caem os braços: “Como pode pretender, meu caro Adriano”, digo com os meus botões, “que alguma mulher se apaixone por você?”.

— Mas que idéia! — exclamou a Caporale. — O senhor pensa que, falando assim, está sendo justo? Está sendo muito injusto, ao contrário, em relação a nós mulheres. Porque a mulher, fique sabendo, caro sr. Meis, é mais generosa do que o homem e não olha, como o homem, somente para a beleza exterior.

— Digamos, então, que a mulher é também mais corajosa do que o homem, senhorita. Porque reconheço que, além da generosidade, seria necessária uma boa dose de coragem, para amar realmente um homem como eu.

— Ora, deixe disso! Bem, o senhor acha graça em dizer-se e, também, fazer-se mais feio do que talvez seja.

— Isso é verdade. E sabe por quê? Para não inspirar compaixão a ninguém. Se eu, veja bem, procurasse modificar o meu rosto, de qualquer modo, levaria a dizerem: “Olhe só aquele coitado: tem a ilusão de parecer menos feio, com esse bigode!”. Assim, pelo contrário, não. Sou feio? E aí: feio para valer!, francamente, sem dó nem piedade. O que diz a isso?

A srta. Caporale soltou um profundo suspiro.

— Digo que não tem razão — respondeu depois. — Se, em lugar disso, experimentasse deixar crescer um pouco a barba, por exemplo, perceberia logo que não é o monstro que o senhor diz.

— E este olho, aqui? — perguntei-lhe.

— Meu Deus, já que o senhor fala nele tão sem constrangimento — comentou a Caporale —, eu desejava dizer- lhe isso há vários dias: por que não se submete a uma operação, facilíma, atualmente? Querendo, poderia ficar livre, dentro em breve, também desse leve defeito.

— Está vendo, senhorita? — concluí. — Pode ser que a mulher seja mais generosa do que o homem; mas lhe faço observar que, aos poucos, a senhorita me aconselhou a arranjar outro rosto.

Por que eu insistira tanto nesse assunto? Desejava deveras que a professora Caporale me declarasse, sem rebuços, ali, na presença de Adriana, que ela me amaria ou, antes, que já me amava também assim, sem pêlos e com aquele olho vesgo? Não. Falara tanto e dirigira todas aquelas perguntas pormenorizadas à Caporale porque me dera conta do prazer, talvez inconsciente, que experimentava Adriana ante as respostas vitoriosas com que a mulher me refutava.

Compreendi, assim, que, apesar do meu aspecto esquisito, ela *poderia* amar-me. Não o disse sequer a mim mesmo; porém, dessa noite em diante, pareceu-me mais macia a cama que eu ocupava na casa, mais graciosos todos os objetos que me rodeavam, mais leve o ar que respirava, mais azul o céu, mais resplendente o sol. Quis pensar que essa mudança dependesse ainda de que Mattia Pascal acabara por lá, no moinho da Stia, e de que eu, Adriano Meis, após vaguear muito tempo, perdido na nova e ilimitada liberdade, tinha, finalmente, conseguido o equilíbrio, alcançado o ideal a que me propusera: o de fazer de mim outro homem, para viver outra vida, que agora sentia, sim, sentia plena dentro de mim.

E o meu espírito voltou a ser risonho, como na primeira juventude; perdeu o veneno da experiência. Até mesmo o sr. Anselmo Paleari não me pareceu mais tão maçante: a sombra, a névoa, a fumaça da sua filosofia haviam-se desvanecido ao sol da minha nova alegria. Coitado do sr. Anselmo! Das duas coisas em que, na sua opinião, devia pensar-se na Terra, ele não se dava conta

de que, agora, pensava numa só; mas, talvez, claro, também pensara em viver, nos seus bons tempos! Mais digna de compaixão era a professora Caporale, a quem nem mesmo o vinho conseguia dar a *alegria* daquele inesquecível bêbado da rua Borgo Nuovo: ela queria viver, pobrezinha, e julgava faltos de generosidade os homens que olham somente para a beleza exterior. Logo, intimamente, na alma, sentia-se bonita? Oh, quem sabe de quais e quantos sacrifícios seria capaz, se realmente encontrasse um homem "generoso"! Talvez chegasse a não mais tomar nem um só gole de vinho.

"Se nós reconhecemos", eu pensava, "que errar é próprio do homem, não constitui a justiça uma sobre-humana crueldade? E prometi a mim mesmo não ser mais cruel com a pobre srta. Caporale. Prometi-o; mas, ai de mim, fui cruel sem querer e, por sinal, tanto mais, quanto menos queria sê-lo. Minha afabilidade foi nova isca para o seu fácil fogo. E, assim, acontecia isto: que, às minhas palavras, a pobre mulher empalidecia, enquanto Adriana corava. Eu não sabia direito o que estive dizendo, mas sentia que cada palavra, seu som, sua expressão nunca levava a perturbação daquela a quem era realmente dirigida a tal ponto que rompesse a secreta harmonia que já, não sei como, havia se estabelecido entre nós.

As almas têm um modo todo especial de se entenderem, de entrar em intimidade, até chegarem a tutear-se, enquanto as nossas pessoas continuam manietadas pela troca de palavras comuns, pela escravidão das exigências sociais. Têm necessidades suas próprias e suas próprias aspirações, as almas, de que o corpo não se dá por achado, quando vê a impossibilidade de satisfazê-las. E toda vez que duas pessoas que se comuniquem desse modo, somente com as almas, encontram-se a sós em algum lugar, sentem uma angustiada perturbação e quase uma repulsão violenta pelo menor contato material, um sofrimento que as afasta uma da outra e que cessa tão logo outra pessoa intervenha. Então, passada a angústia, as duas almas, aliviadas, procuram-se e tornam a sorrir-se de longe.

Quantas vezes não tive essa experiência com Adriana! Mas o constrangimento que ela sentia era, então, para mim, efeito natural da reserva e da timidez da sua índole; e, quanto ao meu, julgava-o decorrer do remorso que me causava a ficção, a ficção do meu ser, incessante, à qual era obrigado, diante da candura e ingenuidade daquela doce e meiga criatura.

Agora já a via com outros olhos. Mas não se transformara ela, realmente, de um mês para cá? Não se acendiam, agora, de uma luz interior mais viva, os seus olhares fugidios? E os seus sorrisos não revelavam menos penoso, agora, o esforço que lhe custava a conduta de sábia mamãezinha, que a mim, no começo, parecera afetação?

Sim, talvez ela também obedecesse, instintivamente, à minha própria necessidade, à necessidade de criar, para si, a ilusão de uma vida nova, sem saber nem qual nem como. Um vago desejo, como uma aura da alma, descerrara lentamente para ela, como para mim, uma janela no porvir, de onde um raio do calorzinho inebriante chegava até nós, que não sabíamos, entretanto, abeirar-nos dessa janela, quer para fechá-la, quer para ver o que havia do lado de lá.

Quem sentia os efeitos dessa nossa pura e suavíssima embriaguez era a pobre srta. Caporale.

— Sabe, senhorita — disse-lhe, uma noite —, que quase, quase decidi seguir o seu conselho?

— Qual deles? — perguntou.

— De me fazer operar por um oculista.

Ela bateu as mãos, toda satisfeita.

— Ora vivas! O dr. Ambrosini! Chame o Ambrosini; é o melhor: fez a operação da catarata à minha falecida mãe. Você está vendo, Adriana, que o espelho falou? O que foi que eu disse?

Adriana sorriu, e eu também sorri.

— Não o espelho, senhorita — disse-lhe, porém. — Foi a necessidade que se manifestou. De algum tempo para cá, o olho me dói; nunca me serviu bem, mas não gostaria de perdê-lo.

Não era verdade; a srta. Caporale é que estava com a razão: o espelho, o espelho falara e dissera-me que, se uma operação, relativamente sem gravidade, podia fazer desaparecer do meu rosto aquele monstruoso traço fisionômico, tão particular de Mattia Pascal, Adriano Meis poderia também dispensar os óculos azuis, conceder-se um par de bigodes e ajustar-se, em suma, da melhor forma possível, fisicamente, às mudadas condições do seu espírito.

Poucos dias mais tarde, uma cena noturna, à qual assisti escondido atrás da veneziana de uma de minhas janelas, veio sem querer transtornar-me.

A cena desenrolou-se na pequena varanda, ali, ao lado, onde eu permanecera até cerca das dez, na companhia das duas mulheres. Depois de me retirar para o meu quarto, começara a ler, distraído, um dos livros preferidos do sr. Anselmo, a respeito da reencarnação. Pareceu-me, a certa altura, ouvir falarem na varanda; prestei atenção para averiguar se Adriana estava lá. Não. Duas pessoas falavam baixinho, em grande excitação: ouvia uma voz masculina, que não era a de Paleari. Mas homens, em casa, só éramos ele e eu. Levado pela curiosidade, cheguei perto da janela, a fim de olhar pelas frestas da veneziana. No escuro, pareceu-me entrever a srta. Caporale. Mas quem era o homem com que ela falava? Talvez chegara de Nápoles, de repente, Terenzio Papiano?

Uma palavra, proferida em voz um pouco mais alta pela Caporale, fez-me compreender que falavam de mim. Aproximei-me ainda mais da janela e apliquei ainda mais o ouvido. O homem mostrava-se irritado pelas notícias que, certamente, a professora de piano lhe dera a meu respeito, e eis que, agora, ela procurava

atenuar a impressão que essas notícias haviam produzido no seu espírito.

— Rico? — perguntou ele, em certo momento.

E ela:

— Não sei... Parece que sim! O certo é que vive do seu, sem fazer nada...

— E está sempre em casa?

— Que nada! Aliás, amanhã você vai vê-lo...

Disse assim mesmo: "Você vai vê-lo". Tratava-o por "você"; portanto Papiano (não havia mais dúvidas) era o amante da srta. Caporale... Mas como se dava, então, que, em todos aqueles dias, ela se mostrara tão condescendente comigo?

Minha curiosidade tornou-se mais viva que nunca; mas, como de propósito, os dois pegaram a falar em voz baixíssima. Não o podendo mais com os ouvidos, procurei ajudar-me com os olhos. E vi que a Caporale pousava a mão no ombro de Papiano. Este, pouco depois, a repeliu de mau modo.

— Mas como podia impedi-lo? — disse ela, erguendo um pouco a voz, com intensa exasperação. — Quem sou eu? O que é que eu represento nesta casa?

— Vá chamar Adriana! — mandou o homem, então, imperioso.

Ao ouvir pronunciar o nome de Adriana naquele tom, apertei os punhos e senti meu sangue ferver.

— Está dormindo — disse a Caporale.

E o outro, torvo, ameaçador:

— Pois vai acordá-la! Já, já!

Não sei como me retive de escancarar a veneziana, furioso.

O esforço que fiz para dominar-me devolveu-me a consciência de mim mesmo; e, por um momento, as mesmas palavras que acabara de pronunciar, com tamanha exasperação, a pobre mulher, vieram-me aos lábios: “Quem sou eu? O que é que eu represento nesta casa?”.

Retirei-me da janela. No mesmo instante, contudo, acudiu-me a desculpa de que eu também estava metido naquilo: tinham falado de mim, aqueles dois, e o homem ainda queria falar de mim com Adriana: eu precisava saber, conhecer os sentimentos dele a meu respeito.

A facilidade, porém, com que acolhi essa desculpa pela indelicadeza de ficar espiando e escutando às escondidas fez-me sentir, entrever que eu fazia valer meu próprio interesse, só para não tomar conhecimento daquele, bem mais vivo, que outra pessoa despertava em mim, nesse momento.

Voltei a espiar através das tabuinhas da veneziana!

A Caporale não se achava mais na pequena varanda. O outro, sozinho, agora, estava olhando o rio, com os dois cotovelos, apoiados no parapeito, a cabeça nas mãos.

Preso de uma ansiedade febril, fiquei aguardando, curvo e apertando os joelhos com as mãos crispadas, que Adriana surgisse na varanda. A longa espera não me cansou em absoluto; até, pelo contrário, foi, aos poucos, reanimando-me e proporcionou-me uma viva e crescente satisfação: supus que Adriana, lá, no seu quarto, não quisesse render-se à prepotência daquele grosseirão. Talvez a Caporale estivesse a implorar-lhe de mãos juntas. Enquanto isso, ele, ali, na pequena varanda, ralava-se de raiva. Tive a esperança, a

certa altura, de que a professora viesse dizer que Adriana não quisera levantar-se. Nada disso: lá estava ela!

Papiano foi imediatamente ao seu encontro.

— A senhorita vá se deitar! — intimou à srta. Caporale. — Deixe-me falar com minha cunhada.

A outra obedeceu e, aí, Papiano fez menção de fechar a porta entre a sala de jantar e a pequena varanda.

— De jeito nenhum! — disse Adriana, esticando o braço contra o batente.

— Mas eu preciso falar com você! — investiu torvamente o cunhado, esforçando-se por falar baixo.

— Fale assim! O que é que você quer me dizer? — continuou Adriana. — Podia esperar até amanhã!

— Não, agora! — retorquiu o outro, agarrando-a por um braço e puxando-a a si.

— Mas, afinal de contas! — gritou Adriana, desvencilhando-se, altiva.

Não consegui mais me segurar: abri a veneziana.

— Oh, sr. Meis! — chamou ela, imediatamente. — Quer vir um instante até aqui, por favor?

— Vou já, senhorita! — apressei-me em lhe responder.

O coração pulou-me no peito pela alegria, pela gratidão: num salto, estava no corredor; mas ah, perto da porta do meu quarto, encontrei, quase enroscado em cima de uma mala, um jovem escanifrado, muito louro, de rosto muito comprido, diáfano, que mal abria dois olhos azuis, lânguidos, atônitos. Parei um momento,

surpreso, olhando para ele; imaginei que devia tratar-se do irmão de Papiano. Corri para a pequena varanda.

— Apresento-lhe, sr. Meis — disse Adriana —, meu cunhado Terenzio Papiano, que acaba de chegar de Nápoles.

— Muito prazer! Encantado! — exclamou ele, descobrindo-se, rastejando uma reverência e apertando calorosamente minha mão. — Lastimo ter estado todo este tempo ausente de Roma; mas tenho certeza de que a minha cunhadinha soube prover a tudo, não é verdade? Se lhe faltar alguma coisa, diga, diga... à vontade. Se precisar, por exemplo, de uma escrivaninha maior... ou de qualquer outro objeto, fale, sem-cerimônias. Gostamos de satisfazer as pessoas que nos honram hospedando-se aqui.

— Obrigado, obrigado — respondi. — Não me falta, realmente, nada. Obrigado.

— É um dever, ora bolas! E disponha sempre de mim, em qualquer ocasião, no pouco em que eu puder ser-lhe útil... Adriana, minha filha, você estava dormindo; pode voltar para a cama, se quiser...

— Ora, de qualquer modo — disse Adriana, sorrindo tristemente —, agora que me levantei...

E se aproximou do parapeito, ficando a olhar para o rio.

Percebi que ela não queria deixar-me sozinho com aquele indivíduo. Tinha receio de quê? Permaneceu ali, pensativa, enquanto o outro, ainda segurando o chapéu, falava-me de Nápoles, onde tivera de demorar-se mais tempo do que o previsto, a fim de copiar um grande número de documentos do arquivo privado da excelentíssima sra. duquesa Teresa Ravaschieri Fieschi: *Mamãe Duquesa*, como todos a chamavam, *Mamãe Caridade*, como ele desejaria chamá-la: documentos de extraordinário valor, que lançariam nova luz sobre o fim do reino das Duas Sicílias e,

notadamente, sobre a figura de Gaetano Filangieri, príncipe de Satriano, que o marquês Giglio, dom Ignazio Giglio d'Auletta, de quem ele, Papiano, era secretário, tencionava ilustrar uma biografia minuciosa e sincera. Sincera, pelo menos, na medida que a devoção e fidelidade aos Bourbons consentiriam ao senhor marquês.

Não parou mais. Deleitava-se, certamente, com a própria loqüela, dava à voz, falando, inflexões dignas de um experimentado ator amadorista e, num ponto, acentuava uma risadinha, noutro, um gesto expressivo. Eu ficara lá, atordoado, como um cepo de bigorna, e, de vez em quando, aprovava com a cabeça e lançava um olhar a Adriana, que ainda se encontrava ali, olhando para o rio.

— Eh! Infelizmente — sentenciou em voz de barítono Papiano, como conclusão: — Bourbon e clerical, o marquês Giglio d'Auletta! E eu, eu, que... (preciso tomar o cuidado em dizê-lo em voz baixa, mesmo aqui em casa) eu, que todas as manhãs, antes de sair saúdo com a mão a estátua de Garibaldi, no Gianicolo (daqui a gente a avista muito bem), eu, que gritaria, a todo momento: "Viva o Vinte de Setembro!", eu tenho de fazer-lhe de secretário! Digníssima pessoa, note bem!, mas Bourbon e clerical. Sim, senhor... O pão! Juro-lhe que, não sei quantas vezes, tenho vontade de cuspir nesse pão, o senhor me desculpe! Fica-me aqui, atravessado na garganta, sufoca-me... Mas o que posso fazer? O pão, O pão!

Deu duas vezes de ombros, ergueu os braços e bateu as mãos nos quadris.

— Vamos, vamos, Adrianuccia! — disse depois, correndo para ela e pegando-a de leve, com ambas as mãos, pela cintura. — Para a cama! É tarde. O cavalheiro deve estar com sono.

Diante da porta do meu quarto, Adriana apertou-me a mão com força, como jamais havia feito até então. Ao ficar sozinho, mantive, por longo tempo, o punho fechado, como para guardar a pressão da mão dela. Levei a noite toda pensando, debatendo-me em

intermináveis dúvidas e ansiedades. A cerimoniosa hipocrisia, o servilismo insinuante e loquaz, as más intenções daquele homem tornariam, com certeza, intolerável minha permanência nessa casa, na qual ele, sem sombra de dúvida, queria exercer sua tirania, aproveitando-se da tola bonacheirice do sogro. Sabe-se lá a que artes recorreria! Já me dera uma amostra delas, mudando de tom, de um instante para outro, assim que eu havia aparecido. Mas por que via com tão maus olhos que eu morasse na casa? Por que não era eu, para ele, um inquilino como outro qualquer? O que lhe havia dito a meu respeito a Caporale? Podia ele seriamente ter ciúme dela? Ou teria ciúme de outra? Seu modo arrogante e desconfiado; o ter mandado embora a Caporale, para ficar sozinho com Adriana, com quem começara a falar com toda a violência; o fato de esta não permitir que ele fechasse a porta; a perturbação que a tomava cada vez que se aludia ao cunhado ausente; tudo isso reforçava, em mim, a suspeita odiosa de que ele tivesse alguma intenção a seu respeito.

Pois bem, por que me preocupava tanto? Não podia, afinal de contas, ir embora daquela casa, se o homem, pouco que fosse, começasse a me incomodar? O que me segurava? Nada. Porém, com enternecido prazer, lembrava-me de que ela, da pequena varanda, tinha me chamado, como para ser protegida por mim, e que, no fim, apertara com força a minha mão.

Eu deixara aberta a veneziana, deixara abertos os postigos. Em certo momento, a lua, descendo no céu, mostrou-se no vão da minha janela, exatamente como se quisesse espreitar-me, surpreender-me ainda acordado na cama, para me dizer:

Eu compreendi, meu caro, compreendi! E você ainda não? Não mesmo?

# 12

## O Olho e Papiano

— A tragédia de Orestes num teatrinho de bonecos! — veio anunciar o sr. Anselmo Paleari. — Bonecos automáticos... última invenção. Hoje à noite, às oito e meia, na rua dei Prefetti, n. 54. Valeria a pena ir lá, sr. Meis.

— A tragédia de Orestes?

— Sim! *D'après Sophocle*, diz o folheto. Deve ser *Electra*. Mas ouça só que idéia mais esquisita me veio à mente! Se, no ponto culminante, exatamente quando o boneco que representa Orestes está para vingar a morte do pai em Egisto e na mãe, se fizesse um rasgão no céu de papel do teatrinho, o que aconteceria? Diga-me.

— Não sei — respondi, dando de ombros.

—Mas é fácilimo, sr. Meis! Orestes ficaria terrivelmente desconcertado por aquele buraco no céu.

— E por quê?

— Deixe-me dizer. Orestes sentiria ainda o impulso da vingança, desejaria lhe obedecer, com febril paixão; mas seus olhos, nesse momento, correriam para lá, para o rasgão, de Onde todo tipo de más influências penetrariam na cena; e ele as sentiria cárem em seus braços. Orestes, em outras palavras, se tornaria Hamlet. A diferença entre a tragédia antiga. sr. Meis, e a moderna consiste toda nisso, acredite: um buraco no céu de papel.

E foi embora arrastando os chinelos.

Dos cumes nublados de suas abstrações, o sr. Anselmo deixava, com freqüência, rolares assim, como avalanches, alguns pensamentos. O motivo, o nexos, a oportunidade deles permaneciam lá em cima, por entre as nuvens, de forma que dificilmente quem o escutava conseguia compreender alguma coisa da sua razão de ser.

A imagem do boneco de Orestes atrapalhado pelo buraco no céu se manteve, contudo, bastante tempo em minha mente. E, a certa altura: "Felizes os bonecos", suspirei, "sobre cujas cabeças de pau o céu se conserva sem rasgões!". Nada de perplexidades angustiosas, de escrúpulos, de tropeços, de sombras, de piedade: nada! E podem dedicar-se com empenho e tomar gosto à sua comédia e amar-se e ter-se a si mesmos em consideração e apreço, sem nunca sofrer de vertigens ou tonteiras, pois, para suas estaturas e ações, aquele céu é um teto à altura.

"E o protótipo desses bonecos, meu caro sr. Anselmo", continuei pensando, "o senhor o tem em casa e é seu indigno genro, Papiano. Quem, mais do que ele, está plenamente satisfeito com o céu de papelão, muito baixo, que tem sobre a cabeça, cômoda e tranqüila morada daquele Deus proverbial, de manga larga, pronto a fazer vista grossa e erguer a mão em sinal de remissão; daquele Deus que repete, sonolento, a toda velhacada: 'Ajuda-te, que eu te ajudo'? E ajuda-se de todas as maneiras o seu Papiano. A vida, para ele, é quase um jogo de habilidades. E como gosta de meter-se em toda intriga: vivo, arrojado, falastrão!"

Papiano tinha aproximadamente quarenta anos e era de elevada estatura e membros robustos: um pouco careca, com grandes bigodes levemente grisalhos sob o nariz, um belo narigão de narinas vibrantes, olhos cinza, agudos e irrequietos como as mãos. Via tudo e tocava tudo. Enquanto, por exemplo, estava falando comigo, notava, não sei de que maneira, que Adriana, atrás dele, custava a limpar e recolocar no lugar algum objeto no quarto; e logo, rápido como uma flecha:

— *Pardon!*

Corria até lá, tirava-lhe o objeto das mãos:

— Não, minha filha, olhe: se faz assim!

E ele é quem o limpava e recolocava no lugar, regressando, em seguida, para junto de mim. Ou, então, notava que o irmão, que sofria de convulsões epiléticas, começava a "alterar-se"; e corria a dar-lhe pancadinhas no rosto e piparotes no nariz:

— Scipione! Scipione!

Ou soprava em seu rosto até fazê-lo voltar a si.

Quem sabe como eu me divertiria com isso, se não tivesse o meu maldito rabo-de-palha!

Sem dúvida, ele o descobriu desde os primeiros dias ou, pelo menos, o farejou. Começou com um assédio cerrado de cerimônias, que eram todas elas pequenos arpões para me agarrar e fazer-me falar. Parecia-me que todas as suas palavras, todas as suas perguntas, por mais óbvias que fossem, ocultavam uma armadilha. Eu não teria desejado mostrar desconfiança, para não aumentar-lhe as suspeitas; mas a irritação que me causava o seu procedimento de serviçal algoz impedia-me de dissimulá-la direito.

Minha irritação provinha, também, de outras duas causas, interiores e secretas. Uma era esta: que eu, sem ter praticado más ações, sem ter feito mal a ninguém, devia tomar mil cuidados e vigiar-me pela frente e por trás, receoso e desconfiado, como se tivesse perdido o direito de ser deixado em paz. A outra, não teria desejado confessá-la a mim mesmo e, justamente por isso, irritava-me ainda mais, lá no fundo. De nada valia eu dizer a mim mesmo:

“Vá embora, seu idiota! Livre-se, de uma vez, desse maçante!”.

Não ia embora, não podia mais ir embora.

A luta que travava comigo mesmo, para não tomar consciência do que sentia por Adriana, impedia-me de refletir nas conseqüências da minha anormalíssima condição de existência em relação a esse sentimento. E ficava ali, perplexo, inquieto no descontentamento comigo mesmo e, até, numa ansiedade frenética e ininterrupta e, no entanto, sorrindo exteriormente.

Do que me ocorrera descobrir naquela noite, oculto atrás da veneziana, nada, ainda, tirara a limpo. Parecia que a má impressão que Papiano recebera de mim, pelas notícias da srta. Caporale, se tivesse apagado logo à apresentação. Ele me supliciava, é verdade, mas como se não pudesse se eximir de fazê-lo, e não, certamente, com o secreto desígnio de obrigar-me a ir embora; antes, pelo contrário! Que estaria maquinando? Adriana, depois do seu regresso, tornara-se triste e arisca, como nos primeiros dias. A srta. Caporale dava a Papiano o tratamento de "o senhor", pelo menos na presença dos outros, mas o indivíduo fanfarrão tratava-a por "você", abertamente; chegava até mesmo a chamá-la de Rea Silvia [nome, em italiano, da vestal Réia Sílvia, mãe de Remo e Rômulo, este o fundador de Roma]; e eu não sabia como interpretar esses modos confidenciais e zombeteiros. Com certeza, aquela desgraçada não merecia muito respeito, pela desordem da sua vida, mas tampouco ser maltratada dessa forma por um homem que não tinha com ela nem parentesco nem afinidade.

Uma noite (havia lua cheia e parecia dia), eu a vi, da minha janela, sozinha e triste, lá, na pequena varanda, onde, agora, nos reuníamos raramente e já sem o prazer de antes, porque também havia a presença de Papiano, que falava por todos. Levado pela curiosidade, decidi ir surpreendê-la naquele momento de abandono.

Como de hábito, encontrei no corredor, perto da porta do meu quarto, enroscado em cima da mala, o irmão de Papiano, na mesma posição em que o havia visto da primeira vez. Escolhera morar lá em

cima ou, então, estava de sentinela à minha pessoa, por ordem do irmão?

Na pequena varanda, a srta. Caporale chorava. Não quis dizer-me nada, no início; apenas se queixou de uma horrível dor de cabeça. Depois, como tomando uma decisão repentina, voltou-se para olhar-me no rosto, estendeu-me a mão e perguntou-me:

— O senhor é meu amigo?

— Se quiser conceder-me essa honra... — respondi, inclinandome.

— Obrigada. Nada de cumprimentos, pelo amor de Deus! Se soubesse a necessidade que tenho de um amigo, de um verdadeiro amigo, neste momento! O senhor deveria compreendê-lo, o senhor, que está só no mundo, como eu... Mas o senhor é homem! Se soubesse... se soubesse...

Mordeu o lençinho que segurava na mão, para conter o choro; não o conseguindo, rasgou-o repetidas vezes, raivosamente.

— Mulher, feia e velha! — exclamou. — Três desgraças, para as quais não há remédio! Por que vivo, eu?

— Acalme-se, vamos — roguei-lhe, penalizado. — Por que fala assim, senhorita?

Não consegui dizer outra coisa.

— Porque... — prorrompeu ela; mas parou de repente.

— Diga — exortei-a. — Se precisa de um amigo...

Ela levou aos olhos o lençinho rasgado e...

— Eu precisaria, sim, é de morrer! — gemeu, com uma amargura tão profunda e intensa que senti logo um nó de angústia

na garganta.

Não esquecerei nunca a dobra dolorosa daquela boca murcha e feia, ao pronunciar essas palavras, nem o tremor do queixo, onde se retorciam uns pelinhos pretos.

— Mas nem sequer a morte quer saber de mim — prosseguiu. — Nada... Desculpe, sr. Meis. Que ajuda pode o senhor me dar? Nenhuma. Quando muito, de palavras... sim, um pouco de compaixão. Sou órfã e tenho de ficar aqui, tratada como... Talvez o senhor já percebesse. E não teriam esse direito, sabe? Porque não me estão dando nenhuma esmola...

E, nessa altura, a srta. Caporale falou-me das 6 mil liras que lhe havia extorquido a lábia de Papiano e às quais já me referi em outro lugar.

Por mais que a dor da infeliz mulher me interessasse, não era, certamente, o que eu queria saber dela. Tirando partido (confesso) da exaltação em que ela se encontrava, também, talvez, por ter bebido algum copinho a mais, arrisquei-me a perguntar-lhe:

— Mas, desculpe, senhorita, por que foi que lhe deu aquele dinheiro?

— Por quê? — E fechou os punhos. — Duas perfídias, uma mais negra que a outra! Dei-lhe o dinheiro para lhe provar que eu compreendera muito bem o que ele queria de mim. Entendeu? Com a esposa ainda viva, esse sujeito...

— Entendi.

— Imagine o senhor — continuou, excitada. — A pobre Rita...

— A esposa?

— Sim, Rita, a irmã de Adriana... Dois anos doente, entre a vida e a morte... Imagine o senhor se eu... Mas, aqui, eles sabem como me portei; sabe-o Adriana e, por isso, me quer bem; ela, sim, pobrezinha. Mas como fiquei eu, agora? Olhe, por causa dele, precisei, também, desfazer-me do piano, que era, para mim... tudo, o senhor compreende! Não só pela minha profissão: eu falava com o meu piano! Quando mocinha, na academia, compunha; compus também após tirar o diploma; depois não pensei mais nisso. Mas, quando tinha o piano, ainda compunha, só para mim, improvisando; desabafava... inebriava-me até cair no chão, acredite, desfalecida, em certos momentos. Nem eu mesma sei o que me saía da alma: tomava-me uma coisa só com o instrumento e meus dedos não vibravam mais um teclado: eu fazia chorar e gritar a minha alma. Posso dizer-lhe apenas isso: que uma noite (morávamos, eu e mamãe, numa sobreloja) juntou-se gente, embaixo, na rua, que, no fim, me aplaudiu demorada- mente. Eu quase tive medo.

— Desculpe, senhorita — propus-lhe então, para consolá-la de algum modo. — Não se poderia mandar vir um piano de aluguel? Gostaria tanto, mesmo, de ouvi-la tocar; e, se a senhorita...

— Não — interrompeu-me —, o que o senhor quer que eu toque, agora? Para mim, tudo se acabou! Arranho por aí umas cançonetas sem graça. Acabou-se!

— Mas o sr. Terenzio Papiano — arrisquei-me de novo a perguntar — não lhe prometeu a devolução daquele dinheiro?

— Ele? — fez imediatamente, com um frêmito de cólera, a srta. Caporale. — Eu nunca lhe pedi! Sim, agora, ele me promete a devolução, se eu o ajudar... Pois é! Quer ser ajudado por mim, logo por mim: teve a desfaçatez de me fazer essa proposta, assim, sossegadamente...

— Ajudá-lo? Em quê?

— Numa nova perfídia! Compreende? Já vi que o senhor compreendeu.

— Adri... a srta. Adriana? — gaguejei.

— Exatamente. Eu é que deveria convencê-la! Eu, entende?

— A se casar com ele?

— Claro. Sabe por quê? Tem ou, antes, deveria ter 14 ou 15 mil liras de dote, a pobre infeliz: o dote da irmã, que ele devia devolver imediatamente ao sr. Anselmo, porque Rita morreu sem deixar filhos. Não sei que trapalhadas ele fez. Pediu um ano de prazo para a devolução. Agora, tem a esperança de que... Silêncio! Aí vem Adriana!

Fechada em si e ainda mais arisca que de hábito, Adriana se aproximou de nós: rodeou, com um braço, a cintura da srta. Caporale e cumprimentou-me de leve, com um aceno de cabeça. Tomei-me, após aquelas confidências de uma irritação violenta, ao vê-la tão submissa e quase escrava da odiosa tirania daquele intrujão. Pouco depois, porém, surgiu na pequena varanda, como uma sombra, o irmão de Papiano.

— Aí vem ele — disse baixinho a Caporale a Adriana.

Esta fechou os olhos, sorriu amargamente e retirou-se da pequena varanda, dizendo-me:

— Desculpe, sr. Meis. Boa noite.

— O espião — sussurrou-me a srta. Caporale, piscando o olho.

— Mas do que a srta. Adriana tem medo? — escapou-me, na acrescida cólera. — Não compreende que, procedendo dessa maneira, dá ao outro um pretexto maior de se envaidecer e tornar-se um tirano ainda pior? Ouça, senhorita, confesso que sinto uma

grande inveja por todos os que sabem tomar gosto e interesse à vida e que os admiro. Entre quem se resigna a fazer papel de escrava e quem assume, seja embora com prepotência, o do senhor, minha simpatia vai ao último.

A Caporale notou a animação com que eu tinha falado e, em tom de desafio, disse-me:

— E por que, então, o senhor não experimenta ser o primeiro a se rebelar?

— Eu?

— O senhor, o senhor — confirmou, fitando-me nos olhos e pronta para se irritar.

— Mas que tenho eu com isso? — retruquei. — Eu poderia rebelar-me num único modo: indo embora.

— Pois bem — concluiu maliciosamente a srta. Caporale —; talvez seja isso mesmo o que Adriana não quer.

— Que eu vá embora?

Ela fez rodar no ar o lençinho esfarrapado, depois recolheu-o em torno de um dedo suspirando:

— Quem sabe!

Dei de ombros.

— Vamos jantar! Vamos jantar! — exclamei; e larguei-a ali, sem mais, na pequena varanda.

Para começar, nessa mesma noite, ao passar no corredor, parei diante da mala em que Scipione Papiano voltara a acocorar-se, e:

— Desculpe — eu lhe disse —, o senhor não teria outro lugar onde ficar sentado mais confortavelmente? Aqui, incomoda-me.

Ele olhou para mim apalermado, com olhos desmaiados, sem mover-se.

— Entendeu? — insisti, sacudindo-o por um braço.

Mas era como se estivesse falando com uma parede.

Abriu-se, então, a porta ao fundo do corredor e apareceu Adriana.

— Por favor, senhorita — disse-lhe —, veja se consegue fazer compreender a este coitado que poderia ir sentar-se em outro lugar.

— Está doente — procurou desculpá-lo Adriana.

— Pudera que está doente! — respondi. — Aqui não pode sentir-se bem: falta-lhe ar... Além disso, sentado numa mala... Quer que fale eu com o irmão?

— Não, não — apressou-se a responder-me. — Eu mesma falo, pode ficar descansado.

— Há de compreender — acrescentei. — Ainda não sou rei, para ter sentinela à porta.

Perdi, dessa noite em diante, o domínio de mim mesmo. Comecei a forçar abertamente a timidez de Adriana; fechei os olhos e abandonei-me, sem mais refletir, ao meu sentimento.

Coitada da querida mamãezinha! Mostrou-se, de início, como agarrada por dois lados, entre o medo e a esperança. Não sabia entregar-se a esta, adivinhando que era o despeito que me açulava, mas eu sentia, por outro lado, que o seu medo era causado, ainda assim, pela esperança até esse momento secreta e quase

inconsciente de não me perder; e por isso, dando eu, agora, alento a essa esperança com meus modos novos e decididos, ela não sabia, tampouco, ceder de todo ao medo.

Essa delicada perplexidade, essa honesta reserva, da tua parte, impediram-me, contudo, de encontrar-me logo frente a frente comigo mesmo e me fizeram empenhar-me cada vez mais no desafio, quase subentendido, com Papiano.

Contava com que este se plantasse na minha frente desde o primeiro dia, deixando de lado os costumeiros elogios e as costumeiras cerimônias- Nada disso. Tirou o irmão do posto de guarda, ali, em cima da mala, como eu queria, e chegou até a gracejar a respeito do ar embaraçado e perdido de Adriana na minha presença.

— Não leve isso a mal, sr. Meis: é mais encabulada do que uma jovem freira, a minha cunhadinha!

Essa inesperada indulgência e tamanha desenvoltura deram-me que pensar. Aonde ele queria chegar?

Certa noite, vi-o voltar para casa na companhia de um sujeito que entrou batendo com força a bengala no chão, como se, calçando um par de sapatos de pano que não faziam barulho, quisesse ouvir, assim, que caminhava.

— Onde está esse meu querido parente? — se pôs a gritar, em dialeto piemontês e com carregado sotaque turinês, sem tirar da cabeça o chapeuzinho de abas erguidas, metido até os olhos arregalados, embaciados pelo vinho, nem da boca o cachimbinho, com o qual dava a impressão de estar cozinhando o nariz, mais vermelho que o da srta. Caporale. — Onde está esse meu querido parente?

— Ei-lo — respondeu Papiano, indicando-me; depois, dirigindo-se a mim: — Sr. Adriano, uma grata surpresa! O sr. Francesco Meis,

de Turim, seu parente.

— Meu parente?! — exclamei, espantado.

O outro fechou os olhos, levantou, feito um urso, uma pata e a conservou erguida uns momentos, aguardando que eu a apertasse.

Deixei-o ficar naquela atitude, para contemplar durante algum tempo; depois:

— Que farsa é esta? — perguntei.

— Não, desculpe, por quê? — fez Terenzio Papiano. — O sr. Francesco Meis me assegurou que é seu...

— Primo — confirmou o outro, sem abrir os olhos. — Todos os Meis somos parentes.

— Mas eu não tenho o prazer de conhecê-lo! — protestei.

— Oh, mas essa é muito boa! — bradou ele. — É justamente por isso que vim ver você.

— Meis? De Turim? — perguntei, fingindo procurar na memória. — Mas eu não sou de Turim!

— Desculpe — interveio Papiano. — Não disse que até os dez anos o senhor esteve em Turim?

— Pois claro! — continuou o outro, aborrecido de que se duvidasse de uma coisa, para ele, mais do que certa. — Primo! Primo! Este senhor aqui... como é que ele se chama?

— Terenzio Papiano, ao seu dispor.

— Terenziano. Contou-me que seu pai foi para a América: o que quer dizer isso? Quer dizer que você é filho do tio Antonio, que foi para a América. E que somos primos.

— Mas se meu pai se chamava Paolo...

— Antonio!

— Paolo, Paolo. Paolo. Quer saber isso melhor do que eu?

Encolheu os ombros e esticou a boca para cima:

— Parecia-me que era Antonio — disse, esfregando o queixo, hípido de uma barba de, ao menos, quatro dias, já quase toda grisalha. — Não quero contradizê-lo: vai ver que era Paolo. Eu não lembro direito, porque nem sequer o conheci.

Pobre homem! Estava em condições de sabê-lo, melhor do que eu, como se chamava o tal tio que havia ido para a América; contudo, deu-se por vencido, porque o que desejava, a todo custo, era ser meu parente. Disse-me que seu pai, que se chamava Francesco, como ele, e era irmão de Antonio... isto é, de Paolo, meu pai, deixara Turim quando ele era ainda um menino de sete anos e que, pobre empregado, vivera sempre longe da família, um pouco num lugar, um pouco em outro. Não sabia muito, portanto, dos parentes, do lado paterno ou do materno; no entanto, tinha certeza, certeza absoluta, de ser meu primo.

Mas o avô, pelo menos, o avô, chegara a conhecê-lo? Foi o que lhe perguntei. Pois bem, sim: conhecera-o, não lembrava exatamente se em Pavia ou Piacenza.

— Ah, sim? Conheceu-o mesmo? E como era?

Era... não se lembrava mais, francamente.

— Passaram-se trinta anos...

Não dava, absolutamente, a impressão de má-fé; antes, a de um desgraçado que houvesse afogado a alma no vinho, para não sentir demais o peso do tédio e da miséria. Baixava a cabeça, de

olhos fechados, aprovando tudo aquilo que eu dizia para divertir-me à sua custa; tenho certeza de que, se lhe dissesse que, em crianças, tínhamos crescido juntos e que muitas vezes eu lhe arrancara os cabelos, ele teria igualmente aprovado. Eu só não devia é duvidar de uma coisa, ou seja, que éramos primos; nisso, ele não podia transigir: estava assentado de uma vez por todas, aquilo ele metera em sua cabeça e, portanto, não se discutia.

A certa altura, porém, olhando Papiano e vendo-o radiante da vida, perdi a vontade de brincar. Despedi o pobre homem meio bêbado, cumprimentando-o: “Meu caro parente!”, e perguntei a Papiano, cravando meus olhos nos dele, para fazê-lo entender, claramente, que, em mim, encontraria um osso duro de roer, se quisesse pôr-me à prova:

— Conte-me, agora, onde foi escavar esse brincalhão.

— Queira desculpar-me, sr. Adriano! —foi dizendo preliminarmente o fanfarrão, no qual não posso eximir-me de reconhecer uma grande genialidade. — Vejo que não fui muito feliz...

— Mas o senhor é sempre extremamente feliz! — exclamei.

— Não, quero dizer: não fiz coisa do seu agrado. Acredite que foi por acaso. Julgue o senhor mesmo. Tive de ir, hoje de manhã, à recebedoria de impostos, por conta do marquês, meu patrão. Enquanto estava lá, ouvi uma voz chamar alto: “Sr. Meis! Sr. Meis!”. Virei-me imediatamente, julgando que o senhor também estivesse lá, por algum negócio; quem sabe, pensei, precise de mim, sempre pronto para servi-lo. Que nada! Chamavam aquele brincalhão, como o senhor justamente disse; e, então, assim... por curiosidade, aproximei-me e perguntei-lhe se realmente se chamava Meis e de que terra era, pois eu tinha a honra e o prazer de hospedar em casa um sr. Meis... Foi assim que as coisas se passaram! Ele me garantiu

que o senhor devia ser seu parente e quis vir aqui, para conhecê-lo...

— Na recebedoria dos impostos?

— Sim, senhor, ele é funcionário de lá: auxiliar de fiscal.

Devia acreditar nisso? Quis averiguá-lo. E era verdade, sim; mas era também verdade que Papiano, desconfiado, enquanto eu queria atacá-lo de frente, para constatar desde logo as suas artimanhas secretas, escapava-me, desviando-se, recuando, ao invés, para dar busca ao meu passado e, assim, assaltar-me quase pelas costas. Conhecendo-o bem, eu tinha, infelizmente, motivo para temer que ele, com aquele faro no nariz, fosse perdigueiro de não ficar muito tempo tomando ventos; ai de mim, se cheirasse a menor pista: ele a seguiria, certamente, até o moinho da Stia.

Imagina-se, portanto, o meu susto, quando, dali a poucos dias, enquanto me encontrava no quarto, lendo, chegou-me do corredor, como do outro mundo, uma voz ainda viva em minha memória:

— E agradeço a Deus, até, que a tirou de cima de mim!

O espanhol? O meu espanhol barbudo e atarracado de Monte Carlo? Aquele que queria jogar comigo e com quem eu tinha brigado em Nice? Ah, com o diabo! Eis a pista! Conseguira descobri-la, Papiano!

Levantei-me num salto, segurando-me na mesinha, para não cair, no repentino e angustiante aturdimento: estupefato, quase aterrorizado, apliquei o ouvido, com a idéia de fingir, tão logo aqueles dois, Papiano e o espanhol (era ele, não havia dúvidas: eu o reconhecera pela voz), tivessem atravessado o corredor. Fugir? E se Papiano tivesse perguntado à criada se eu me encontrava em casa? Que pensaria da minha fuga? Por outro lado, já saberia que eu não era Adriano Meis? Devagar! Que informações a meu respeito podia

ter o espanhol? Dissera-lhe, naquela oportunidade, que me chamava Mattia Pascal? Talvez! Não me lembrava mais...

Achei-me, sem saber como, diante do espelho, como se alguém me tivesse levado lá pela mão. Olhei-me. Ah, o maldito olho! Talvez por causa dele o espanhol me reconhecesse. Mas como era possível, como era possível Papiano ter chegado até lá, até a minha aventura de Monte Carlo? Isso, mais do que tudo, me causava espanto. Que fazer, entretantes? Nada. Esperar, ali, que o que teria de acontecer acontecesse.

Não aconteceu nada. E, mesmo assim, o medo não me passou, nem na noite do mesmo dia, quando Papiano, explicando-me o mistério, para mim insolúvel, deu-me a prova de que ele não estava absolutamente na pista do meu passado e de que apenas o acaso, de quem de longa data eu gozava os favores, quisera fazer-me outro, lançando à minha frente o tal espanhol, que talvez nem se lembrasse de mim.

De acordo com as notícias que Papiano me deu dele, eu, indo a Monte Carlo, não podia deixar de encontrá-lo, porque se tratava de um jogador profissional. Estranho era que o encontrasse agora, em Roma, ou melhor, que, vindo para Roma, eu fosse parar numa casa onde ele também podia entrar. Com certeza, se nada tivesse para temer, o caso não me pareceria tão estranho: quantas vezes não nos acontece depararmos inesperadamente com alguém que casualmente conhecemos em outro lugar? Aliás, ele tinha ou julgava ter seus bons motivos para vir a Roma e à casa de Papiano. O erro era meu e do acaso, que havia me obrigado a tirar a barba e mudar de nome.

Aproximadamente vinte anos antes, o marquês Giglio d'Auletta, de quem Papiano era secretário, casara a única filha com dom Antonio Pantogada, adido da embaixada da Espanha junto à Santa Sé. Pouco depois do casamento, Pantogada, descoberto, uma noite, pela polícia, numa casa de jogo juntamente com outros membros da

aristocracia romana, tinha sido chamado de volta a Madri. Ali fizera o resto e, talvez, coisa pior, sendo forçado, por esse motivo, a deixar a diplomacia. Desde então, o marquês d'Auletta não tivera mais sossego, obrigado incessantemente a enviar dinheiro, para pagar as dívidas de jogo do incorrigível genro. Fazia quatro anos que a esposa de Pantogada havia falecido, deixando uma filha de cerca de dezesseis anos, que o marquês quisera tomar consigo, bem sabendo, infelizmente, em que mãos, do contrário, ela ficaria. Pantogada não teria desejado que ela lhe escapasse; mas, depois, impelido por premente necessidade de dinheiro, cedera. Agora, ameaçava o sogro, sem descanso, de retomar-lhe a filha e, naquele dia, justamente, viera a Roma com essa intenção, para extorquir mais algum dinheiro do pobre marquês, sabendo perfeitamente que este jamais abandonaria em suas mãos a querida neta Pepita.

Tinha palavras de fogo, Papiano, para estigmatizar essa indigna chantagem de Pantogada. Era de fato sincera a sua cólera generosa. E, enquanto ele falava, eu não podia furtar-me de admirar a conduta privilegiada da sua consciência, a qual, apesar de poder indignar-se assim, verdadeiramente, das infâmias alheias, permitia-lhe, depois, praticar outras, parecidas ou quase, com toda a tranqüilidade, em prejuízo do bom homem Paleari, seu sogro.

Contudo, desta feita, o marquês Giglio queria resistir. Seguia-se daí que Pantogada permaneceria em Roma durante bastante tempo e, de certo, viria visitar em casa Terenzio Papiano, com quem devia entender-se às mil maravilhas. Logo, um encontro entre mim e o espanhol seria, talvez, inevitável, um dia qualquer. O que fazer?

Não o podendo fazê-lo com outros, tomei a aconselhar-me com o espelho. Naquela superfície, a imagem do falecido Mattia Pascal, vindo à tona como do fundo da torrente, com àquele olho, que era a única coisa que me ficara dele, falou-me assim:

— Em que feia trapalhada você se meteu, Adriano. Está com medo de Papiano, confesse! E desejaria imputar a culpa a mim,

ainda a mim, só porque, em Nice, briguei com o espanhol. No entanto, tinha motivo para isso. Acredita que pode bastar, por enquanto, apagar do seu rosto o último vestígio de mim? Pois bem, siga o conselho da srta. Caporale e chame o dr. Ambrosini, para que recoloque o seu olho no lugar. Depois... verá!

# 13

## A Lanterninha

Quarenta dias nas trevas.

Coroada de êxito, oh, coroada de completo êxito, a cirurgia. Só que o olho talvez me ficasse um pouquinho maior que o outro. Paciência! E, enquanto isso, quarenta dias nas trevas, em meu quarto.

Tive a oportunidade de fazer a experiência de que o homem, quando sofre, faz uma idéia toda especial do bem e do mal, ou seja, do bem que os outros deveriam lhe fazer e que ele exige, como se dos seus sofrimentos se originasse um direito seu à compensação, e do mal que pode fazer aos outros, como se, de igual maneira, para tanto os sofrimentos o habilitassem. E, se os outros não lhe fazem o bem, quase por dever, ele os acusa, e de todo o mal que faz, quase por direito, facilmente se desculpa.

Depois de alguns dias daquela cega prisão, o desejo, a necessidade de ser confortado de algum modo cresceu até a exasperação. Sabia, sim, que me encontrava numa casa alheia e que, por isso, devia até agradecer aos meus hospedeiros pelos cuidados delicadíssimos que tinham comigo. Mas já não me bastavam esses cuidados; e, aliás, até me agastavam, como se os estivessem dispensando por despeito. Isso mesmo! Porque adivinhava sua proveniência. Adriana demonstrava-me, por meio deles, que estava com pensamento quase que o dia todo ah, comigo, no meu quarto; e muito obrigado, por esse conforto! De que me valia, se, nesse meio tempo, eu, com o meu, corria atrás dela, aqui e ali, pela casa, o dia todo, ralando-me de impaciência? Apenas ela podia confortar-me; e devia-o, ela, que mais do que os outros, estava em condições de compreender como e quanto me

pesava o tédio, me roía o desejo de vê-la ou de senti-la, ao menos, perto de mim.

E a inquietação e o tédio eram acrescidos, ainda, pela raiva que suscitara em mim a notícia da repentina partida de Roma de Pantogada. Eu iria entocar-me ali, durante quarenta dias nas trevas, se soubesse que ele devia ir embora tão cedo?

Para consolar-me, o sr. Anselmo Paleari quis demonstrar-me, com um longo raciocínio, que a escuridão era imaginária.

— Imaginário? Isto? — gritei-lhe.

— Tenha paciência; vou explicar.

E desenvolveu (talvez a fim de deixar-me preparado para as experiências espíritas, que seriam realizadas, desta feita, no meu quarto, para proporcionar-me um passatempo), desenvolveu, estava eu dizendo, uma sua concepção filosófica, muito especiosa, que talvez pudesse chamar-se "lanterninhosofia".

De vez em quando, o bom homem interrompia-se para me perguntar:

— Está dormindo, sr. Meis?

Sentia a tentação de responder-lhe:

"Sim, obrigado, estou dormindo, sr. Anselmo".

Porém, já que a intenção, no fundo, era boa, a de fazer-me companhia, respondia que me estava divertindo muitíssimo e lhe pedia que prosseguisse.

E o sr. Anselmo, prosseguindo, demonstrava-me que, para nossa desgraça, nós não somos como a árvore, que vive sem se sentir a si mesma, e para quem a terra, o sol, o ar, a chuva, o vento

não parecem coisas que ela não é: diferentes dela, amigas ou prejudiciais. A nós, homens, ao contrário, coube, ao nascermos, um infeliz privilégio: o de *sentirmo-nos viver*, com a linda ilusão que daí resulta: a de tomarmos como uma realidade fora de nós esse nosso sentimento interior da vida, mutável e variável conforme os tempos, os casos e a sorte.

E esse sentimento da vida, para o sr. Anselmo, era, justamente, como uma lanterninha que cada um de nós traz acesa dentro de si; uma lanterninha que faz com que nos vejamos como perdidos na Terra e nos faz ver o mal e o bem; uma lanterninha que projeta, em nosso derredor, um círculo mais ou menos amplo de luz, para além do qual se encontra a sombra negra, a sombra assustadora, que não existiria se a lanterninha não estivesse acesa em nós, mas que nós devemos, infelizmente, considerar verdadeira, enquanto a lanterninha se mantém viva em nós. Apagada, por fim, com um sopro, a fonte luminosa, seremos acolhidos por aquela sombra fictícia, pela noite perpétua, após o dia enfumaçado da nossa ilusão, ou não ficaremos, de preferência, à mercê do Ser que terá apenas partido as formas vãs da nossa razão?

— Está dormindo, sr. Meis?

— Continue, pode continuar, sr. Anselmo: não estou dormindo. Parece-me, quase, que a vejo, essa sua lanterninha.

— Ah, bem... Porém, já que o senhor está com o olho ferido, não convém nos aprofundarmos demais na filosofia, não é? Procuremos, em vez disso, correr atrás dos vaga-lumes, que seriam as nossas lanterninhas, perdidos na escuridão do destino humano. Eu diria, antes de mais nada, que são de muitas cores, o que o senhor acha?, variando a cor conforme o vidro que nos fornece a ilusão, grande vendedora, oh, sim, grande vendedora de vidros coloridos. Parece-me, no entanto, sr. Meis, que, em certas idades da História, assim como em certas estações da vida individual, poderia determinar-se a prevalência de uma dada cor, não é? Em todas as

idades, com efeito, costuma estabelecer-se, entre os homens, um certo acordo de sentimentos que dá luz e cor àquelas grandes e imponentes lanternas que são, em termos abstratos: *Verdade, Virtude, Beleza, Honra* e outras que tais... E não lhe parece vermelha, por exemplo, a grande lanterna da virtude pagã? E roxa, deprimente, a da virtude cristã? A lamparina de uma idéia comum é alimentada pelo sentimento coletivo; se esse sentimento, porém, se cinde, a lanterna do termo abstrato permanece, sim, de pé, mas a chama da idéia, em seu interior, crepita e bruxuleia e agoniza, como sói ocorrer em todos os períodos chamados de transição. E não são raras, na História, as violentas rajadas de vento que apagam de repente todas essas imponentes lanternas. Que prazer! Na súbita escuridão, então, é indescritível a confusão das várias lanterninhas: quem vai para cá, quem vai para lá, quem volta atrás, quem fica andando em roda, nenhuma encontra mais o caminho: esbarram umas nas outras, agregam-se, por um momento, em grupos de dez, de vinte, mas não podem pôr-se de acordo e voltam a dispersar-se, em grande confusão, numa fúria angustiada: como formigas que não encontrem mais a entrada do formigueiro, obstruída, para divertir-se, por uma criança cruel.

Parece-me, sr. Anselmo, que nos encontramos, agora, num desses momentos. Muita escuridão, muita confusão! Todas as grandes lanternas, apagadas. A quem devemos dirigir-nos? Para trás, talvez? Às lamparinas que sobrevivem, aquelas que os grandes mortos deixaram acesas sobre seus túmulos? Lembro-me de uma bonita poesia de Niccolò Tommaseo:

La piccola mia lampa

Non, come sol, risplende,

Nè, come incêndio, fuma;

Non stride e non consuma,

Ma con la cima tende

Al ciei che me la diè.  
Starà su me, sepolta,  
Viva; nè pioggia o vento,  
Nè in lei le età potranno;  
E quei che passeranno  
Erranti, a lume spento,  
Lo accenderan da me.

Mas de que forma vamos acendê-la, sr. Meis, se à nossa lâmpada falta o azeite sagrado que alimentava a do poeta? Muitos, ainda, vão às igrejas, para prover do alimento necessário suas pequenas lanternas. São, na maioria, pobres velhos, pobres mulheres, a quem a vida mentiu e que tocam para a frente, na escuridão da existência, com esse sentimento aceso como lamparina votiva, que protegem, com trépido cuidado, do gélido sopro dos últimos desenganos, para que dure, pelo menos, até lá, até a ourela fatal, da qual se aproximam conservando os olhos fitos na chama e pensando sem parar: "Deus me vê!". A fim de não ouvir os clamores da vida em volta, que soam, a seus ouvidos, como blasfêmias. "Deus me vê...", porque eles o vêem, não só em si mesmos, mas em tudo, também em sua miséria, em seus sofrimentos, os quais, no fim, receberão um prêmio. O frouxo mas sereno lume dessas pequenas lanternas suscita, certamente, compungida inveja em muitos dentre nós; a outros, pelo contrário, que se julgam armados, como se cada qual fosse um Júpiter, do raio domesticado da ciência e, no lugar dessas pequenas lanternas, levam em triunfo as lâmpadas elétricas, inspira desdenhosa comiseração. Mas eu, agora, pergunto, sr. Meis: e se toda essa escuridão, esse enorme mistério, a cujo respeito inutilmente especularam, inicialmente, os filósofos e que a ciência, agora, embora renunciando a investigá-lo, não exclui; se esse mistério não passasse, no fundo, de um engano como outro

qualquer, um engano da nossa mente, uma fantasia que não se colore? Se nós, finalmente, nos convencêssemos de que esse mistério todo não existe fora de nós, mas apenas em nós e, ali, de forma necessária graças ao famoso privilégio do sentimento que temos da vida, isto é, à lanterninha de que lhe falei até aqui? Se a morte, em suma, que nos causa tanto medo, não existisse? Se fosse somente não a extinção da vida, mas o sopro que apaga em nós a lanterninha, ou seja, o infeliz sentimento que dela temos? É um sentimento penoso, assustador, porque limitado, definido por esse círculo de sombra fictícia que se encontra para lá do pequeno âmbito da escassa luz, que nós, pobres vaga-lumes perdidos, projetamos em torno a nós e em que a nossa vida fica como aprisionada, como se fosse excluída, por algum tempo, da vida universal, eterna, na qual parece-nos que, algum dia, deveremos reentrar. Mas a verdade é que nela já estamos e nela sempre permaneceremos, mas, aí, sem mais esse sentimento de exílio que nos atormenta. O limite é ilusório, é relativo ao nosso pouco lume, o da nossa individualidade: na realidade da natureza, não existe. Nós (não sei se isso pode dar-lhe prazer), nós sempre vivemos e sempre viveremos no Universo; também agora, em nossa forma atual, participamos de todas as manifestações do Universo; só que não o sabemos, não o vemos, porque, infelizmente, a maldita lanterninha bruxuleante nos faz ver apenas o pouco até onde seu lume alcança. E se, ao menos, nos permitisse vê-lo tal como é na realidade! Não, senhor: apresenta-o aos nossos olhos com a cor que ela lhe dá e nos faz certas coisas, que devemos realmente lamentar, mas das quais, em outra forma de existência, não teríamos, talvez, boca bastante para rir às gargalhadas. Gargalhadas, sr. Meis, por todas as vãs, estúpidas atribulações que ela nos proporcionou, por todas as sombras, por todos os estranhos e ambiciosos fantasmas que fez surgir diante e em torno de nós, pelo medo que nos inspirou!

Mas por que motivo, então, o sr. Anselmo Paleari, apesar de falar, e com toda a razão, tão mal da lanterninha que cada um de nós traz acesa dentro de si, queria, agora, acender outra, com vidro

vermelho, lá, no meu quarto, para as experiências espíritas? Uma só já não era suficiente? Foi o que lhe perguntei.

— Simples corretivo! — ele respondeu. — Uma lanterninha contra a outra! Aliás, a certa altura, esta se apaga, sabe?

— E parece-lhe que seja essa a melhor maneira de enxergar alguma coisa? — arrisquei-me a observar.

— Mas a chamada luz, desculpe — retrucou imediatamente o sr. Anselmo —, pode servir para que possamos ver de forma enganosa, aqui, na chamada vida; para fazer-nos enxergar qualquer coisa para além dela, não serve, absolutamente, acredite; e até prejudica. São pretensões estúpidas, as de certos cientistas, de coração mesquinho e inteligência ainda mais mesquinha: eles querem acreditar, porque acham cômodo, que, com estas experiências, se esteja ultrajando a ciência ou a natureza. Nada disso! Nós queremos descobrir outras leis, outras forças, outra vida, na natureza, sempre e só na natureza, para além da experiência normal, extremamente escassa; queremos forçar a reduzidíssima compreensão que dela, habitualmente, nos dão os nossos limitados sentidos. Ora, digo eu, não são os cientistas os primeiros a pretenderem ambiente e condições adequados ao bom êxito de suas experiências? Pode-se prescindir da câmara escura, na fotografia? E então? Além disso, há muitos meios de controle!

O sr. Anselmo, contudo, como pude verificar poucas noites mais tarde, não usava nenhum deles. Mas eram experiências em família! Poderia, por acaso, desconfiar de que a srta. Caporale e Papiano se divertissem em enganá-lo? E por quê, afinal de contas? que graça teria? Ele estava mais do que convencido daquilo que afirmava e não precisava, absolutamente, dessas experiências para reforçar a sua fé. Como homem totalmente de bem, não chegava a supor que pudessem enganá-lo visando a outra finalidade. Quanto à preocupante e pueril mesquinhez dos resultados, a teosofia incumbia-se de lhe fornecer uma explicação muito plausível. Os

seres superiores do Plano Mental, ou de ainda mais acima, não podiam descer para se comunicar conosco por meio de um médium: cumpria-lhe, por conseguinte, contentar-se com as manifestações grosseiras de almas de finados inferiores, do Plano Astral, isto é, do mais próximo de nós: apenas isso. E quem poderia contestá-lo?[1]

\* \* \*

Eu tinha conhecimento de que Adriana sempre havia se recusado a presenciar essas experiências. Desde que eu me vira forçado a permanecer no quarto, na escuridão, ela só entrara raramente, e jamais sozinha, para me perguntar como estava.

Todas as vezes, a pergunta parecia e era, com efeito, formulada por pura conveniência social. Ela sabia, sabia muito bem como eu estava! Parecia-me, até, notar um certo sabor de ironia travessa na sua voz, pois ela, claro, desconhecia por que motivo eu decidira, assim, da noite para o dia, submeter-me à operação, e devia, portanto, julgar que sofresse apenas por vaidade, ou seja, para fazer-me mais bonito ou menos feio, com o olho consertado de acordo com o conselho da Caporale.

— Sinto-me muito bem, senhorita! — respondia-lhe. — Não vejo nada...

— Mas verá... verá melhor depois — dizia, então, Papiano.

Aproveitando-me da escuridão, eu erguia um punho, como para acertá-lo na cara dele. Dizia-me aquilo de propósito, sem dúvida, para que eu perdesse o pouco de paciência que ainda me restava. Não era possível que ele não percebesse o incômodo que me causava: eu lhe demonstrava isso de todas as maneiras, bocejando, bufando; e, contudo, lá estava ele: continuava a entrar no meu quarto, quase todas as noites (pois é: ele, sim!), e, ali permanecia horas seguidas, falando sem parar. Naquela escuridão, a sua voz me tolhia, quase, a respiração, levava-me a contorcer-me todo na cadeira, como sobre um espinho, e a crispar os dedos em garras;

em certos momentos, teria desejado estrangulá-lo. Adivinhava-o, ele? Percebia-o? Justamente nesses momentos, a sua voz tornava-se mais branda, quase acariciante.

Nós temos a necessidade de imputar sempre a alguém a culpa dos nossos males e dos nossos infortúnios. Papiano, no fundo, fazia de tudo para exortar-me a ir embora dá casa; e, por isso, se a voz da razão pudesse falar em mim, naqueles dias, eu deveria agradecer-lhe de todo coração. Mas como podia dar-lhe ouvidos, a essa bendita voz da razão, se ela me falava, justamente, pela boca dele, de Papiano, que, para mim, tinha culpas no cartório, com toda evidência, de forma indiscutível? Não queria ele mandar-me embora, com efeito, para fraudar Paleari e arruinar Adriana? Era apenas isso o que eu, então, podia perceber de todas as suas conversas. Possível que a voz da razão tivesse de escolher logo a boca de Papiano, para fazer-se ouvir por mim? Mas talvez fosse eu, que, para arranjar uma desculpa, a punha na sua boca, a fim de que me parecesse injusta; eu, que já me sentia preso nos laços da vida e não encontrava sossego, mas não por causa da escuridão, propriamente, nem pelo aborrecimento que, falando, Papiano me causava.

A respeito do que ele falava? De Pepita Pantogada, noite após noite.

Embora eu vivesse de maneira modestíssima, enfiara-se na cabeça dele que era muito rico. E, agora, para desviar o meu pensamento de Adriana, talvez acalentasse vagamente a idéia de fazer com que eu me apaixonasse pela neta do marquês Giglio d'Auletta, que me descrevia como uma menina ajuizada e orgulhosa, com muito talento e força de vontade, de modos resolutos, franca e viva; e bonita, além disso: oh, tão bonita! Morena, esbelta e, ao mesmo tempo, de formas generosas, toda fogo, com dois olhos deslumbrantes e uma boca que arrancava beijos. E nem falava do dote: "Um dote e tanto!", nada menos do que todos os bens do marquês d'Auletta. Este, sem dúvida, ficaria extremamente feliz em

dar-lhe, quanto antes, marido, não apenas para se livrar do Pantogada, que o importunava, mas, também, porque avô e neta não se entendiam muito bem: o marquês era de caráter fraco, vivia fechado em seu mundo morto, e Pepita, ao contrário, forte, vibrante de vitalidade.

Não entendia que, quanto mais ele elogiava essa Pepita, tanto mais aumentava, em mim, a antipatia por ela, antes mesmo de conhecê-la? Iria conhecê-la, dizia-me, dentro de alguns dias, porque ele a convenceria a intervir nas próximas sessões espíritas. Conheceria, também, o marquês, que tanto o desejava, em virtude de tudo o que ele, Papiano, lhe dissera de mim. Mas o marquês não saía mais de casa, além de que jamais tomaria parte numa sessão espírita, por causa de suas idéias religiosas.

— Como assim? — indaguei. — Ele não; e, contudo, permite que tome parte a neta?

— Mas é porque conhece bem as mãos às quais ela estará confiada! — exclamou orgulhosamente Papiano.

Eu não quis saber mais de nada. Por que Adriana se recusava a assistir às experiências? Por causa de seus escrúpulos religiosos. Ora, se a neta do marquês Giglio iria participar nessas sessões, com o consentimento do avô clerical, por que não poderia fazer o mesmo ela, também? Escorado nesse argumento, procurei convencê-la, na véspera da primeira sessão.

Havia entrado no meu quarto com o pai, o qual, depois de ouvir minha proposta:

— Mas estamos sempre no mesmo ponto, sr. Meis! — suspirou. — A religião, diante deste problema, fica com orelhas de asno arrebitadas e se melindra, tal como a ciência. E, apesar disso, as nossas experiências, já disse e expliquei uma porção de vezes para minha filha, não são contrárias nem a uma nem à outra. Sobretudo para a religião, são até uma prova da verdade que ela sustenta.

— E se eu tivesse medo? — objetou Adriana.

— Do quê? — retrucou o pai. — Da experiência?

— Ou do escuro? — acrescentei. — Estamos todos aqui, juntos, senhorita! Quer ser a única a faltar?

— Mas eu... — tornou sem jeito, Adriana—eu não acredito nisso, aí está... não posso acreditar e... sei lá!

Não pôde acrescentar mais nada. Pelo tom da voz, pelo embaraço, compreendi, porém, que não era só a religião que proibia Adriana de assistir àquelas experiências. O medo, que ela alegava como desculpa, podia ter outras causas de que o sr. Anselmo não desconfiava. Ou seria que a penalizava presenciar o espetáculo lastimável do pai, puerilmente enganado por Papiano e pela srta. Caporale?

Faltou-me coragem para insistir.

Mas ela, como se tivesse lido no meu coração o desgosto que a recusa me causava, deixou escapar-lhe, no escuro, um: “De resto...”, que tratei de aproveitar sem perda de tempo.

— Ah, ótimo ! Então, vamos tê-la conosco?

— Apenas amanhã à noite — concedeu, sorrindo.

No dia seguinte, à noitinha, Papiano veio preparar o quarto: introduziu nele uma mesinha retangular, de abeto, sem gaveta, sem verniz; desimpediu um canto do quarto, onde, num barbante, pendurou um lençol; depois, trouxe uma guitarra, uma coleirinha de cachorro com muitos guizos, bem como outros objetos. Esses preparativos foram feitos à luz da famosa lanterninha de vidro vermelho. Enquanto os fazia, não parou, já se vê!, um só momento de falar.

O lençol serve, sabe? Serve... não saberia, de... de acumulador, digamos assim, dessa força misteriosa. O senhor o verá agitar-se, sr. Meis, inflar-se como vela de barco, iluminar-se, às vezes, de uma luz estranha, quase, diria, sideral. Sim, senhor! Ainda não conseguimos obter “materializações”, mas luzes, sim: o senhor as verá, se a srta. Silvia, hoje à noite, estiver em boa disposição. Ela se comunica com o espírito de um ex-companheiro da academia, falecido, Deus nos livre, de tuberculose, aos dezoito anos. Era de... não sei, acho que da Basiléia, mas estava radicado em Roma, desde muito, com a família. Um gênio para a música, sabe? Ceifado pela morte cruel antes que pudesse dar seus frutos. E, pelo menos, o que diz a srta. Caporale. Mesmo antes de saber que possuía esta faculdade mediúnica, ela se comunicava com o espírito de Max. Sim, senhor: chamava-se assim, Max... espere um pouco, Max Oliz, se não estou enganado. Sim, senhor! Possuída por esse espírito, ela improvisava ao piano, até cair no chão, sem sentidos, em certos momentos. Uma noite, chegou até a juntar-se gente, embaixo na rua; essa gente, depois, a aplaudiu...

— E a srta. Caporale, aí, quase levou um susto — acrescentei calmamente.

— Ah, já sabe? — fez Papiano.

— Foi ela mesma que me contou. Quer dizer que, então, aplaudiram a música de Max, tocada pelas mãos da srta. Caporale?

— Pois é, pois é? Pena que não tenhamos um piano aqui em casa. Devemos dar-nos por satisfeitos com qualquer começo de melodia, com o menor motivo acenado na guitarra. Max fica bravo, sabe?, até quebrar as cordas da guitarra, por vezes... Mas o senhor ouvirá, hoje à noite. Acho que, agora, já está tudo em ordem.

— E diga-me uma coisa, sr. Terenzio. Por simples curiosidade — quis perguntar-lhe, antes que fosse embora —, o senhor acredita nisso? Acredita mesmo?

— Bem — respondeu logo, como se tivesse previsto a pergunta.  
— Para falar a verdade, não consigo ver claro no assunto.

— Pudera!

— Ah, mas não porque as experiências são feitas no escuro, note bem! Os fenômenos, as manifestações são reais, não há nada a dizer: são inegáveis. Não podemos desconfiar de nós mesmos...

— E por que não? Ao contrário!

— Como? Não entendo!

— Enganamo-nos tão facilmente! Sobretudo quando nos agrada acreditar em alguma coisa...

— Mas não no meu caso, sabe?, não me agrada nada! — protestou Papiano. — Meu sogro, que é muito enfronhado nesses estudos, acredita. Eu, entre outras coisas, se quer saber, não disponho sequer de tempo para pensar nisso... mesmo se me desse vontade. Tenho tanto que fazer, com os malditos Bourbons do marquês, que não me dão uma folga! Perco, aqui, algumas noites, só isso. Pelo que me diz resteito, sou da opinião de que nós, enquanto, com a graça de Deus, estivermos vivos, nada poderemos saber da morte; e, portanto, não lhe parece inútil pensar nela? Devemos é tratar, por todos os meios, de viver da melhor maneira, santo Deus! Até logo mais, não é? Agora, preciso ir correndo à rua dei Pontefici, buscar a srta. Pantogada.

Voltou cerca de meia hora mais tarde, muito contrariado: em companhia da Pantogada e da sua governanta, viera um pintor espanhol, que me foi apresentado, muito a contragosto, como um amigo da casa do marquês Giglio. Chamava-se Manuel Bernaldez e falava italiano correntemente; não houve meio, porém, de fazer-lhe pronunciar a letra "S" do meu sobrenome: todas as vezes, dava a impressão, no ato de proferi-la, de que temesse machucar a língua.

— Adriano Mei — dizia, como se, de repente, nos tivéssemos tornado grandes amigos.

*"Adriano Tui"*, eu tinha vontade de lhe responder.

Entraram as mulheres: Pepita, a governanta, a srta. Caporale e Adriana.

— Você também? Que novidade é esta? — disse-lhe Papiano, com maus modos.

Não esperava com esse outro golpe. No entanto, pela acolhida feita a Bernaldez, eu tinha compreendido que o marquês Giglio nada devia saber a respeito da participação deste na sessão e que, debaixo daquilo, devia haver algum namoro com Pepita.

Mas o grande Terenzio não renunciou ao seu plano. Dispondo em redor da mesinha a corrente mediúnica, fez Adriana sentar-se a seu lado e colocou a Pantogada junto de mim.

Eu não estava satisfeito? Não. E Pepita tampouco. Falando, exatamente como o pai, num italiano estropiado e mesclado com espanhol, revoltou-se de imediato:

— Muito obrigada, mas assim não pode ser! Eu quero ficar entre o sr. Paleari e minha governanta, caro sr. Terenzio!

A meia escuridão avermelhada mal permitia discernir-lhe as feições; de maneira que não pude ver até que ponto correspondia à verdade o retrato que da srta. Pantogada me esboçara Papiano: a frase, porém, a voz e a imediata revolta ajustavam-se perfeitamente à idéia que eu formara dela, depois daquela descrição.

Com certeza, recusando, com tanto desdém, o lugar que Papiano lhe havia destinado perto de mim, a srta. Pantogada me ofendia; porém eu não só não levei isso a mal, como, ao contrário, fiquei satisfeito.

— Muito justo! — exclamou Papiano. — Nesse caso, podemos fazer assim: ao lado do sr. Meis senta-se a sra. Candida; depois, vem o seu lugar, senhorita. Meu sogro fica onde está; e nós três, também tal como nos encontramos. Assim está bem?

Oh, não! Não estava bem sequer assim: nem para mim nem para a srta. Caporale nem para Adriana e nem mesmo, como se viu pouco depois, para Pepita, que se achou muito melhor numa nova disposição da corrente, determinada, justamente, pelo genialíssimo espírito de Max.

No momento, vi a meu lado quase um fantasma de mulher, com uma espécie de elevação na cabeça (era chapéu?, era touca?, peruca?, que diabo era?). Debaixo daquela enorme carga, saíam, de vez em quando, certos suspiros terminados num curto gemido. Ninguém havia pensado em me apresentar a essa sra. Candida; agora, para formar a corrente, devíamos todos segurar-nos pela mão: e ela suspirava, não achava isso direito, pronto. Meu Deus, que mão fria!

Com a outra mão, eu segurava a esquerda da srta. Caporale, sentada à cabeceira da mesinha, de costas para o lençol pendurado no canto. Junto de Adriana, do outro lado, estava o pintor; o sr. Anselmo se encontrava na outra cabeceira da mesinha, diante da Caporale.

Papiano disse:

— Seria necessário, em primeiro lugar, explicar ao sr. Meis e à srta. Pantogada a linguagem... como se chama?

— Tiptológica — falou o sr. Anselmo.

— Por favor, a mim também — pediu a sra. Candida, remexendo-se na cadeira.

— Muito justo! Também à sra. Candida, está claro!

— Bem — começou a explicar o sr. Anselmo. — Duas pancadas querem dizer *sim...*

— Pancadas? — interrompeu-o Pepita. — Que pancadas?

— Pancadas — respondeu Papiano —, quer dadas na mesinha, quer nas cadeiras ou em outro lugar ou, ainda, feitas perceber por meio de toques.

— Ah, não, não, não, não, não! — exclamou, então, a jovem, com grande precipitação, pondo-se de pé, num pulo.

— Eu não gosto de toques. De quem?

— Mas do espírito de Max, senhorita—explicou Papiano. — Já a avisei sobre isso, quando vínhamos para cá: não doem, pode ficar tranqüila.

— *Titológicas* — acrescentou com ar de piedade, como de mulher superior, a sra. Candida.

— Portanto — continuou o sr. Anselmo —, duas pancadas, *sim*; três pancadas, *não*; quatro, *escuro*; cinco, *falem*; seis, *luz*. Isso vai bastar. E, agora, meus senhores, vamos nos concentrar.

Fez-se silêncio. Nós nos concentramos.

# 14

## As Proezas de Max

Inquietação? Não. De jeito nenhum. Porém eu era dominado por uma viva curiosidade e, também, por um certo temor de que Papiano fosse fazer um papelão. Eu deveria sentir prazer nisso: ao contrário, não sentia. Quem não fica com dó ou, antes, com um gélido constrangimento, assistindo a uma comédia mal representada por atores inexperientes?

“Das duas, uma”, eu pensava, “ou ele é muito habilidoso ou a teimosia de manter Adriana a seu lado não lhe deixa ver direito no que se meteu ao deixar Bernaldez e Pepita, bem como a mim e Adriana, decepcionados e, por conseguinte, em condições de perceber, sem lhe achar a menor graça e sem nenhuma compensação, a sua fraude. Melhor que todos vai notá-la Adriana, que lhe está mais próxima; mas esta já desconfia da fraude e está preparada para ela. Não podendo ficar perto de mim, neste momento, talvez ela pergunte a si mesma por que permanece ali, assistindo a uma farsa, para ela, não apenas insípida como indigna e sacrílega. E a mesma pergunta, por seu lado, fazem-se Bernaldez e Pepita. Como é que Papiano não se dá conta disso, agora que viu falhar o golpe de colocar-me perto da Pantogada? Confia, pois, tanto assim na sua própria habilidade? Vejamos no que isso vai dar.”

Ao fazer essas reflexões, eu de forma alguma pensava na srta. Caporale. De repente, esta começou a falar, como num leve meio-sono.

— A corrente — disse —, a corrente precisa ser mudada...

— Já temos aí Max? — perguntou, solícito, o bonachão do sr. Anselmo.

A resposta da Caporale demorou bastante.

— Sim — disse, depois, penosamente, quase ofegante.

— Mas somos gente demais, esta noite...

— E verdade, sim! — exclamou Papiano. — Acho, no entanto, que assim estamos muito bem.

— Quietos! — repreendeu-o Paleari. — Vamos ouvir o que diz Max.

— A corrente — recomeçou a Caporale — não lhe parece bem equilibrada. Aqui, deste lado (*e ergueu minha mão*), há duas mulheres, uma junto da outra. O sr. Anselmo faria melhor indo para o lugar da srta. Pantogada e vice-versa.

— Já, já! — exclamou o sr. Anselmo, levantando-se. — Pronto, senhorita, sente-se aqui!

E Pepita, desta feita, não se rebelou. Estava ao lado do pintor.

— Depois—acrescentou a Caporale —, a sra. Candida...

Papiano interrompeu-a:

— No lugar de Adriana, não é? Já tinha pensado nisso. Está certo!

Apertei com força, com muita força, a mão de Adriana, até machucá-la, tão logo ela veio ocupar o lugar perto do meu. Ao mesmo tempo, a srta. Caporale apertava minha outra mão como para me perguntar: "*Está contente agora?*". "*Sim, contentíssimo!*", respondi-lhe com outro aperto, que também queria dizer: "E agora, podem fazer, à vontade, o que bem lhes agrada!".

— Silêncio! — intimou, neste ponto, o sr. Anselmo.

Mas quem tinha falado? Quem? A mesinha? Quatro pancadas: "Escuro!".

Juro que não as ouvi.

Mas eis que, assim que a lanterninha foi apagada, aconteceu uma coisa que mergulhou na confusão em todas as minhas suposições. A srta. Caporale lançou um grito agudíssimo, que fez todos darem um pulo nas cadeiras.

— Luz! Luz!

O que havia acontecido?

Um soco! A srta. Caporale recebera um soco na boca, um soco violentíssimo: suas gengivas sangravam. Pepita e a sra. Candida levantaram-se num pulo, assustadas. Também Papiano levantou-se, para reacender a lanterninha. Imediatamente, Adriana retirou a mão da minha. Bernaldez, com o rosto vermelho porque segurava nos dedos um fósforo, sorria, entre surpreso e incrédulo, enquanto o sr. Anselmo, extremamente constrangido, repetia:

— Um soco? Como se explica isso?

Era o que eu também me perguntava, conturbado. Um soco? Aquela mudança de lugares não fora combinada antes, entre os dois. Um soco? A srta. Caporale rebelara-se contra Papiano. E agora?

Agora, afastando a cadeira e comprimindo um lenço sobre a boca, a Caporale afirmava, categoricamente, que não queria mais saber daquilo. E Pepita Pantogada, aos gritos:

— Obrigada, senhores! Obrigada! Aqui se dão socos!

— Não, não! — exclamou Paleari. — Meus senhores, isso é um fato novo, muito estranho! E preciso perguntar a explicação.

— A Max? — indaguei.

— A Max, claro! Será que a minha querida srta. Silvia interpretou mal as sugestões dele, no que se refere à disposição da corrente?

— E provável, é provável! — exclamou Bernaldez rindo.

— Qual é a sua opinião, sr. Meis? — perguntou-me Paleari, que, decididamente, não ia com a cara do Bernaldez.

— Bem, sem dúvida, é o que parece — disse eu.

Mas a Caporale negou, terminantemente, com a cabeça.

— E então? — recomeçou o sr. Anselmo. — Como se explica isso? Max violento! Desde quando? O que diz você, Terenzio?

Terenzio não dizia nada, protegido pela semi-escuridão; limitou-se a dar de ombros.

— Vamos lá! — falei, então, à Caporale. — Não quer satisfazer o sr. Anselmo? Perguntemos a Max uma explicação; se ele, depois, se demonstrar novamente um espírito... com muito pouco espírito, largaremos tudo. Está bem assim, sr. Papiano?

— Está ótimo! — respondeu este. — Podemos perfeitamente perguntar. Eu topo.

— Mas eu é que não, deste jeito! — retrucou a Caporale, dirigindo-se a ele.

— Diz isso a mim? — fez Papiano. — Se a senhorita quer desistir...

— Sim, seria melhor — arriscou timidamente Adriana.

Mas, imediatamente, o sr. Anselmo gritou com ela.

— Aí está a medrosa! Isso são puerilidades, com o diabo! Desculpe, estou dizendo isso também para a srta. Silvia! A senhorita conhece muito bem o espírito, que lhe é familiar, e sabe que esta foi a primeira vez que... Seria uma pena, francamente! Porque (por mais desagradável que seja o incidente) os fenômenos indicavam, esta noite, que iriam manifestar-se com desusada energia.

— Demasiada! — exclamou Bernaldez, com uma risadinha zombeteira, que fez rir também os outros.

— E eu — acrescentei — não desejaria receber algum soco neste olho...

— Nem eu! — falou Pepita.

— Todos sentados! — ordenou, então, Papiano, de forma decidida. — Vamos seguir o conselho do sr. Meis. Experimentemos perguntar uma explicação. Se os fenômenos se revelam novamente com demasiada violência, a gente pára. Todos sentados!

E soprou na lanterninha.

No escuro, procurei a mão de Adriana, que estava fria e trêmula. Para respeitar o seu temor, não fiz nela a menor pressão, a princípio; aos poucos, gradativamente, porém, comecei a apertá-la, como para infundir-lhe calor e, com o calor, a confiança em que tudo, agora, correria de forma tranqüila. Não cabia dúvida, com efeito, de que Papiano, arrependido, talvez, da violência a que se deixara arrastar, mudara de opinião. Em todo caso, teríamos um momento de trégua; depois, talvez, eu e Adriana, no escuro, fôssemos o alvo de Max. "Pois bem", disse para mim mesmo, "se o jogo ficar excessivamente pesado, trataremos de fazê-lo durar pouco. Não vou permitir que Adriana seja atormentada."

Enquanto isso, o sr. Anselmo pusera-se a falar com Max, exatamente do modo em que se fala com alguém de fato existente e ali presente.

— Está aí?

Duas pancadas, leves, na mesinha. Estava!

— E como aconteceu, Max — perguntou Paleari, em tom de afetuosa censura —, que você, tão bom, tão amável, tratou com tanta rudeza a srta. Silvia? Quer nos dizer por quê?

Dessa feita, a mesinha mexeu-se, primeiro, um pouco, depois, no meio dela, três pancadas rijas e secas ecoaram. Três pancadas: portanto, *não*, ele não queria dizê-lo.

— Não vamos insistir! — conformou-se o sr. Anselmo. — Talvez ainda esteja um pouco zangado, não é, Max? Eu o sinto, conheço-o... conheço-o... Quer nos dizer, ao menos, se a corrente, na sua atual formação, satisfaz você?

Nem bem Paleari tinha acabado de fazer a pergunta, senti baterem-me, rapidamente, duas vezes, na testa, quase com a ponta de um dedo.

— Sim! — exclamei logo, proclamando o fenômeno; e apertei a mão de Adriana.

Devo confessar que esse “toque” inesperado me causou, no momento, uma estranha impressão. Estou certo de que, se erguesse a tempo minha mão, agarraria a de Papiano; e, contudo... A delicada leveza do toque e a precisão tinham sido, em todo caso, maravilhosas. Além disso, repito, não esperava por aquilo. Mas por que motivo, antes de mais nada, Papiano escolhera a mim, para manifestar a sua conformidade? Quisera, com aquele sinal, tranquilizar-me, ou seria, ao contrário, um desafio, significando: “Agora, você vai ver se estou satisfeito”?

— Muito bem, Max! — exclamou o sr. Anselmo.

E eu, com os meus botões: "Muito bem, coisa nenhuma! Quantos socos você levaria, se dependesse de mim!".

— Agora, se não lhe desagrada — prosseguiu o dono da casa —, não poderia nos dar um sinal de sua boa disposição para conosco?

Cinco pancadas na mesinha intimaram: "*Falem!*".

— O que significa? — perguntou a sra. Candida, amedrontada.

— Que é preciso falar — explicou Papiano, com calma.

E Pepita:

— Com quem?

— Com quem quiser, senhorita! Fale com o seu vizinho, por exemplo.

— Em voz alta?

— Sim — disse o sr. Anselmo. — Isso significa, sr. Meis, que Max, nesse meio-tempo, está nos preparando alguma linda manifestação. Talvez uma luz... sabe-se lá! Vamos falar, vamos falar...

E dizer o quê? Eu já estava falando, desde muito, com a mão de Adriana e não pensava, ai de mim, não pensava em mais nada! Dirigia àquela mãozinha um longo discurso, intenso, que instava e, mesmo assim, acariciava e que ela ficava ouvindo, trêmula e abandonada; já a forçara a ceder-me os dedos, trançando-os com os meus. Uma ardente embriaguez se apoderara de mim e gozava da tensão que lhe custava o esforço de reprimir seu ímpeto febril, para expressar-se, ao invés, com os modos de uma doce ternura, tal como exigia a candura daquela alma tímida e suave.

Ora, enquanto nossas mãos mantinham esse diálogo, comecei a notar como uma esfregação, leve e continuada, na travessa entre os dois pés traseiros da minha cadeira; e fiquei perturbado. Papiano não podia, com o pé, chegar até lá; e, ainda que pudesse, a travessa entre os pés dianteiros o impediria de fazê-lo. Levantara-se, talvez, da mesinha e viera até atrás de mim? Mas, em tal caso, a sra. Candida, se não era de todo idiota, devia ter dado por isso. Antes de comunicar aos outros o fenômeno, eu teria desejado explicá-lo, de algum modo, a mim mesmo; mas, depois, pensei em que, tendo obtido aquilo que almejava, convinha-me, agora, quase por obrigação, secundar a fraude, sem mais delongas, para não irritar ainda mais Papiano. E tratei de referir o que notara.

— Realmente?! — exclamou Papiano, no seu lugar, com um espanto que me pareceu sincero.

Espanto não menor demonstrou a srta. Caporale.

Senti meu cabelo arrepiar-se. Quer dizer, então, que o fenômeno era verdadeiro?

— Esfregação? — indagou ansiosamente o sr. Anselmo. — Como assim? Como assim?

— Sim! — confirmei, quase irado. — E continua! Como se, aqui atrás, houvesse um cachorrinho... Pronto!

Uma ruidosa gargalhada acolheu minha explicação.

— Mas é Minerva! E Minerva!—gritou Pepita Pantogada.

— Quem é Minerva? — perguntei, passado.

— A minha cadelinha! — respondeu ela, continuando a rir. — A minha velha cadelinha, que fica assim, coçando-se debaixo de todas as cadeiras! Com licença! Com licença!

Bernaldez acendeu outro fósforo, e Pepita levantou-se para ir buscar a cadelinha, que se chamava Minerva, e fazê-la deitar-se no seu colo.

— Agora, eu me explico — falou, contrariado, o sr. Anselmo —, agora, eu me explico a irritação de Max. Há pouca seriedade, hoje à noite, isso é que é.

Para o sr. Anselmo, sim, talvez; mas, para o bem da verdade, não houve muito mais seriedade para nós, nas noites seguintes, no que diz respeito ao espiritismo, entenda-Se.

Quem conseguiu, dali em diante, prestar atenção às proezas de Max no escuro? A mesinha rangia, mexia-se, falava com pancadas rijas ou leves; outras pancadas ouviam-se no encosto das nossas cadeiras e, ora aqui, ora ali, nos móveis do quarto, raspadelas, rojos e outros ruídos; estranhas luzes fosfóricas, como de fogos-fátuos, acendiam-se, por momentos, vagueando no ar, e até o lençol iluminava-se e inflava como vela de barco; e uma mesinha porta-charutos deu várias voltinhas pelo quarto e, de uma feita, chegou a pular sobre aquela em torno da qual formávamos a corrente; e a guitarra, como se tivesse criado asas, voou do camiseiro, onde estava pousada, e veio arranhar uns acordes por cima das nossas cabeças... Pareceu-me, no entanto, que Max manifestava melhor suas eminentes virtudes musicais com os guizos da coleirinha de cão, que, a certa altura, foi afivelada ao pescoço da srta. Caporale, decisão que o sr. Anselmo considerou carinhoso e espirituosíssimo gracejo de Max, mas que a srta. Caporale não achou muito de seu gosto.

Protegido pela escuridão, entrara em cena, evidentemente, Scipione, o irmão de Papiano, com especialíssimas instruções. Esse era, realmente, epilético, mas não tão débil mental quanto o irmão Terenzio e ele mesmo pretendiam impingir-nos. Graças ao longo hábito de ficar no escuro, devia ter acostumado a vista a enxergar nas trevas.

Na verdade, eu não saberia dizer até que ponto ele demonstrasse destreza, naquelas fraudes combinadas, antes, com o irmão e a Caporale; para nós, ou seja, para mim e para Adriana, assim como para Pepita e Bernaldez, podia fazer o que bem entendesse, que tudo estaria certo, fosse lá de que modo fizesse: ali, ele só precisava satisfazer o sr. Anselmo e a sra. Candida, e, pelo jeito, conseguia-o à perfeição. É verdade, também, que nem um nem outra eram muito exigentes, na matéria.

O sr. Anselmo babava-se de gosto: em certos momentos, parecia uma criança assistindo ao teatrinho de bonecos; e, ante certas suas exclamações pueris, eu sofria, não só pelo embaraço que me causava ver um homem, certamente não tolo, demonstrar-se tal até o inacreditável, mas, ainda, porque Adriana fazia-me compreender que sentia remorsos em divertir-se assim, à custa da seriedade do pai e aproveitando-se da sua ridícula ingenuidade.

Era só isso o que perturbava, de vez em quando, a nossa alegria. E, no entanto, conhecendo eu Papiano, deveria ter nascido em mim a desconfiança de que, se ele se resignava a deixar-me ao lado de Adriana e, contrariando os meus temores, não apenas não nos fazia incomodar pelo espírito de Max, como, até, dava a impressão de que nos favorecia, era porque devia ter lá outros planos. Mas era tanta, nesses momentos, a alegria que me proporcionava a tranqüila liberdade no escuro, que a suspeita não me ocorreu de jeito nenhum.

— Não!—gritou, em certo momento, a srta. Pantogada.

E o sr. Anselmo, imediatamente:

— Diga, diga, senhorita! O que foi? O que sentiu?

Bernaldez também a exortou a falar; e, então, Pepita:

— Aqui, num lado, uma carícia...

— Com a mão? — perguntou Paleari. — Delicada, não é? Fria, furtiva e delicada... Oh, Max, quando quer, você sabe ser amável com as mulheres! Vejamos, Max, poderia repetir a carícia à senhorita?

— Aqui está! Aqui está! — começou a gritar Pepita.

— O que quer dizer? — perguntou o sr. Anselmo.

— Está repetindo, repetindo... Está me acariciando.

— E um beijo, Max? — propôs, então, Paleari.

— Não! — voltou a gritar Pepita.

Mas uma linda beijoca sonora estalou na sua face.

Quase involuntariamente, então, aproximei da minha boca a mão de Adriana; depois, não contente, inclinei-me à procura da sua boca e, assim, o primeiro beijo, prolongado e silencioso, foi trocado entre nós.

O que se seguiu? Foi preciso um bocado de tempo antes, que, atordoado de vergonha e confusão, pudesse voltar a mim, na repentina confusão. Haviam percebido nosso beijo? O fato é que gritavam. Um, dois fósforos foram acesos; em seguida, também a vela, a mesma que se encontrava no interior da lanterninha de vidro vermelho. E todos de pé! Por quê? Por quê? Uma grande pancada, uma pancada formidável, como desferida pelo punho de um gigante invisível, retumbou na mesinha, assim, com a luz acesa. Todos empalidecemos, e, mais que os outros, Papiano e a srta. Caporale.

— Scipione, Scipione! — chamou Terenzio.

O epilético havia caído no chão, onde gemia em estranhos estertores.

— Fiquem sentados! — gritou o sr. Anselmo. — Ele também caiu em transe. Olhem, olhem, a mesinha se move, levanta-se, levanta-se... A levitação! Muito bem, Max! Viva!

E, realmente, a mesinha, sem que ninguém a tocasse, levantou-se mais que um palmo do solo e, depois, recaiu pesadamente.

A Caporale, extremamente pálida, tremendo, aterrizada, veio esconder o rosto no meu peito. A srta. Pantogada e a governanta fugiram do quarto, enquanto Paleari gritava, irritadíssimo:

— Não, voltem aqui! Não rompam a corrente! Agora vem o melhor! Max! Max!

— Max coisa nenhuma! — exclamou Papiano, afastando de si, por fim, o terror que o mantinha imobilizado, e acorrendo ao irmão, para sacudi-lo e fazê-lo recobrar os sentidos.

A lembrança do beijo ficou sufocada em mim, no momento, pelo assombro daquela revelação, verdadeiramente estranha e inexplicável, que eu tinha presenciado. Se, como sustentava Paleari, a força misteriosa que atuara, naquele instante, com a luz acesa, sob os meus olhos, provinha de um espírito invisível, esse espírito, evidentemente, não era o de Max: bastava olhar Papiano e a srta. Caporale, para convencer-se disso. O tal Max, eles é que o tinham inventado. Quem o fizera, então? Quem desfechara na mesinha aquele soco formidável?

Uma série de coisas lidas nos livros de Paleari veio, de repente, à minha mente; e, com um calafrio, pensei no desconhecido que se afogara na torrente do moinho da Stia, a quem eu tirara o luto dos parentes e dos estranhos.

“Se fosse ele!”, disse para mim mesmo. “Se tivesse vindo aqui, procurar-me, para vingar-se, revelando tudo...”

Enquanto isso, Paleari, que, único, não experimentara nem pasmo nem medo, não conseguia ainda capacitar-se de como um fenômeno tão simples e corriqueiro, como a levitação da mesinha, nos tivesse causado tamanha impressão, depois de todas as maravilhas às quais havíamos assistido anteriormente. Para ele, contava pouco que o fenômeno se tivesse verificado com a luz acesa. O que ele não conseguia explicar-se era como se dera Scipione encontrar-se ali, no meu quarto, quando ele achava que estivesse na cama.

— Acho esquisito — dizia — porque, habitualmente, o coitado não se ocupa de coisa alguma. Mas se vê que as nossas misteriosas sessões despertaram nele uma certa curiosidade: terá vindo espreitar, entrando às escondidas, e então... pluf, não agüentou o choque! Porque é inegável, sabe, sr. Meis, que os fenômenos extraordinários da mediunidade têm origem, em grande parte, na neurose epilética, catalética e histérica. Max tira de todos, subtrai, também de nós, uma boa parte da energia nervosa e a utiliza para a produção dos fenômenos. Está comprovado! O senhor também não se sente como se lhe tivessem subtraído alguma coisa?

— Para dizer a verdade, ainda não.

Até quase o amanhecer, fiquei me revirando na cama, fantasiando acerca do infeliz, enterrado, com o meu nome, no cemitério de Miragno. Quem era ele? De onde vinha? Por que havia se suicidado? Desejara, talvez, que o seu triste fim viesse a ser conhecido, talvez fosse uma reparação, uma expiação... e eu me aproveitara dele! Mais de uma vez, no escuro, confesso, fiquei gelado de medo. Aquele soco, ali, na mesinha, no meu quarto, não fora ouvido apenas por mim. Teria sido ele quem o desferira? E não estaria ele ainda ali, no silêncio, presente e invisível, ao meu lado? Apurava o ouvido para colher, se fosse o caso, algum ruído no quarto. Depois, adormeci e tive pesadelos apavorantes.

No dia seguinte, abri as janelas para a luz.



# 15

## Eu e Minha Sombra

Ocorreu-me mais de uma vez, acordando no coração da noite (e a noite, neste caso, não dá, na verdade, provas de ter coração), de experimentar, na escuridão, no silêncio, uma estranha sensação de espanto, uma estranha vergonha, ao recordar-me de algo feito durante o dia, na claridade, sem me dar conta disso; e perguntava então, a mim mesmo, se, para determinar as nossas ações, não concorrem também as cores, a visão das coisas à nossa volta, os variados ruídos da vida. Sim, sem dúvida; e quem sabe quantas outras coisas mais! Não vivemos nós, de acordo com o sr. Anselmo, em constante relação com o Universo? Restaria saber quantas tolices esse maldito Universo nos faz cometer, das quais, depois, declaramos responsável a nossa pobre consciência, puxada por forças exteriores, deslumbrada por uma luz que está fora dela. E, em contrapartida, quantas deliberações tomadas, quantos planos arquitetados, quantos expedientes engendrados durante a noite, não parecem, depois, inúteis e desmoronam-se e desvanecem-se à luz do dia? Tal como uma coisa é a noite e outra, o dia, nós somos, talvez, uma coisa, de dia, outra, de noite: e misérrima, ai de nós, assim de noite como de dia.

Sei que, ao abrir, depois de quarenta dias, as janelas do meu quarto, não senti nenhuma alegria em rever a luz. A lembrança de tudo o que havia feito, durante aqueles dias, no escuro, a ofuscou de maneira horrível. Todas as razões e as desculpas e as convicções, que, no escuro, tinham peso e valor, perderam-no de todo, tão logo escancarei as janelas, ou tiveram outro, completamente oposto. E inutilmente o pobre eu, que, por tanto tempo, havia ficado ali de janelas fechadas e tudo fizera para aliviar o tédio do cativo, agora, tímido como um cachorro surrado, corria atrás do outro eu, que abrisse as janelas e acordava à luz do dia, carregando o sobrolho,

severo, impetuoso; e inutilmente procurava desviá-lo dos pensamentos sombrios, induzindo-o a regozijar-se, pelo contrário, diante do espelho, do bom êxito da operação e da barba que voltara a crescer e, também, da palidez, que, de certa maneira, conferia distinção às minhas feições.

— Imbecil, o que fez? O que fez?

Que fizera? Nada, vamos ser justos! Namorara. No escuro, era minha culpa?, não vira mais obstáculos e perdera a reserva que me havia imposto. Papiano queria tirar-me Adriana; a srta. Caporale, ao contrário, a dera a mim, e a fizera sentar-se ao meu lado e ganhara, com isso, um soco na boca, coitada; eu sofria e, naturalmente, em virtude desses sofrimentos, julgava, como todo e qualquer outro infeliz (leia-se: homem), ter direito a uma compensação; e, já que a tinha perto de mim, a tomara. Ali faziam-se experiências de morte e Adriana, ao meu lado, era a vida, a vida que espera um beijo para abrir-se à alegria; ora, Manuel Bernaldez havia beijado, no escuro, a sua Pepita; e aí, também eu...

— Ah!

Deixei-me cair na poltrona, cobrindo o rosto com as mãos. Sentia meus lábios tremerem, à lembrança do beijo. Adriana! Que esperanças eu acendera em seu coração com aquele beijo? Minha esposa, não é verdade? Abram as janelas, festa para todos!

Continuei ali, na poltrona, durante não sei quanto tempo, a pensar, ora de olhos arregalados, ora concentrado em mim mesmo, raivosamente, como para furtar-me a uma cerrada e dolorosa crispação interior. Eu via, finalmente, via, em toda a sua crueza, a fraude de minha ilusão, via o que era, no fundo, a que se me afigurara a maior das sortes, na primeira embriaguez da minha libertação.

Já experimentara como essa liberdade, que, no começo, me parecera sem limites, os tivesse, infelizmente, já na escassez do meu

dinheiro; depois, percebera, também, que ela poderia, com maior propriedade, chamar-se solidão e tédio e que me condenava a uma pena terrível: a da companhia de mim mesmo. Acercara-me, então, dos outros; mas de que valera o propósito de evitar, a todo custo, a tentação de reatar, fosse embora do modo mais tênue, os fios partidos? Aí estava: os fios tinham-se reatado sozinhos; e a vida, conquanto, já em guarda, eu me opusesse, a vida me arrastara, com seu terrível caudal: a vida que já não era para mim. Ah, agora percebia-o deveras, agora, que não podia mais, com fúteis pretextos, com dissimulações quase pueris, com desculpas compassivas e esfarrapadas, me impedir de tomar consciência do meu sentimento por Adriana, atenuar o valor das minhas intenções, das minhas palavras, dos meus atos. Coisas demais, sem falar, eu lhe dissera, ao apertar-lhe a mão, ao obrigá-la a trançar seus dedos com os meus; e um beijo selara, por fim, o nosso amor. Como responder, agora, com os fatos, à promessa? Podia eu torná-la minha, Adriana? Mas, na torrente do moinho da Stia, era a mim que tinham atirado aquelas duas ótimas mulheres, Romilda e a viúva Pescatore; não eram elas que se haviam jogado lá dentro! E livre, portanto, ficara ela, minha mulher, não eu, que me sujeitara a fazer papel de morto, com a ilusão de poder tornar-me outro homem, viver outra vida. Outro homem, sim, mas com a condição de não fazer nada! E que espécie de homem, então? Uma sombra de homem! E que espécie de vida? Enquanto me contentara em ficar trancado em mim e ver os outros viverem, sim, pudera, bem ou mal, salvar a ilusão de que estava vivendo outra vida; mas, agora, que me abeirava desta, até colher um beijo em dois lábios queridos, era obrigado a retirar-me dela, horrorizado, como se houvesse beijado Adriana com os lábios de um defunto, de um defunto que não podia ver para ela! Lábios mercenários, sim, poderia beijá-los, quantos quisesse; mas que sabor de vida, nesses lábios? Oh, se Adriana, conhecendo o meu estranho caso... Ela! Não... não! Nem devia pensar nisso! Ela, tão pura, ela, tão tímida... Mas se, apesar disso, o amor fosse, nela, mais forte que tudo, mais forte do que toda a consideração social... Ah, pobre Adriana! Com que direito iria eu encerrá-la, comigo, no vácuo do meu destino, torná-la companheira

de um homem que não podia, de nenhum modo, declarar-se tal e demonstrar que estava vivo? Que fazer? Que fazer?

Bateram duas vezes à porta e pulei da poltrona. Era ela, Adriana.

Por mais que procurasse, com um violento esforço, não trair a agitação dos meus sentimentos, não pude impedir que ela me visse, quando menos, perturbado. Perturbada estava ela também, mas pelo pudor, que não lhe permitia mostrar-se alegre como desejaria por encontrar-me, finalmente, sarado, na luz e satisfeito... Não? Por que não? Mal ergueu os olhos para olhar-me; corou; entregou-me um envelope.

— Para o senhor...

— Uma carta?

— Não acredito. Deve ser a conta do dr. Ambrosini. O criado quer saber se tem resposta.

Tremia-lhe a voz. Sorriu.

— Imediatamente — disse eu. Mas senti uma repentina ternura, ao compreender que ela viera com a desculpa da conta para receber de mim uma palavra que confirmasse as suas esperanças; uma piedade angustiada, profunda, dominou-me, piedade dela e de mim, piedade cruel, que, irresistivelmente, me impelia a acariciá-la, a acariciar nela a minha dor, a qual apenas nela, que, contudo, era a sua causa, podia encontrar consolo. E, apesar de saber que me comprometeria ainda mais, não pude resistir: estendi ambas as mãos para ela, que, confiante, mas com o rosto em brasa, ergueu lentamente as suas e as pousou nas minhas. Atraí, então, a loura cabecinha ao meu peito, correndo a mão de leve por seus cabelos.

— Pobre Adriana!

— Por quê? — perguntou, sob a carícia. — Não estamos contentes?

— Sim...

— E, então, por que pobre?

Tive, nesse momento, um ímpeto de rebelião e a tentação de revelar-lhe tudo, responder-lhe: "Por quê? Escute: eu a amo e não posso, não devo amá-la! Se quiser, porém...". Outra vez?! Mas o que poderia querer a suave criatura? Apertei com força contra o peito a sua cabecinha, e compreendi que eu seria muito mais cruel se, da suma alegria em que ela, nesse momento, se sentia elevada pelo amor, a fizesse despenhar-se no abismo do desespero que tinha em mim.

— Porque — disse, soltando-a —, porque sei muitas coisas por causa das quais a senhorita não pode estar contente...

Teve como um momento de penosíssima confusão, ao ver-se, de repente, não mais nos meus braços. Talvez esperasse, depois daquelas carícias, que eu iria tratá-la por "você"? Olhou para mim e, notando a minha agitação, perguntou, hesitante:

— Coisas... que o senhor sabe... sozinho ou aqui... da minha casa?

Respondi-lhe com o gesto: "Aqui, aqui", para fugir da tentação, que a todo o instante me dominava, de abrir-me com ela.

Antes o fizesse! Causando-lhe logo aquela única e grande dor, eu lhe pouparia outras e não me veria metido em novas e espinhosas trapalhadas. Mas demasiado recente era a minha triste descoberta e ainda precisava aprofundá-la: o amor e a piedade, por outro lado, tiravam-me a coragem de destruir, assim, de um só golpe, as esperanças e a minha própria vida, isto é, a sombra de ilusão que dela, enquanto me calasse, ainda podia esperar. Ademais,

sentia quão odiosa seria a declaração que lhe devia fazer: a de que eu ainda tinha esposa. Sim! Sim! Revelando-lhe que não era Adriano Meis, eu voltaria a ser Mattia Pascal, MORTO E AINDA CASADO! Como se podem dizer tais coisas? Era o cúmulo, esse, da perseguição que uma mulher pode levar a efeito contra o marido: livrar-se dele, reconhecendo-o morto no cadáver de um pobre afogado, e pesar ainda, depois da morte, sobre ele, sobre seus ombros, dessa maneira... Eu poderia revoltar-me, sem dúvida, declarando-me vivo, então... Mas quem, no meu lugar, não se portaria como eu? Todos, todos, como eu, naquelas circunstâncias, considerariam, com certeza, uma sorte a possibilidade de livrar-se, de forma tão imprevista, inesperada e impossível de esperar-se, da esposa, da sogra, das dívidas, de uma existência anêmica e miserável como a minha. Podia eu imaginar, naquela oportunidade, que nem morto ficaria livre da esposa? Ela, sim, de mim, mas não eu, dela? E que a vida que via livre, livre, totalmente livre, à minha frente, não passava, no fundo, de ilusão, que não podia redundar em realidade, a não ser de forma muito superficial, e mais escrava do que nunca, escrava das simulações, das mentiras que, com tanta aversão, eu tinha sido compelido a usar, escrava do medo de ser descoberto, muito embora sem ter cometido crime algum?

Adriana reconheceu que não tinha em casa, realmente, motivos para estar contente; mas agora... E, com os olhos e com o triste sorriso, perguntou-me se, de fato, podia representar um obstáculo, para mim, o que para ela era causa de dor: "Não pode, não é verdade?", pediam seu olhar e o triste sorriso.

— Oh, mas vamos pagar ao dr. Ambrosini! — exclamei, fingindo lembrar-me da conta e do criado que estava à espera. Rasguei o envelope e, sem perder tempo, esforçando-me por assumir um tom de gracejo: — Seiscentas liras! — disse. — Veja só, srta. Adriana: a Natureza comete um de seus habituais disparates, condenando-me, durante muitos anos, a viver com um olho, digamos assim, desobediente; sofro dores e prisão, para corrigir o seu erro, e, agora, ainda por cima, sou obrigado a pagar. Parece-lhe justo?

Adriana sorriu, constrangida.

— E provável — disse — que o dr. Ambrosini não ficaria contente se o senhor lhe respondesse que se dirigisse à Natureza para o pagamento. Acho que ele espera, também, que o senhor lhe agradeça, porque o olho...

— Acha que ficou bom?

Esforçou-se por olhar para mim e falou baixinho, voltando logo a baixar os olhos:

— Sim... Parece outro...

— Eu ou o olho?

— O senhor.

— Talvez com esta barba comprida....

— Não... por quê? Fica-lhe bem...

Teria arrancado aquele olho com um dedo! Que me importava mais, agora, tê-lo no devido lugar?

— No entanto — disse —, talvez ele, por sua conta, estivesse mais contente antes. Agora, incomoda-me um pouco... Enfim. Vai passar!

Fui até o pequeno armário embutido, onde guardava o dinheiro. Então, Adriana fez menção de querer ir embora; eu, admirado, a retive; como, porém, poderia prever? Em todas as minhas trapalhadas, grandes ou pequenas, sempre fui, sempre como se viu, auxiliado pela sorte. E aí está como ela, também dessa vez, veio em minha ajuda.

Procurando abrir o pequeno armário, notei que a chave não girava na fechadura; empurrei de leve a sua porta e esta,

imediatamente, cedeu: estava aberta!

— Como?! — exclamei. — Será possível que a deixei assim?

Ao notar a minha súbita perturbação, Adriana ficara palidíssima. Olhei para ela e:

— Mas, aqui... olhe, senhorita, alguém andou mexendo aqui!

No interior do móvel, notei uma grande desordem: minhas cédulas de papel-moeda tinham sido tiradas da pequena pasta de couro onde eu as pusera e estavam ali, espalhadas na prateleira. Adriana escondeu o rosto nas mãos, horrorizada. Recolhi febrilmente as cédulas e as contei. — É possível?! — exclamei, ao terminar, passando as mãos trêmulas na testa gelada de suor.

Adriana esteve a ponto de desmaiar, porém se segurou numa mesinha, ali perto, e perguntou, numa voz que não parecia mais a sua:

— Roubaram?

— Espere... espere... Como é possível? — respondi.

E recomecei a contar, forçando raivosamente os dedos e o papel, como se, de tanto esfregá-las, pudessem, daquelas cédulas, sair as outras que faltavam.

— Quanto? — indagou-me, transtornada pelo horror, pelo asco, assim que acabei de contar.

— Doze... doze mil liras... — gaguejei, Eram 65... são 53! Conte a senhorita mesma...

Se eu não acudisse a tempo para ampará-la, a pobre Adriana cairia no chão, como por uma bordoadada na cabeça. Todavia, com um esforço supremo, conseguiu dominar-se mais uma vez e, soluçando

convulsivamente, procurou desvencilhar-se de mim, que desejava ajudá-la a sentar-se na poltrona, e fez menção de se dirigir à porta:

— Vou chamar papai! Vou chamar papai!

— Não! — gritei, segurando-a e forçando-a a sentar-se.

— Não se agite assim, pelo amor de Deus! Dessa maneira, piora a minha situação... Não quero! Não quero! O que a senhorita tem com o caso? Pelo amor de Deus, acalme-se! Deixe-me, primeiro, verificar, porque... Sim, o armário estava aberto, mas eu ainda não posso, não quero acreditar num furto tão vultoso... acalme-se, vamos!

E, mais uma vez, por um último escrúpulo, tomei a contar as notas; apesar de saber, sem sombra de dúvida, que o meu dinheiro estava ali, no pequeno armário embutido, revistei o quarto todo, inclusive os lugares onde não era possível, de forma alguma, que eu deixasse uma importância daquela, a não ser num ataque de loucura. E, para justificar a busca, que a cada momento me parecia mais inútil e tola, esforçava-me por achar inverossímil a audácia do larápio. Mas Adriana, quase devaneando, cobrindo o rosto com as mãos e a voz entrecortada de soluços:

— É inútil, é inútil! — gemia. — Larápio... larápio... até larápio! Tudo organizado antes... Eu ouvi, no escuro... Desconfiei... mas não quis acreditar que ele chegasse a esse ponto...

Papiano, sim: o larápio só podia ser ele; ele, por intermédio do irmão, durante as sessões espíritas...

— Mas como é — gemeu ela, aflitíssima —, como é que o senhor guardava tanto dinheiro, assim, em casa?

Virei-me a olhar para ela, atarantado. O que lhe responder? Podia, por acaso, dizer-lhe que obrigatoriamente, na minha situação, tinha de guardar o dinheiro comigo? Podia dizer-lhe que estava

impedido de aplicá-lo, fosse lá como fosse, ou de confiá-lo a alguém? Que também não poderia depositá-lo num banco, porque, se depois surgisse alguma dificuldade, não improvável, para retirá-lo, não poderia, de forma alguma, fazer reconhecer o meu direito?

E, para não parecer estúpido, fui cruel:

— Podia lá supor uma coisa desta? — disse.

Adriana voltou a esconder o rosto nas mãos, gemendo, aflitíssima:

— Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

O medo que devia ter o larápio ao praticar o furto apoderou-se de mim, ao pensar no que iria acontecer. Papiano não podia presumir, certamente, que eu culpasse do furto o pintor espanhol ou o sr. Anselmo, a srta. Caporale ou a criada da casa ou o espírito de Max: devia ter a certeza de que o culparia. A ele e ao irmão; e, mesmo assim, lançara-se à empreitada, quase me desafiando.

E eu? O que podia fazer? Denunciá-lo? Como? Pois sim! Nada, nada, nada! Eu não podia fazer nada! Mais uma vez, nada! Senti-me arrasado, aniquilado. Era a segunda descoberta, nesse dia! Conhecia o larápio e não podia denunciá-lo. Que direito tinha à proteção da lei? Eu estava fora de qualquer lei. Quem era eu? Ninguém! Para a lei, não existia. Qualquer um, portanto, podia roubar-me; e eu, bico calado!

Tudo isso, porém, Papiano não podia sabê-lo. E então?

— Como é que ele pôde fazer isso? — disse, quase falando comigo mesmo. — Onde foi buscar tamanha ousadia?

Adriana ergueu o rosto das mãos e olhou para mim, admirada, como para me dizer: "*E você não sabe?*"

— Ah, é! — fiz, compreendendo de imediato.

— Mas o senhor vai denunciá-lo! — exclamou, levantando-se. — Deixe-me, por favor, deixe-me chamar papai... Ele vai denunciá-lo imediatamente!

Cheguei a tempo de retê-la outra vez. Era só o que faltava, que, agora, além de tudo, Adriana me obrigasse a denunciar o furto! Não bastava que me tivessem roubado, como se nada fosse, 12 mil liras? Devia ainda temer que o furto viesse a conhecer-se e pedir, implorar a Adriana que não o proclamasse em voz alta, que não o dissesse a ninguém, pelo amor de Deus? Adriana, e, agora, compreendo-o perfeitamente, não podia, em absoluto, permitir que eu silenciasse e a obrigasse a também guardar silêncio: não podia, de forma alguma, aceitar aquilo que parecia generosidade minha, por numerosas razões: primeiro, pelo seu amor; depois, pela honorabilidade da sua casa e, também, por mim e pelo ódio que sentia pelo cunhado.

Mas, no difícil transe, a sua justa rebelião pareceu-me, realmente, excessiva; exasperado, gritei-lhe:

— A senhorita vai ficar calada: eu exijo! Não vai dizer nada a ninguém, entendeu? Quer que aconteça um escândalo?

— Não, não! — foi logo protestando a pobre Adriana, em lágrimas. — Quero libertar minha casa da vergonha desse homem!

— Mas ele vai negar! — objetei. — E, aí, a senhorita, todos desta casa, diante do juiz... Não compreende?

— Sim, perfeitamente! — respondeu Adriana, acalorando-se, toda vibrante de indignação. — Que negue, que negue à vontade! Mas nós, por nossa vez, temos muitas outras coisas, acredite, para dizer contra ele. O senhor o denuncie, não tenha consideração por ninguém, não receie por nós... Pode crer que nos prestará um grande serviço! Vingará a minha pobre irmã... Deveria compreender, sr. Meis, que me ofenderia se não o fizesse. Eu quero, quero que o

senhor o denuncie. Se não o fizer o senhor, eu mesma o farei! Como quer que fique com meu pai, debaixo de uma vergonha desta! Não, não, não! Além disso...

Apertei-a nos braços. Vendo-a sofrer assim, agoniando-se, desesperada, não pensei mais no dinheiro roubado; e prometi-lhe que faria tudo como ela desejava, contanto que se acalmasse. Porém, quanto à vergonha... Não! Por quê? Não havia nenhuma vergonha nem para ela nem para seu papai. Eu sabia de quem era a culpa do furto; Papiano calculara que o meu amor por ela valia bem 12 mil libras: e eu deveria demonstrar-lhe que não? Denunciá-lo? Pois muito bem, sim, iria fazê-lo, não por mim, mas para livrar a sua casa daquele miserável; sim, mas com uma condição: que ela, antes de mais nada, se acalmasse e parasse de chorar, vamos! E, depois, que me jurasse, por tudo o que tinha de mais querido no mundo, que não falaria com ninguém, mas ninguém mesmo, do furto, antes de eu consultar um advogado a respeito de todas as conseqüências que, naquela superexcitação, nem eu nem ela podíamos prever.

— Jura? Por tudo o que tem de mais querido?

Jurou e, com um olhar, por entre as lágrimas, fez-me entender o que era que tinha de mais querido, pelo qual jurara.

Pobre Adriana!

Fiquei ali, sozinho, no meio do quarto, perplexo, vazio, aniquilado, como se o mundo todo, para mim, tivesse se tornado inútil. Quanto tempo passou, antes que voltasse a mim? E quando voltei? Idiota... Idiota! Como um idiota, fui examinar a porta do pequeno armário, para ver se apresentava marcas de violência. Não: nenhuma marca. Tinha sido aberta muito limpamente, com uma gazua, enquanto eu guardava, com tanto cuidado, a chave no bolso.

“E o senhor não se sente”, perguntara-me Paleari, no fim da última sessão, “o senhor não se sente como se lhe tivessem subtraído alguma coisa?”

Doze mil liras!

De novo o pensamento da minha absoluta impotência, da minha nulidade, assaltou-me o espírito, esmagando-me. O caso de que pudessem roubar-me e que eu fosse obrigado a calar-me, assim, e, até com medo de que descobrissem o furto, como se o tivesse praticado eu, e não, em meu prejuízo, um larápio, realmente nunca me viera à cabeça.

“Doze mil liras? São poucas! Poucas! Podem é roubar-me tudo, tirar-me até a camisa do corpo; porque eu: bico calado! Que direito tenho de falar? A primeira pergunta que me fariam, seria esta: ‘E o senhor quem é? De onde lhe viera aquele dinheiro?’. Porém, sem denunciá-lo... Vejamos... Se, hoje à noite, eu o agarro pelo pescoço, gritando-lhe: ‘Aqui, já, o dinheiro que você tirou do pequeno armário, ladrão de uma figa!’. Ele estrila; nega. Poderia, porventura, dizer: ‘Sim, senhor, aqui está ele, peguei-o por engano?...’ Não, claro! E aí? Sabe lá se, até, não irá dar queixa de mim e processar-me por difamação! Bico calado, portanto, bem calado! Considerarei uma sorte que me julgassem morto? Pois estou mesmo morto. Morto? Pior do que morto! Foi justamente o que me lembrou o sr. Anselmo: os mortos não precisam mais morrer, mas eu sim; eu estou ainda vivo para a morte, e morto para a vida. Com efeito, que vida pode ainda ser a minha? O tédio de antes, a solidão, a companhia de mim mesmo?”

Ocultei o rosto nas mãos; caí sentado na poltrona.

Ah, se eu fosse, pelo menos, um canalha? Talvez pudesse, então, adaptar-me a ficar assim, suspenso na incerteza do meu destino, abandonado ao acaso, exposto a um risco incessante, sem ter base, sem ter consistência. Mas eu? Eu, não. E, então, o que fazer? Ir embora? Para onde? E Adriana? Mas que podia eu fazer por ela? Nada... nada... Como, porém, ir embora assim, sem nenhuma explicação, depois do que havia acontecido? Ela procuraria a causa disso no furto; diria: “E por que quis salvar o culpado e punir a mim,

que sou inocente?”. Ah, não, isso não, pobre Adriana! Contudo, por outro lado, nada podendo fazer, como alimentar a esperança de tornar menos perverso o meu papel em relação a ela? Eu tinha de mostrar-me, forçosamente, incoseqüente e cruel. A incoseqüência e a crueldade eram parte do meu próprio destino e era a mim, em primeiro lugar, que faziam sofrer. Até mesmo Papiano, o larápio, ao praticar o furto, havia sido mais coseqüente e menos cruel de quanto eu, infelizmente, teria de demonstrar-me.

Ele queria Adriana, para não devolver ao sogro o dote da primeira esposa. Eu quisera tirar-lhe Adriana? Pois, nesse caso, eu é que devia devolver o dote ao Paleari.

Para um larápio, coseqüentíssimo.

Larápio? Mas nem mesmo larápio; porque a subtração, no fundo, seria mais aparente que real. De fato, conhecendo a honestidade de Adriana, ele não podia pensar que eu quisesse fazer dela minha amante; decerto, queria torná-la minha mulher; e, nesse caso, receberia o meu dinheiro de volta, na forma de dote de Adriana, com a vantagem de ter uma mulherzinha ajuizada e boa: que mais estava eu querendo?

Oh, eu tinha a certeza de que, se pudesse esperar e se Adriana conseguisse guardar segredo, certamente obteríamos de Papiano a promessa de devolver, mesmo antes do ano de prazo, o dote da finada mulher.

Esse dinheiro, é verdade, não viria mais para as minhas mãos, porque Adriana não podia ser minha; mas iria para as dela, se, agora, soubesse ficar calada, seguindo o meu conselho, e se eu pudesse demorar-me ali ainda por algum tempo. Eu deveria empregar muita habilidade, muita astúcia, e então Adriana, à falta de coisa melhor, talvez lucrasse isto: a devolução do dote.

Assim pensando, acalmei-me um pouco, ao menos quanto a ela. Ah, não quanto a mim! Para mim, restava a crueza da fraude que

descobrir, a da minha ilusão, em comparação com a qual o furto de 12 mil libras não era nada ou, até, era um bem, se podia resultar numa vantagem para Adriana.

Vi-me excluído, para sempre, da vida, sem possibilidade de retorno. Com esse luto no coração e essa experiência, iria embora, agora, daquela casa, à qual já me habituara, onde havia encontrado um pouco de paz, e quase fizera o meu ninho. E lá estaria, mais uma vez, andando pelas ruas, sem rumo, sem finalidade, no vazio. O medo de recair nas armadilhas da vida me conservaria mais longe dos homens do que nunca e só, só, totalmente só, desconfiado, assustadíssimo: seria o suplício de Tântalo renovado para mim.

Saí de casa como um louco. Dei comigo, muito tempo depois, na rua Flaminia, perto de Ponte Molle. O que havia ido fazer ali? Olhei em volta; depois, os olhos fixaram-se na sombra do meu corpo e fiquei, durante algum tempo, observando-a; por fim, erguei com raiva um pé em cima dela. Mas não, não podia pisotear minha sombra.

Quem, de nós dois, era mais sombra? Ela ou eu?

Duas sombras!

Ali, ali, no chão; e qualquer um podia passar-lhe por cima: esmagar minha cabeça, esmagar meu coração; e eu, calado; a sombra, calada.

A sombra de um morto: essa, a minha vida...

Passou uma carroça e fiquei ali, parado, de propósito: primeiro, o cavalo, com as quatro patas, depois as rodas da carroça.

“Aí, assim! Com força, por cima do pescoço! Oh, oh, você também, cachorrinho? Vamos lá, faça logo, sim: levante uma patinha traseira! Levante uma patinha traseira!”

Rompi numa gargalhada cruel; o cachorrinho fugiu, assustado, e o carroceiro virou-se para olhar-me. Então, eu me mexi; e a sombra comigo, na frente. Apressei o passo para mandá-la enfiar-se debaixo de outras carroças, debaixo dos pés dos transeuntes, voluptuosamente. Uma perversa inquietação tinha se apoderado de mim, quase me agarrando o ventre com as unhas; no fim, não pude mais ver aquela sombra pela frente, teria desejado descolá-la dos meus pés. Virei-me; mas lá estava ela, atrás, agora.

“Se eu sair correndo, ela vai me seguir!”, pensei.

Esfreguei a fronte com força, por medo de estar enlouquecendo, de transformar aquilo em obsessão. Mas era assim mesmo! O símbolo, o fantasma da minha vida era aquela sombra: era eu, esse aí, no chão, exposto ao capricho dos pés alheios. Eis o que sobrava de Mattia Pascal, falecido na Stia: a sua sombra pelas ruas de Roma.

Porém a sombra possuía um coração e não podia amar; possuía dinheiro e qualquer um podia roubá-lo; possuía uma cabeça, mas só para pensar e compreender que era a cabeça de uma sombra, e não a sombra de uma cabeça. Era assim!

Então, sentia-a como uma coisa viva e sofri por ela, como se o cavalo e as rodas da carroça e os pés dos transeuntes a tivessem de fato reduzido a frangalhos. Então, não quis mais deixá-la ali, abandonada, no chão. Passou um bonde, tomei-o.

De regresso para a casa...

# 16

## O Retrato de Minerva

Antes de me abrirem a porta, percebi que algo grave devia ter ocorrido em casa: ouvia Papiano e Paleari gritarem. Veio ao meu encontro, toda transtornada, a Caporale:

— Quer dizer, então, que é verdade? Doze mil liras?

Parei, ofegante, desorientado. Scipione Papiano, o epilético, cruzou, nesse momento, a saleta de entrada, descalço, segurando os sapatos na mão, muito pálido, sem paletó; enquanto o irmão gritava lá dentro:

— E, agora, denuncie! Denuncie!

Fui tomado de violenta irritação contra Adriana, que havia falado, apesar da proibição e do juramento.

— Quem foi que disse? — gritei à Caporale. — Não é verdade! Eu encontrei o dinheiro.

A Caporale olhou para mim, espantada:

— O dinheiro? Encontrou-o? Realmente? Deus seja louvado! — exclamou, erguendo os braços; e correu, seguida por mim, para anunciar, exultante, na sala de jantar, onde Papiano e Paleari gritavam e Adriana chorava: — Ele o encontrou! Ele o encontrou! Aí está o sr. Meis! Encontrou o dinheiro!

— Como?

— Encontrou-o?

— E possível?

Ficaram assombrados, todos os três, mas Adriana e o pai, com o rosto em brasa, Papiano, ao contrário, cadavérico, desfigurado.

Olhei-o por um instante. Eu devia estar mais pálido que ele e tremia todo. Ele baixou os olhos, como apavorado, e deixou cair das mãos o paletó do irmão. Aproximei-me dele, de frente, quase tocando em seu peito, e estendi-lhe a mão.

— Peço-lhe muitas desculpas; ao senhor, a todos... Queiram desculpar-me — disse.

— Não! — gritou Adriana, indignada; mas logo tapou a boca com o lenço.

Papiano olhou para ela e não ousou apertar-me a mão. Então, repeti:

— Desculpe-me... — E estendi ainda mais a mão, para sentir a dele, dar-me conta de como tremia. Parecia a mão de um morto; e também os olhos, turvos e quase apagados, pareciam de um morto.

— Lamento de verdade, lamento muito — acrescentei —, a confusão, o profundo desgosto que sem querer causei...

— Não... isto é, sim... de fato — gaguejou Paleari —, sim, era uma coisa que... claro, não podia ser, com os diabos! Estou muito feliz, sr. Meis, estou mesmo muito feliz, de que o senhor encontrou esse dinheiro, porque...

Papiano respirou fundo, passou as mãos na fronte suada e na cabeça e, virando-nos as costas, olhou na direção da pequena varanda.

— Eu me comportei como o sujeito da anedota... — continuei, esforçando-me para sorrir. — Procurava o burro e estava em cima

dele. Tinha as 12 mil liras aqui, na carteira, comigo.

Só que Adriana, nesse ponto, não pôde mais se segurar:

— Mas se o senhor — disse — revistou tudo, na minha presença! Se ali, no pequeno armário...

— Sim, senhorita — interrompi-a, com fria e severa firmeza. — Mas revistei mal, com efeito, visto que encontrei... Aliás, peço desculpas sobretudo à senhorita que, por causa da minha leviandade, teve de sofrer mais do que os outros. Mas espero que...

— Não! Não! Não! — gritou Adriana, rompendo em soluços e saindo precipitadamente da sala, seguida pela Caporale.

— Não compreendo... — fez Paleari, atordoado.

Papiano virou-se, furioso:

— Vou-me embora assim mesmo, hoje... Parece que, agora, já não há necessidade de... de...

Interrompeu-se, como se lhe faltasse o fôlego; quis dirigir-se a mim, mas sem a coragem de encarar-me:

— Eu... eu, creia, nem pude dizer que não... quando me pegaram... aqui, no meio de todos... Investi logo contra meu irmão que... na sua inconsciência... doente como é... irresponsável, isto é, creio... sabe-se lá! Podia-se pensar que... Arrastei-o para aqui... Uma cena selvagem! Vi-me forçado a despi-lo... a revistá-lo todo... por toda parte... nas roupas, até nos sapatos... E ele... ah!

Aí, o pranto pôs-lhe um nó na garganta; os olhos se lhe encheram de lágrimas; em seguida, como sufocado pela angústia, acrescentou:

— Assim, viram que... Claro, se o senhor... Depois disso, vou-me embora!

— Não! De jeito nenhum! — eu disse, então. — Por minha causa? O senhor deve ficar aqui! Se alguém tem de ir embora, sou eu!

— O que o senhor está dizendo, sr. Meis?! — exclamou, penalizado, Paleari.

Também Papiano, embaraçado pelo pranto, por mais que quisesse dominá-lo, negou com a mão; depois, disse:

— Eu devia... devia ir embora; aliás, tudo isso aconteceu porque eu... assim, inocentemente... anunciei que queria ir embora, por causa de meu irmão, que não se pode mais guardar em casa... O marquês, aliás, deu-me (tenho-a aqui) uma carta para o diretor de uma casa de saúde, em Nápoles, para onde devo ir, também, por motivo de outros documentos de que ele necessita... E, então, minha cunhada, que tem pelo senhor... merecidamente, muita, muita consideração... saiu-se dizendo que ninguém devia sair da casa... que todos tínhamos de ficar aqui... porque o senhor... não sei... tinha descoberto... Isso, a mim! Ao próprio cunhado! Ela o disse justamente a mim... talvez porque eu, pobre mas honrado, ainda preciso devolver, aqui, ao meu sogro...

— Mas no que você fica pensando, agora! — exclamou, interrompendo-o, Paleari.

— Não! — voltou a falar Papiano, orgulhosamente. — Penso, sim! Penso muito, não tenha dúvidas! E, se vou embora... Pobre, pobre, pobre Scipione!

Não conseguindo mais conter-se, desfez-se em lágrimas.

— Ora bolas — disse Paleari, atordoado e comovido. — Que é que isso tem a ver com o caso, agora?

— Coitado do meu irmão! — continuou Papiano, num tamanho rompante de sinceridade que também eu senti as entranhas quase se agitarem pela compaixão.

Percebi, no rompante, o remorso que ele devia ter, naquele momento, pelo irmão, do qual se utilizara, para cima de quem atiraria a culpa do furto, se eu o tivesse denunciado, e a quem, pouco antes, obrigara a sofrer a afronta da perquisição.

Ninguém melhor do que ele sabia que era impossível eu ter encontrado o dinheiro que ele havia me roubado. Minha inesperada declaração, que o salvara, justamente no momento em que, vendo-se perdido, acusava o irmão ou, pelo menos, dava a entender, conforme o plano que devia ter armado de antemão, que somente este podia ser autor do furto, o aniquilara. Agora, chorava por uma irrefreável necessidade de desafogar o espírito, tão terrivelmente atingido, e talvez porque, também, sentisse que não podia permanecer na minha frente senão assim, chorando. Com esse choro, ele se prostrava a mim, ajoelhava-se quase aos meus pés, mas com a condição de que eu sustentasse minha afirmação, ou seja, de que tornara a achar o dinheiro: porque, se, por acaso, me aproveitasse de vê-lo, agora, humilhado, para voltar atrás, logo ele se reergueria, furioso, contra mim. Já ficara entendido que ele não sabia e não devia saber nada do furto e que eu, com a minha afirmação, não salvava senão o irmão, o qual, no final das contas, se o tivesse denunciado, talvez não viesse a sofrer nada, dada a sua enfermidade; em contrapartida, ele comprometia-se, como já deixara entrever, a restituir o dote ao Paleari.

Tudo isso me pareceu deduzir daquele choro. Atendendo aos pedidos do sr. Anselmo e também meus, ele se acalmou, por fim; disse que voltaria de Nápoles quanto antes, tão logo tivesse posto o irmão na casa de saúde, liquidado tudo que lhe cabia receber em certa loja, que, ultimamente, abrira por lá, de sociedade com um amigo, e levado a término as pesquisas dos documentos de que o marquês necessitava.

— Aliás, a propósito — concluiu, dirigindo-se a mim. — Quem pensava mais nisso? O senhor marquês me disse que, se for do seu agrado, hoje... juntamente com meu sogro e Adriana...

— Ah, sim, muito bem! — exclamou o sr. Anselmo, sem deixá-lo acabar. — Iremos todos... ótimo! Acho que, agora, temos um motivo para estarmos alegres, com os diabos! Que diz a isso, sr. Adriano?

— Por mim... — fiz eu, abrindo os braços.

— Então, por volta das quatro... Está bem? — propôs Papiano, enxugando definitivamente os olhos.

Recolhi-me ao quarto. Meu pensamento correu logo para Adriana, que havia fugido soluçando, após o meu desmentido. E se, agora, ela viesse pedir-me uma explicação? Decerto, ela tampouco podia acreditar em que eu tinha realmente encontrado o dinheiro. O que devia, portanto, supor? Que, negando daquela maneira o furto, eu quisera castigá-la pela violação do juramento. Mas por quê? Evidentemente, porque soubera pelo advogado a quem lhe dissera que recorreria, para pedir conselho, antes de denunciar o furto, que também ela e todos os da casa seriam considerados suspeitos. E daí? Não me dissera ela que enfrentaria de bom grado o escândalo? Sim; mas eu, estava claro, eu não quisera: preferira sacrificar 12 mil liras... Portanto, ela devia julgar que se tratava de generosidade, de minha parte, de sacrifício por amor a ela? Eis a que outra mentira me compelia minha condição: revoltante mentira, que me embelezava de uma requintada, delicadíssima prova de amor, atribuindo-me uma generosidade tanto maior, quanto menos por ela pedida e desejada.

Que nada! Não! Não! Que fantasias eram essas? A conclusões bem diferentes devia eu chegar, seguindo a lógica daquela mentira, necessária e inevitável. Nada de generosidade, sacrifício, prova de amor! Poderia continuar a iludir por mais tempo a pobre menina? O que eu devia era abafá-la, sufocá-la, a minha paixão, e não mais

dirigir a Adriana nem um olhar nem uma palavra de amor. Mas... e aí? Como iria ela conciliar minha aparente generosidade com a conduta que, doravante, teria de impor-me para com ela? Via-me, pois, forçosamente, levado a aproveitar o furto, que ela revelara contra a minha vontade e eu desmentira, para trincar de vez minhas relações com ela. Mas que lógica era essa? De duas, uma: ou eu fora vítima do furto e, então, por que motivo, conhecendo o larápio, não o denunciava e, em vez disso, retirava-lhe o meu amor, como se ela também tivesse culpa? ou, então, tornara, realmente, a achar o dinheiro e, nesse caso, por que não continuava a amá-la?

Senti-me sufocar de náusea, de cólera, de ódio por mim mesmo. Pudesse, ao menos, dizer-lhe que não era a generosidade que me guiava, que eu não podia, de forma alguma, denunciar o furto... Mas, nesse caso, deveria, também, dar-lhe uma explicação do porquê... Porventura o meu dinheiro era roubado? Isso, também, ela poderia presumir... Ou devia dizer-lhe, então, que era um homem perseguido, um fugitivo comprometido, que precisava viver na sombra e não podia amarrar ao seu destino o de nenhuma mulher? Outras mentiras à pobre menina... Por outro lado, podia, por acaso, dizer-lhe a verdade que, agora, parecia a mim mesmo inacreditável, uma fábula absurda, um sonho insensato? Para não continuar a mentir agora, devia confessar que mentira sempre? Aí está aonde me levaria a revelação da minha situação. E com que proveito? Não seria nem uma desculpa para mim nem um remédio para ela.

Contudo, indignado, exasperado como me encontrava naquele momento, talvez confessasse tudo a Adriana, se ela, em vez de mandar a Caporale, tivesse vindo pessoalmente ao meu quarto, para explicar-me por que havia faltado ao juramento.

O motivo já me era conhecido: o próprio Papiano o dissera. A Caporale acrescentou que Adriana estava inconsolável.

— E por quê? — perguntei, com simulada indiferença.

— Porque não acredita que o senhor tenha, de fato, encontrado o dinheiro.

Veio-me, nesse momento, a idéia (que se ajustava, por sinal, com as condições do meu espírito, com a náusea que sentia de mim mesmo), a idéia de fazer Adriana perder toda e qualquer estima por mim, para que não me amasse mais, demonstrando-me, em relação a ela, falso, duro, volúvel, interesseiro... Dessa maneira, eu me puniria do mal que lhe fizera. No momento, sim, eu lhe causaria um novo mal, mas para o seu próprio bem, para curá-la.

— Não acredita? Como é que não acredita? — disse, com um sorriso malévolos, à Caporale. — Doze mil liras, senhorita... Ela pensa que são terra? Que eu estaria tão tranqüilo se me tivessem de fato roubado esse dinheiro?

— Mas Adriana me disse... — tentou acrescentar.

— Bobagem! Bobagem! — atalhei. — Sim, é verdade... desconfie por um momento. Mas, também, disse à srta. Adriana que não achava possível o furto... E de fato! Que motivo teria, aliás, de dizer que encontrei o dinheiro, se não o tivesse realmente encontrado?

A srta. Caporale encolheu os ombros.

— Talvez Adriana pense que o senhor pode ter algum motivo para...

— Não! Não! — apressei-me em interrompê-la. Trata-se, repito, de 12 mil liras, senhorita... Fossem trinta, quarenta liras, bem, o caso mudaria de figura... Mas não tenho dessas idéias generosas, pode crer... Que diabo! Só mesmo sendo um herói...

Quando a srta. Caporale foi embora, para referir minhas palavras a Adriana, torci as mãos, mordi-as. Deveria mesmo portar-me assim? Aproveitar-me do furto, como se, com o dinheiro

roubado, quisesse pagá-la, indenizá-la das esperanças frustradas? Ah, era covarde essa forma de agir! Com certeza, ela gritaria de raiva, lá no seu quarto, e me desprezaria... sem compreender que a dor que ela sentia seria também minha. Pois bem, assim é que precisava ser! Ela devia odiar-me, desprezar-me, tal como eu me odiava e desprezava. E, até, para enfurecer-me ainda mais contra mim mesmo, para fazer aumentar o seu desprezo, eu me mostraria, agora, carinhoso com Papiano, com o seu inimigo, como para ressarcir-lo, aos olhos dela, da desconfiança que havia concebido contra ele. Sim, sim, desnortearia, assim, também o meu larápio, sim, até fazer todos acreditarem que eu estava doido... E mais, ainda mais: não devíamos, dali a pouco, ir à casa do marquês Giglio? Pois muito bem: começaria, nesse mesmo dia, a cortejar a srta. Pantogada...

— Vai, assim, desprezar-me ainda mais, Adriana! — gemi, atirando-me na cama. — Mas que outra coisa, que outra coisa posso fazer por você?

Pouco depois das quatro, o sr. Anselmo veio bater à porta do meu quarto.

— Já vou — disse-lhe; e vesti o sobretudo. — Estou pronto.

— O senhor vem assim? — perguntou-me Paleari, olhando para mim, admirado.

Notei logo, então, que tinha ainda na cabeça o boné de viagem, que costumava usar dentro de casa. Enfiei-o no bolso do sobretudo e tirei do cabide o chapéu, enquanto o sr. Anselmo ria, ria, como se ele...

— Aonde vai, sr. Anselmo?

— Mas veja só como eu, também, estava para sair! — respondeu, rindo e apontando para os chinelos que calçava.

— Vá para a sala; está lá Adriana...

— Ela também vai? — perguntei.

— Não queria — disse Paleari, encaminhando-se para o seu quarto. — Mas eu a convenci a ir. Vá: está na sala de jantar, já pronta...

Com que olhar duro, de censura, acolheu-me, na sala, a srta. Caporale! Ela, que tanto havia sofrido por amor e fora tantas vezes consolada pela suave menina, ignorara desse sentimento, agora, que Adriana sabia o que isso era, agora, que Adriana estava ferida, queria consolá-la por seu turno, agradecida, solícita; e rebelava-se contra mim, porque lhe parecia injusto que fizesse sofrer uma criatura tão bondosa e tão bonita. Ela, sim, ela não era bonita nem bondosa, e, portanto, se os homens se mostravam malvados com ela, podiam ter, ao menos, uma sombra de desculpa. Mas por que fazer sofrer assim Adriana?

Isso disseram-me seus olhos, convidando-me, ao mesmo tempo, a olhar para aquela que eu fazia sofrer.

Como estava pálida! Via-se-lhe ainda, nos olhos, que havia chorado.

Quem sabe o esforço que lhe custara, naquela aflição, ter de vestir-se para sair comigo...

Apesar de o estado de espírito com que fiz essa visita, a figura e a casa do marquês Giglio d'Auletta despertaram em mim uma certa curiosidade.

Eu sabia que ele vivia em Roma porque, agora, para a restauração do reino das Duas Sicílias, já não via outro recurso, a não ser a luta pelo triunfo do poder temporal do papa: devolvida Roma ao pontífice, a unidade da Itália se desmantelaria e, então... quem sabe! O marquês não queria arriscar profecias. No momento,

a sua tarefa estava bem definida: luta sem quartel, no lado clerical. E sua casa era freqüentada pelos mais intransigentes prelados da cúria, pelos mais ardorosos defensores do partido negro.

Nesse dia, porém, no amplo salão esplendidamente decorado, não encontramos ninguém. Ou, por outra, não. Havia, no meio, um cavalete sustentando uma tela já esboçada pela metade, que pretendia ser o retrato de Minerva, a cadelinha de Pepita, toda preta, deitada numa poltrona toda branca, a cabeça alongada sobre as duas patinhas dianteiras.

— Obra do pintor Bernaldez — anunciou-nos, com muita gravidade, Papiano, como se estivesse fazendo uma apresentação a exigir, da nossa parte, uma profunda mesura.

Entraram, inicialmente, Pepita Pantogada e a governanta, sra. Candida.

Eu já tinha visto uma e outra na semi-escuridão do meu quarto; agora, na luz, a srta. Pantogada pareceu-me outra; não em tudo, para dizer a verdade, mas no nariz... Possível que, lá no meu quarto, tivesse esse nariz? Eu a imaginara com um narizinho arrebitado, atrevido; em vez disso, tinha-o aquilino e forte. Mas assim mesmo era bonita: morena, de olhos faiscantes, com cabelos brilhantes, muito pretos e ondedados, lábios finos, de contornos bem marcados, vermelhos. O vestido escuro, de pintas brancas, assentava-lhe à perfeição no corpo esbelto e de belas formas. A suave beleza loura de Adriana, ao lado dela, empalidecia.

E, finalmente, pude ter a explicação do que trazia na cabeça a sra. Candida! Uma estupenda peruca alourada, crespa, e, por cima da peruca, um grande lenço de seda azul-celeste ou, melhor, um xale, amarrado artisticamente com um nó debaixo do queixo. Tão viva a moldura quanto esquelético era o pequeno rosto, magro e flácido, posto que caiado, alisado, pintado com carmim.

Enquanto isso, Minerva, a velha cadelinha, com seus latidos forçados e rouquinhos, não permitia a troca de cumprimentos. O pobre bichinho, porém, não latia para nós; latia para o cavalete, latia para a poltrona branca, que deviam ser, para ela, instrumentos de tortura: protesto e desabafo de uma alma exasperada. Teria desejado enxotar do salão aquela maldita armação com seus três longos pés; mas, uma vez que essa saísse dali, imóvel e ameaçadora, ela, Minerva, é que recuava, latindo, e, depois, avançava contra ela, mostrando e rangendo os dentes, e voltava a recuar, furibunda.

Pequena, atarracada, gorda em cima das quatro patinhas demasiado finas, Minerva era realmente feia; tinha os olhos já embaçados pela velhice e o pêlo da cabeça, encanecido; além disso, nas costas, perto da inserção do rabo, estava toda pelada, pelo hábito de coçar-se furiosamente nas estantes, nas travessas das cadeiras, onde quer que o conseguisse. Eu já sabia alguma coisa a esse respeito.

De repente, Pepita agarrou-a pelo pescoço e a arremessou para os braços da sra. Candida, gritando-lhe:

— Quieta!

Nesse momento, entrou apressadamente dom Ignazio Giglio d'Auletta. Curvo, quase partido ao meio, correu para a sua poltrona, perto da janela, e, tão logo esteve sentado, pondo a bengala entre as pernas, respirou fundo e sorriu do seu cansaço mortal. O rosto exausto, inteiramente sulcado de rugas verticais, sem pêlos, era de uma palidez cadavérica, mas os olhos, ao contrário, vivíssimos, ardentes, quase juvenis. Caíam-lhe de estranha maneira, nas faces, nas fontes, certas bastas madeixas de cabelos, que pareciam línguas de cinza molhada.

Recebeu-nos com muita cordialidade, falando com marcado sotaque napolitano; depois, pediu ao seu secretário que continuasse

a mostrar-me as lembranças de que o salão estava repleto e que testemunhavam a sua fidelidade à dinastia dos Bourbons. Quando chegamos diante de um pequeno quadro, coberto com um paninho verde, que trazia bordada a ouro esta legenda: "*Não escondo; projeto; levanta-me e lê*", rogou a Papiano que tirasse o quadro da parede e o levasse até ele. Por baixo, protegida pelo vidro e emoldurada, havia uma carta de Pietro Ulloa, que, em setembro de 1860, ou seja, nos estertores do reino, convidava o marquês Giglio d'Auletta para participar do ministério, que, depois, não pôde constituir-se; ao lado, estava a minuta da carta do marquês, aceitando: carta altaneira, que estigmatizava todos os que se haviam recusado a assumir a responsabilidade do poder, naquele momento de supremo perigo e de angustiosa confusão, diante do inimigo, do aventureiro Garibaldi, já quase às portas de Nápoles.

Ao ler, em voz alta, esse documento, o velhote exaltou-se e comoveu-se a tal ponto que, embora o que lia fosse de todo contrário aos meus sentimentos, despertou-me, apesar disso, admiração. Ele também havia sido, na defesa de suas convicções, um herói. Tive outra prova disso quando ele mesmo fez questão de narrar a história de certo lírio de madeira dourada, que também se encontrava ali, no salão. Na manhã de 5 de setembro de 1860, o rei saía do Palácio Real de Nápoles, numa pequena carruagem aberta, juntamente com a rainha e dois fidalgos da corte; chegando a carruagem à rua di Chiaia, foi obrigada a parar por causa de um atravancamento de carroças e carros diante de uma farmácia, que tinha os lírios de ouro na tabuleta. Uma escada, apoiada na tabuleta, impedia o trânsito. Alguns operários, trepados na escada, tiravam da tabuleta os lírios. O rei o notou e apontou à rainha, com a mão, aquele ato de covarde prudência do farmacêutico, que, entretanto, em outros tempos, solicitara a honra de ornamentar sua loja com aquele símbolo real. Ele, o marquês d'Auletta, estava, nesse momento, passando por lá; indignado, furioso, precipitara-se dentro da farmácia, agarrara pela gola do casaco aquele covarde, mostrara-lhe o rei lá fora, cuspira-lhe, depois, na cara e, brandindo um dos

lírios retirados da tabuleta, pusera-se a gritar, no meio da multidão: “Viva o rei!”.

O lírio de madeira lembrava-lhe, agora, ali, no salão, aquela triste manhã de setembro e um dos últimos passeios do seu rei pelas ruas de Nápoles; e ele se vangloriava desse lírio quase tanto quanto da *chave de ouro* de fidalgo da câmara ou da insígnia de cavaleiro de São Januário e muitas outras honorificências, todas bem à vista, no salão, debaixo dos dois grandes retratos a óleo de Fernando e Francisco II.

Pouco depois, para consumir o meu malévolos desígnio, deixei o marquês com Paleari e Papiano, acercando-me de Pepita.

Percebi logo que ela estava muito nervosa e impaciente. Em primeiro lugar, quis saber, de mim, as horas.

— Quatro e meia? Bem, bem!

Que eram, porém, quatro e meia não devia, com certeza, ter-lhe agradado: deduzi-o daquele “*Bem, bem!*” proferido entre os dentes, e das frases volúveis e quase agressivas com que, logo em seguida, investiu contra a Itália e, mais ainda, contra Roma, tão orgulhosa por causa do seu passado. Disse-me, entre outras coisas, que também eles, lá na Espanha, tinham um Coliseu como o nosso, tão antigo quanto este, mas que não se importavam minimamente com isso.

— Pedra morta!

Valia infinitamente mais, para eles, uma *plaza de toros*. Sim: e sobretudo para ela, mais do que todas as obras-primas da arte antiga, valia o retrato de Minerva do pintor Manuel Bernaldez, que demorava para chegar. A impaciência de Pepita não tinha outra origem e já estava no auge. Enquanto falava, fremia, passava, de vez em quando, com incrível rapidez, a mão no nariz, mordida o lábio, abria e fechava as mãos, e seus olhos corriam sempre para a porta.

Finalmente, o criado anunciou Bernaldez, que se apresentou afogueado, suando, como se tivesse corrido. Imediatamente, Pepita virou-lhe as costas, esforçando-se por adotar uma atitude fria e indiferente; mas, quando ele, depois de cumprimentar o marquês, aproximou-se de nós, ou melhor, dela, e, falando-lhe na sua língua, pediu desculpas pelo atraso, ela não soube mais conter-se e lhe respondeu com enorme rapidez:

— Antes de mais nada, o senhor fale italiano, porque, aqui, estamos em Roma, onde há estes cavalheiros, que não compreendem o espanhol, e não me parece de boa educação o senhor falar comigo em espanhol. Depois, digo-lhe que não me importa nada do seu atraso e que o senhor podia poupar-se as desculpas.

O outro sorriu nervosamente, chateado, e se inclinou; em seguida, perguntou-lhe se podia retomar o retrato, já que ainda havia um pouco de luz.

— A vontade! — respondeu ela, com o mesmo ar e no mesmo tom de antes. — O senhor pode pintar sem mim ou também apagar o que pintou, como quiser.

Manuel Bernaldez tomou a inclinar-se e dirigiu-se à sra. Candida, que continuava segurando a cachorrinha no colo.

Recomeçou, então, para Minerva, a tortura. Mas a tortura bem mais cruel foi submetido o seu carrasco: Pepita, para castigá-lo do atraso, entrou a demonstrar comigo tanta faceirice que me pareceu até demasiada para o fim a que eu visava. Endereçando algum olhar disfarçado para Adriana, dava-me conta do muito que ela sofria. A tortura, portanto, não era só para Bernaldez e para Minerva; era, também, para ela e para mim. Sentia o meu rosto em brasa, como se, aos poucos, me embriagasse o despeito que sabia estar causando ao pobre rapaz, que, no entanto, não me inspirava a menor pena. Pena, ah dentro, eu sentia apenas de Adriana e, visto

que devia fazê-la sofrer, não me importava que o pintor sofresse da mesma dor; aliás, quanto mais dessa dor ele sofria, tanto menos me parecia que devesse sofrer Adriana. A violência que cada um de nós praticava contra si mesmo foi aumentando gradualmente até atingir uma tensão, em virtude da qual, forçosamente, de uma forma ou de outra, teria de explodir.

Quem lhe forneceu a desculpa foi Minerva. Não estando, nesse dia, obrigada a uma atitude submissa pelo olhar da sua jovem dona, a cadelinha, mal o pintor tirava os olhos de cima dela para pô-los na tela, saía, de mansinho, da postura desejada, metia as patinhas e o focinho na cavidade entre o espaldar e o assento da poltrona, como se quisesse enfiar-se e esconder-se ali, e apresentava ao pintor o traseiro, inteiramente a descoberto, como um “O”, e abanava, quase de troça, a cauda erguida. Já a sra. Candida, por várias vezes, voltara a colocá-la no lugar. Enquanto isso, Bernaldez bufava, apanhava no ar uma ou outra palavra que eu dirigia a Pepita e a comentava, resmungando, com os seus botões. Mais de uma vez, ao notá-lo, estive para intimar-lhe: “Fale em voz alta!”. Mas, no fim, ele não suportou mais aquilo e gritou para Pepita:

— Por favor, faça, ao menos, ficar quieto o animal!

— Animal, animal, animal... — saltou Pepita, agitando as mãos no ar, exaltadíssima. — Será animal, mas não se deve dizê-lo a ela.

— Quem sabe o que ela compreende, pobrezinha... — veio-me à cabeça observar, à maneira de desculpa, dirigindo-me a Bernaldez.

Reconheço que a frase podia prestar-se a uma dupla interpretação; notei-o depois de pronunciá-la. Eu queria dizer: “Quem sabe o que ela imagina que lhe estão fazendo”. Mas Bernaldez deu outro sentido às minhas palavras e, com extrema violência, cravando os olhos nos meus, retrucou:

— Aquilo que o senhor demonstra não compreender!

Sob o seu olhar firme e provocante, no estado de excitação em que eu também me encontrava, não pude deixar de responder-lhe:

— Mas eu compreendo, cavalheiro, que o senhor talvez seja um grande pintor...

— O que foi? — perguntou o marquês, percebendo a nossa atitude agressiva.

Bernaldez, perdendo totalmente as estribeiras, levantou-se e veio plantar-se à minha frente:

— Um grande pintor... Termine a frase!

— Um grande pintor, sim... mas de modos pouco amáveis; e assusta as cadelinhas — disse eu, decidido e desdenhoso.

— Está bem — fez ele. — Veremos se são apenas as cadelinhas!

E retirou-se.

Pepita rompeu, de repente, num pranto estranho, convulso, e caiu desmaiada nos braços da sra. Candida e de Papiano.

Na confusão que se seguiu, enquanto eu, com os demais, ficava olhando para a Pantogada deitada no sofá, senti-me agarrar por um braço e vi-me de novo cara a cara com Bernaldez, que regressara. Mal tive o tempo de segurar-lhe a mão erguida contra mim e repeli-lo com força; ele, porém, arrojou-se mais uma vez na minha direção e roçou meu rosto com a mão. Fui para cima dele, furioso, mas Papiano e Paleari correram para segurar-me, enquanto Bernaldez recuava, gritando-me:

— Considere-a dada! As suas ordens! Aqui, conhecem o meu endereço!

O marquês levantara-se da poltrona pela metade, fremindo, e gritava contra o agressor; nesse meio-tempo, eu me debatia entre Paleari e Papiano, que me impediam de correr atrás do pintor. Também o marquês tentou acalmar-me, dizendo que, como cavalheiro, eu devia mandar dois amigos, para dar uma boa lição àquele mal-educado, que havia ousado mostrar tão pouco respeito pela sua casa.

Fremindo, eu também, no corpo todo, quase sem mais fôlego, limitei-me a pedir-lhe desculpas pelo desagradável incidente e fui embora, seguido por Paleari e Papiano. Adriana permaneceu junto da desmaiada, que havia sido levada lá para dentro.

Agora, eu me via obrigado a pedir ao larápio que fosse meu padrinho de duelo: ele e Paleari; a que outras pessoas poderia dirigir-me?

— Eu?! — exclamou, inocente e admirado, o sr. Anselmo. — Não, senhor! Está falando sério? — (e sorria). — Não entendo desses assuntos, sr. Meis... Ora, vamos, vamos, exaltação de rapazes, tolices, tenha paciência...

— O senhor fará isso por mim — gritei-lhe energicamente, já que, nesse momento, não podia começar uma discussão com ele. — Irá, com seu genro visitar aquele cavalheiro e...

— Mas eu não vou! O que o senhor está dizendo! — interrompeu-me. — Peça-me qualquer outro favor e estarei às suas ordens; mas esse, não. Em primeiro lugar, não é tarefa para mim; depois, já lhe disse, exaltação de rapazes! Não se deve dar-lhe importância... Que tem uma coisa com a outra...

— Isso, não; isso, não! — interveio Papiano, vendo que eu me agitava. — Tem muito! O sr. Meis está no direito de exigir uma satisfação; eu diria, mesmo, que é um dever, pois não! Deve, deve...

— Então, irá o senhor com um amigo seu — disse-lhe, não esperando uma recusa também da parte dele.

Mas Papiano abriu os braços, pesaroso.

— Imagine com que vontade gostaria de fazê-lo!

— E não faz? — gritei-lhe bem alto, no meio da rua.

— Fale baixo, sr. Meis — implorou ele, humilde. — Olhe... Escute. Considere-me... Considere a minha infeliz condição de subalterno... de miserável secretário do marquês... um servo, um servo, um servo...

— E que tem isso? O próprio marquês... Não ouviu?

— Ouvi, sim, senhor! Mas... e amanhã? Esse clerical... diante do partido... com o secretário ingerindo-se em questões cavalheirescas... Meu Deus, o senhor não sabe que misérias! Além disso, aquela pequena namoradeira, não viu? Está apaixonada, feito uma gata, pelo pintor, por aquele infame... Amanhã, os dois fazem as pazes e eu, aí, em que situação fico? Pago o pato! Tenha paciência, sr. Meis, considere-me... É assim mesmo,

— Quer dizer, então, que querem me deixar sozinho numa emergência desta? — prorrompi, mais uma vez, exasperado. — Não conheço ninguém aqui em Roma!

— Mas, para isso, há remédio! Há remédio! — apressou-se em me aconselhar Papiano. — É o que lhe desejava dizer logo... Tanto eu quanto meu sogro, acredite, ficaríamos atrapalhados; não somos as pessoas indicadas... O senhor tem razão, vejo que está furioso: o sangue não é água. Pois muito bem, dirija-se, sem perda de tempo, a dois oficiais do Real Exército: eles não podem negar-se a representar um cavalheiro numa questão de honra. O senhor fala com eles, expõe o caso... Não será a primeira vez que lhes acontece prestar esse serviço a um forasteiro.

Havíamos chegado ao portão de casa. Eu disse a Papiano:

— Está bem! — E larguei-o ali, com o sogro, seguindo caminho, só, taciturno, sem rumo.

Mais uma vez, ocorrera-me o pensamento esmagador da minha absoluta impotência. Podia bater-me em duelo, na minha condição? Não queria ainda convencer-me, uma vez por todas, de que não podia fazer mais nada? Dois oficiais? Pois sim! Mas, antes, eles desejariam saber, com justa razão, quem eu era. Ah, qualquer um podia cuspir na minha cara, esbofetear-me, espancar-me: o que eu devia é pedir que batesse com toda a força que quisesse, sim, mas sem gritar, sem fazer muito barulho... Dois oficiais! Mas, se lhes revelasse a minha verdadeira situação, mesmo que em medida mínima, antes de mais nada, eles não acreditariam, sabe-se lá do que iriam desconfiar; ademais, seria inútil, como no caso de Adriana: se acreditassem, eles me aconselhariam, primeiro, a voltar a estar vivo, pois um morto, convenhamos, não se encontra nas devidas condições perante o código cavalheiresco...

Por conseguinte, eu devia sujeitar-me, cabisbaixo, à afronta, como já o fizera com o furto? Insultado, quase esbofetado, desafiado, devia ir embora como um covarde, sumir, assim, na escuridão do intolerável destino que me aguardava, desprezível, odioso ante meus próprios olhos?

Não, não! Como poderia mais viver dessa maneira, como suportar a vista de mim mesmo? Não, não, chega! Chega! Parei. Vi tudo vacilar à minha volta; senti as pernas bambearem ao surgir de um sentimento obscuro que me provocou um calafrio da cabeça aos pés.

“Mas, pelo menos, antes, antes...”, disse para mim mesmo, fantasiando, “pelo menos, antes, tentar... por que não? Se for possível... Pelo menos, tentar... para não permanecer tão covarde ante os meus próprios olhos... Se for possível... Sentiria menos asco

de mim mesmo... De qualquer forma, não tenho mais nada a perder... Por que não tentar?"

Estava a dois passos do Caffè Aragno. "Ali, ali, com todos os riscos!" E, no cego arroubo que açulava os meus brios, entrei.

Na primeira sala, em tomo de uma mesa, havia cinco ou seis oficiais de artilharia, e, no momento em que um deles, vendo-me parar ali perto, sombrio, hesitante, virou-se a olhar para mim, acenei-lhe uma saudação, e com voz embargada pela aflição:

— Por favor... desculpe... — disse-lhe. — Poderia ter uma palavra com o senhor?

Era um jovem sem bigode, que devia ter saído nesse mesmo ano, como primeiro-tenente, da Academia Militar. Levantou-se imediatamente e se aproximou de mim com toda a cortesia.

— Pois não, fale, cavalheiro...

— Bem, vou eu mesmo apresentar-me: Adriano Meis. Sou forasteiro na cidade e não conheço ninguém... Tive uma... sim, uma briga... Estou necessitando de dois padrinhos... Não saberia a quem me dirigir... Se o senhor, com um de seus companheiros, quisesse...

Surpreso, atônito, demorou-se um pouco estudando-me; depois, virando-se para os companheiros, chamou:

— Grigliotti!

Este, que era um tenente idoso, com um par de grandes bigodes arrebitados, o monóculo encaixado à força num olho, os cabelos todos alisados e untados, ergueu-se, continuando a falar com os companheiros (pronunciava o *erre* à francesa), e se aproximou de nós, fazendo-me uma mesura leve, compassada. Ao vê-lo erguer-se, pouco faltou para que eu dissesse ao jovem tenente: "Esse aí, não, pelo amor de Deus! Esse, não!". Porém,

certamente, ninguém, no grupo, como reconheci depois, podia ser mais indicado do que ele para a tarefa. Conhecia de cor e salteado todos os artigos do código cavalheiresco.

Não poderia referir aqui, por extenso, tudo o que ele consentiu, com prazer, em dizer-me a respeito do meu caso, tudo o que pretendia de mim... Eu devia telegrafar, não sei como, não sei a quem, expor, determinar, ir falar com o coronel, *ça va sans dire...* [é óbvio] como fizera ele, quando ainda não vestia a farda e lhe acontecera, em Pavia, um caso idêntico ao meu... Porque, em matéria cavalheiresca... E tome artigos e precedentes e controvérsias e tribunais de honra e sei lá o que mais.

Eu havia começado a sentir-me sobre brasas desde o primeiro instante em que o vira; imagine-se, agora, ao ouvir aquela enxurrada de palavras! A certa altura, não agüentei mais; o sangue subira-me à cabeça e prorrompi:

— Sim, senhor, sei perfeitamente! Está tudo muito bem... Aquilo que o senhor diz é certo; mas como quer que eu telegrafe, agora? Estou sozinho! Quero me bater em duelo, só isso! Bater-me quanto antes, amanhã mesmo, se for possível... sem tantas histórias! O que quer que eu saiba a respeito dessas coisas? Dirigi-me aos senhores, na esperança de que não fossem necessárias tantas formalidades, tantos inúteis pormenores, tantas asneiras, o senhor me desculpe!

Depois desse rompante, a conversa tornou-se quase uma altercação, que terminou, porém, de repente, com uma explosão de gargalhadas descomedidas por parte de todos aqueles militares. Fui embora dali, fora de mim, com o rosto em fogo, como se me tivessem chicoteado. Pus as mãos na cabeça, como para segurar a razão, que me escapava; e, perseguido por aquelas gargalhadas, afastei-me apressadamente, para enfiar-me, esconder-me em algum lugar... Onde? Em casa? A idéia causou-me horror. Caminhei, caminhei, pelas ruas, alucinado. Depois, aos poucos, diminuí o passo e, por fim, fatigado, parei como se não pudesse mais arrastar a

alma, chicoteada por aquela zombaria, frenética, repassada de um plúmbeo, angustiado abatimento. Permaneci, algum tempo, perplexo; depois, voltei a mover-me, sem pensar em mais nada, de repente aliviado, estranhamente, de toda a aflição, quase atoleimado; e recomecei a perambular, não sei por quanto tempo, parando, num ponto ou em outro, para olhar as vitrinas das lojas, que iam gradualmente fechando; e tinha a impressão de que se fechavam, para mim, para todo o sempre e de que as ruas, aos poucos, se tornavam desertas para que eu ficasse sozinho, errante, por entre casas silenciosas, escuras, com todas as portas, toda, as janelas fechadas, e fechadas, para mim, para todo o sempre: a vida toda trancava-se, apagava-se, emudecia com essa noite; e eu já a via como de longe e como se ela não tivesse mais nenhum sentido nem objetivo para mim. E eis que, no fim, sem me dar conta, quase guiado pelo obscuro sentimento que havia me invadido e, gradualmente, amadurecera dentro de mim, dei comigo na Ponte Margherita, encostado no parapeito e olhando, com olhos arregalados, para o rio, negro, na noite.

— Ali?

Tive um estremecimento de terror, que, de repente, fez se revoltarem, com raivoso impulso, todas as minhas energias vitais, armadas de um sentimento de ódio feroz contra aquelas pessoas que, de longe, me obrigavam a acabar da mesma maneira que haviam desejado, lá, no moinho da Stia. Elas, Romilda e a mãe, tinham-me colocado nessa dolorosa contingência; eu jamais pensaria em fingir um suicídio para livrar-me delas. E eis que, agora, depois de perambular durante dois anos, como uma sombra, com essa ilusão de vida para além da morte, via-me compelido, forçado, arrastado a executar eu mesmo, contra mim, a condenação imposta por elas. Haviam-me, de fato, matado! E elas, apenas elas é que se tinham livrado de mim...

Um frêmito de revolta me sacudiu. Em lugar de matar-me, não podia vingar-me delas? Quem estava eu para matar? Um morto...

ninguém...

Parei, como ofuscado por uma estranha e repentina luz. Vingarme! Portanto, voltar para lá, para Miragno? Sair da mentira que me sufocava e que já era insustentável? Voltar a estar vivo, para castigo delas, com o meu verdadeiro nome, nas minhas verdadeiras condições, com minhas verdadeiras e próprias desgraças? Mas... e as desgraças presentes? Podia sacudi-las de cima de mim, assim, como um incômodo fardo que é fácil jogar fora? Não, não, não! Sentia que não podia fazê-lo. E me atormentava todo, ali, na ponte, ainda incerto do meu destino.

Enquanto isso, apalpava, apertava, com os dedos inquietos, o bolso do sobretudo, alguma coisa que não conseguia compreender o que fosse. Por fim, com um movimento de raiva, puxei-a para fora. Era o meu boné de viagem, aquele que, ao sair de casa para ir visitar o marquês Giglio, tinha enfiado no bolso, sem me dar conta disso. Fiz menção de jogá-lo no rio, porém, no mesmo instante, uma idéia me surgiu, repentina, e voltou-me clara à memória uma reflexão que eu fizera na viagem de Alenga para Turim.

“Aqui”, disse, quase inconscientemente, para mim mesmo, “em cima deste parapeito... o chapéu... a bengala... Sim! Como elas, lá, na torrente do moinho, Mattia Pascal, eu, agora, aqui, Adriano Meis... Cada um por sua vez! Volto a estar vivo; vou me vingar!”

Um estremecimento de alegria ou, melhor dizendo, um impulso de loucura se manifestou em mim, levantou-me o espírito. Sim, claro! Eu não devia matar a mim, um morto, mas devia a essa insensata, absurda ficção que me torturara, que me martirizara durante dois anos, esse Adriano Meis, condenado a ser um covarde, um mentiroso, um miserável; esse Adriano Meis é que eu devia matar; Adriano Meis, que, sendo, como era, um nome falso, teria precisado, também, ter de estopa o cérebro; de papelão, o coração; de borracha, as veias, onde, em vez de sangue, deveria correr um pouco de água colorida: aí, sim! Vamos, portanto, jogá-lo lá

embaixo, no rio, perverso e odioso fantoche! Afogado, lá embaixo, como, na Stia, Mattia Pascal! Cada um por sua vez! Essa sombra de vida, nascida de uma mentira macabra, acabaria dignamente, assim, com uma mentira macabra! E repararia tudo! Que outra satisfação poderia eu dar a Adriana, pelo mal que lhe fizera? Mas devia deixar passar em brancas nuvens a afronta daquele calhorda? Atacaram-me à traição, o covarde! Oh, eu estava bem seguro de que não tinha medo dele, Mas não eu, não eu, e sim Adriano Meis recebera o insulto. E agora, justamente, Adriano Meis iria matar-se.

Não havia outra saída para mim!

Um tremor, nesse meio-tempo, se apoderara do meu corpo, como se eu tivesse realmente de matar alguém. Mas o cérebro havia se clareado de repente, clareado da névoa que o encobria, o coração, aliviado de seu peso; e eu desfrutava uma lucidez de espírito quase brincalhona.

Olhei à minha volta. Desconfiei de que mais adiante, no Lungotevere, pudesse haver alguém, algum guarda, que, ao me ver por tanto tempo na ponte, tivesse parado para espreitar-me. Quis tirar isso a limpo: fui até lá, olhei, primeiro, na praça della Libertà; em seguida corri os olhos pelo Lungotevere dei Mellini. Ninguém! Então, voltei atrás; mas, antes de ir outra vez para a ponte, parei no meio das árvores, embaixo de um lampião; arranquei uma folha de papel do caderninho de apontamentos e nela escrevi com o lápis: "*Adriano Meis*". Que mais? Nada. O endereço e a data. Era suficiente. Estava todo ali, Adriano Meis, naquele chapéu, naquela bengala. Deixaria o resto em casa, roupas, livros... O dinheiro, depois do furto, trazia-o comigo.

Regressei à ponte, quieto, agachado. As pernas me tremiam, o coração batia com violência em meu peito. Escolhi o lugar menos iluminado pelos lampiões, e, em seguida, tirei o chapéu, enfiei na fita o bilhetinho dobrado, depois o coloquei no parapeito, com a bengala ao lado; pus na cabeça o providencial boné de viagem, que

me havia salvado, e afastei-me dali, à procura da escuridão, como um ladrão, sem virar-me para trás.

# 17

## Reencarnação

Cheguei à estação em tempo de pegar o trem da meia-noite e dez para Pisa.

Em poder da passagem, encolhi-me num canto de um vagão de segunda classe, com a pala do boné baixada até o nariz, menos para esconder-me do que para não ver. Mas via, apesar disso, em pensamento: tinha o pesadelo daquele chapéu e daquela bengala abandonados lá, no parapeito da ponte. Quem sabe? Talvez alguém, nesse momento, ao passar por lá, os notasse... ou, talvez, algum guarda-noturno já tivesse avisado a polícia... E eu ainda me encontrava em Roma? O que estávamos esperando, na estação? Não conseguia nem respirar direito...

Finalmente, o trem se mexeu. Por sorte, eu ficara sozinho no compartimento. Levantei-me num salto, ergui os braços e soltei um interminável suspiro de alívio, como se me tivessem tirado uma enorme pedra de cima do peito. Ah! Voltava a estar vivo, a ser eu, eu, Mattia Pascal. Dava-me quase vontade de gritá-lo, bem alto, para todos, agora: "Eu, eu, Mattia Pascal! Sou eu! Não morri! Estou aqui!". E não precisar mais mentir, não precisar mais ter medo de ser descoberto! Bem, na verdade, ainda não: enquanto não chegasse a Miragno... Lá, primeiro, teria de declarar a minha identidade, fazer-me reconhecer por vivo, voltar a enxertar-me nas minhas sepultadas raízes. Que insano! Como pudera ter a ilusão de que um tronco, cortado de suas raízes, conseguisse viver? E, contudo... lembrava-me de outra viagem, a de Alenga para Turim: também então eu havia me considerado igualmente feliz. Insano! Falava em libertação! Sim, libertação com a capa de chumbo da mentira em cima de mim! Uma capa de chumbo em cima de uma sombra... Agora, em cima de mim, teria de novo a esposa e aquela sogra, sem dúvida... Mas não

as tivera, da mesma forma, também como morto? Agora, pelo menos, eu estava vivo e valente. Oh, lutaríamos!

Voltando a pensar no assunto, parecia-me até mesmo inverossímil a leviandade com que, dois anos antes, eu me colocara fora de toda e qualquer lei, lançando-me à aventura. E me revia nos primeiros dias, feliz na inconsciência, ou melhor, na loucura, em Turim e depois, com o passar do tempo, em outras cidades, perambulando, mudo, solitário, fechado em mim mesmo, imbuído no sentimento da que, então, me parecia a felicidade; e eis-me na Alemanha, descendo o Reno num vapor: era um sonho? Não, estivera realmente lá! Ah, se tivesse podido permanecer sempre naquelas condições, viajar, forasteiro da vida... Mas em Milão, depois... o pobre cãozinho que eu quisera comprar de um velho vendedor de fósforos... Já estava começando a perceber... E, depois... ah, depois!

Regressei, com o pensamento, a Roma; entrei como uma sombra na casa que havia abandonado. Dormiriam todos? Adriana, talvez; não... ainda espera por mim, espera que eu volte para casa. Devem ter-lhe dito que fui à procura de dois padrinhos, para bater-me em duelo com Bernaldez; não me ouviu ainda voltar para casa e receia, chora...

Apertei com força as mãos no rosto, sentindo o coração atormentado pela angústia.

“Mas, se eu, para você, não podia estar vivo, Adriana”, gemi, “é melhor que, agora, saiba que morri! Mortos estão os lábios que colheram um beijo na sua boca, pobre Adriana... Esqueça! Esqueça!”

O que aconteceria, naquela casa, quando, na manhã seguinte, alguém da polícia se apresentasse para dar a notícia?

A que causa, após o assombro inicial, atribuiriam o meu suicídio? Ao duelo iminente? Claro que não! Seria no mínimo bastante esquisito que um homem que jamais dera provas de ser

covarde se matasse por medo de um duelo... Então, por quê? Por que não podia encontrar padrinhos? Explicação sem cabimento! Ou talvez... sabe-se lá! Era possível que houvesse algum mistério por baixo da minha estranha existência...

Sim, decerto, é o que pensariam! Eu me matava assim, sem nenhum motivo aparente, sem ter mostrado antes, de alguma maneira, essa intenção. Bem, sim: alguma esquisitice, mais do que uma, eu de fato praticara nos últimos dias: a trapalhada do furto, antes suspeitado e, depois, de repente desmentido... Talvez, então, aquele dinheiro não fosse meu? Talvez devesse devolvê-lo a alguém? Eu tinha me apoderado indevidamente de uma parte dele e tentara me fazer passar por vítima de um furto; depois, arrependera-me e, por fim, matara-me? Quem sabe! Com certeza, fora um homem misteriosíssimo: não tinha um amigo, não recebia uma carta, jamais, de nenhum lugar...

Como seria melhor se tivesse escrito alguma coisa, no bilhete, além do nome, a data e o endereço: um qualquer motivo do suicídio. Mas naquele momento... Além disso, que motivo?

“Quem sabe”, pensei, agoniado, “que alvoroço farão, agora, os jornais, a respeito desse misterioso Adriano Meis... Sem dúvida, surgirá o meu famoso primo, o tal Francesco Meis, de Turim, auxiliar de fiscal, para fornecer seus informes à polícia: na base desses informes, haverá investigações, e sabe-se lá o que sairá daí. Sim, mas o dinheiro? Quem vai herdá-lo? Porque Adriana as viu, todas aquelas cédulas de papel-moeda... Imagine-se Papiano! Vai assaltar o pequeno armário embutido! Mas o achará vazio... Então, perdida, a bolada toda? No fundo do rio? Que pena, que pena! A polícia seqüestrará minhas roupas, meus livros... Para quem irão? Oh, pelo menos uma lembrança para a pobre Adriana! Com que olhos, agora, olhará ela para o meu quarto deserto?

Dessa maneira, perguntas, suposições, pensamentos, sentimentos tumultuavam em mim, enquanto o trem retumbava na

noite. Não me davam paz.

Considerarei prudente parar alguns dias em Pisa, a fim de não estabelecer uma relação entre a reaparição de Mattia Pascal em Miragno e o desaparecimento de Adriano Meis em Roma, relação que poderia saltar facilmente aos olhos, sobretudo se os jornais de Roma falassem demais nesse suicídio. Aguardaria, em Pisa, os jornais de Roma, os da tarde e os da manhã; depois, se não tivessem feito muito barulho, antes que a Miragno, iria a Oneglia, para ver meu irmão Roberto e experimentar nele a impressão que despertaria a minha ressurreição. Mas devia, de qualquer jeito, evitar a menor alusão à minha permanência em Roma, às aventuras, aos casos que me haviam acontecido. Daqueles dois anos e meio de ausência, forneceria notícias fantásticas, de viagens distantes... Ah! Agora voltando a estar vivo, poderia eu também dar-me ao luxo de contar mentiras, mas muitas, muitas, muitas, até do quilate daquelas do *cav.* Tito Lenzi e mesmo maiores.

Sobravam-me mais de 50 mil liras. Os credores, sabendo que estava morto, havia dois anos, tinham-se com certeza dado por satisfeitos com o sítio da Stia e o moinho. Vendida uma coisa e a outra, talvez se houvessem arranjado, da melhor forma, entre si: não me importunariam mais. E, sendo preciso, eu trataria de não me deixar importunar. Com 52 mil liras em Miragno, vamos e venhamos, não digo que com larguezas, mas poderia viver bastante bem.

Depois de descer do trem, em Pisa, fui, em primeiro lugar, comprar um chapéu, do mesmo modelo e tamanho dos que Mattia Pascal, no seu tempo, costumava usar; logo depois, mandei cortar as madeixas daquele imbecil de Adriano Meis.

— Curtos, bem curtinhos, sim? — disse ao barbeiro.

A barba já havia crescido um pouco e, agora, com os cabelos curtos, comecei a readquirir o meu primeiro aspecto, mas muito

melhorado, mais fino... sim, mais delicado. O olho não estava mais torto, não era mais o olho característico de Mattia Pascal.

Bem, alguma coisa de Adriano Meis me permaneceria no rosto. Mas eu me parecia tanto com Roberto, agora! Muito mais do que jamais poderia supor.

O diabo foi quando, depois de me livrar daquela cabeleira toda, voltei a colocar o chapéu, comprado pouco antes: enterrou-se até quase a nuca! Tive de remediar, com a ajuda do barbeiro, colocando uma tira de papel dentro da carneira.

A fim de não entrar assim, de mãos vazias, num hotel, comprei uma maleta: guardaria nela, por enquanto, a roupa que estava usando e o sobretudo. Cumpria-me reabastecer-me de indumentária, não podendo esperar que lá em Miragno, depois de tanto tempo, minha mulher conservasse ainda algum vestuário meu ou a roupa de baixo. Comprei uma roupa feita, numa loja, e a guardei no corpo; com a maleta nova, fui para o Hôtel Nettuno.

Já tinha estado em Pisa quando era Adriano Meis e me alojara, então, no Albergo di Londra. Já admirara todas as maravilhas de arte da cidade; agora, já sem forças, por causa das emoções violentas, em jejum desde a manhã do dia anterior, não me agüentava em pé de fome e de sono. Comi alguma coisa e, depois, dormi até quase a noite.

Ao acordar, porém, fui tomado por uma sombria e crescente ansiedade. Quem sabe como transcorrera, na casa dos Paleari, esse dia quase despercebido por mim, entre as ocupações iniciais e o sono de chumbo em que havia mergulhado! Confusão, assombro, mórbida curiosidade de estranhos, investigações apressadas, suspeitas disparatadas, hipóteses, insinuações, buscas infrutíferas; e minhas roupas e meus livros observados com o confrangimento que inspiram os objetos pertencentes a alguém falecido tragicamente.

E eu tinha dormido! E agora, nessa angustiada impaciência, deveria esperar até a manhã do dia seguinte para saber alguma coisa pelos jornais de Roma.

Enquanto isso, não podendo ir logo para Miragno ou, pelo menos, a Oneglia, era obrigado a ficar numa bela situação, dentro de uma sorte de parêntese de dois, três dias, talvez até mais: morto de um lado, em Miragno, como Mattia Pascal; morto de outro, em Roma, como Adriano Meis.

Não sabendo o que fazer e na esperança de distrair-me um pouco de tantas preocupações, levei esses dois mortos a passear por Pisa.

Oh, foi um passeio agradabilíssimo! Adriano Meis, que já ali estivera, pretendia quase fazer de guia e cicerone a Mattia Pascal; mas este, entristecido por tantas coisas que andava virando e revirando no espírito, agitava-se todo com modos sombrios, sacudia os braços como para enxotar aquele fantasma cabeludo, de roupa comprida, com chapéu de abas largas e óculos.

— Vá embora, vá! Volta para o rio, afogado!

Mas me lembrava, também, de que Adriano Meis, passeando, dois anos antes, pelas ruas de Pisa, sentira-se, do mesmo modo, importunado, incomodado pelo fantasma, igualmente aborrecido, de Mattia Pascal, e teria desejado, com o mesmo gesto, livrar-se dele, mandando-o afundar-se de volta na torrente do moinho, lá, na Stia. O melhor era não dar confiança a nenhum dos dois. Oh, branco companheiro de Pisa, você pode pender para um lado; eu, entre esses dois, nem para cá nem para lá.

Finalmente, como Deus foi servido, consegui chegar ao fim daquela nova, interminável noite de angústia, e pegar os jornais de Roma.

Não direi que, ao lê-los, ficasse muito tranqüilo: não podia. A consternação que me deprimia, porém, dissipou-se rapidamente ao ver que, ao meu suicídio, os jornais tinham dado apenas as proporções de uma das costumeiras informações do noticiário policial. Falavam todos, mais ou menos, a mesma coisa: do chapéu e da bengala encontrados na Ponte Margherita, com o lacônico bilhete; que eu era um turinês, homem bastante singular, e que não se conheciam os motivos que me haviam levado ao tresloucado gesto. Um deles, no entanto, aventava a hipótese de que existisse, no caso, um "motivo íntimo", baseando-se na "áspera discussão com um jovem pintor espanhol, em casa de conhecidíssima personagem do mundo clerical".

Outro dizia "provavelmente, por dificuldades financeiras". Notícias vagas, em suma, e breves. Apenas um jornal da manhã, que tinha por hábito relatar difusamente os acontecimentos locais do dia, se referia à "surpresa e dor da família do *cav.* Anselmo Paleari, chefe de seção do Ministério da Educação, atualmente aposentado, em cuja casa Adriano Meis gozava de grande estima, pelos seus modos reservados e corteses". — Obrigado. — Esse mesmo jornal, referindo o incidente havido com o pintor espanhol M. B., deixava, também, entender que o motivo do suicídio devia procurar-se numa secreta paixão amorosa.

Em outras palavras: eu me suicidara por causa de Pepita Pantogada. Mas, afinal de contas, era melhor assim. O nome de Adriana não fora mencionado nem se fizera referência ao dinheiro. A polícia, portanto, investigaria sigilosamente. Mas seguindo que rastro?

Eu podia partir para Oneglia.

Encontrei Roberto em sua casa de campo, para a vindima. O que experimentei, ao rever a minha linda riviera, onde julgava que nunca mais poria os pés, será fácil compreender. Mas essa alegria era perturbada pela impaciência de chegar, pela apreensão de ser

reconhecido, no caminho, por algum estranho antes que pelos parentes, e pela emoção cada vez maior que me causava o pensamento do que eles sentiriam, ao rever-me vivo, subitamente, diante de si. A vista se me anuviava ao pensar nisso, e o céu e o mar escureciam-se, o sangue me borbulhava nas veias, o coração me pulsava aos pinotes. E eu tinha a impressão de que não chegava nunca!

Quando, finalmente, o criado veio abrir-me o portão da grade da graciosa moradia, que a esposa trouxera como dote a Roberto, pareceu-me, percorrendo a alameda, que estivesse, de fato, regressando do outro mundo.

— Entre, por favor — disse-me o criado, na porta da casa, recuando para deixar-me passar. — Quem devo anunciar?

Não achei mais voz na garganta para responder-lhe. Ocultando o esforço com um sorriso, gaguejei:

— Di... diga... diga-lhe que... sim, é... é... um amigo dele... um amigo íntimo que... que está chegando de longe... Assim...

O mínimo que o criado deve ter-me julgado foi gago. Pousou minha maleta junto do cabide e convidou-me para entrar na sala de visitas, logo adiante.

Eu fremia, na espera, ria, bufava, olhava ao redor, naquela saleta de visitas clara, arrumada com gosto, adornada com móveis novos, de laca verde. Vi, de repente, no limiar da porta por onde entrara, uma linda criancinha, um menino, de cerca de três anos, com um pequeno regador em uma das mãos e um pequeno ancinho na outra. Olhava para mim espantado.

Senti uma ternura indizível: devia ser um sobrinho meu, o filho mais velho de Berto. Inclinei-me, fiz-lhe, com a mão, sinal de chegar à frente; mas ele ficou com medo e fugiu.

Ouvi, nesse ponto, abrir-se a outra porta da saleta. Aprumei-me, meus olhos se tornaram turvos pela emoção, uma espécie de riso convulso me gorgolhou na garganta.

Roberto parara diante de mim, conturbado, quase aturdido.

— Com quem... — disse.

— Berto! — gritei-lhe, abrindo os braços. — Você não me reconhece?

Fez-se palidíssimo, ao som da minha voz, passou rapidamente uma mão pela fronte e pelos olhos, vacilou, gaguejando:

— Como é... como é,, como é?

Mas fui ligeiro em ampará-lo, já que ele recuava, quase de medo.

— Sou eu! Mattia! Não se assuste! Não morri... Não está me vendo? Toque-me! Sou eu, Roberto. Nunca estive mais vivo do que agora! Vamos, ora, vamos...

— Mattia! Mattia! Mattia! — começou a dizer o Berto, ainda sem acreditar em seus próprios olhos. — Mas como é? Você? Oh, meu Deus... como é isso? Meu irmão! Meu querido Mattia!

E abraçou-me com força, estreitando-me ao peito. Desatei a chorar como uma criança.

— Como é? — recomeçou a perguntar Berto, que também chorava. — Como é? Como é isso?

— Aqui estou eu... Você não vê? Voltei... não do outro mundo, não... estive sempre neste mundo desgraçado... Vamos... Agora, vou lhe contar...

Segurando-me com força pelos braços, o rosto sulcado de lágrimas, Roberto ainda olhava para mim, assombrado:

— Mas como... se lá...

— Não era eu... Vou lhe dizer. Confundiram-me com outro... Eu estava longe de Miragno e foi por um jornal, como talvez você também, que soube do meu suicídio na Stia.

— Então, não era você?! — exclamou Berto — E o que foi que você fez?

— Eu me fingi de morto. Não diga nada. Depois lhe conto tudo. Por agora, não posso. Digo-lhe apenas que andei perambulando por aí, julgando-me feliz, no começo, sabe? Depois, por causa... por causa de uma série de acontecimentos, compreendi que havia errado, que se fazer de morto não é uma boa profissão; e aqui estou, de volta! Torno a ser um homem vivo.

— *Mattia*, eu sempre disse, *Mattia, matto...* [louco, em italiano] Louco! Louco! Louco! — exclamou Roberto. — Mas que alegria você me deu! Quem podia esperar por uma coisa desta? *Mattia* vivo... aqui! Sabe que ainda nem consigo acreditar direito? Deixe-me olhar para você... Parece outro!

— Viu que consertei também o olho?

Ah, é, sim... Por isso, eu estava achando... não sei... olhava, olhava... Bem, vamos lá para dentro, vamos falar com minha mulher... Oh, espere... você...

Parou de repente e olhou para mim, preocupado:

— Você quer voltar para Miragno?

— Claro, hoje à noite.

— Então, não sabe de nada?

Ocultou o rosto nas mãos e gemeu:

— Desgraçado! O que foi que você fez... O que foi que você fez? Mas não sabe que sua mulher...

— Morreu?! — exclamei.

— Não! Pior! Casou... casou de novo!

Estarreci.

— Casou de novo?

— Sim, com Pomino! Recebi o convite. Deve ter sido há mais de um ano.

— Pomino? Pomino, marido de... — gaguejei. Mas, logo, um riso amargo, como uma golfada de bÍlis, subiu-me à garganta, e desatei a rir, a rir, ruidosamente.

Roberto olhava para mim espantado, talvez temendo que eu tivesse perdido a razão.

— Você ri?

— Pois claro! Claro!—gritei-lhe, sacudindo-o pelos braços. — Tanto melhor. Isso, para mim, é o cúmulo da sorte!

— O que foi que você disse? — retrucou Roberto, quase com raiva. — Sorte? Mas se, agora, você vai lá...

— Vou, não: corro, imediatamente, pense só!

— Mas, então, você não sabe que terá de pegá-la de volta?

— Eu? Como assim?

— Mas claro! — confirmou Roberto, enquanto, embasbacado, eu é que, agora, olhava para ele. — O segundo casamento será anulado e você, obrigado a pegá-la de volta.

Fiquei revoltado.

— Como! Que diabo de lei é essa? — gritei. — Minha mulher se casa de novo e eu... Qual o quê! Não diga isso! Não é possível!

— Pois eu lhe digo que é assim mesmo! — insistiu Roberto. — Espere. Está lá dentro meu cunhado. Ele, que é advogado, vai lhe explicar isso melhor. Venha... Ou, por outra, não; espere um pouco aqui: minha mulher está grávida e eu não desejaria, embora você pouco conheça dela, que um choque forte demais pudesse lhe ser prejudicial... Vou prepará-la... Você espera, não é?

E segurou minha mão até o limiar da porta, como se ainda receasse que, deixando-me só, um instante, eu pudesse desaparecer de novo.

Ao ficar sozinho, comecei a andar na saleta feito um leão na jaula. “Casada de novo! Com Pomino! Sim, é evidente... Também a mesma mulher. Ele é isso mesmo! Nem em sonhos pensaria numa sorte dessa!, já a tinha amado antes. E ela também... Não desejaria outra coisa! Rica, esposa de Pomino... E, enquanto ela, por aqui, casava de novo, eu, por lá, em Roma... E, agora, devo pegá-la de volta! Será possível?”

Pouco depois, Roberto veio chamar-me, exultante. Eu, porém, já estava tão transtornado pelo inesperado da notícia que nem pude corresponder à acolhida festiva de minha cunhada e da mãe e do irmão dela. Berto notou-o e inquiriu imediatamente o cunhado a respeito daquilo que a mim, mais do que tudo, importava saber.

— Mas que diabo de lei é essa? — prorrompi de novo. — Desculpe, mais isso é lei turca!

O jovem advogado sorriu, ajeitando os óculos em cima do nariz, com ar de superioridade.

— No entanto, é assim mesmo — respondeu. — Roberto está com a razão. Não lembro exatamente o artigo, mas o caso é previsto no código: o segundo casamento torna-se nulo, ao reaparecimento do primeiro cônjuge.

— E eu devo tomá-la de volta! — exclamei com ironia. — Uma mulher que, com o conhecimento de todos, esteve, durante um ano inteiro, na função de esposa, com outro homem, o qual...

— Mas por sua culpa, tenha paciência, meu caro sr. Pascal! — interrompeu-me o jovem advogado, sempre sorrindo.

— Por minha culpa? Como? — indaguei. — A ótima mulher erra, antes de mais nada, reconhecendo-me no cadáver de um infeliz que se afoga; depois, apressa-se a se casar com outro; e, no fim, eu é que tenho culpa e devo tomá-la de volta?

— Certamente — replicou ele —, porquanto o senhor, meu caro sr. Pascal, não quis corrigir a tempo, ou seja, antes do prazo que a lei prescreve para se contrair um segundo casamento, o erro da sua esposa, erro que também pode (não nego) ter sido de má-fé. O senhor aceitou o falso reconhecimento e se aproveitou dele... Olhe que, por isso, eu só posso louvá-lo: na minha opinião, o senhor fez muito bem. Causa-me até estranheza que, agora, volte a enredar-se no emaranhamento dessas nossas estúpidas leis sociais. Eu, no seu lugar, não daria mais sinal de vida.

A calma e o pedantismo assumido e petulante do rapaz recém-formado me irritavam.

— É porque o senhor não sabe o que isso significa! — respondi-lhe, dando de ombros.

— Como? — insistiu ele. — Pode haver sorte maior, felicidade maior do que essa?

— Sim, experimente-a! Experimente-a! — exclamei, virando-me para Berto, a fim de largar por lá o doutorzinho e a sua presunção.

Mas, também nesse outro lado, encontrei espinhos.

— Oh, a propósito — perguntou-me meu irmão —, como você se arranjou, durante esse tempo todo, para...

E esfregou o polegar no indicador, para significar dinheiro.

— Como me arranjei? É uma história muito comprida! Agora, não estou em condições de contá-la. Dinheiro, tive bastante, sabe? E ainda tenho. Portanto, você não deve pensar que volto para Miragno porque estou na miséria!

— Ah, você teima em voltar para lá — insistiu Berto —, mesmo depois dessas notícias?

— Mas é claro que volto! — exclamei. — Você acha que, depois de tudo o que passei e sofri, ainda pretenda me fingir de morto? Não, meu caro: vou para lá, vou para lá! Quero os meus documentos em ordem, quero tornar a sentir-me vivo, bem vivo, mesmo que seja obrigado a pegar de volta a esposa. Diga-me uma coisa: ainda está viva a mãe... a viúva Pescatore?

— Isso eu não sei — respondeu Berto. — Você há de compreender que, depois do segundo casamento... Mas penso que sim, que está viva...

— Sinto-me melhor! — exclamei. — Mas não faz mal! Eu vou me vingar! Não sou mais o de antigamente, sabe? Só lamento que isso será uma sorte para aquele imbecil de Pomino!

Riram todos. Enquanto isso, o criado veio anunciar que o jantar estava servido. Tive de jantar com eles, mas a minha impaciência era tão grande que nem percebi o que estava comendo; senti, porém, por fim, que devorara a comida. A fera dentro de mim havia se alimentado e restaurado as energias, preparando-se para o ataque iminente.

Berto propôs que eu ficasse na casa de campo pelo menos naquela noite; na manhã seguinte iríamos juntos para Miragno: queria gozar a cena do meu inesperado regresso à vida, o meu mergulhar feito um gavião sobre o ninho de Pomino. Mas eu não podia mais esperar e não quis saber disso: pedi-lhe que me deixasse ir sozinho, nessa mesma noite, sem mais demoras.

Parti com o trem das oito: em meia hora chegaria a Miragno.

# 18

## O Falecido Mattia Pascal

Entre a ansiedade e a raiva (não sabia o que mais me conturbava, mas talvez se tratasse de uma coisa só: raiva ansiosa, ansiedade raivosa), não me preocupei mais de que outras pessoas me reconhecessem ou não, antes de chegar ou logo em seguida à minha chegada a Miragno.

Entrara num vagão de primeira classe, como única medida de precaução. Já era noite. E, de resto, a prova feita com Berto me tranqüilizava: enraizada como estava em todo mundo a certeza da minha morte, já distante dois anos, ninguém iria pensar que eu era Mattia Pascal.

Pus a cabeça para fora da janela, na esperança de que a vista dos lugares tão conhecidos provocasse em mim alguma outra emoção, menos violenta; mas só serviu para fazer crescerem a ansiedade e a raiva. Sob o luar, vislumbrei na distância o pequeno morro da Stia.

Assassinas! — sibilei entre os dentes. — Lá... Mas agora...

Quantas coisas, aturdido pela inesperada notícia, havia me esquecido de perguntar a Roberto! O sítio, o moinho, tinham sido realmente vendidos? Ou, por comum acordo dos credores, ainda se encontravam sob uma administração provisória? E Malagna, morrera? E tia Scolastica?

Não me parecia que se tivessem passado apenas dois anos e alguns meses; parecia-me uma eternidade, e também que, tal como os casos extraordinários que haviam ocorrido comigo, igualmente devessem ter-se verificado em Miragno. No entanto, talvez, nada

acontecera por lá, exceto o casamento de Romilda com Pomino, normalíssimo em si, e que só agora, devido ao meu reaparecimento, se tornaria extraordinário.

Para onde eu iria, depois de chegar a Miragno? Onde constituiria seu ninho o novo casal?

Era excessivamente humilde para Pomino, rico e filho único, a casa em que eu, coitado, havia morado. Além disso, Pomino, de coração terno, de certo não se sentiria nela à vontade, com a inevitável lembrança de mim. Talvez tivesse ido morar com o pai, no *palácio*. Imagine os ares de matrona, agora, da viúva Pescatore! E o pobre *cavalier* Pomino, Gerolamo I, delicado, amável, prudente, nas garras daquela bruxa! Que cenas! Nem o pai, com certeza, nem o filho deviam ter tido a coragem de se livrarem dela. E, agora, justamente, que raiva!, eu iria libertá-los...

Sim, para lá, para a casa do velho Pomino é que eu devia me dirigir: mesmo se não os encontrasse, poderia saber pela porteira aonde ir desencová-los.

Oh, minha pequena aldeia adormecida, que confusão provocaria, amanhã, a notícia da minha ressurreição!

Havia luar, nessa noite, e, por isso, todos os lampiões estavam apagados, como de hábito, nas ruas quase desertas, sendo essa, para a maioria, a hora do jantar.

Eu quase havia perdido, por causa da extrema excitação nervosa, a sensibilidade das pernas: caminhava como se não tocasse o solo com os pés. Não saberia referir o estado de espírito em que me encontrava: tenho apenas a impressão como de uma enorme, homérica gargalhada, que, em sua violenta tensão, me sacudia as entranhas, sem poder explodir; se explodisse, arrancaria do lugar, como dentes, as pedras do calçamento e abalaria as casas.

Cheguei rapidamente à casa dos Pomino; mas, naquela espécie de mostruário, na passagem coberta que dá para a área interna, não encontrei a velha porteira; e estava, frenético, à espera, havia alguns minutos, quando, numa metade do portão, notei uma faixa de luto, desbotada e poeirenta, pregada ali, evidentemente, fazia vários meses. Quem tinha morrido? A viúva Pescatore? O *cavalier* Pomino? Um dos dois, com toda a certeza. Talvez o *cavaliere*... Nesse caso, encontraria os meus dois pombinhos, fora de qualquer dúvida, lá em cima, instalados no *palácio*. Não pude esperar mais tempo: subi correndo a escada. No segundo lance encontrei a porteira.

— O *cavalier* Pomino?

Pelo espanto com que a velha tartaruga olhou para mim, compreendi que devia ter morrido justamente o velho *cavaliere*.

— O filho! O filho! — corriji-me imediatamente, recomeçando a subir.

Não sei o que resmungou, com os seus botões, a velha, na escada. Ao pé do último lance, tive de parar: estava sem fôlego. Olhei para a porta e pensei: “Talvez ainda estejam jantando, todos os três, à mesa... sem desconfiar de nada. Daqui a poucos segundos, assim que eu bater à porta, sua vida sofrerá uma revolução... Sim, encontra-se ainda na minha mão o destino que pende sobre a cabeça deles”.

Subi os últimos degraus. Segurando o cordão da campainha, enquanto o coração subia-me à garganta, apurei os ouvidos. Nenhum barulho. E, naquele silêncio, ouvi o tlintlim lento da campainha, que eu mal puxara, devagarinho.

Todo o sangue afluiu-me à cabeça, os ouvidos começaram a zunir-me como se o leve tilintar, que se extinguiu no silêncio, tivesse, ao contrário, retinido furiosamente dentro de mim, aturdindo-me.

Pouco depois, reconheci, com um sobressalto, do lado de lá da porta, a viúva Pescatore.

— Quem é?

Naquele momento, não consegui responder: apertei os punhos contra o peito, como para impedir meu coração de saltar para fora. Depois, em voz soturna, quase silabando, respondi:

— Mattia Pascal.

— Quem?! — berrou a voz lá de dentro.

— Mattia Pascal — respondi, em voz ainda mais cavernosa.

Ouvi a velha bruxa fugir, de certo aterrorizada, e logo imaginei o que estaria ocorrendo lá dentro, nesse momento. Viria o homem, agora: Pomino, o corajoso.

Mas, antes, foi preciso que eu tocasse de novo, devagarinho, como da primeira vez.

No momento em que Pomino, escancarada a porta com fúria, me viu, empertigado, o peito estufado, diante de si, recuou, apavorado. Avancei, gritando:

— Mattia Pascal! Chegando do outro mundo!

Pomino caiu sentado no chão, num grande baque, os braços esticados para trás, os olhos arregalados:

Mattia! Você?!

A viúva Pescatore, que chegara correndo com o candeeiro na mão, lançou um berro agudíssimo, de parturiente. Fechei a porta com um pontapé e, num salto, tirei-lhe da mão o candeeiro, que por um triz não havia caído ao chão.

— Quieta! — gritei-lhe na cara. — Estão, realmente, tomando-me por um fantasma?

— Vivo?! — fez ela, aterrorizada, com as mãos nos cabelos.

— Vivo! Vivo! Vivo! — prossegui, com feroz alegria. — Reconheceram-me morto, não é? Afogado!

— E de onde é que você vem? — perguntou-me, alar-madíssima.

— Do moinho, sua megera! — gritei-lhe. — Tome, segure o candeeiro e olhe bem para mim! Sou eu? Está me reconhecendo? Ou ainda lhe parece o desgraçado que se afogou na Stia?

— Não era você?

— Raios a partam, sua megera! Eu estou aqui, vivo. Vamos, levante-se, você, paspalhão! Onde está Romilda?

— Pelo amor de Deus... — gemeu Pomino, levantando-se depressa. — A menina... tenho medo... o leite...

Agarrei-o por um braço, parando, agora, por meu turno:

— Que menina?

— Minha... minha filha... — gaguejou Pomino.

— Ah, que crime! — gritou a viúva Pescatore.

Ainda sob a impressão da novidade, não pude responder.

— Sua filha? — murmurei. — Uma filha, ainda por cima? E esta, agora...

— Vá para junto de Romilda, pelo amor de Deus... — implorou Pomino à viúva Pescatore.

Tarde demais. Romilda, com o espartilho aberto, amamentando a filhinha ao seio, desmazelada, como se, ao ouvir os gritos, se tivesse levantado às pressas e com fúria da cama, chegou à frente e me viu:

— Mattia! — E caiu nos braços de Pomino e da mãe, que a arrastaram para dentro, deixando, na confusão, a criança nos meus braços, pois eu acudira junto com eles.

Fiquei no escuro, ali, na saleta de entrada, com a frágil criaturinha no colo, que vagia com a vozinha azeda de leite. Triste, transtornado, tinha ainda nos ouvidos o grito da mulher que havia sido minha e que, agora, era mãe desta pequenina não minha, não minha! Enquanto a minha, ela não amara, naquela época! E, portanto, eu, agora, não, não devia ter pena desta nem deles. Casara-se de novo? E eu, agora... Mas a criança continuava vagindo; então... o que fazer? Para acalmá-la, aconcheguei-a ao peito e comecei a bater-lhe devagarinho, com a mão, nas costas miúdas e a embalá-la, andando de um lado para outro. O ódio que sentia desvaneceu-se, a raiva cedeu. E, pouco a pouco, a menina calou-se.

Pomino, no escuro, chamou, amedrontado:

— Mattia! A menina!

— Cale a boca! Está comigo — respondi.

— E o que vai fazer?

— Vou comê-la... O que vou fazer! Vocês a jogaram nos meus braços... Agora, deixe-a comigo! Ela sossegou. Onde está Romilda?

Aproximou-se de mim, tremendo todo e atônito, como uma cadela que visse o filhote nas mãos do seu dono:

— Romilda? Por quê? — indagou.

— Porque quero falar com ela! — respondi com rispidez.

— Desmaiou, sabe?

— Desmaiou? Terá de voltar a si.

Pomino postou-se na minha frente, como para barrar-me o caminho, suplicando:

— Pelo amor de Deus... escute... tenho medo... Mas como é que você... vivo! Onde esteve? Ah, meu Deus... Escute... Você não poderia falar comigo?

— Não! — gritei. — É com ela que preciso falar. Você, aqui, não representa mais nada.

— Como assim?

— Seu casamento vai ser anulado.

— Como? O que foi que você disse? E a menina?

— A menina... a menina... — retruquei. — Sem-vergonhas! Em dois anos, marido e mulher e uma criança! Quieta, quieta! Vamos já ter com mamãe... Ande logo, leve-me até lá! Por onde se vai?

Assim que entrei no quarto de dormir, segurando a menina nos braços, a viúva Pescatore fez menção de pular em cima de mim como uma hiena.

Rechacei-a furiosamente, com um empurrão:

— A senhora afaste-se! Aqui está seu genro: se quer gritar, grite com ele. Eu não a conheço!

Inclinei-me sobre Romilda, que chorava desesperadamente, e entreguei-lhe a criança:

— Vamos, segure... Você chora? Por que chora? Chora porque estou vivo? Você me queria morto? Olhe para mim... vamos, olhe-me no rosto! Vivo ou morto?

Ela, entre as lágrimas, tentou erguer os olhos para mim e, em voz entrecortada pelos soluços, balbuciou:

— Mas... como... você? O que... o que fez?

— Eu, o que fiz? — respondi em tom de escárnio. — E c você que me pergunta o que fiz? Você se casou de novo... com esse imbecil... Você teve uma criança... e ainda se atreve a me perguntar o que fiz?

— E agora? — gemeu Pomino, escondendo o rosto nas mãos.

— Mas você, você, você... onde esteve? Fingiu-se morto e fugiu... — começou a berrar a viúva Pescatore, avançando com os braços erguidos.

Agarrei-lhe um deles, torci-o e gritei:

— Cale-se, repito! Cale-se, a senhora, porque, se a ouço dar mais um pio, perco a pena que me causam esse imbecil do seu genro e essa criaturinha e faço valer a lei. A senhora sabe o que diz a lei? Diz que eu devo tomar Romilda de volta...

— Minha filha? Você enlouqueceu! — investiu ela, impávida.

Mas Pomino, ante a minha ameaça, aproximou-se imediatamente dela para implorar-lhe que se calasse, se acalmasse, pelo amor de Deus.

A bruxa, então, deixou-me em paz e se pôs a repreender Pomino, chamando-o de frouxo, tolo, inútil e que só sabia chorar e desesperar-se como uma mulherzinha.

Desatei a rir até os flancos me doerem.

— Acabem com isso! — gritei, quando me pude conter. — Eu a deixo para ele! Deixo-a para ele com o maior prazer! Considera-me, seriamente, tão maluco para querer voltar a ser seu genro? Ah, pobre Pomino! Meu pobre amigo, desculpe-me se o chamei de imbecil. Mas você ouviu, não ouviu? Ela também o chamou assim, a sua sogra; e posso lhe jurar que, mesmo antes, Romilda, a nossa mulher... sim, ela própria, me tinha dito que você lhe parecia um imbecil, estúpido, enjoado... e não sei o que mais. Não é, Romilda? Diga a verdade... Vamos, vamos, pare de chorar, querida, arrume-se... Olhe que isso pode fazer mal à sua filhinha... Eu, agora, estou vivo... não é? E quero ficar alegre... Alegria!, como dizia certo bêbado amigo meu... Alegria, Pomino! Então, você acha que eu vou deixar uma criancinha sem mamãe? Deus nos livre! Já tenho um filho sem pai... Está vendo, Romilda?

Acabamos empatados: eu tenho um filho, que é filho de Malagna, e você, agora, tem uma filha, que é filha de Pomino. Se Deus quiser, um dia, os casamos um com o outro! Agora, aquele filho não deve mais lhe causar raiva... Vamos falar de coisas alegres... Diga-me: como foi que você e sua mãe fizeram para me reconhecer no morto, lá, na Stia...

— Mas eu também! — exclamou Pomino, exasperado. — A aldeia toda! Não foram apenas elas.

— Muito bem, muito bem! Quer dizer, então, que era assim tão parecido comigo?

— A mesma estatura... a sua barba, igualzinha... vestido como você, de preto... Além disso, desaparecido fazia vários dias...

— Pois é, eu tinha fugido, você não ouviu? Como se não tivessem sido elas a fazer-me fugir... Essa aí... No entanto, eu estava voltando para casa, sabe? Estava, sim, cheio de dinheiro! Quando... o que foi, o que não foi, lá me vi morto, afogado, podre... e

reconhecido, ainda por cima! Graças a Deus, diverti-me durante dois anos; enquanto isso, vocês, aqui: noivado, casamento, lua-de-mel, festanças, alegrias, a filha... Quem morre jaz, e quem vive encontra logo paz, não é?

— E agora? Como vai ser agora? — repetiu Pomino, gemendo, sobre brasas. — E isso o que eu digo!

Romilda levantou-se para colocar a menina no berço.

— Vamos, vamos lá para dentro — disse eu. —A menina pegou outra vez no sono. Vamos discutir lá dentro.

Fomos para a sala de jantar, onde, na mesa posta, havia os restos do jantar. Tremendo todo, aniquilado, desfeito em sua palidez cadavérica, batendo continuamente as pálpebras sobre os olhinhos descoloridos, furados no meio por dois pontinhos pretos, agudos de aflição, Pomino coçava a testa e dizia, quase delirando:

— Vivo... vivo... Como vai ser agora? Como vai ser?

— Não me aborreça! — gritei-lhe. — Agora veremos isso, já disse.

Romilda, depois de vestir um roupão, veio nos encontrar. Fiquei observando-a na luz, admirado: voltara a ser bonita, como antigamente, e, até, de formas mais vistosas.

— Deixe-me vê-la... — disse-lhe. — Você dá licença, não é, Pomino? Não há nada de mal: também sou marido; aliás, antes e mais do que você. Vamos, Romilda, não fique aí se envergonhando! Olhe, olhe só como está se torcendo Mino! Mas o que posso fazer, se não morri de verdade?

— Assim não é possível! — bufou Pomino, lívido.

— Ele está ficando preocupado! — fiz eu, piscando o olho para Romilda. — Não, vamos, acalme-se, Mino... Já disse que a deixo para você e não vou voltar atrás. Só que, espere... Com licença!

Aproximei-me de Romilda e lhe dei um beijo no rosto.

— Mattia! — gritou Pomino, furioso.

Rompi em nova risada.

— Com ciúme: de mim? Ora, deixe disso! Tenho o direito de prioridade. De resto, vamos lá, Romilda, esfregue a face, apague... Olhe, ao vir aqui, eu presumia (você me desculpe, Romilda), eu presumia, meu caro Mino, que faria um grande favor a você, livrando-o dela, e confesso que essa idéia me aborrecia muitíssimo, porque desejava vingar-me. E ainda o desejaria, não pense que não, tirando-lhe Romilda, agora que vi que você gosta dela e que ela... sim, parece-me até um sonho, parece-me a mesma de há muitos anos... você se lembra, não é, Romilda? Não chore! Você recomeça a chorar? Ah, bons tempos... sim, não voltam mais! Vamos, vamos: vocês, agora, têm uma filha, e, portanto, não se fala mais nisso! Vou deixá-los em paz, que diabo!

— Mas o casamento será anulado? — gritou Pomino.

E você deixe que o anulem! — disse-lhe. — Será anulado *pro forma*, quando muito: eu não farei valer os meus direitos e, a não ser que me obriguem mesmo, nem sequer me farei reconhecer como vivo, oficialmente. É suficiente que todos tomem a ver-me e saibam que estou realmente vivo, para sair desta morte, que é verdadeira morte, acreditem! Bem, você mesmo viu: Romilda pôde casar-se com você... o resto não me importa! Você contraiu publicamente o casamento; toda gente sabe que ela, há um ano, é sua esposa, e tal continuará sendo. Quem é que você quer que ainda se preocupe com o valor legal do primeiro casamento dela? Águas passadas... Romilda *foi* minha esposa; agora, de um ano para

cá, é a *sua*, mãe de uma filha sua. Daqui a um mês, ninguém falará mais no caso. Tenho razão, dupla sogra?

A viúva Pescatore, sombria, de cara amarrada, aprovou com a cabeça. Mas Pomino, em sua crescente ansiedade, perguntou:

— E você vai continuar aqui, em Miragno?

— Sim; e, de vez em quando, à noite, virei aqui, para tomar, em sua casa, uma xícara de café ou beber um copo de vinho à saúde de vocês.

— Isso não! — reagiu a viúva Pescatore, levantando-se num salto.

— Mas ele está brincando! — observou Romilda, com os olhos baixos.

Eu havia começado a rir como antes.

— Está vendo, Romilda? — disse-lhe. — Eles têm medo que nós dois recomeçemos a nos amar... Deixe estar, que seria uma coisa divertida! Não, não, não vamos atormentar Pomino... Quer dizer que, se ele não me quiser mais em casa, ficarei passeando na rua, debaixo da sua janela, Romilda. Está bem? E lhe farei uma porção de lindas serenatas.

Pomino, pálido, andava de um lado para outro da sala; e resmungava:

— Não é possível... não é possível...

A certa altura, parou e disse:

— O fato é que ela... com você aqui, vivo, não será mais minha mulher...

— Pois você faça de conta que eu morri! — respondi-lhe tranqüilamente.

Recomeçou a andar de um lado para outro.

— Mas essa conta é que eu não posso mais fazer!

— Então não faça! Mas, vamos lá, você acredita realmente — acrescentei — que vou querer aborrecer você, se Romilda não quer? Ela é que deve dizer... Então, diga lá, Romilda, quem é mais bonito, eu ou ele?

— Mas eu queria dizer: diante da lei! Diante da lei! — gritou Pomino, parando de novo.

Romilda olhava para ele, angustiada e em suspensão.

— Nesse caso — eu lhe fiz observar —, parece-me que, mais do que todos, tenha paciência, quem deveria ressentir-se seria eu que, a partir de agora, verei a minha linda ex-esposa vivendo conjugalmente com você.

— Mas ela também — revidou Pomino —, não sendo mais minha esposa...

— Ora, afinal de contas — tornei, bufando —, eu queria vingarme e não me vingo, deixo-lhe a mulher, deixo-o em paz, e você ainda não está satisfeito? Pois, então, vamos, Romilda, levante-se! Vamos embora, nós dois! Proponho-lhe uma linda viagem de núpcias... Vamos nos divertir bastante! Largue esse pedante amolador. Está vendo? Pretende que eu vá jogar-me de verdade na torrente do moinho, na Stia.

— Não estou pretendendo nada disso! — prorrrompeu Pomino, no auge da exasperação. — Mas vá embora, pelo menos! Vá embora, uma vez que achou de bom aviso fazer-se julgar morto! Vá

embora imediatamente, para longe, sem deixar que ninguém o veja. Porque eu, aqui... com você... vivo...

Levantei-me. Bati-lhe a mão no ombro, para acalmá-lo, e respondi, antes de mais nada, que já estivera em Oneglia, com meu irmão, e que, por isso, todos por lá, a esta hora, sabiam que eu estava vivo, e que, no dia seguinte, inevitavelmente, a notícia chegaria a Miragno.

— Morto outra vez? Longe de Miragno? Você está brincando, meu caro! — exclamei. — Fique sossegado: faça o papel de marido, em paz, sem acanhamento... Seu casamento, seja lá como for, foi celebrado. E todos aprovarão, levando em conta que existe, no meio disso tudo, uma criança. Prometo e juro que jamais virei aborrecer você, nem para uma miserável xícara de café, nem para gozar do doce e hilariante espetáculo do amor de vocês, dessa harmonia conjugal, da felicidade construída sobre a minha morte... Ingratos! Aposto que ninguém, nem mesmo você, o amigo do peito, nenhum de vocês foi depositar uma coroa, deixar uma flor no meu túmulo, lá no cemitério... Diga, não é verdade? Responda!

— Você está com vontade de brincar... — fez Pomino, dando de ombros.

— Brincar? De forma alguma! No meu túmulo está sepultado o cadáver de um homem, e com isso não se brinca! Você esteve lá?

— Não... Não... não tive coragem... — resmungou Pomino.

— Mas de me tomar a mulher teve, seu malandro!

— E você de mim? — disse ele então, sem perda de tempo. — Você não a tinha tirado de mim, antes, quando estava vivo?

— Eu?! — exclamei. — Você não muda! Mas se foi ela que o quis! Faz mesmo questão de ouvir, outra vez, que ela considerava você um bocó? Fale você, Romilda, por favor: ele está me acusando

de traição... Ora, que tem isso? Está bem, é seu marido e não se fala mais no assunto, mas eu é que não tenho culpa... Quer dizer que irei eu, amanhã, visitar aquele pobre morto, abandonado, sem uma flor, sem uma lágrima... Diga: há, ao menos, uma lápide no túmulo?

Há, sim — apressou-se a dizer Pomino. — A expensas da prefeitura... O meu falecido pai...

Leu meu elogio fúnebre, eu sei! Se o coitado do defunto ouviu... O que está escrito na lápide?

Não sei... Foi Lodoletta quem a ditou.

— Ih, já imagino! — suspirei. — Chega. Vamos parar também com esta conversa. Conte-me, de preferência, conte-me como foi que vocês se casaram, assim, tão depressa... Ah, como você me chorou pouco, viuvinha do meu coração! Talvez, nem mesmo nada, não é? Fale; é possível que eu não tenha de ouvir a sua voz? Olhe: já é noite alta... assim que nascer o dia, irei embora e será como se nunca nos tivéssemos conhecido... Vamos aproveitar estas poucas horas. Vamos, diga lá...

Romilda encolheu os ombros, olhou para Pomino, sorriu nervosamente; depois, baixando de novo os olhos e fitando as próprias mãos:

— O que posso dizer? É claro que chorei...

— E você não merecia!—resmungou a viúva Pescatore.

— Obrigado! Mas, afinal, admita... que só chorou pouco, não é? — continuei. — Esses lindos olhos, que, no entanto, me enganaram tão facilmente, não precisaram consumir-se muito em lágrimas, com certeza.

— Ficamos em péssima situação — disse Romilda, para se desculpar. — E, se não fosse por ele...

— Muito bem, Pomino! — exclamei. — Mas aquele canalha de Malagna, nada?

— Nada — respondeu, dura, seca, a viúva Pescatore. — Quem fez tudo foi ele...

E apontou Pomino.

— Isto é... isto é... — corrigiu este — foi o meu falecido pai... Você sabe que ele estava na prefeitura? Bem, primeiro, mandou conceder uma pequena pensão, considerando a desgraça... e, depois...

— Depois, autorizou o casamento?

— E com muita satisfação! Quis que viéssemos todos morar aqui, com ele... Infelizmente, há dois meses...

E começou a me relatar a doença e a morte do pai, o carinho dele por Romilda e pela netinha, o pesar que a morte provocara na aldeia inteira. Pedi, então, notícias da tia Scolastica, tão boa amiga do *cavalier* Pomino. A viúva Pescatore, que ainda se lembrava da massa de pão que a terrível velha lhe espalhara no rosto, remexeu-se toda na cadeira. Pomino respondeu que não a via mais, fazia dois anos, mas que estava viva; depois, por sua vez, perguntou-me o que eu fizera, onde estivera etc. Contei só o que podia contar, sem mencionar nomes nem de lugares nem de pessoas, para demonstrar que não me tinha, absolutamente, divertido, naqueles dois anos. E, assim, conversando juntos, esperamos pelo raiar do dia em que devia afirmar-se, publicamente, a minha ressurreição.

Estávamos cansados pela noite em claro e pelas fortes emoções experimentadas; estávamos, também, com frio. Para aquecer-nos um pouco, Romilda quis fazer, ela mesma, um café. Ao oferecer-me

a xícara, olhou para mim, tendo nos lábios um leve, triste sorriso, quase distante, e disse:

— Você, como de costume, sem açúcar, não é?

O que foi que ela leu, nesse instante, nos meus olhos? Baixou imediatamente os dela.

Na lívida luz da alvorada, senti um inesperado nó de pranto apertar-me a garganta e olhei para Pomino com ódio. Mas o café fumegava debaixo do meu nariz, inebriando-me com o seu aroma, e comecei a tomá-lo lentamente. Pedi a Pomino, depois, licença para deixar a maleta na sua casa, até encontrar um lugar onde me alojar; mandaria, então, alguém retirá-la.

— Claro, naturalmente! — respondeu, solícito. — Aliás, você não precisa incomodar-se; eu mesmo tratarei de mandar levá-la...

— Oh, de qualquer forma, está vazia, sabe? A propósito, Romilda: você não teria ainda, por acaso, alguma coisa minha, ternos, roupa de baixo?

— Não, nada... — respondeu, pesarosa, abrindo as mãos. — Você há de compreender... depois da desgraça...

— Quem podia imaginar? — disse Pomino.

Mas eu juraria que ele, o avarento Pomino, trazia no pescoço um meu velho lenço de seda.

— Bem, chega. Adeus! E desejo-lhes muita sorte! — disse, despedindo-me, com os olhos cravados em Romilda, que não quis olhar para mim. Mas a mão lhe tremeu ao retribuir a minha saudação. — Adeus! Adeus!

Na rua, fiquei mais uma vez ali, na minha aldeia natal: sozinho, sem casa, sem meta.

— E agora? — perguntei a mim mesmo. — Para onde vou?

Comecei a caminhar, olhando as pessoas que passavam. O quê! Ninguém me reconhecia? No entanto, eu já era de novo igual ao de antes; e todos, ao ver-me, deveriam, pelo menos, pensar: "Mas olhe esse forasteiro, como se parece com o coitado do Mattia Pascal! Se tivesse o olho um pouco torto, a gente diria que é ele". Que nada! Ninguém me reconhecia, porque ninguém pensava em mim. Não despertava sequer curiosidade, a menor surpresa... E eu, que imaginava um estouro, um alvoroço, tão logo aparecesse nas ruas! Na profunda decepção, senti um desânimo, um despeito, uma amargura que não saberia explicar; e o despeito e o desânimo me impediam de despertar a atenção daqueles que eu reconhecia perfeitamente; pudera!, depois de dois anos... Ah, o que significa morrer! Ninguém, ninguém se lembrava mais de mim, como se eu nunca tivesse existido...

Duas vezes percorri a aldeia, de um extremo a outro, sem que ninguém me parasse. No auge da irritação, pensei em voltar para a casa de Pomino, a fim de lhe declarar que o nosso trato não me satisfazia e me vingaria dele da ofensa que, a meu ver, a aldeia toda me fazia ao não me reconhecer. Mas nem Romilda me seguiria, a não ser forçada, nem eu, pelo momento, saberia aonde levá-la. Devia antes, pelo menos, procurar casa. Pensei em ir à prefeitura, na seção do registro civil, para mandar retirar imediatamente o meu nome do registro dos mortos; porém, no caminho, mudei de idéia e limitei-me a vir para a biblioteca de Santa Maria Liberal, onde encontrei, no meu lugar, o reverendo amigo padre Eligio Pellegrinotto, que, no primeiro momento, também não me reconheceu. Padre Eligio, para falar a verdade, afirma que me reconheceu no ato e que só ficou esperando que eu proferisse o meu nome, para atirar-se, de braços abertos, ao meu pescoço, achando impossível que fosse eu e não podendo abraçar, sem mais nem menos, alguém só porque lhe *parecia* Mattia Pascal. Talvez seja! As primeiras acolhidas festivas, recebi-as dele, calorosíssimas; depois ele fez questão fechada de levar-me à aldeia na sua

companhia, para apagar do meu espírito a má impressão que o esquecimento dos concidadãos havia me deixado.

Mas eu, agora, como vingança, não quero descrever o que se seguiu na farmácia de Brisigo, primeiro, e, depois, no Caffè dell'Unione, quando padre Eligio, ainda todo exultante, me apresentou redivivo. A notícia espalhou-se num piscar de olhos, e todos correram para ver-me e crivar-me de perguntas. Queriam saber, de mim, quem era, então, o homem que se havia afogado na Stia, como se não tivessem sido eles a reconhecer-me: todos eles, um por um. Quer dizer, então, que era eu, era mesmo eu! De onde estava regressando? Do outro mundo! O que havia feito? De morto! Tomei a decisão de me furtar a dar essas duas respostas e deixar todos irritados, na febre da curiosidade, que durou vários e vários dias. E não teve mais sorte do que os outros o amigo Lodoletta, que veio "entrevistar-me" para *Il Foglietto*. Inutilmente, querendo comover-me e induzir-me a falar, trouxe-me um exemplar do seu jornal de dois anos antes, com o meu necrológio. Disse-lhe que o conhecia de cor, porque, no inferno, *Il Foglietto* tinha grande difusão.

— Ora, se tem! Obrigado, meu caro! Também pela lápide... Irei vê-la, sabe?

Recuso-me a transcrever o seu novo "prato forte" do domingo seguinte, que trazia, como manchete: MATTIA PASCAL ESTÁ VIVO!

Dentre os poucos que não quiseram aparecer, além dos meus credores, esteve Batta Malagna, que, apesar disso, conforme me contaram, demonstrara, dois anos antes, uma grande tristeza pelo meu bárbaro suicídio. Acredito. Tanta tristeza, então, sabendo que eu havia sumido para sempre, quanto desgosto, agora, sabendo que voltara à vida. Eu compreendo o porquê de um e de outro.

E Oliva? Encontrei-a na rua, em um domingo qualquer, segurando pela mão, à saída da missa, o filhinho de cinco anos,

saudável e bonito como ela: meu filho! Ela me fitou com olhos afetuosos e risonhos, que, num relance, me disseram tantas coisas...

Chega. Agora, vivo em paz, em companhia da minha velha tia Scolastica, que me ofereceu abrigo na sua casa. Minha bizarra aventura me fez, de repente, subir no seu conceito. Durmo na mesma cama em que faleceu minha mãe e passo grande parte do dia, aqui, na biblioteca, em companhia de padre Eligio, que ainda está longe de ter conseguido uma arrumação criteriosa para os velhos livros poeirentos.

Levei cerca de seis meses para escrever esta minha estranha história, ajudado por ele. De tudo o que aqui contei, ele guardará segredo, como se o tivesse sabido sob o sigilo sacramental.

Discutimos juntos, longamente, a respeito dos meus casos e, amiúde, declarei-lhe não ver que utilidade possa tirar-se deles.

— Para começar, esta — ele me diz: — que fora da lei e fora daquelas peculiaridades, alegres ou tristes que forem, devido às quais nós somos nós, meu caro sr. Pascal, não é possível viver.

Mas peço-lhe observar que eu não reingressei, de forma alguma, nem na lei nem nas minhas peculiaridades. Minha esposa é esposa de Pomino e eu não saberia, na verdade, dizer quem sou eu.

No cemitério de Miragno, no túmulo daquele pobre desconhecido que se matou na Stia, ainda se encontra a lápide ditada por Lodoletta:

VÍTIMA DE DESFAVORÁVEL DESTINO

MATTIA PASCAL

BIBLIOTECÁRIO

ALMA GENEROSA CORAÇÃO ABERTO

AQUI VOLUNTARIAMENTE REPOUSA  
A COMPAIXÃO DOS CONCIDADÃOS  
COLOCOU ESTA LÁPIDE.

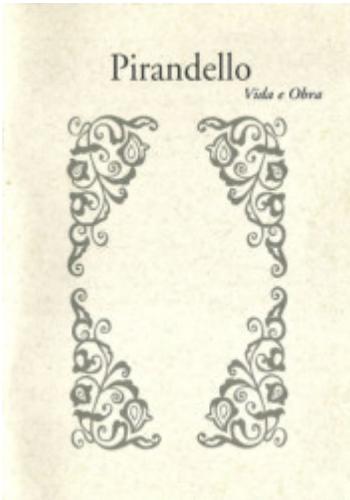
Levei ao túmulo a coroa de flores que havia prometido e, de vez em quando, vou lá, ver-me morto e enterrado. Algum curioso me segue, de longe; depois, na volta, junta-se a mim, sorri e, considerando minha condição, pergunta-me:

— Mas, afinal de contas, pode-se saber quem é o senhor?

Dou de ombros, entrecerro os olhos e respondo:

— Ora, meu caro... Eu sou o falecido Mattia Pascal.

# Pirandello - Vida e Obra



1867 — Nasce em 28 de junho, em Girgenti (hoje Agrigento), Sicília, Luigi Pirandello.

1880 — Sua família transfere-se para Palermo.

1885 — A família decide voltar para Agrigento.

Luigi permanece em Palermo.

1886 — Fica noivo de Lina, irmã de um amigo.

1887 — Luigi deixa Palermo e ingressa na faculdade de Letras em Roma.

1889 — Parte para Bonn, Alemanha, para concluir os estudos.

Publica *Mal Giocondo*, livro de poemas.

1891 — Termina sua tese sobre os dialetos greço-sículos e obtém o título de doutor.

1893 — Volta a Palermo e termina o noivado com Lina.

1894 — Casa-se com Maria Antonietta Portulano.

1895 — Nasce Stefano, seu primeiro filho.

1897 — Nasce sua filha Lietta.

1899 — Nasce seu filho Fausto.

1902 — Publica *Beffe della Vita e della Morte,*

*Quand'ero Matto e Bianche e Nere.*

1904 — Publica *O Falecido Mattia Pascal.*

1914 — Stefano, o filho mais velho, alista-se como voluntário para combater na Primeira Guerra Mundial.

Morre Caterina, a mãe do escritor.

1917-20 — São representadas as comédias *Assim É, se Lhe Parece; O Prazer, da Honestidade; Mas não É Uma Coisa Séria; Como Antes, Melhor Que Antes; A Senhora Morli e Uma e Duas,* escritas no período da guerra. |

1921 — Estréia em Milão, com grande sucesso o drama *Seis Personagens à Procura de um Autor.*

E encenada a tragédia *Henrique-IV.*

1922-23 — São encenadas as peças *Vestir os Nus, A Vida-Que Te Dei e Cada um à Sua Maneira.*

1925 — Onze artistas, entre eles Stefano, filho de Pirandello, fundam o Teatro d'Arte.

**1934 - Recebe o Prêmio Nobel de Literatura.**

1936 — Morre de pneumonia, em 10 de dezembro, em Roma.

## Pirandello

Filho de um pai aventureiro e de uma mãe romântica, filho de uma desencantada cidade, filho da fuga, Luigi Pirandello nasceu em 28 de junho de 1867 em Girgenti (hoje Agrigento), Sicília. Seus pais foram Stefano Pirandello e Caterina Ricci Gramitto.

Stefano havia lutado junto com Giuseppe Garibaldi é, durante a campanha pela unificação italiana, tomara-se amigo de Rocco Ricci Gramitto, com a irmã de, quem viria a se casar.

Viviam em Agrigento, bela cidade cheia de gente desocupada que andava pelas ruas suando tédio e desesperança. Mas era também uma cidade intensamente religiosa. Dentre suas festas e tradições, muito importante era a procissão em homenagem a São Cosme e São Damião. Tudo se modificava. Todos saíam às ruas e carregavam o andor dos santos. E rezavam. Depois voltava o tédio.

A monotonia desapareceu durante a epidemia de cólera.

Muita gente morreu. Os que podiam enviaram mulher e filhos para o campo. Stefano mandou Caterina — que estava grávida — para a aldeia de Chaos.

Os primeiros estudos formais de Luigi foram realizados em casa, depois o menino passou a frequentar uma escola técnica. Mais tarde transferiu-se para o ginásio de Empedocles. Um dia, com um novo e bonito traje de marinheiro que ganhara do pai, o pequeno Luigi saiu a passeio. Era domingo, dia em que recebia uma lira para gastar como quisesse.

No caminho, ele ia pensando nos ensinamentos de Cristo: ajudar aos pobres, fazer caridade. Seu pensamento foi interrompido pelo encontro com um menino pobre. Luigi deu-lhe suas roupas e sua lira. Algumas horas depois, a mãe do garoto apareceu na casa,

de Luigi e devolveu tudo. Luigi não compreendeu. Chorou. Afinal, não tinha Seguido os ensinamentos de Cristo?

A família vivia agora em Palermo. Luigi então conhece uma menina, sente por ela uma coisa estranha, que não compreende. Ao terminar as férias, a menina vai despedir-se dele. De tanta emoção, Luigi feriu o dedo. A garota socorreu-o: tomou-lhe o dedo e chupou o sangue. Luigi interpretou isso como um beijo. Muito sensível, começou a chorar. Algumas horas depois teve febre, e durante três dias ficou entrega vida e a morte. Quando terminaram as aulas, a menina foi visitá-lo. Ele já estava restabelecido, mas sua aparência não era das melhores. A pequena desmaiou. Luigi ficou perplexo: era o amor.

No ano do nascimento do filho, Stefano começou a exploração de uma mina de enxofre. Ficou rico e importante e, em 1880, transferiu-se para Palermo. Nessa cidade Luigi teve oportunidade de dedicar-se à leitura. Na Biblioteca Pública Vittorio Emmanuele, deliciava-se com a grande quantidade de livros à disposição. E, de visita em visita, conseguiu estudar toda a literatura italiana. Paradoxalmente, todo esse conhecimento acabou causando-lhe problemas na escola. Não conseguia prestar atenção às aulas de latim, pois já conhecia os textos. Mas isso não o entristecia.

Triste mesmo ficou no dia em que descobriu uma aventura amorosa do pai. Decidiu não mais lhe dirigir a palavra.

Em 1885 a família decidiu voltar para Agrigento. Luigi ficou em Palermo, onde passou a morar com um companheiro de escola. Dedicava a maior parte do tempo à leitura e aos escudos. Nas horas de lazer, visitava os amigos. Pela irmã de um deles — Lina — Luigi se apaixonou. Ela era quatro anos mais velha. Praticamente estava em idade de casar. Ele, apenas um adolescente, não ousava aproximar-se da amada.

Algum tempo depois Luigi mudou-se para a casa de sua tia Sara, onde viveu três anos. Nas férias escolares ia até Agrigento visitar à mãe. Do pai, continuava mantendo; distância. Durante o período de aulas dedicava-se ao estudo, à noite amava Lina a distância: Acabou. Virando poeta.

Mas quem ama em silêncio propicia á investida de outros admiradores e concorrentes. Foi o que aconteceu: um próspero comerciante viúvo pediu Lina em casamento. A família era favorável. Luigi desesperançou-se e deixou de freqüentar a casa da amada. Todavia, ante a insistência dos irmãos da moça reaproximou-se e confessou seus sentimentos. Lina também o amava, O compromisso foi formalizado, e os jovens ficaram noivos em 1886. Para casar, faltava apenas uma petição oficial de casamento feita pelo pai do pretendente, como era costume à época.

Luigi teria de falar com Stefano. O orgulho era forte, mas o amor era muito maior. Foi para Agrigento e procurou-o. O pai logo escreveu à família de Lina expressando sua opinião. E sua opinião era de que o filho não deveria casar-se antes de terminar o curso.

Desanimado, Luigi voltou a Palermo, e em 1887 ingressou na faculdade de Letras. Um ano depois viajou a Roma, e, dali, em 1889, partiu para Bonn, Alemanha. Como não entendia bem o idioma alemão, estudou-o durante seis meses antes de iniciar os estudos regulares. Quando se sentiu apto, traduziu as Elegias Renanas, de Goethe.

Lina tinha ficado longe. Próxima estava Jenny Schultz Lander, moça de um charme inesquecível, á quem passou a dedicar suas poesias. Mas não podia abandonar-se às solicitações da criatividade. Tinha de tornar-se professor o mais depressa possível, para ter condições de casar, e sustentar uma família.

Certo dia recebeu uma carta da Sicília: a noiva não estava bem. Viajou a Palermo é, assim que a viu, ela abriu-lhe os braços

amorosos e cheios de saudade. Poderia ter sido um reencontro de amor, mas não foi. No olhar de Lina, Luigi sentiu os anos perdidos.. Angustiado, perguntava-se: quem era àquela moça, agora, senão uma estranha?

Apressou a volta para Bonn. A Jenny, contou as tristezas. A ela dedicou um livro de poesias: Pasqua di Gea.

Em 1891 terminou sua tese sobre os dialetos greco-sículos — Sons e Evolução Fonética do Dialeto de Agrigento — e obteve o doutorado. Dois anos depois viajou para Roma, onde se hospedou na casa de seu tio Rocco; O pensamento voltou-se para Lina: fazia um ano que não a via. Precisava tomar uma decisão. Viajou novamente para Palermo. Brigou com a noiva: entre eles não existia mais amor. As duas famílias, entraram em conflito e, depois de muitas discussões, o compromisso foi desfeito.

Livre, sem nenhum, compromisso, Pirandello regressou à capital. Logo que pôde, entrou em contato com Hugo Fleres, artista que havia ilustrado sua tradução de Goethe. Estava tudo preparado para o livro ser publicado quando o editor Loescher morreu. Fleres apresentou-o então a Luigi Capuana, escritor realista muito famoso, que convenceu Pirandello a abandonar a poesia para dedicar-se integralmente à prosa. Animado por Capuana — uma das maiores influências em sua vida — Pirandello começou a escrever A Excluída.

No inverno de 1893 recebeu uma carta de seu pai; era uma proposta de casamento. Stefano queria uni-lo a Maria Antonietta Portulano, filha de um milionário a quem se associara. O jovem concordou. A moça também. De início o velho Portulano se opôs violentamente, mas depois acabou cedendo, é o casamento se realizou em janeiro de 1894.

Uma semana depois de casados, Luigi e Maria Antonietta foram para Roma. Ele pôs-se a trabalhar. Escrevia poesias que eram publicadas na revista Vita Italiana e artigos críticos impressos na

Nuova Antologia. Todavia, não encontrava editor para seus livros, que sé estavam acumulando nas gavetas.

Quando terminou sua primeira peça — O Tórniquete —, Pirandello deu-a para Luigi Capuana ler. De Capuana a peça foi parar nas mãos de Eduardo Boutet, um dos melhorei críticos da época. E Boutet levou-a para o ator siciliano Flavio Andò, que prometeu a Pirandello montar a peça tão logo retornasse de uma excursão pela Rússia.

O escritor ficou na expectativa. Seis meses depois, cansado de esperar por Andò, mandou-lhe uma carta. Flavio respondeu que não podia encenar a obra porque sua mulher, a atriz Tina di Lourenzo, estava doente e impossibilitada de ensaiar. Para Pirandello, aquilo parecia mais uma desculpa. E assim, desanimado, desistiu do teatro.

Luigi Capuana ficou inconformado com o andamento das coisas. Escreveu um artigo — que teve ótima repercussão — no qual falava dos trabalhos do escritor. O editor Lumachi, de Florença, acabou se interessando pelos contos de Pirandello, publicados na revista *Il Marzocco*, e lançou, em 1902, dois volumes com o título *Beffe della Vita e della Morte*. Streglio, um editor de Turim, seguindo o exemplo de Lumachi, publicou também, nesse mesmo ano, dois livros de contos: *Quand'ero Matto* e *Blanche e Nere*. Honorato Roux, diretor; de *La Tribuna*, de Roma, pediu a Pirandello seu romance *A Excluída* para editá-lo em folhetim. Apenas as comédias não foram publicadas, porque o escritor continuava não querendo ouvir falar em teatro.

A vida doméstica corria tranqüila. Freqüentemente Pirandello e Antonietta recebiam visitas dos escritores e artistas do círculo de Capuana. Em seis anos o casal teve três filhos: Stefano, Lietta e Fausto.

Um dia, ao voltar para casa, Pirandello encontrou Antonietta desmaiada. Ao seu lado estava uma carta enviada por Stefano. O pai

contava que estava arruinado em consequência da destruição de sua mina, motivada por um grande tremor de terra. O choque de Antonietta era facilmente explicável; todo o seu dote estava investido nessa mina.

As coisas mudaram muito. Primeiramente, Pirandello empenhou as jóias da mulher. Depois passou a solicitar pagamento pelos escritos publicados em *Il Marzocco*. Começou a lecionar no Instituto Superior Feminino do Magistério e a dar aulas particulares.

O redator-chefe da *Nuova Antologia* pediu-lhe um romance.

O escritor prometeu um livro que ainda não tinha começado a elaborar: *O Falecido Mattia Pascal*.

A obra-foi sucesso desde o primeiro capítulo, publicado em 1904. Henri Bigot, professor de Túnis, propôs-se traduzir o romance — que ainda não estava terminado — para o francês. Ao mesmo tempo, o *Fremdeblatt*, periódico de Viena, ofereceu-se para elaborar a versão alemã de *O Falecido Mattia Pascal*.

O sucesso não impediu que Pirandello continuasse trabalhando intensamente. Durante o dia ia ao Instituto e dava aulas particulares, à noite escrevia os capítulos do romance, impressos quinzenalmente. Além disso, colaborava em várias revistas e cuidava dos afazeres domésticos, porque sua mulher, acometida de paralisia histérica nas pernas, não abandonava o leito. Quando ela finalmente conseguiu andar, não era mais a mesma. Não se interessava pelas atividades do marido, culpava-o pela perda de seu dote, acusava-o de infidelidades inexistentes.

A verdade é que Maria Antonietta estava louca. Mas o escritor não queria aceitar esse fato, e lutava com toda a coragem para conservá-la a seu lado. Nesse ambiente confuso Pirandello compunha contos e novelas. Só não queria ouvir falar em teatro. E talvez não fizesse mais nada para o palco não fosse a interferência de Nino Martoglio, que reabriu o Teatro Metastasio e passou a

pressionar o escritor para ceder-lhe O Tourniquete e elaborar uma outra peça de ato único, inspirada no conto Le Lumie di Sicilia. As obras obtiveram êxito, mas o autor não esteve presente em nenhuma das apresentações, porque não queria alarmar sua mulher.

Um outro amigo de Pirandello descobriu uma peça esquecida numa gaveta — *Il Nibbio* —, mandou copiá-la e enviou-a a Marco Praga, que orientava a temporada estável do Teatro Manzoni de Milão. Praga estava formando sua própria companhia de comédias, e resolveu montar ele mesmo a peça. Sua montagem, contudo, acabou deformando as intenções do escritor. Indignado, Pirandello telegrafou-lhe pedindo para retirar a peça de cartaz.

*Il Nibbio*, que nas mãos de Praga se transformou em *Se Non Così* e mais tarde foi reescrita sob o título *La Ragione degli Altri*, novamente afastou Pirandello do teatro:

À medida que o marido ganhava prestígio, Antonietta tornava-se mais irascível. Tentando acalmar a situação doméstica, Pirandello entregava-lhe tudo o que ganhava, e aonde ia levava consigo um dos filhos, pensando assim não criar nenhum pretexto para novas crises da mulher.

Mas nada disso adiantava. Enquanto Portulano ainda vivia, Antonietta mantinha-se um pouco mais discreta. Depois que o pai morreu, passou a falar em independência e separação.

Duas ou três vezes separaram-se, e Pirandello só voltava para casa quando Maria Antonietta melhorava das crises. Certa ocasião ela pegou os filhos e foi para a Sicília.

Meses depois teve um acesso de loucura. O juiz da região disse aos parentes que era necessário interná-la imediatamente.

O escritor foi chamado à Sicília, onde tomou conhecimento da decisão. Não sabia bem o que fazer. Quando Maria Antonietta o viu, correu para seus braços, suplicando que a salvasse. Pirandello levou-

a para casa. Os médicos não tinham dado nenhuma esperança de cura. De fato os acessos aumentavam cada vez mais.

No início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, Stefano, o filho mais velho, alistou-se como voluntário, o que fez piorar o estado de Maria Antonietta. No mesmo período, na Sicília, morria Caterina, a mãe do escritor.

Durante a guerra Pirandello escreveu mais algumas comédias, que foram apresentadas nos anos seguintes: Assim É, se Lhe Parece e O Prazer da Honestidade, em 1917; Mas não É uma Coisa Séria, em 1918; Como Antes, Melhor Que Antes, A Senhora Morli e Uma e Duas, em 1920.

Entretanto, ele quase nunca assistia aos ensaios de suas peças, para não gravar o clima familiar. Sua filha Lietta era praticamente a dona-de-casa. Maria Antonietta a via como inimiga que se havia apossado de suas atribuições domésticas. Em suas fantasias, acreditava haver ligações maiores entre a filha e o marido. Lietta não podia suportar aquela situação desesperadora. Um dia pegou um velho revólver e disparou contra si mesma. Só não se feriu porque a bala, sem força, ficou presa no cano enferrujado da arma. Em outra oportunidade tentou novamente o suicídio, atirando-se nas águas do Tibre. Foi salva, e Pirandello resolveu confiá-la aos cuidados de umas freiras. Quatro meses depois, Lietta foi para Florença, onde ficou durante oito meses na casa de uma tia. Maria Antonietta, que havia causado todo o drama não demonstrava arrependimento. Ao contrário, vivia dizendo ao marido que, se sua filha voltasse, ela sairia.

Quando a guerra terminou e Stefano regressou, foi decidida a internação de Maria Antonietta. Só então Lietta pôde voltar a sua casa. Para o escritor, a ausência da mulher — apesar de todos os transtornos — era motivo de tristeza e solidão. E ele se voltou para sua obra. Pretendia retomar o romance. Só não o fez porque não conseguia encontrar um elo que unisse, fatos e personagens.

Continuou no teatro. Assim nasceu o drama *Seis Personagens à Procura de um Autor*, que estreou em Milão em setembro de 1921. O sucesso foi grande. No ano seguinte a peça foi montada em Londres, e depois em Nova York, Paris, Cracóvia, Praga e Amsterdã. Ainda em 1921 foi encenada *Henrique IV*, à qual se seguiram *Vestir os Nus*, no ano seguinte, *A Vida Que Te Dei* e *Cada Um à Sua Maneira*.

Em 1925 onze artistas se juntaram — e entre eles o próprio filho de Pirandello, que usava o pseudônimo de Stefano Landi — e fundaram o Teatro d'Arte. A primeira apresentação foi no Palácio Odeschalchi, com a peça, *A Festa do Senhor do Barco*, um ato com 180 personagens. O Teatro d'Arte fez tanto sucesso que logo começaram a chover convites para representações no exterior.

Numa dessas viagens Pirandello apaixonou-se por Marta Abba, a primeira atriz do grupo, que lhe inspiraria um novo sentido de viver. No estrangeiro escreveu novas peças: *Lazzaro*; *Esta Noite Improvisamos*; *Ou de Um, ou de Ninguém*; *Como Me Queres*. Escreveu também duas comédias, uma delas, *Os Gigantes da Montanha*, não foi terminada.

Em 1936, quando trabalhava num dos estúdios da Cine-cittá, na adaptação de *O Falecido Mattia Pascal*, foi acometido, de forte pneumonia. Faleceu no dia 10 de dezembro de 1936, deixando algumas obras inacabadas. Para Marta Abba deixou os direitos de uma grande parte de suas peças. Para os filhos, deixou todos os seus bens. E, para ele mesmo, pediu um enterro de pobre. Que fosse cremado; e que suas cinzas fossem atiradas ao vento na aldeia em que nascera.

# Notas

[1] "Fé", escrevia Mestre Alberto, Florentino, "é substância de coisas que devem esperar-se e argumento e prova de coisas não manifestas." — Padre Pellegrinotto. (Nota do Autor.)

\*\*\*\*\*

O índice não faz parte do livro original.

Foi preservada a grafia original.

No original não consta a tradução das páginas a seguir: 19, 20, 64, 90 e 175.

p.19

Quanto dura o amor nas mulheres? — (Horas).

E como foi amada, ela nunca me amou? — (No).

Mas quem és tu quem choras enquanto impreco? — (Eco).

**In cuor di donna quanto dura amore? — (Ore).**

**Ed ella non mi amò quant'io Vamai? — (Mai).**

**Or chi sei tu che si ti lagni meco? — (Eco).**

*¿Cuánto dura el amor en las señoras? (...Horas).*

*¿Y como yo la amé, nunca me amó? (...No).*

*Mas tú, ¿quién eres que sueñas a hueco? (...Eco)*

p. 20

Sou duas, muito embora uma pareça e o quem era um eu faço em dois também; contra infindáveis quem há pela cabeça aquela me usa com os cinco quem tem. Meus dois umbigos, um de cada lado, marcam-me onde a boca se inicia.

Eu com dentes não mordo de bom grado e se não mordo, não terei valia.

Nos meus dois pés é quem os dois olhos tenho e é com os dedos nos olhos quem me empenho.

**A un tempo stesso io mi sono una e due,**

**E fo due ciò ch'era uno primamente.**

**Una mi adopra con le cinque sue Contra infiniti che in capo ha la gente.**

**Tutta son bocca dalla cinta in sue E piú mordo sdentata che con dente.**

**Ho due bellichi a contrapposti siti,**

**Gli occhi ho ne'piedi, e spesso a gli occhi i diti.**

*Soy una y dos a un tiempo mismo,*

*Y hago dos de lo que era uno antes.*

*Con sus cinco me aferra la una,*

*Contra infinitos que piensa la gente.*

*Toda soy boca de cintura arriba,*

*Y más muerdo sin ellos que con dientes.*

*Tengo en sitios contrarios dos guerreros,*

*Los ojos en los pies y en los ojos los dedos*

p.64

Cansado estava de buscar em vão

A Fortuna cruel e avarenta.

Mas um dia a encontrei. Desilusão:

A presunçosa deusa era sarnenta!

**Ero già stanco di stare alia bada  
delia Fortuna. La dea capricciosa  
dovea pure passar per la mia strada.  
E passò, finalmente; ma tignosa.**

*Estaba ya cansado de aguardar  
a la Fortuna. La voluble diosa  
tenía, sin embargo, que llegar.  
Y llegó, finalmente, mas tiñosa.*

p. 90

... Nenhuma dor é maior  
Que recordar os tempos felizes  
Na miséria...

**...Nessun maggior dolore  
Che ricordarsi dei tempo felice  
Nella miséria...**

*... Ningún dolor más grande  
que del tiempo feliz recordarse  
en la miseria...*

p. 175

A minha pequena lâmpada  
Não tem do sol o esplendor  
Nem como o fogo se inflama;  
Sem alarde a sua chama  
Brilha sempre e, com amor,  
Eleva-se ao céu que a produz.

Viva estará no meu túmulo;  
Nem chuva, nem vendaval,  
Nem o tempo a extinguirão;  
E quando, na escuridão,  
Passar alguém sem fanal  
Verá o caminho a esta luz.

**La piccola mia lampa**

**Non, come sol, risplende,**

**Nè, come incêndio, fuma;**

**Non stride e non consuma,**

**Ma con la cima tende**

**Al ciei che me la diè.**

**Starà su me, sepolta,**

**Viva; nè pioggia o vento,**

**Nè in lei le età potranno;**

**E quei che passeranno**

**Erranti, a lume spento,**

**Lo accenderan da me.**

*La lamparilla mía*

*no cual Sol resplandece*

*ni como incendio humea;*

*no abrasa ni devora;*

*mas como su llama tiende*

*al cielo, de que vino.*

*Viva estará en mi tumba;*

*ni la lluvia ni el viento*

*ni el tiempo han de apagarla,*

*y los que errantes pasen*

*con su luz apagada,*

*la encenderán en ella.*

\*\*\*\*

português retirado de um livro sem bibliografia.

# Table of Contents

## Índice

1 - Premissa

2 - Premissa. Segunda (Filosófica) Como Desculpa

3 - A Casa e a Toupeira

4 - Aconteceu Assim

5 - Maturação

6 - Tiquetaque, Tiquetaque...

7 - Troco de Trem

8 - Adriano Meis

9 - Um Pouco de Neblina

10 - Pia de Água Benta e Cinzeiro

11 - A Noite, Olhando para o Rio

12 - O Olho e Papiano

13 - A Lanterninha

14 - As Proezas de Max

15 - Eu e Minha Sombra

16 - O Retrato de Minerva

17 - Reencarnação

18 - O Falecido Mattia Pascal

Pirandello - Vida e Obra

Notas